

Destinada a ser a próxima EL James

INDEPENDENT

SASHA GREY

JULIETTE
SOCIETY

TUDO O QUE VOCÊ VIR NESTE LIVRO
DEVE FICAR ENTRE NÓS

Quinta Essência*

LeYa

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ficha Técnica

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos. São produto da imaginação do autor ou usados de maneira ficcional. Qualquer semelhança com eventos, locais ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Copyright © Sasha Grey, Inc. 2013

Proibida a venda em Portugal, Angola e Moçambique.

Todos os direitos reservados.

Versão brasileira © 2013, Texto Editores Ltda.

Título original: The Juliette Society

Tradução: Bruna Axt Portella

Diretor editorial: Pascoal Soto

Editora executiva: Maria João Costa

Editora assistente: Denise Schittine

Assessor editorial: Bruno Fiuza

Preparação de texto: Camila Dias da Cruz

Revisão de texto: Thiago Brigada

Design de capa: Ideias com Peso

Produção Gráfica:

Direção: Marcos Rocha

Gerência: Fábio Menezes

cip-brasil. catalogação-na-fonte
sindicato nacional dos editores de livros, rj
Grey, Sasha

Juliette Society / Sasha Grey; tradução de Bruna Axt Portella. – Rio de Janeiro: LeYa, 2013.

236 p.

ISBN 9788580448962

Título original: The Juliette Society

1. Literatura americana 2. Romance erótico I. Título II. Portella, Bruna Axt

13-0627 CDD 813.6

2013

Todos os direitos desta edição reservados a

TEXTO EDITORES LTDA.

[Uma editora do Grupo Leya]

Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86

01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP – Brasil

www.leya.com.br

Antes de irmos adiante, vamos combinar uma coisa.

Eu quero que você faça três coisas por mim.

Uma.

Não se ofenda com nada que ler a partir deste ponto.

Duas.

Deixe suas inibições à porta.

Três, e mais importante.

Tudo que você vir e ouvir a partir de agora deve ficar só entre nós.

Ok. Agora vamos ao que interessa.

um

Se eu te contasse que existe um clube secreto cujos membros pertencem à classe mais poderosa da sociedade: banqueiros, milionários, magnatas da mídia, CEOs, advogados, autoridades, traficantes de armas, militares condecorados, políticos, oficiais do governo e até mesmo o alto clero da Igreja Católica – você acreditaria?

Eu não estou falando dos Illuminati. Ou do Clube de Bilderberg ou do Bohemian Grove ou nenhum desses grupos piegas que buscam alavancar a carreira de maníacos ambiciosos por teorias de conspiração.

Não. A princípio, este clube é muito mais inocente.

A princípio.

Mas na realidade, não.

Este clube se reúne sem regularidade em um local secreto. Às vezes em locais distantes e às vezes em lugares escondidos. Porém jamais duas vezes em um mesmo lugar. Normalmente, nem mesmo duas vezes no mesmo fuso horário.

E nesses encontros, essas pessoas... não vamos enrolar, vamos chamá-los do que são: os Mestres do Universo. Ou o Braço Executivo do Sistema Solar. Então, essas pessoas, os Executivos, usam esses encontros como válvula de escape do cansativo e estressante negócio de arruinar o mundo ainda mais e criar novas maneiras sádicas e diabólicas de torturar, escravizar e empobrecer a população.

E o que eles fazem em seu tempo livre, quando querem relaxar?

Deveria ser óbvio.

Eles fazem sexo.

Eu sei que você não está convencido. Deixe-me explicar de outra forma. Você já conheceu um mecânico que não tivesse uma tara por carros? Um

fotógrafo profissional que nunca tirasse fotos fora das luzes de um estúdio. Um confeitiro que não comesse bolos.

Essas pessoas, os Executivos, e não vamos usar eufemismos, são fodedores profissionais.

Eles vão te foder para trepar contigo. Eles vão te foder para ficar por cima. Eles vão foder com o seu dinheiro, sua liberdade e seu tempo. E eles vão continuar te fodendo até você estar a sete palmos do chão. E então vão te foder um pouco mais.

Logo, o que eles fazem quando não estão fazendo isso? Naturalmente...

A outra coisa que você precisa saber é a seguinte. Pessoas poderosas são como celebridades. Eles gostam de sair juntos. O tempo todo. Eles irão falar inúmeras vezes que fazem isso porque ninguém, além deles, entende como é ser um deles. A verdade é que eles não querem se misturar com os escalões inferiores, a plebe, os rudes e sujos que têm especial prazer em testemunhar a queda dos ricos e poderosos pela única coisa que sempre, sem falta, vai ser o prego em seus caixões: o sexo.

Então essas pessoas, os Executivos, os fodedores profissionais, arranjam uma maneira de fazer todo o sexo que puderem e realizar suas mais selvagens e estranhas fantasias sem causar escândalo. O que é muito parecido como alguém dizer que descobriu um jeito de peidar sem feder, mas enfim... Eles o fazem entre quatro paredes. Juntos. Em segredo.

Henry Kissinger disse uma vez que não há nada mais afrodisíaco que o poder. Àquela altura, ele já andava pelos corredores da política tempo suficiente para saber exatamente do que estava falando. E este lugar é a prova.

Você poderia chamá-lo de Fortune 500 Fuck Club.

De Liga dos Filhos-da-Putá Imorais.

Suruba Mundial.

Ou de Grupo do Sexo.

Eles o chamam de Juliette Society.

Vá em frente. Procure no Google. Você não encontrará nada sobre isso. Absolutamente nada. Sim, é tão secreto assim. Mas para você não ficar tão

perdido, aqui vai um pouco de história.

A Juliette Society foi assim nomeada em homenagem a uma de duas personagens – irmãs, a outra chamada Justine – concebida (se é que esta é a palavra certa) por Marquês de Sade, o nobre, libertino e revolucionário autor do século XVIII cujas aventuras sexuais foram tão chocantes para a nobreza francesa que lhe renderam um período preso na Bastilha por obscenidade. O que, pensando bem, foi uma péssima ideia, porque, sentado em sua cela sem nada melhor para fazer do que se masturbar dia e noite, o Marquês foi estimulado a criar mais e mais obscenidades. Só para provar um ponto de vista.

Durante sua prisão, ele escreveu a mais fantástica obra de literatura erótica que o mundo já conheceu. *Os 120 Dias de Sodoma*. O único livro que supera a Bíblia em perversão sexual e violência. E quase tão longo. Foi o Marquês de Sade que gritou de sua janela para o povo nas ruas que eles deveriam invadir a Bastilha e, inadvertidamente, começou a Revolução Francesa.

De volta à Juliette. Ela é a irmã menos conhecida. Não porque é a mais quieta. Ah não, longe disso. Justine é hipócrita, carente, daquelas que se fazem de vítima para chamar atenção até você não aguentar mais. Ela é como uma daquelas celebridades que nos encham os ouvidos sobre os perigos do vício em sexo e drogas e obedecem a tudo que o Dr. Drew diz, promovendo seu bom comportamento para o público em todos os *reality shows* sobre reabilitação que existem.

E Juliette? Juliette é absolutamente impenitente em seu desejo por sexo, assassinato e qualquer prazer carnal que ela ainda não tenha provado. Ela trepa e mata e mata e trepa, e às vezes faz ambos ao mesmo tempo. Sempre sai ilesa e nunca tem que pagar o preço por suas indiscrições ou seus crimes.

Talvez agora você esteja me entendendo. Talvez agora você já compreenda por que esta sociedade secreta, a Juliette Society, não é tão inocente quanto parece.

E se eu dissesse que consegui penetrar – com o perdão do trocadilho – na cúpula desse clube secreto, você acreditaria?

Não é como se aqui fosse o meu lugar. Eu sou uma estudante em tempo integral. Faço faculdade de Cinema. Sou uma garota normal com as mesmas necessidades e desejos de todo mundo.

Amor. Segurança. Felicidade.

E diversão. Eu adoro me divertir. Gosto de me vestir bem e estar bonita, mas não gasto muito dinheiro com roupas. Dirijo um pequeno Honda que meus pais me deram de presente no meu aniversário de dezoito anos e que sempre tem uma bagunça no banco de trás que nunca tenho tempo de arrumar. Meus pais me deram esse carro quando completei dezoito anos e foi nele que coloquei todas as minhas coisas quando saí de casa para fazer faculdade. Deixei para trás amigos que conhecia desde a infância; alguns já não têm mais nada a ver comigo, outros farão parte da minha vida para sempre; e conheci um grupo novo de pessoas que abriram meus olhos e expandiram meus horizontes.

E agora eu não vou mais me portar como a dona da verdade. Agora vou começar a soar mais humilde. Porque, na realidade, a vez em que cheguei mais perto do trono do poder foi na minha imaginação.

Eu tenho uma fantasia sexual recorrente. Não, não é a de transar com Donald Trump em seu jatinho sobrevoando Saint-Tropez a 35 mil pés de altitude. Eu não conseguiria imaginar algo mais nojento. Minha fantasia é muito mais pé no chão – mais mundana e íntima do que isso.

Algumas vezes por semana eu vou buscar meu namorado no trabalho e, às vezes, quando ele se atrasa e acaba sendo o último a sair, eu fantasio que estamos nos agarrando na sala do seu chefe – no entanto, nós nunca fizemos isso. Mas uma garota pode sonhar, não pode?

O chefe dele é um senador. Ou melhor, um advogado de sucesso que pretende ser senador. Jack, meu namorado, trabalha em seu comitê de campanha. Além de estudar Economia. Ou seja: não sobra muito tempo para ficarmos juntos e assim que o dia termina, ele está tão cansado que adormece no sofá logo que tira os sapatos. Pela manhã ele já está de pé de novo para ir à aula e normalmente não sobra tempo nem para uma rapidinha. Acho que Jack levou a sério demais aquele ditado “O trabalho enobrece o homem”.

Na minha fantasia eu encarno a namorada obediente. Tenho tudo planejado. Vou me vestir para a ocasião. Meia-calça e salto alto com meu *trench coat* cáqui de abotoamento duplo, igual ao que Anna Karina usa no filme *Made in U.S.A.*, de Godard. Por baixo, uma lingerie; talvez um sutiã preto transparente, calcinha, cinta-liga e suspensórios combinando. Ou vou sem sutiã, coloco meias brancas até o joelho e aquela calcinha cor-de-rosa

de bolinhas que o enlouquece. Outra opção é ir de salto alto, pernas nuas e nada além de uma combinação creme de seda ou um *baby-doll* de chiffon. Mas sempre com um toque de batom vermelho. O batom vermelho não pode faltar. É o melhor amigo de uma garota.

O escritório de campanha fica numa loja no centro da cidade. Há vitrines em todos os lados e as luzes permanecem acesas durante toda a noite para que ninguém passe por lá sem perceber a fileira de pôsteres em vermelho, branco e preto com a foto do chefe de Jack sorrindo para a câmera sob grandes letras em negrito que dizem VOTE EM ROBERT DEVILLE.

Os únicos lugares que restam com alguma privacidade são o almoxarifado, o banheiro ou a sala que Bob – ele gosta que todos o chamem de Bob – ocupa quando está lá, o que não acontece com muita frequência. É enfiada nos fundos, próxima da saída para o estacionamento, de forma que ele tenha como entrar e sair sem precisar passar pela porta da frente, na rua, às vistas de todos.

Tenho quase certeza que algumas pessoas do comitê sonham em transar no banheiro ou no almoxarifado durante o expediente sem que ninguém as flagre. Mas não é o meu sonho, ainda mais quando se tem o lugar inteiro à disposição. Afinal, Jack sempre abre a porta de trás para mim, a que fica em frente à vaga onde estaciono meu carro e a tal sala é... logo ali.

Eu vou repetir para não passar a impressão errada: nós nunca fizemos isso. Nós nunca nem falamos a respeito, Jack e eu. Não sei nem se ele toparia. Mas na minha fantasia, assim que entrássemos no escritório, com a porta fechada e as luzes apagadas, nada mais de beijos e carinhos. Eu estaria no comando.

Eu o empurraria de costas para a cadeira, a cadeira giratória de couro macio de Bob, e nós faríamos sexo ali mesmo, no ‘trono do poder’. Mandaria Jack não se levantar, não se tocar, não mexer nem um dedo, e faria um pequeno *strip-tease* para me exhibir para ele. Primeiro eu abriria o cinto do meu casaco e o abaixaria pelos ombros para mostrar um pouco de pele. Então rapidamente eu abriria um dos lados do casaco, mantendo o outro pressionado contra meu corpo, dando a ele só um gostinho do que há por baixo. Eu viraria de costas, deixaria o casaco cair no chão, me curvaria e tocaria os dedos dos pés para que ele visse exatamente o que poderia ganhar se fosse um bom menino e fizesse tudo que eu mandasse.

Seu pau está duro antes mesmo de tirar suas calças. Quando o faço, posso ver a volume em sua cueca boxer de algodão.

Chega a hora de ter um contato mais íntimo. Porém Jack ainda não tem permissão para me tocar. Eu fico em frente à cadeira, monto de costas em suas pernas e agarro os braços da poltrona enquanto rebolo e esfrego minha bunda, primeiro de leve e depois com força, na virilha dele. Então, me abaixo um pouco e o seguro entre minhas nádegas, sentindo-o envergar, se contorcer e crescer contra a curva da minha...

Mas eu estou perdendo o foco. O ponto é que eu não tinha um porquê para estar ali, na Juliette Society, entre aquelas pessoas. E eu não cheguei lá através de uma entrevista de emprego ou respondendo a um anúncio no Craigslist.

Digamos que eu tenha um talento, uma capacidade de persuasão, um apetite voraz.

E eu fui selecionada.

Nós poderíamos discutir por horas sobre vocação e esforço, mas este talento não é algo inato. Pelo menos, não que eu saiba. Não, isso é algo que eu desenvolvi. Mas que está comigo há muito tempo, protegido, escondido e enterrado como um interruptor em um agente infiltrado, e só recentemente foi ligado.

Tendo dito tudo isso, como posso começar a explicar o que aconteceu naquela noite? A primeira vez em que fui a uma reunião da Juliette Society.

dois

A primeira lição que aprendemos na escola de Cinema é:

O enredo sempre se desenvolve em função do personagem. Sempre, sempre, sempre, sem exceção.

Qualquer bom professor de roteiro sabe disso e vai te fazer repetir esta frase tantas e tantas vezes que ela acabará sendo tão familiar para você quanto o próprio nome. Assim como o princípio fundamental das regras de um mundo ficcional seja tão imutável como a teoria da relatividade de Einstein. Sem ele, toda a estrutura desmorona.

Pegue qualquer filme clássico (ou qualquer filme, mesmo), destrinche sua narrativa e vai entender o que estou falando.

Ok, *Um Corpo que Cai*, um filme que toda estudante como eu conhece de trás para frente. O personagem de Jimmy Stewart, Scottie, é um detetive cuja busca incansável pela verdade, aliada a uma fobia de alturas e uma obsessão doentia por uma loira morta, que beira a necrofilia, são os fatores – seu calcanhar de Aquiles – que o cegam e o tornam presa fácil de um esperto bandido.

Vamos supor então que Scottie fosse um tira com um fraco por doces. Seria mais realista. Mas não teria funcionado. Ele seria um policial obcecado por *donuts* e não pela *femme fatale*, e Hitchcock não teria um filme.

Viu só? A história obedece ao personagem.

Vamos pegar outro exemplo. *Cidadão Kane*. Críticos de cinema adoram dizer que é o melhor filme da história, e com razão, pois está tudo lá. Subtexto, direção de arte, *mise en scène*, todos os elementos que tornam um filme uma obra de arte e não um comercial para Microsoft, Chrysler ou Frito-Lay, algo que os longas-metragens de hoje em dia parecem.

Cidadão Kane, a história de um magnata da mídia, Charles Foster Kane, derrubado pela arrogância e ambição – as mesmas qualidades responsáveis por sua ascensão ao topo, características provenientes de uma criação sem a figura materna, o que acaba por minimizar todas as suas conquistas, arruinar seu casamento, e por fim, destruir sua vida.

Condenado a este círculo vicioso que ataca o âmago de seu ser, o pobre Charles morre sozinho e sem amor, simplesmente porque nunca conseguiu largar o seio materno.

Ou talvez não o seio... Porque a última palavra proferida por Kane, quando suas forças acabam e ele solta o globo de neve – ou bola de cristal, ou o que quer que aquilo fosse, onde ele não conseguia mais ver o futuro, já que sua vida não estava apenas arruinada, mas encerrada – aquela palavra, *rosebud*, que significa botão de rosa, é, dizem as más línguas, uma referência inserida por Orson Welles ao apelido carinhoso dado por William Randolph Hearst (o Charles Foster Kane do mundo real) à vagina de sua amante.

Rosebud. A primeira palavra ouvida no filme e a última a ser vista, pintada em um trenó infantil jogado no incinerador, lambido pelas chamas e reduzido a nada.

Uma vez que você tem esta informação, você nunca mais assistirá *Cidadão Kane* da mesma forma. Você ouve *Rosebud*, você vê *Rosebud* e você pensa ‘vagina’.

Você acha que Orson Welles estava tentando nos dizer alguma coisa? Eu acho que ele queria nos contar o seguinte: Charles Foster Kane foi um grande filho da puta. E isso, como era de se esperar, foi a origem de todos os seus problemas.

De novo: enredo a serviço do personagem.

Não se esqueça.

Apenas um aparte: há um tipo de filme, e somente um, que não segue este princípio. Um gênero que desobedece a regra. Não apenas desobedece, mas a vira de cabeça para baixo, porque pode e não se importa: o filme erótico.

Mas não vamos falar disso.

Enfim, percebi que esta regra se aplica também à realidade, não só à ficção. Que não é somente no cinema que o que nos acontece é determinado pelo

que somos, como agimos e por que, mas também as histórias de nossas vidas, as escolhas que fazemos e os caminhos que trilhamos.

Este caminho em que estou, você não pode ver. Não é uma estrada de tijolos amarelos, a estrada perdida ou uma pista dupla de asfalto. E eu nem sabia que era um caminho até chegar ao meu destino, olhar para trás e ver como estou longe, e perceber que durante todo este tempo, as decisões que tomei e os atalhos que segui me levaram exatamente aonde cheguei.

Então vamos fazer um acordo. Para explicar como eu parei na Juliette Society, vou ter que voltar ao início.

Ok, não tanto assim. Vamos deixar as fotos de quando eu era bebê para outro dia. Vamos esquecer também todas as memórias de infância que geraram traumas e ficaram comigo desde essa época, como o domingo em que fiz xixi na calça na escola, enquanto Irmã Rosetta nos ensinava sobre Noé e sua Arca.

Então, não tão assim no começo, mas quase lá.

E eu preciso confessar uma coisa sobre mim, minha personalidade, meu calcanhar de Aquiles. Tenho que começar com Marcus, meu professor, por quem nutro uma atração secreta.

E qual garota não tem uma paixão secreta? Uma pessoa insignificante em quem podemos projetar nossas fantasias sexuais mais selvagens? A minha era Marcus, que, sem saber, virou meu objeto de desejo desde a primeira vez em que entrei na sala de aula.

Marcus: brilhante, desarrumado, bonito, tímido – tímido a ponto de parecer arrogante – e intenso. Marcus, me fascinou no momento em que pus os olhos nele. Nada inspira mais a curiosidade de uma mulher do que um homem que é emocionalmente distante e difícil de ler, especialmente sexualmente. E eu simplesmente não conseguia colocar minhas mãos nele.

Em Teoria do Cinema há um termo, “Frenesi do visível”, que se relaciona ao prazer. Refere-se à intensa satisfação que sentimos ao olhar, enxergar e compreender verdades evidentes do corpo e suas funções expostas ali na tela.

É assim que Marcus me faz sentir. Quando sento na primeira fileira da sala de aula, onde posso vê-lo em seu melhor ângulo, encostado no quadro branco, iluminado pelas lâmpadas fluorescentes que parecem tão claras quanto um holofote num set de cinema. Sento no mesmo lugar em todas as aulas, na primeira fila das quase quarenta desta sala imensa, no meio,

exatamente em frente à sua mesa, onde ele não tem como não me notar. Ainda assim, Marcus quase não me olha. Nunca se dirige a mim. Fala com a turma – a classe inteira – exceto comigo e faz com que eu sinta que não estou ali, que eu nem mesmo existo.

Ele está lá, eu não, e isso está me enlouquecendo – o frenesi do visível.

E eu me pergunto se ele está apenas se fazendo de difícil, já que meu interesse é ridiculamente óbvio.

Nos dias que tenho aula – segunda-feira, terça-feira e sexta-feira – eu me pego me arrumando para ele. Hoje não é diferente. Hoje escolhi o jeans colado que valoriza minha bunda, um sutiã meia-taça para levantar e separar, uma regatinha listrada branca e azul que acentua minhas curvas e um cardigã azul marinho que os emoldura e chama atenção direto para os meus seios.

Eu quero que ele olhe para os meus seios e pense em Brigitte Bardot em *O Desprezo*, Kim Novak em *Um Corpo que Cai*, Sharon Stone em *Instinto Selvagem*.

É óbvio demais?

Espero que sim.

Então hoje, como sempre, estou na sala de aula fingindo anotar a matéria e despindo Marcus com os olhos. Ele está falando sobre Freud, Kinsey e Foucault, sobre o espetáculo do cinema e o olhar feminino, e eu estou tentando traçar a curva de seu pênis na calça marrom de alfaiataria que é justa demais na virilha para não ser reveladora.

Ele está recostado em sua mesa com uma das pernas estendidas ao longo da borda, formando um ângulo reto quase perfeito com a outra, que está firmemente ancorada no chão. E eu estou mordendo um lápis enquanto analiso aqueles centímetros ao lado da costura de sua calça, na parte interna da coxa, e imaginando como serão perímetro, largura e comprimento.

Eu anoto os números ordenadamente no canto superior direito do meu bloco amarelo, que, a vinte minutos de aula, não contém nada além de rabiscos e garranchos. E quando eu faço as contas em minha cabeça, fico impressionada ao constatar que Marcus tem um pau claramente proporcional ao tamanho de seu cérebro.

Eu não deveria ficar surpresa. Não é como se eu não tivesse feito isso centenas de vezes antes. Toda aula, a mesma coisa. E, milagrosamente, o resultado são sempre os mesmos três números. É como se eu acertasse na loteria de novo. E toda vez eu sinto aquela mesma descarga de adrenalina em meu corpo.

Como disse, Marcus é indiferente a mim. Para ele, estou só prestando muita atenção em sua aula. Não é que eu não me importe com a matéria ou que eu não esteja escutando. Eu ouço cada palavra ao mesmo tempo em que me distraio. Sou multitarefas.

Marcus está falando sobre Kinsey e seus estudos sobre sexo que concluíram que mulheres não respondem a estímulos visuais da mesma maneira que homens, e às vezes, de maneira nenhuma. Eu discordo. E se Marcus soubesse o que está fazendo comigo... discordaria também.

Ele passa de Kinsey para Freud – outro velho pervertido com ideias estranhas sobre a sexualidade feminina – e agora faz todas as engrenagens dentro de mim girarem.

Escreve CASTRAÇÃO no quadro branco. E INVEJA DO PÊNIS. Então sublinha as palavras duas vezes e as repete em voz alta para enfatizá-las. E você acha que isso seria um enorme estraga-prazeres para minhas fantasias escolares, certo?

Errado.

A voz de Marcus é como açúcar mascavo – macia, escura, gostosa. Só de ouvi-lo dizendo qualquer coisa tenho calafrios. Mas as palavras que mais me excitam são as menos sexy de todas. Palavras de cunho técnico, frias e duras, mas que na boca de Marcus soam como sacanagem – de uma maneira intelectual.

Especialmente estas palavras:

Abjeção.

Catarse.

Semiótica.

Sublimação.

Triangulação.

Retórica.

Urtext.

E, por último, mas não menos importante, minha absoluta favorita, a palavra que domina todas as outras:

Hegemonia.

Quando Marcus abre a boca, ele fala com tanta autoridade que me controla e eu sinto que faria qualquer coisa que ele pedisse.

Então quando ele diz ‘inveja do pênis’, eu o ouço implorar, ordenar e mandar ‘Por favor me fode’.

E mesmo que ele não esteja olhando para mim, eu sei que está falando comigo, e somente comigo.

Somente comigo.

Minha atração por Marcus não tem nada a ver com Jack. Eu amo Jack e apenas Jack. Isso é só uma diversão, uma fantasia romântica que criei para me distrair durante as aulas.

Algum tipo de trauma de infância com a figura paterna que me deixou sentir tesão por professores e desaparece da minha mente no segundo que toca o sinal.

Desta vez nem chego tão longe.

Estou olhando para os braços vigorosos do professor, suas pernas longas e musculosas e imaginando como seria tê-los em volta do meu corpo, meu corpo inteiro, da forma como uma aranha segura uma mosca para devorá-la. Quero ser agarrada por Marcus, consumida assim por ele. E eu me pergunto se Marcus pode me comer com a mesma habilidade com que fala sobre psicanálise, semiótica, e teoria do autor.

Deixo a pergunta no ar.

A resposta vem inesperadamente de trás, num sussurro conspiratório.

‘Ele é louco.’

Eu me viro e dou de cara com um par de olhos verdes brilhantes e cristalinos, quase luminosos, acompanhados de lábios carnudos e sensuais emoldurando um sorriso charmoso. E foi assim que conheci Anna. Cochichando em meu ouvido, da fileira de trás, à vista de Marcus.

Eu sei quem ela é, claro. É da minha turma. Anna é loira, pequena e voluptuosa; aquela que atrai olhares por onde passa. Ela é a garota de quem todos querem ser amigos; a gostosa que todos os garotos querem comer.

Eu fui criada num ambiente católico, onde me ensinaram que sexo não servia para diversão ou prazer. Foi só quando comecei a sair com Jack, muito tempo após perder a virgindade, que parei de sofrer este conflito e passei a aproveitar.

Eu olho para Anna e vejo alguém que se sente confortável com seu corpo, sua sexualidade e o poder que carrega. Ela não parece ter nenhum dos meus problemas. Ela é sedutora, livre e relaxada, está sempre pronta, tem o sorriso fácil. E ela me intriga.

Por acaso você já conheceu alguém e pensou, no segundo em que seus olhos cruzaram e vocês trocaram a primeira palavra, que seriam amigos.

Foi assim que me senti com Anna, no instante em que ela disse ‘ele é um louco’. Foi como ouvir minha própria voz, como se ela soubesse exatamente o que eu estava pensando. E entendesse.

‘Como você descobriu?’, sussuro de volta.

‘Como eu descobri o quê?’, ela pergunta.

‘Que eu estou afim do Marcus.’

‘É óbvio’, diz Anna. ‘É o jeito como você olha para ele.’

Então é assim que vai ser daqui por diante. Será o nosso segredo.

O que eu não sabia é que...

Ela já tinha transado com ele, Marcus.

E nas raras ocasiões em que troquei olhares com Marcus e quis acreditar que ele estava me olhando?

Bem, ele não estava.

Marcus estava olhando através de mim.

Para ela.

três

‘Você consegue ver minha bunda no espelho?’

Foi o que falei para Jack na esperança de chamar sua atenção.

Ele está jogado na cama uma noite, logo após o início do semestre, lendo uns artigos.

Eu acabei de sair do banho e estou deitada, nua, de bruços, com os braços cruzados à minha frente, apoiando minha cabeça, para que eu possa olhar para ele. Estou me exibindo para ele da mesma forma que Brigitte Bardot fazia para seu ex-marido, Michel Piccoli, em *O Desprezo*. Estou recitando falas do filme para ver como Jack reage.

É um jogo que gosto de jogar. Não para testar seu amor, mas para testar seu desejo por mim.

Ele dá uma olhada rápida para o espelho, diz que sim e volta à leitura.

Mas ele não vai escapar assim tão fácil.

‘Você gosta do que vê?’

‘Por quê? Não deveria?’, ele pergunta, sem tirar os olhos da página.

‘Minha bunda está gorda?’

‘Sua bunda é linda’, ele responde.

‘Mas está gorda?’

‘Sua bunda gorda é linda.’ Ele olha para mim – para mim, não para minha bunda – sorri e volta a ler.

‘E minhas coxas?’, eu digo.

Eu coloco as mãos para trás, toco minha coxa logo embaixo da bunda e separo só um pouquinho para que ele veja minha buceta carnuda por trás.

‘Elas estão ótimas’, Jack diz. Desta vez ele nem olha.

‘Só isso?’, eu pergunto, ‘ótimas?’

‘O que você quer que eu fale?’, ele questiona.

Eu posso dar as perguntas, mas não vou facilitar as respostas.

‘Elas estão grossas demais? Grossas como troncos de árvore?’

‘Elas estão normais, bonitas’, ele afirma.

Seja lá o que for que Jack esteja lendo, ele está concentrado – da forma como eu gostaria que ele estivesse concentrado em mim.

Deito de barriga para cima, arqueio os ombros e aproximo meus seios, empinando-os como duas colinas, e balanço-os um pouco.

‘O que você prefere’, eu pergunto, ‘meus peitos ou meus mamilos?’

Meu corpo ainda está quente do banho e minhas aréolas são redondas e cor-de-rosa. Eu toco e mexo nos meus mamilos com os dedos até senti-los duros.

‘Um não vem com o outro?’, ele fala, sem mostrar muito interesse.

‘Se você pudesse escolher’, digo.

‘Se eu pudesse escolher entre mamilos sem seios ou seios sem mamilos?’, Jack ri.

‘Sim’, continuo, ‘se você pudesse ter uma menina sem peito ou uma com peitos tão grandes que os mamilos quase não existissem?’

‘Você, ou outra pessoa’, ele diz. Mas, talvez decidindo que esta é uma conversa que não quer prolongar, ele nem espera por uma resposta. Ele fala: ‘eu gosto deles como são’.

Que inferno, Jack, penso, preste atenção em mim. Olhe o que tenho para te oferecer! E estou te dando de bandeja. De graça. Sem compromisso.

Quanto menos atenção ele me dá, mais infantil e petulante eu fico.

‘Estou pensando em raspar minha buceta’, digo, escorregando meus dedos por entre os cachinhos de cabelo castanho da minha região íntima.

Digo isso porque sei que ele não vai gostar, já que acha broxante as meninas completamente depiladas.

‘Não’, ele fala, secamente.

‘Por que não’, pergunto.

Agora estou só tentando provocar. Qualquer coisa para ter uma reação. E funciona.

Jack me fita por entre seus joelhos, incomodado.

Mas ele não diz nada e não faz diferença porque agora que tenho sua atenção, decido ir além.

‘Talvez eu raspe mesmo assim’, digo, ‘eu posso fazer isso’.

‘Não’, ele repete, de um jeito que diz, essa não é nem uma hipótese. De um jeito que diz, ‘deixe-me em paz’.

Estico meus braços por cima da cabeça e viro de lado, só para privá-lo do prazer de ver meus peitos, meus pelos pubianos. Quero que Jack beije

minha bunda. E fico ali deitada, fingindo ignorá-lo. Como se ele se importasse.

Agora é sempre assim conosco.

Nada de comunicação. Nada de cópula.

Em casa, brinco com Jack até um certo ponto, mas por mais que tente, não consigo despertar seu interesse em ir além. Não consigo fazê-lo me comer. Raramente fazemos isso esses dias. Ele está muito envolvido com o trabalho.

Jack trabalhou duro na campanha durante as férias de verão, e agora que o semestre do outono começou, ele tem ainda mais serviço. Ainda menos tempo para mim. Eu nem o busco mais no escritório.

Antes de Jack, nenhum homem chegou perto de me satisfazer na cama. Jack tem tudo que um grande amante precisa – é sensível, carinhoso, atencioso e gentil. Sou louca por ele.

Eu olho para Jack e penso em Montgomery Clift no filme *Um Lugar ao Sol*; extremamente bonito, queixo quadrado, o típico garoto americano. Pelo menos é assim que o vejo. E não é só a aparência. Toda vez que Montgomery Clift aparece na tela, ele pode estar fazendo nada além de lançar um olhar contemplativo para o horizonte, e ainda assim você pode ver sua mente agitada. Jack é assim. E isso realmente me excita.

Quando Jack não está por perto, eu me masturbo loucamente, fantasiando com ele. Conosco. Fudendo. No escritório depois do expediente. Embaixo da mesa na cantina da faculdade. Entre as estantes da biblioteca. E não é um amor fofinho com carinhos e beijos, Jack me come com força. Sexo sujo e cru.

Ele não tem ideia dessas minhas fantasias, porque só faço isso quando não estamos juntos e nós nunca falamos a respeito. No entanto, está chegando um ponto em que minhas fantasias sexuais superam de longe a realidade.

Nós moramos em um aconchegante apartamentinho onde todos os cômodos dão para o corredor. Quando as coisas vão bem, parece que moramos numa cápsula espacial, trancados em nosso esconderijo, distantes do resto do mundo. Nossa intimidade faz o lugar parecer muito maior do que é. Quando

as coisas vão mal – não realmente mal, mas todo casal que se relaciona há muito tempo e divide pouco espaço tem suas crises –, o apartamento parece sufocante e claustrofóbico.

Em noites como a de hoje, quando Jack chega em casa depois da aula ou do trabalho e vai direto para o quarto ler, ficando lá até dormir, parece que ele está se escondendo de mim, e eu não sei por quê. Me vejo inventando razões para andar pelo apartamento pelada ou de lingerie, me exibindo para ele, qualquer coisa para chamar sua atenção, despertar seu tesão ou fazê-lo demonstrar que me deseja.

Decido então que vou tomar um banho antes do jantar e começo a me despir na frente dele. Mas não faz nenhuma diferença porque ele sequer me olha e dá a impressão de ser cego – cego ao meu amor por ele.

Tomo o banho rapidamente, porque eu não queria e nem precisava de um agora, e esta não era a proposta do exercício. Eu me enxugo e espalho óleo hidratante no corpo para que a pele fique brilhando. Saio do banheiro nua, com perfume de jasmim. E então a brincadeira começa.

Quando não fazemos sexo há algum tempo, tenho um cheiro doce. Como uma fruta suculenta, pronta para ser devorada. Pronta para que alguém chegue no meu âmago. Eu sei que Jack sente meu cheiro, mas sempre me pergunto se outras pessoas também percebem. E se não... como isso é possível? Talvez elas pensem que é loção ou perfume. Será que sabem que estou pronta, madura e querendo? E que estou na vontade.

Esta noite Jack dormiu todo vestido, com o material de leitura caído sobre seu peito. Eu reúno os papéis e coloco um cobertor sobre ele sem acordá-lo.

Ele me deixou na vontade de novo e começo a me tocar, imaginando como gostaria que Jack fosse, como queria que reagisse.

Estou nua na cama, de bruços, e pergunto: ‘Você consegue ver minha bunda no espelho?’

Ele joga os papéis no chão, se debruça sobre mim, agarra minhas nádegas com as mãos e as beija.

‘Quem precisa de um espelho’, ele diz, com a cabeça apoiada em minha bunda como se fosse um travesseiro e olhando para mim com um sorriso no rosto.

Eu falo: ‘Você gosta das minhas coxas? Elas são grossas demais?’

Jack vai com seus dedos para a parte de trás, mergulha-os e separa minhas pernas. Eu não resisto.

‘Eu adoro suas coxas’, ele diz. ‘Eu gosto mais quando elas estão em volta da minha cabeça.’

Ele desliza os dedos indicadores entre minhas pernas.

‘Ei’, rio, ‘isso faz cócegas.’

Rolo na cama me afastando dele e deito de barriga para cima, fingindo fugir, mas na verdade dando mais do que ele quer.

‘E meus seios?’, eu digo, puxando-os para cima para sua inspeção.

‘Toda vez que vejo suas tetas, elas me encham de alegria’, ele ri, se jogando em cima de mim, chupando meus peitos com vontade, brincando com meus mamilos usando a língua e me deixando sentir seus dentes afiados.

‘E meus pelos’, eu pergunto, ‘como são?’

‘São como a mais delicada e macia pelúcia’, ele ronrona, ‘eu queria poder me esconder nos seus cabelos.’

Ele afunda os dedos nos meus pentelhos, enquanto o polegar explora minha virilha, deslizando naquela curva e pressionando minha buceta. Seu toque me deixa molhada.

Jack enfia a cabeça entre minhas coxas. Eu jogo minhas pernas sobre seus ombros, deslizo as panturrilhas em suas costas e o puxo para mais perto de mim.

Seus dedos se enrolam em meus pelos, seu polegar contra meu monte-de-vênus, seus lábios me beijam e me acariciam. Posso sentir sua respiração quente em minha virilha e sua língua se aproximando da minha xoxota. Sinto que estou me abrindo para ele. Desejando que ele vá mais fundo.

Eu passo os dedos por seus cabelos, puxando-o para mim ao mesmo tempo em que curvo minhas costas e pressiono meu quadril contra ele.

Ele me penetra. Começo a gemer e o aperto com mais força.

Jack me provoca. Por dentro.

Grito de prazer porque quero que ele saiba como me satisfaz. Que tudo se resume ao movimento certo. E acertar bem no ponto.

Este ponto.

Exatamente aí.

Não pare.

Não pare até eu chegar lá.
Eu o deixo me levar.

Jack dorme ao meu lado, mas imagino sua língua dentro de mim, me guiando pelo caminho do êxtase. Eu penso em sua língua, mas são meus dedos que fazem todo o trabalho. Estou acelerando na pista de alta velocidade, correndo em direção à curva, e posso ver a linha de chegada.

Posso sentir.

Está à minha frente.

Eu faço a curva.

Meu corpo sente um golpe após o outro.

Chamo seu nome, mas ele não escuta.

quatro

Estou sentada na sala, esperando Anna aparecer. Mas ela está atrasada.

A única coisa que Marcus não tolera são alunos impontuais. Se alguém chega tarde, ele faz todo um discurso elaborado apenas para intimidá-lo a nunca se atrasar de novo. Ele para de falar no segundo em que escuta a maçaneta da porta do auditório girar. Não no fim da frase, mas no meio de uma sílaba. Ele vira sua cabeça e olha para a porta, esperando por quem vai entrar.

Logo que o atrasado adentra a sala e se senta, Marcus o encara com ódio, seguindo cada um de seus passos e fica tão furioso que quase dá para ver fumaça saindo de suas orelhas. Ainda assim ele fica bonito, por causa daquelas covinhas – cabelo escuro e covinhas – e sempre vai parecer que ele está sorrindo, mesmo quando está louco de raiva. E mesmo quando você já se acomodou, com o caderno à sua frente e a caneta a postos, a perseguição não acaba. Oh, não.

Marcus vai ficar ali em silêncio, curvado sobre a mesa, com as mãos estendidas à frente, olhando para suas anotações por um período muito desconfortável de tempo. Como se quisesse que alguém fizesse um som para ter uma desculpa para explodir. Mas todos sabem como se comportar.

Nós permanecemos num silêncio respeitador e quando ele sente que já nos torturou o suficiente, e somente aí, não importa o quanto tenha demorado, ele retoma a lição, recomeçando exatamente da sílaba em que parou.

Anna sempre chega atrasada. Ela nunca falta ou perde a aula toda, mas chega sempre em horários diferentes. Pode ser assim que Marcus começa a matéria ou um pouco mais adiante. Hoje não foi diferente. Anna chegou com 52 minutos de atraso, a menos de dez do fim da aula, quando eu já não tinha mais esperanças de vê-la. Ela entra na sala com a maior cara de pau, sem se importar com o atraso. Marcus olha, vê que é ela e continua sua aula como se nada tivesse acontecido.

É sempre assim quando Anna não chega na hora; e eu sempre penso por que ela tem tratamento privilegiado.

Então, um dia, pergunto a ela.

‘Marcus e eu temos um trato’, Anna responde. ‘Eu faço algo por ele. Ele faz algo por mim.’

Esta é a minha ligação com Anna: Marcus. Nossa mútua obsessão. Meu segredo. Seu amante.

‘Que tipo de trato’, questiono.

‘Bem’, ela diz, ‘vou tentar explicar. Marcus tem necessidades especiais...’

Eu me pergunto que necessidades especiais seriam estas.

Será que Marcus manda Anna lambar seu saco enquanto ele desconstrói *Os Incompreendidos*? Ou come ela por trás ao recitar aspas de *O que é o Cinema?* de André Bazin. Ou será que gosta que ela enfie o dedo em seu cu enquanto debate os prós e contras da teoria da abjeção?

Mal posso esperar pela resposta. Existem tantos detalhes que quero comparar com minhas fantasias, como o que o excita ou como ele transa. E só consigo pensar que a realidade é muito melhor do que eu poderia imaginar. Esta é a minha ligação com Anna: Marcus. Nossa mútua obsessão. Meu segredo. Seu amante.

Depois da aula nós pegamos um café e nos sentamos em um banco do lado de fora, no meio de vários estudantes andando pra lá e pra cá para chegar às suas aulas. Nós sentamos debaixo de uma árvore, protegidas do sol do meio-dia, porque a pele de Anna é muito clara e ela prefere mantê-la assim. ‘Fico queimada facilmente’, ela diz.

‘Ok’, começo, ‘me diga. Eu preciso saber, porque estou enlouquecendo, qual é a tara de Marcus?’

‘Ele gosta de fazer no escuro.’

Meu coração murcha. Marcus parece decepcionantemente normal.

‘Mas você me disse que ele era maluco. Isso não soa como maluquice.’

‘Espere, deixe eu terminar’, ela diz. ‘Num armário. Ele gosta de transar dentro de um armário.’

Eu ainda não estou convencida e franzo a testa ligeiramente.

‘Ele é muito tímido, sabe?’, Anna complementa, percebendo minha decepção.

Marcus tem um armário enorme em casa, e como tudo em seu apartamento – que é enorme, mal iluminado e pouco decorado – o armário é

antigo, velho, gasto, de madeira.

‘Não há nada de confortável no apartamento dele’, ela me conta. ‘Nenhum sofá, travesseiros, almofadas, tapetes, nem mesmo cortinas nas janelas.’

‘Nem uma cama?’, pergunto.

‘Ele dorme em um colchão no chão, mas nós nunca transamos nele’, diz Anna. ‘Eu só abri a geladeira uma vez’, ela continua, ‘e estava quase vazia. A única coisa que tinha era chá. Não eram folhas de chá, eram saquinhos de chá. Uma caixa de sacos de chá. Nada de leite.’

Enquanto o apartamento de Marcus carece de mobília e decoração, Anna me conta que há uma coisa que tem de sobra: livros e papéis.

‘Há livros amontoados em cada centímetro das estantes que vão do chão ao teto, cobrindo as paredes’, diz ela. ‘Eles estão todos meticulosamente organizados por assunto: cinema e sexo, arte e religião, psicologia e medicina. E quando o espaço nas prateleiras acabou, ele começou a empilhá-los no chão, em mesas e cadeiras, como um colecionista que aproveita cada centímetro possível.’

‘Além disso, onde não há estantes, vemos arte cobrindo as paredes. Arte erótica. Nada muito pornográfico’, diz Anna, ‘apenas estranhas fotos obscenas.’

Anna me fala sobre as fotografias desfocadas de casais transando que parecem pinturas de Francis Bacon. Cenas de rua com prostitutas. Desenhos pornográficos. Coisas que nem parecem arte erótica – enormes colagens de rostos, lugares e objetos recortados de jornais e revistas – mas que claramente têm uma função sexual para Marcus. E coisas que não podem ser confundidas com mais nada.

Ela diz que há dois quadros, em particular, que chamaram sua atenção mais do que os outros. Eles estão pendurados lado a lado em um pequeno recanto no corredor de entrada, à direita de quem chega pela porta da frente, e sempre que vai visitar Marcus, Anna fica parada ali, só os admirando por um tempo.

Uma das pinturas é a de duas mulheres deitadas lado a lado, a curvatura dos corpos formando um par de lábios. Elas usam cintas-ligas e meias-calças e têm peitinhos empinados com mamilos vermelho-cereja.

‘Uma das mulheres usa um véu preto e parece com você’, Anna me conta.

‘Como assim?’

‘Morena, com um sorriso doce e sensual’, ela pisca o olho.

Anna está flertando comigo e eu não sei como reagir. Sinto meu rosto corar e espero que ela não tenha reparado.

‘A outra’, ela continua, ‘não tem cabeça. No lugar, há dois braços que emergem do fundo escuro do quadro e são como patas de caranguejo que seguram os mamilos com as pinças.’

Anna me diz que a outra pintura é tão estranha que chega a ser difícil de descrever. À primeira vista, parecem três mulheres de meia-arrastão entrelaçadas em um *ménage à trois*. Quando se olha mais atentamente, partes de corpos masculinos aparecem misturados aos femininos. Órgãos sexuais e membros brotam de lugares que não deveriam. Mãos fantasmagóricas puxam e agarram. É um pouco perturbador, Anna diz, como se estivesse olhando para um corpo feito de vários outros de sexo indeterminado.

Enquanto ela me descreve os quadros, começo a pensar que, todo esse tempo, a sexualidade de Marcus sempre havia sido um mistério para mim, no entanto jamais tinha questionado sua orientação. Isso nunca passou pela minha cabeça.

‘Marcus é gay ou bi?’, deixo escapar.

‘Ah, não’, Anna diz, ‘Acho que não. Ele só é muito, muito esquisito.’

Realmente pareceu. Uma casa sem móveis e sem comida mas cheia de livros, papéis e arte erótica. É como se Marcus se sentisse confortável com austeridade. Ou como se seu cérebro estivesse tão ocupado que não sobrasse tempo para cuidar do corpo. Neste caso, por mim tudo bem, já que eu só quero mesmo ser comida por seu cérebro.

Anna diz que toda vez que eles se encontram, o que ocorre duas vezes por mês, a mesma coisa acontece entre eles, em todas as ocasiões. Marcus tem cada detalhe planejado e espera que tudo seja cumprido à risca, como num ritual.

Ela deve chegar em um horário específico.

‘Eu não posso me atrasar’, ela conta. ‘Nem um minuto, nem mesmo trinta segundos. Chego sempre na hora para as minhas aulas particulares. Tenho a chave do apartamento, então eu mesma abro a porta.’

Agora eu entendo por que ela está sempre atrasada para a aula dele.

Só para foder com ele.

‘Marcus já está lá quando eu chego’, ela continua. ‘No quarto dos fundos. No armário. Com a porta fechada. E ele fica tão silencioso, tão quieto, que você nem saberia que ele está lá, que há alguém no quarto. As cortinas estão fechadas e as luzes apagadas. Está escuro, mas ainda há claridade suficiente para enxergar.’

Anna conta que o armário tem dois buracos em uma das portas, como se dois nós da madeira tivessem caído. Um pequeno. Um maior. Um à altura da cabeça, e o outro mais embaixo.

‘Marcus jura que já estava assim quando comprou’, diz Anna. ‘Mas eu não acredito.’

Quando Anna chega, ela deve estar vestida com o uniforme que Marcus a mandou usar. A mesma roupa todas as vezes.

‘Como ele manda você se vestir?’, pergunto.

‘Adivinhe’, Anna diz.

‘Como uma enfermeira?’, chuto.

‘Não’, ela diz.

‘Como uma estudante?’

‘Uh-uh.’ Ela balança a cabeça.

‘Prostituta?’

‘Nada disso’, ela rebate.

‘Ok, você tem que me contar.’

‘Como a mãe dele.’ Ela ri.

Eu a olho estupefata e Anna mal pode esperar para revelar mais. Ela me fala que tem que usar um vestido largo e florido, sapatos sem salto, meiacalça cor de pele e uma calcinha muito, muito grande que parece um cinto de castidade feito de poliéster. Ela se veste como a mãe de Marcus, em roupas que pertenciam a ela. Roupas que a mãe de Marcus tinha desde os anos 1950 e usou até a morte, mas que ainda pareciam novas e perfeitas, como se tivessem saído da loja no dia anterior.

‘Isso está esquisito demais para você? Estou indo muito longe?’, Anna pergunta, sorrindo.

‘Um pouco...’ digo. Porque agora Marcus parece menos com Jason Bourne, o que é bom. Já não acho mais que ele faz sexo como Jason Bourne faria. De meias e com as luzes apagadas. Só no papai-e-mamãe. Como um homem de verdade.

Agora ele soa mais como Norman Bates, o que é ainda melhor, já que eu tenho uma queda enorme, enorme, por Anthony Perkins desde a primeira vez que assisti a *Psicose* e me apaixonei perdidamente por seu visual engomadinho de menino bem criado. O rosto magro, ossudo. Aquelas maçãs do rosto. O cabelo preto brilhante milimetricamente aparado, perfeitamente esculpido. Aqueles olhos escuros e misteriosos. Aquele sorriso. Tão lindo. E saber que sob tudo isso havia um perturbado psicopata só o deixava mais delicioso. Parece que Marcus é completamente obcecado pela mamãe, assim como Norman Bates e Charles Foster Kane.

‘Vamos recapitular’, digo a Anna. ‘Você está no quarto, vestida como uma dona de casa dos anos 1950 saída de um episódio de *Além da Imaginação*, e Marcus está no armário, com as portas fechadas e o olho fixado num dos buracos, observando você.’

‘Isso’, ela diz. ‘E eu faço exatamente o que ele me pede. Eu me viro de costas e começo a me despir, tirando as peças de roupa na ordem que ele determinou.’

‘Exatamente da mesma forma todas as vezes?’, eu pergunto.

‘Tem que ser’, diz Anna, ‘É uma coreografia. Eu me sinto como uma comissária de bordo demonstrando os procedimentos de segurança. Já repeti tantas vezes que já até botei meu toque pessoal, incluindo coisas que acho que ele gostaria.’

Anna não economiza nos detalhes e, enquanto ela fala, eu vejo tudo acontecer na minha cabeça.

Primeiro ela tira o vestido largo, que desabotoa pelas costas, escorrega pelos ombros, um por um, e deixa cair no chão. Ela olha para trás e para baixo sobre seus ombros enquanto faz isso, para garantir que o vestido não vá prender nos sapatos quando ela sair dele. Então Anna abre o sutiã, suspendendo-o em seu colo para que seus seios voltem à posição natural, num balanço suave. Ela curva os ombros para frente e as alças caem.

‘Ele gosta de ver o sutiã deslizando pelos meus braços’, Anna diz. ‘E de quando eu o pego e o jogo para longe do meu corpo.’

Eu imagino Anna seminua, de pé, com as sapatilhas e as meias cor de pele presas por ligas. Meu olhar passeia por seu bumbum redondinho e seios com mamilos cor de salmão.

Para mim, só há uma coisa errada nesta fantasia: a fantasia de Marcus. Anna tem que usar uma cinta antiga que cobre mais ou menos quatro

quintos de sua bunda, deixando à mostra aquelas calçolas de poliéster cujos elásticos apertam e marcam as nádegas. O que agrada a Marcus, mas é desestimulante para qualquer outro punheteiro no mundo.

‘Ele gosta que eu estique uma perna e me abaixe enquanto solto as ligas’, Anna continua, ‘ele gosta que eu me curve bastante, para que possa ver meus seios pendurados. Eu solto as ligas nas coxas, uma por uma, então dou uma reboladinha enquanto tiro a cinta.’

Anna então se livra daquela calcinha enorme e deselegante, vagarosamente, porque ela diz, ‘Marcus gosta de bundas e, para ele, a graça está em prolongar a provocação.’

Ela só pode chegar até aí. Marcus quer que ela fique com as meias e os sapatos. E um longo colar de pérolas negras e brancas que repousa entre seus seios. ‘As pérolas da mãe dele’, Anna diz.

Enquanto faz sua performance, Anna fica proibida de olhar em sua direção. ‘Marcus é muito rígido quanto a isso’, ela conta. ‘Uma vez, eu desviei o olhar para o armário, com o canto do olho. Então eu vi este imenso globo ocular colado na porta, emoldurado por um buraco da madeira. E acho que ele me pegou no flagra, pois não sabia para onde olhar.

‘O olho ficou constrangido. Ele se virou de um lado para o outro, para cima e para baixo, varrendo o cômodo freneticamente, procurando um esconderijo. E não era Marcus. Para mim, não era Marcus, era só um globo ocular numa longa fenda de madeira. Fiquei tão perturbada com aquilo que nunca mais olhei de novo.

‘Então ele gosta de observar mas não gosta de ser observado’, concluo.

‘É a única maneira de deixá-lo totalmente ereto’, Anna diz.

Eu penso no Doutor Alfred Kinsey. Pelo que sei, ele só conseguia gozar de um jeito. Isso eles deixaram de fora do filme, a parte em que Kinsey enfia coisas em seu pinto. Coisas que não deveriam estar ali. Objetos que nem sempre cabiam. Itens jamais mencionados em todos os dados que ele compilou, ordenou e organizou. Capim, palha, cabelo, cerdas. Bastava ser longo, flexível e fazer cócegas.

Pensar em Kinsey e ouvir a história de Anna sobre Marcus faz minha fantasia de transar com Jack na sala de seu chefe parecer muito sem graça. Mas Anna ainda não terminou.

Uma vez que ela já se despiu e dobrou suas roupas cuidadosamente sobre uma cadeira, então, e só então, Anna diz que tem permissão para se virar e

olhar.

O que ela vê é o pênis ereto de Marcus aparecendo lentamente através do buraco de baixo da porta do armário, como um caracol saindo de sua concha.

‘Eu suspiro’, diz ela, ‘da forma como Marcus mandou – numa combinação perfeita de horror, surpresa e alegria.’

Anna permanece lá, fincada no mesmo lugar, olhando, de boca aberta, até quase todo o pênis aparecer e as bolas saírem pelo buraco e ficarem penduradas na porta.

‘Quando seu pau começa a se contorcer’, diz ela, ‘como se estivesse acenando para mim, eu me sento e começo a lambê-lo do jeito que você lambe sorvete derretido que está escorrendo pela casquinha.’

‘Isso são somente as preliminares, certo?’, pergunto.

Eu só quero ter certeza, porque tudo soa tão intenso.

‘Sim’, diz Anna, ‘só as preliminares.’

Mesmo que somente uma porta os separe agora, Anna diz, Marcus não faz um som. Ela nem consegue ouvi-lo respirar. Nenhum suspiro de excitação para deixá-la saber que está no caminho certo, apenas pequenos espasmos em seu pênis enquanto ele se afasta de sua língua. ‘Daquele jeito que seu joelho dispara quando o médico bate com um pequeno martelo de prata’, diz ela.

‘Como você sabe a hora de parar, para ele não gozar.’

‘A porta abre’, ela diz. ‘É meio assustador.’

Imagino uma porta rangendo em uma casa mal-assombrada daqueles filmes antigos em preto e branco que passam na TV de madrugada e não há nada nem ninguém atrás dela, somente um borrão preto.

‘É o meu sinal para entrar’, ela conta. ‘E eu posso sentir meu coração batendo acelerado toda vez, mesmo sabendo exatamente o que vai acontecer e quem está atrás da porta.’

Anna entra no armário, fecha a porta atrás dela e não consegue enxergar nada, porque Marcus tapou os buracos com lenços de papel para nenhuma luz entrar.

‘Leva um tempo até meus olhos acostumarem’, ela fala. ‘E mesmo assim, tudo que consigo ver são sombras na escuridão que se mexem como vapor e parecem alucinações.’

‘Qual o tamanho do armário? Você não se sente claustrofóbica?’

‘É grande o suficiente para meus pés serem a única parte do meu corpo a tocar os lados’, ela diz. ‘E é assustador como eu logo perco a noção de espaço e tempo. Fica muito quente lá dentro, um calor seco-úmido, como num banho turco, porque Marcus já usou grande parte do ar, daí começo a suar logo que entro.’

‘O que acontece depois?’, questiono ansiosa.

‘Aí eu sinto sua mão úmida no meu peito. Você deve achar que é horrível’, Anna diz, ‘mas me dá muito tesão. Muito tesão. Ser tocada assim, por uma pessoa que não posso ver, num espaço tão pequeno.’

Faz todo o resto valer a pena, ela fala, as preliminares desconfortáveis que Marcus insiste que devem ser feitas de acordo com as regras.

‘De qualquer forma’, ela diz, ‘uma vez que estamos no armário, no escuro, com a porta fechada, e o contato físico começa, não há mais regras. Ele perde a timidez. Marcus fode como um louco, como uma fera, como uma pessoa completamente diferente. O armário todo balança.’

‘De quantas maneiras dá para transar em um armário?’ penso alto.

‘Você ficaria surpresa’, diz Anna. ‘Nós provavelmente já fizemos todo o Kama Sutra cinco ou seis vezes até agora’, ela conta.

‘Uma vez ele estava metendo com tanta força que o armário chegou a tombar. Com as portas voltadas para o chão. Nós ficamos presos. Marcus nem se importou. Isso o deixou ainda mais excitado. Nós transamos por horas. Daí ele deu um soco para fora e nós saímos nos arrastando, nus e arranhados.’

Após saírem do armário, Anna tem uma última tarefa a cumprir. Eles vão para o banheiro e ela tem que lavá-lo.

Anna conta que é um banheiro muito velho, com piso de cerâmica e paredes com tinta descascada devido à umidade. E Marcus tem uma daquelas banheiras antigas que parecem um bote, com o chuveiro saindo de um longo mastro de aço que se estende a partir da bica.

‘Marcus só toma banho de chuveiro, nunca de banheira’, diz Anna.

‘Por quê?’, pergunto.

‘Ele diz que pessoas se afogam em banheiras.’

Eu deixo passar, mas me pergunto se Anna havia percebido que ele estava repetindo uma frase de Cassavetes.

Uma vez que estão no chuveiro, Anna ensaboa Marcus, esfregando vigorosamente suas costas, seu peito, em volta de suas coxas, debaixo dos

braços e atrás de seu saco. Ela o enxuga com a toalha e então ele sai do banheiro sem dizer uma palavra, deixando-a sozinha para se vestir. Quando ela acaba, ela mesma abre a porta para ir embora.

‘É sempre assim’, ela diz. ‘Sempre. Nunca foi diferente.’

‘Você já transou num armário?’, Anna me pergunta, com naturalidade.

Tenho que admitir para ela que não, nunca transei. E, depois de ouvir tudo isso, me sinto tristemente normal.

Nós permanecemos sentadas ali embaixo da árvore por alguns minutos, em silêncio. E surgem na minha cabeça umas falas de Marlon Brando em *O Último Tango em Paris*, que ele quase joga fora no monólogo que declama para sua falecida esposa, num caixão à sua frente:

‘Um pequeno toque maternal à noite.’

Então se é disso que Marcus gosta, por mim tudo bem. Porque muitos homens maravilhosos tinham Complexo de Édipo.

Estou absorvendo tudo que Anna me contou. Tomo um gole de café e me assusto quando sinto que já está quase frio, de tanto tempo que estamos ali.

‘Eu estraguei suas fantasias?’, Anna pergunta. ‘Espero que não. Embaixo de tudo isso, Marcus é um cara muito doce.’

‘Oh, não’, digo, ‘Claro que não.’

Agora eu quero saber ainda mais. Agora sinto que posso ler Marcus como um livro e descobrir uma coisa nova sobre ele a cada página. E eu adoraria que Marcus pudesse me ensinar o que significa ser esquisito.

Logo me dou conta de que Anna também pode me ensinar muito sobre esta loucura.

Quanto mais a conheço, mais penso nela como aquela melhor amiga que entende tudo que se passa dentro de você. Eu posso lhe contar qualquer coisa e ela vai me dizer exatamente como estou me sentindo e por quê. É como se fôssemos duas cabeças com um só cérebro e uma consciência compartilhada. Às vezes ela termina minhas frases antes que eu possa começá-las.

Nós nos complementamos perfeitamente. Você poderia dizer que nascemos uma para a outra. As pessoas dizem que poderíamos ser irmãs. Eu não consigo ver isso. Anna leva vantagem em tudo se comparada a mim. Ela é tudo que não sou.

Ela é a beleza. Eu sou o cérebro.

Eu sou a garota inteligente. Ela é a popular.

Ela me faz rir. Ela não tem o filtro entre o cérebro e a boca que a maioria das pessoas tem. Ela olha para um cara aleatório na aula e, do nada, diz coisas inapropriadas e fofas como: ‘Eu me pergunto se ele é circuncisado ou não.’ E ‘eu diria que ele é curvado para a esquerda.’ Ou ‘Aposto que seu esperma tem gosto de gelatina de limão.’

Mas ela não acha que isso é inapropriado. É só o que precisa ser dito naquele momento. Ela é tão pura, descomplicada e livre neste aspecto. Para ela, sexo é tão natural quanto respirar.

Eu gosto tanto de Anna, de tudo sobre ela, que eu invento uma desculpa para Jack me buscar na aula para almoçarmos juntos. Isso porque quero que ele conheça minha nova melhor amiga. Eu os apresento com orgulho. Mas as coisas não acontecem como eu havia planejado. Jack fica tão intimidado por Anna que mal consegue olhar para ela ou balbuciar umas poucas palavras. Ele fica quieto e só eu falo. É desconfortável. Rapidamente ele arranja uma desculpa para ir embora.

Quando chego em casa mais tarde, jogo o nosso jogo, determinada a arrancar dele o que realmente acha dela.

‘Você gostou da Anna?’, pergunto.

‘Ela é legal’, ele responde.

‘Você acha ela bonita?’

‘Acho que sim’, ele diz.

‘Se você não estivesse comigo, estaria com ela?’

‘Eu não acho que sou o tipo dela’, ele diz.

‘Você não respondeu a pergunta’, digo.

‘Sim, eu respondi’, Jack retruca.

‘Mas ela é o seu?’

‘Pode ser’, ele fala.

‘Os peitos dela são lindos, não acha?’

‘Com certeza’, ele diz.

‘Você gosta do bumbum durinho e redondo dela?’, pergunto.

‘Onde você quer chegar?’, diz Jack, frustrado.

‘Bem, você gostaria de transar com ela?’ provoco.

‘Talvez’, ele diz.

Mas essa não é a resposta que eu quero.

cinco

Marcus passou como dever de casa assistir A Bela da Tarde, o filme de Louis Buñuel estrelado por Catherine Deneuve.

Nunca vi o filme. Não sei nada sobre ele. Não tenho ideia do que esperar.

Sento no cinema do campus e não estou sozinha, mas quando as luzes se apagam e a escuridão me envolve, é como se estivesse. É assim que gosto de experimentar filmes. Em uma sala de cinema, no escuro, como numa comunhão entre mim e a tela. Algo que se aproxime da contemplação silenciosa de uma incrível pintura que te deixa sem palavras.

Eu sento para assistir a um filme desejando fugir da realidade num voo para outro mundo. Eu espero, no mínimo, ser entretida, talvez encantada, até chocada. A última coisa que quero é me ver na tela.

Acompanhem meu raciocínio, eu não estou delirando. Sei que não sou a estrela deste filme, mesmo tendo o mesmo nome da atriz principal. Eu não sou nem a coadjuvante. Mas, de alguma forma, criei uma ligação profunda com ele. Mesmo que eu tenha apenas uma coisa em comum com a protagonista, uma frígida dona de casa francesa de classe média alta que nutre secretos desejos por sexo com masoquismo.

O nome dela é Séverine. Latim para ‘severa’. Imagine viver sua vida, sua vida inteira, com pessoas decidindo que não gostam de você mesmo antes de te conhecerem. Só de ouvirem seu nome. Séverine. Severa.

Imagine amaldiçoar uma criança desde o nascimento com um nome desses. Você também poderia chamá-la de ‘sem graça’.

Sem graça nenhuma.

E não é que o nome não se encaixe na personagem que Catherine Deneuve interpreta no filme de Buñuel. De fato, não haveria nome mais adequado porque, para ser honesta, ela não é muito divertida mesmo. Séverine é fria como uma pedra de gelo e desprovida de qualquer qualidade que poderia fazer você se afeiçoar a ela, carente de quase tudo que a faria

humana. Quase tudo, exceto as fantasias de castigo e humilhação. Porque você não deve gostar dela nem se identificar com ela.

E ainda assim, de alguma maneira, eu o faço.

Séverine. Sem graça. Sem graça nenhuma. Casou há um ano e nunca deixou o marido transar com ela. Casou há um ano e não o deixa nem dormir na mesma cama que ela. Casou há um ano e ele nunca a viu nua. Seu marido; dedicado, protetor, dependente e muito, muito compreensivo.

Séverine. Uma virgem na realidade, uma puta na imaginação. E é sua imaginação que a leva ao erro.

Lembre-se. Enredo, sempre a serviço do personagem.

E Séverine, sempre vítima de seus desejos, nunca dona deles, flutua como num transe ao longo do filme. Flutua por sua vida como se fosse um filme. Até que um amigo de seu marido, um homem mais velho, desonesto e desprezível, que parece enxergar através dela, enfia na cabeça de Séverine que há um lugar onde mulheres como ela – reprimidas, imorais, insaciáveis – podem realizar suas fantasias com privacidade e manter sua reputação em público.

Um bordel.

Ele até fornece o endereço. Então ela vai visitar o tal bordel e até recebe um novo nome para preservar sua identidade. Algo exótico. Não Séverine. Algo que vá enfeitiçar os clientes.

Belle de Jour.

Uma expressão bonitinha em francês que não faz sentido nenhum em inglês, o que provavelmente explica por que ninguém se deu ao trabalho de traduzir o título do filme para o mercado internacional.

Belle de Jour.

Literalmente, a beleza do dia. Ou a beleza de hoje.

Faz-me pensar, 'hoje é especial'.

Talvez tenha sido isso que Buñuel quis dizer. A mulher que tem tudo e não está feliz, reduzida ao prato do dia do cardápio de um puteiro. A piadinha de Buñuel. Sua pequena humilhação. Ela é sempre o prato do dia, todos os dias. O prato especial que nunca muda, que de especial não tem nada.

A única coisa especial sobre ela é sua beleza que, embora divina e transcendente, é inútil, pois sua única função foi facilitar sua transição para a prostituição e banalizá-la.

Ela é fígado com purê de batatas. Todos os dias.

Fígado e purê de batatas.

Me faz pensar, Kim Kardashian.

Fígado e purê de batatas. Vestida de Hermès e Gucci.

E logo, naquele bordel, estragada e banalizada, Séverine se submete a seus desejos, cada um deles; seus sonhos agora sobrepostos à realidade. Muito em breve, seus sonhos substituirão a realidade.

E é aí que eu entro.

Estou sentada no cinema assistindo ao filme e me reconheço.

Eu não tenho nenhuma ambição de ser uma prostituta. Nem em segredo. Não foi isso que eu quis dizer.

O que quero dizer é que reconheço algo dentro de Séverine, por mais estranho que seja, que também existe dentro de mim; por mais diferentes que nós sejamos em nossas origens, temperamento e personalidade, existe algo que nos conecta.

Não sou uma puritana. Nem uma masoquista – pelo menos, não acho que seja –, mas as fantasias de Séverine me tocam. A realidade dela, nem tanto.

Estou sentada no cinema e minha imaginação toma conta. Estou assistindo ao filme e preenchendo as lacunas. E não demora muito para que eu perca a noção de onde acaba o filme e onde começam as minhas fantasias.

Quando o filme termina e saio direto da escuridão para o sol do meio da tarde, me sinto andando numa corda bamba. À beira de um precipício, lutando para manter o equilíbrio. Estou tremendo por dentro. Não sei o que me aconteceu. Estou tão confusa. Não consigo concluir se fui tomada por um delírio ou se sucumbi a uma mania. Eu só sei que não quero que a fantasia acabe. Nunca imaginei sentir prazer deste jeito, mas agora que senti, quero mais.

Ando para casa em transe, navegando em piloto automático, reproduzindo as cenas de novo na minha mente. Esqueço onde estou e reparo que estou de volta ao filme.

Estou debaixo dos galhos de um pinheiro, presa ali contra minha vontade por um homem que amo. Atada, espancada e brutalizada a seu mando por dois homens selvagens, enquanto ele assiste, indiferente ao meu sofrimento.

Minhas mãos estão amarradas por uma corda grossa e foram presas tão acima da minha cabeça que os músculos dos meus braços se esticam e queimam. Meus pés tentam encostar no chão que balança sob mim. Meu vestido foi rasgado nas costuras e os trapos caem em volta da minha cintura como pétalas murchas. Meu sutiã caiu dos ombros, o arame cutucando meus mamilos e deixando-os duros.

Chicotes de couro estalam em minhas costas, mordendo minha carne, golpe após golpe num ritmo rápido e viciante que me deixa hipnotizada. Ouço o estalo do chicote e então... a picada. O estalo. E então a picada. Tão certo quanto um raio após um trovão, o prazer vem após a dor. A intensidade aumenta a cada pancada até que ambos, dor e prazer, sejam fortes demais para aguentar. Adrenalina percorre meu corpo.

Eu viro uma esquina.

Não estou nem na metade do caminho até minha casa e estou louca de tesão.

Viro em outra esquina e estou de volta ao filme, agora no bordel, me preparando para ser inculcada nos prazeres do amor bandido por um criminoso com uma bengala e dentes de ouro e que age com uma arrogância rústica e primal.

Se as roupas fazem o homem, então este homem é um exemplo de contradições. Ele usa estilosas *Chelsea boots* de couro envernizado totalmente desgastadas e meias surradas que têm buracos onde uma vez ficavam os calcanhares. Um anel de sinete de metal com um diamante imenso e finamente lapidado. E aqueles dentes de ouro que brilham quando ele sorri puxando seu lábio superior numa expressão de escárnio. Seu cabelo, sua casaca de couro, sua calça, seus sapatos, todos negros como a noite. O resto, descombinado e extravagante. Um colete roxo e uma escandalosa e colorida gravata.

Quando ele tira a camisa – uma camisa branca, a única coisa simples e descomplicada sobre ele – há um torso em forma, sem pelos, delicadamente esculpido como uma estátua de mármore. Pele clara e sem marcas; até ele se virar.

Em suas costas, uma enorme cicatriz que vai até abaixo da escápula; um sulco de tecido danificado, ainda mais pálido que o resto de sua pele, embora isso não pareça possível. Marca de uma terrível violência.

Ele me olha com um distanciamento aristocrático. Olho para ele e lembro de Marcus; porém mais jovem, bruto e despenteado; perigoso e imprevisível ao passo que Marcus é doce e retraído. Olho para ele e penso em como quero que Marcus seja, como quero que ele me trate.

Com desdém.

Começo a tirar minha roupa de baixo. Ele me olha nos olhos com firmeza e diz, ‘Fique de meia-calça.’

Uma ordem, não um pedido. Ele abre sua calça, ainda olhando para mim, e complementa, ‘Uma vez uma menina tentou me estrangular.’

Eu me pergunto se isso é um aviso. Eu me pergunto se é isso que ele pretende comigo. Um calafrio percorre meu corpo.

Mas é tarde demais para pensar duas vezes porque ele já está se livrando de sua cueca, que é branca como sua camisa e seu torso nu.

Eu deito na cama, de bruços, e viro a cabeça sobre meus ombros para vê-lo.

Penso em Marcus e em seu pênis, pulsando sob sua calça justa marrom de alfaiataria. E logo eu não preciso mais imaginar porque está ali, à minha frente, longo, fino e majestoso, envergado para cima numa curvatura perfeita; como uma lua crescente ao fim do ciclo, como a cicatriz em suas costas e a lâmina da adaga que a fez. Ele rasteja na cama, seus membros longos me envolvendo, uma aranha capturando uma mosca. Ele afasta minhas pernas e se abaixa para entrar entre elas. Posso sentir o inchaço de seu pau encaixado entre minhas nádegas. Posso senti-lo se elevar num movimento brusco.

Sua mão está esticada em meu pescoço, os dedos curvam-se em volta dele, o espaço entre eles é tão grande que ele quase pode dar a volta completa. Ele aperta um pouco e a pressão é deliciosa. Eu espero ele deslizar a mão para baixo e alcançar todos os pontos de tensão em meu

pescoço e minhas costas. Mas em vez disso, ele pressiona ainda mais forte, põe todo seu peso para trás e empurra minha cabeça contra o colchão.

Eu grito, mais de surpresa do que de dor.

Eu o sinto separando minhas nádegas com sua mão livre e me preparo para gritar novamente, desta vez mais de dor do que de surpresa. Porque eu sei o que está por vir. E é tarde demais para pensar duas vezes.

Então uma buzina estridente grita no meu ouvido. O barulho dos freios de um táxi que para bruscamente a menos de quinze centímetros do meu corpo, que não está nem a dois passos do meio-fio após eu sair da calçada para atravessar num sinal verde.

Estou tremendo. Chocada em meu estupor. Jogada para fora da tela e de volta à realidade. Sei a diferença. Sei qual é pior e qual vai causar mais danos – ser fodida por trás por um bandido ou ser fodida por trás por um táxi amarelo.

Viro a chave do apartamento e mal a porta se abre, já começo a chamar ‘Jack... Jack?’

Ele aparece no corredor e eu não digo ‘Eu te amo. Senti sua falta. Como foi o seu dia?’

Eu digo ‘Eu quero te fuder com força’.

Num instante, estou sobre ele e o jogo contra a parede antes que ele saiba o que o atingiu. Minha boca na dele, eu o beijo forte e profundamente antes que ele possa dizer uma palavra, antes que possa respirar.

Minhas mãos estão dentro de sua camisa, tocando seu peito. Passo minhas unhas por seu torso. Belisco seus mamilos até ele gemer. E eu não escuto, eu sinto; o suspiro de um gemido que escapa da boca dele para a minha.

Sou uma mulher possuída. Tudo que consigo pensar é enfiar o pau dele dentro de mim e nunca tirá-lo. Eu quero ser possuída pelo seu pau. Nunca me senti assim, nunca tive tanta certeza e nunca estive tão excitada.

Abaixo minha mão e toco sua virilha. E isso é o que amo em Jack. Eu nunca tenho que esperar para ele ficar duro. Nunca perco tempo atijando um pau mole para que funcione. Assim que eu me mexo, ele está lá, pronto e à espera, como por autossugestão, deliciosamente duro.

Arranco sua calça e cueca de uma vez só. Eu o tenho na minha mão agora e afasto minha boca da dele para olhar nos seus olhos e dizer: ‘Eu quero o seu pau. Eu quero fuder o seu pau com a minha boca.’

Eu não estou pedindo permissão.

Eu não estou perguntando. Eu estou avisando.

Eu não estou implorando. Eu estou tomando.

E ele não tem escolha.

Me abaixo, ainda com ele na mão, só soltando para segurar melhor. Estou de joelhos na frente dele e puxo seu pênis com firmeza, como uma alavanca, para que fique num ângulo reto com seu corpo e numa altura perfeita para minha boca.

Mergulho a cabeça em minha boca, devagarzinho; a cabeça inteira, fechando meus lábios em volta dele, apertando. Eu recuo e o provooco com minha língua. Então chupo de novo, um pouco mais fundo agora, avançando ao longo dele. Daí recuo. Atiçando.

Então falo o que ele quer ouvir.

Eu digo: ‘Adoro sentir seu pau duro na minha boca apertadinha. Tem um gosto tão bom. É uma delícia, não é?’

E não espero pela resposta.

Levanto seu pau em direção à sua barriga e o seguro enquanto vou lambendo desde a base de suas bolas, em volta do saco, brincando com elas com minha língua, chupando uma e depois a outra, então vou subindo ao longo dele, como um pincel tocando a tela, até chegar à ponta. Eu a lambo, cuspo nela e bombeio com a mão, olhando dentro de seus olhos. Posso ver que ele está enlouquecendo e sei que está ao meu dispor.

Eu abro bem a boca para engolir ele inteiro, puxando ar suficiente para encher meus pulmões, como se eu fosse mergulhar, enfiando todo o seu comprimento dentro de mim lentamente, enrolando minha língua em volta da cabeça e acariciando a parte inferior do seu pau conforme ele entra. Enquanto faço isso, posso sentir que estou ficando molhada.

Eu o mantenho lá até senti-lo tremer, então recuo. Ele ainda está ligado a mim por um espesso fio de saliva que paira entre nós e cobre a cabeça do pau como uma montanha nevada. Olho para o cuspe que nos une e imagino minha buceta se abrindo como uma flor, o líquido branco e pegajoso aderindo aos lábios.

Me levanto sem ar e bombeio forte e rápido com a mão ao longo dele, cobrindo-o com uma película de saliva enquanto recupero o fôlego e me preparo para descer novamente.

Vou para frente em pequenos movimentos rápidos, abro minha garganta e me lanço em seu pau, sentindo a cabeça carnuda imprensada contra meu palato, seu pau enchendo minha boca. Imagino-o indo fundo dentro da minha buceta molhada e quente e posso sentir minha calcinha completamente encharcada.

Sinto suas mãos deslizarem pelo meu cabelo e o espero apertar a parte de trás da minha cabeça, segurando-a firme enquanto mete – num curto e certo impulso final – mais fundo dentro de mim. Isto é o que eu quero que aconteça. Isto é o que eu fico imaginando.

Vou escutá-lo gemendo enquanto ejacula no fundo da minha garganta. Ele vai ficar sem palavras.

Exceto, ‘caralho’.

E, ‘aahh’.

Eu sinto cada jato quente, espesso e doce escorregando pela minha garganta. Ele não para de gozar. Sinto que vou me afogar.

Isso é como tenho planejado na minha cabeça. Mas não é o que acontece.

Ele passa as mãos pelos meus cabelos, mas não me empurra para perto dele. Ele me afasta. É como se eu tivesse sido acordada num susto. Expulsa de um sonho.

Olho para ele e pergunto: ‘Qual o problema?’

Estou confusa e magoada. Não tento esconder. Ele pode ouvir em minha voz.

‘Qual o problema comigo? Qual o problema com você?’, ele diz.

Jogar isso na minha cara só piora a situação.

‘O que deu em você, Catherine?’

Jack tem vários nomes para mim – apelidos bobos que ele inventa na hora – Gatinha, Gata, Trini. Ele só me chama de Catherine quando está puto.

Não há nada de errado comigo. Absolutamente nada. Este é o problema. Será que ele não consegue ver como estou excitada?

Ele me faz sentir idiota e barata.

‘Estou trabalhando’, ele diz. ‘Não tenho tempo para isso agora. Talvez depois.’

E quando ele diz isso, sei que não haverá um depois. Sei que ele vai trabalhar até tarde e me deixar esperando.

E isso é exatamente o que acontece. Estou na cama, pronta, esperando, louca de vontade. Posso ouvi-lo do lado de fora, mas ele não entra. Eu sou minha única companhia, com minhas fantasias e todas aquelas imagens estranhas do filme rodando minha cabeça.

Estou atada a uma árvore envolta em hera. Meus braços estão para trás, amarrados em volta do tronco com uma corda grossa que circula todo o meu corpo e me mantém apertada.

Estou no meio de uma floresta, mas em minha cabeça ouço o barulho do oceano. É plena luz do dia. Meu corpo é banhado pelo calor do sol. Ouço apenas o som dos grilos que cantam à noite.

Há sangue em minhas têmporas. Mas nenhuma ferida. Ele escorre até minha bochecha como uma gota de tinta, oleosa e espessa. Como uma lágrima que mostra a cor da dor.

E eu não sinto medo porque meu amante está comigo, de pé à minha frente. Ele põe suas mãos em meus ombros e eu me sinto confortada. Ele acaricia meu corpo com os olhos e eu me sinto desejada. Ele não fala uma palavra, não emite um som, mas estou banhada no calor do seu amor. Ele me beija com ternura, com lábios macios. Ele olha o sangue, passa o dedo pela minha dor e me beija novamente. E seus beijos são doces, mas isso é tudo.

seis

Tem uma coisa que eu sempre quis saber, desde a primeira vez que fiz sexo:

Por que chamam de ‘gozo’?

Qual o problema com ‘ejacular’? Não é sexy o suficiente?

Gozo soa engraçado, bobo e descartável. Parece uma piada.

Bonzo, Gonzo, Bozo e Gozo.

Ou um aditivo registrado em algum produto.

Pornografia – agora com ‘gozo’ extra.

Se você quer saber, ‘gozo’ é uma perversão da língua portuguesa. Uma das que eu não consigo tolerar. Chame-me de cabeça dura se quiser, mas não soa bem.

E já que estamos falando sobre isso, se você sentir necessidade de esporrar, mijar branco, ou cuspir o seu leitinho, faça como tiver vontade, mas não no meu rosto, nem perto, mas se você vai gozar ou ejacular, eu sou sua garota.

Eu preferiria ter um pau do que um piru. Você não? Piru é uma palavra inocente demais, quase infantil, que definitivamente não me dá tesão.

Faça toda a propaganda que quiser da sua jeba, sua tromba, sua bengala ou sua mandioca, apenas mantenha-a no lugar certo. Na sua calça. Porque ela não vai chegar nem perto da minha buceta. E sempre que eu ouço um cara falar sobre alguém que se chama Bráulio ou Pinto, sinto vergonha alheia.

Eu não quero um homem com nome de caralho. Quero um homem que tenha um caralho.

Não precisa ser grande, mas definitivamente precisa estar duro e ser guiado por um condutor habilitado. Porque não adianta nada pisar fundo no acelerador se você não sabe quando acionar os freios, virar o volante ou trocar de marcha. E a alavanca de marcha? Se você quer enfiá-la em mim, é melhor que saiba usá-la.

Você vê, um pênis é ótimo, mas um pau é muito mais interessante e poético. Pau me faz pensar em uma tora de madeira, dura, firme. Que pode ser usado para me dar uns tapinhas no bumbum. Soa como sexo para mim.

Não pense que sou uma puritana, porque definitivamente não sou. E não quero ser intransigente ou reducionista, porque cada um tem o direito de ter suas preferências dentro do vocabulário sexual. Então não vamos discutir sobre semântica, ok? Só vou deixar uma coisa registrada: prefiro que gozem.

Você deve achar que uma jovem educada deveria ter preocupações mais profundas para ocupar sua cabeça do que o melhor termo para ejaculação. Eu não tenho tanta certeza assim.

Você pode procurar o quanto quiser pelo significado real da existência, você pode buscar uma prova concreta da existência de Deus. Você pode ler todos os livros que quiser sobre o assunto, qualquer assunto – religião, ciência, filosofia, natureza –, mas eu te garanto que jamais, em tempo algum, vai achar uma resposta que te satisfaça. Que realmente te satisfaça, lá no fundo, te trazendo um sentimento de bem-estar por finalmente saber o seu lugar e sua função no universo.

Por quê?

Porque a resposta já está aí, na sua frente.

Goze.

Não acredita em mim?

Vou te provar.

Vamos começar com uma afirmação que todos concordamos:

Sexo é o motor da vida.

Porque sem sexo não há vida. E, igualmente, sem vida não há sexo. Eles estão intimamente ligados, como o ovo e a galinha. Da mesma forma, sexo sem orgasmo é como um Big Mac sem o molho especial. É a essência mágica de onde todos viemos. Porque cada coisa viva no planeta precisa se reproduzir para sobreviver. Até um resfriado. A própria existência depende do processo reprodutivo.

Desde os pássaros até as abelhas, as flores e as sementes, o mesmo processo é repetido inúmeras vezes – de micro a macro. Eu realmente não

preciso falar isso. É ciência básica, Biologia. Mas talvez valha a pena repetir, porque acho que esquecemos.

O Big Bang criou um universo composto de sistemas solares – úteros gigantes, incubadoras para os planetas, que são ovos cósmicos à espera da fecundação com a semente da vida, que é:

Gozo.

E esta, em resumo, é minha teoria sexual sobre a vida, o universo e tudo mais. A única teoria das cordas que preciso.

E para todas as pessoas que são mais espiritualizadas, tudo que posso dizer é: você não prestou atenção suficiente às aulas de religião, ou não leu a Bíblia com cuidado, porque se tem uma coisa que não falta neste livro é sexo. Mal você vira a página, lá está alguém perguntando quando Deus vai chegar lá. Deus era mesmo um cara gozado.

Você diz: não seja boba.

Eu digo: nós fomos ensinados a interpretar a Bíblia de forma literal, e estou fazendo exatamente isso.

Se a Bíblia realmente tivesse sido escrita para se tornar um guia para a vida, por que seus autores decidiram brincar com semântica e esconder o significado de tudo?

A função da Bíblia não é fazer todos se sentirem bem?

O que pode fazer as pessoas se sentirem melhor do que sexo?

Vamos pegar uma passagem randomicamente. Por exemplo, Lucas 17:20-21. Os fariseus perguntam a Jesus quando o Reino de Deus chegará. E o que ele diz? ‘O Reino de Deus está dentro de cada um.’

Eu diria que é autoexplicativo. Não tem mistério. Acho que ele só pode estar falando de uma coisa.

Gozo.

E o que mais pode ser isso senão um sinônimo para Deus?

Tem outra coisa que quero deixar registrada aqui.

Eu sou uma verdadeira crente. Eu adoro o gozo.

Mas fui convertida à causa há pouco. Nem sempre foi assim. Na verdade, precisamente o oposto.

Se eu pensar na palavra ‘gozo’, e visualizá-la, não é surpreendente que a ideia de um cara fazer isso perto de mim ou em mim seja brochante. Não é nem um pouco sexy. Não faz jus ao arrebatamento transcendente experimentado durante o orgasmo humano, masculino ou feminino. Soa mais como o resto de um homem quando ele acabou de te usar. Ou a camisinha usada que você joga no lixo depois. Então, para mim, ‘gozo’ sempre foi uma coisa suja e obscena. Dava nojo. Eu não queria ver, eu não queria sentir e eu definitivamente não queria provar.

Logo que saí da escola, eu tive um namorado que tentava constantemente gozar no meu rosto. Era o que ele gostava e ele queria que eu gostasse também, porque aí ele teria uma desculpa para fazer quando quisesse. Num minuto estávamos fodendo, no outro ele botava para fora e ficava esfregando no meu corpo, tentando encostar na minha cara, como um cachorrinho batendo na porta e pedindo carinho depois ficar muito tempo sozinho. Exceto que ele era só um menino patético que assistia a muitos filmes pornô e não tinha a mais remota ideia de como satisfazer uma garota no mundo real. Eu tirava ele de perto, como um cachorro que fica tentando trepar com sua perna, e o mais próximo que ele chegou foi minha barriga. Mas nem isso foi bom. Nem a textura nem a temperatura. Não me fez me sentir bem por dentro. Só a ideia daquilo me embrulhava o estômago.

Depois dele, eu namorei um jogador de futebol na faculdade. Corpo perfeito e o rosto idem. Mas quando as luzes se apagavam, o mesmo acontecia com nossa vida sexual. Sua personalidade era tão inexistente quanto sua imaginação para sacanagem. Eu sempre tentava chegar ao clímax antes dele, porque uma vez que ele chegasse lá, quebrava o clima para mim. Quando ele chegava ao orgasmo, resmungava como um garoto querendo chorar. Sempre me perguntei se ele usava anabolizantes e nunca soube se ele tinha realmente algum interesse em me comer ou se estava só fingindo.

E então, algo mudou. Você pode dizer que tive uma revelação através do chamado do amor, ou da luxúria, ou talvez de uma combinação de ambos. Mas eu me lembro vividamente, como se tivesse acontecido hoje de manhã.

Era a oitava vez que eu e Jack fazíamos sexo. E foi muito especial. Jack foi realmente o primeiro cara com quem me senti à vontade ao ficar nua. Eu estava por cima, cavalgando nele, nos beijando ardentemente, e quando ele

estava quase gozando, me olhou nos olhos e perguntou... ele me perguntou se poderia gozar na minha boca.

Entrei em pânico só de pensar, mas estava tão empolgada com esta coisa de amor-luxúria que tudo que podia fazer, tudo que queria fazer, era sorrir, concordar e dar minha permissão. Ele pediu. Eu estava no controle. Ele se importou em pedir, e só isso me fez querer.

A partir deste dia, eu perdi todo o medo da substância pegajosa associada àquela palavra suja. Eu não mais temia o sabor que poderia ter. Eu só queria. Me excitava. Eu adorava. Estava fascinada. Eu a desejava, assim como desejava os braços de Jack me abraçando, seus lábios me dando beijos doces e macios. Transar era uma grande decepção antes de conhecer Jack. Acho que eu precisava encontrar a pessoa certa, aquela que me abriria, me mostraria o caminho e me ensinaria como ter prazer no sexo.

Sabe aquela frase de William Blake sobre ‘o mundo num grão de areia’? Então, eu consigo ver o universo num grão do gozo de Jack. Quando penso no gozo de Jack, eu penso em como ele chegou lá, como o sexo foi maravilhoso e como eu nunca quis que acabasse. Quando eu penso no gozo de Jack, ele está sempre comigo e é como se nunca estivéssemos separados.

Eu gosto de sentir o seu gozo. Eu gosto de senti-lo entrando em minha boca. Eu gosto quando Jack goza no meu cabelo e ele fica espesso, pegajoso e emaranhado, do mesmo jeito como você se sente ao passar por uma teia de aranha.

Eu gosto de dizer a ele para gozar nos meus peitos para que eu possa espalhar o esperma em círculos, como um pintor mistura a tinta em sua paleta. Ele é a tinta. Eu sou o pintor e também a tela. Eu gosto de pintar com seu sêmen no meu corpo para que eu possa senti-lo secando, endurecendo e se contraindo, repuxando minha pele. Eu gosto como se espalha em flocos conforme eu limpo. Eu gosto de segurar um floco de seu esperma seco no dedo e admirar como se admira um floco de neve, tentando discernir seu padrão cristalino.

Eu gosto de olhar para baixo e ver o gozo brotar da cabeça do seu pau. Primeiro, jorrando em longos arcos de alcance e volume cada vez menores. Em seguida, derramando lentamente, inexoravelmente, como a espuma de uma lata de cerveja que foi sacudida antes de ser aberta.

Eu gosto quando empoça em minha barriga, afogando meu umbigo e escorrendo pela minha cintura como uma sopa cremosa transbordando de um prato. Quando chove em minhas costas em grandes gotas, como chuva quente, como leite quente, como lava quente. Quando ele tira e deixa jorrar na minha buceta e nos meus pelos pubianos, onde fica suspenso como fiapos de algodão em sebes.

Eu gosto quando ele goza dentro de mim e eu me sinto cheia, satisfeita e calma, como se tivesse acabado de fazer uma gostosa refeição. E aí eu sinto escorrendo para fora da minha buceta, deixando um rastro espesso e perolado até o ânus. Às vezes vaza, horas depois, quando eu já tinha esquecido que estava lá. Quando estou andando pelo campus ou sentada no ônibus, ou em pé na fila de um caixa e, de repente, o fundo da minha calcinha fica molhado com gosma e eu me lembro do momento em que ele a colocou dentro de mim, soltando um lindo gemido de dor instantes antes de se aliviar. E eu revivo o momento, como se ele estivesse me comendo, ejaculando dentro de mim, naquela hora e lugar, no campus, na aula, no ônibus, no supermercado.

Eu gosto de quando ele goza na minha cara e me sinto completamente a seu dispor, como se estivesse me humilhando com seu sêmen. Quando fecho os olhos e sinto respingar no meu rosto. Quando ele cospe porra, e mais porra, e mais porra até que fica pesado e escorre pelo meu rosto. Enchendo meus poros, pingando pela bochecha, minha testa, meu queixo. Parece que minha cara não tem espaço suficiente para receber todo aquele gozo. Seu sêmen sem fim.

Eu gosto de limpá-lo dos meus lábios e bochecha e brincar com ele entre o polegar e o indicador como muco, então chupá-lo de volta para minha boca, enrolá-lo em torno da língua e misturá-lo com minha saliva, em um coquetel de meus e seus fluidos, e engolir como uma ostra. Então eu abro bem minha boca, e coloco a língua para fora para mostrar a ele que não sobrou nada. Que fui uma boa menina e tomei todo o meu remédio.

Eu gosto de adivinhar o que ele comeu no café da manhã, almoço, jantar e lanche pelo sabor e pelo cheiro. Salgado, amargo, doce, azedo e defumado. Cerveja, café, aspargos, banana, abacaxi, chocolate. Pela textura e consistência. Às vezes é ralo como clara de ovo pouco cozida, às vezes espesso e empelotado como semolina, às vezes é tudo ao mesmo tempo.

Algumas vezes é liso como xarope para tosse, que é como gosto mais, porque desce fácil.

Eu gosto de lamber seu pau depois que ele gozou dentro de mim, quando ele tira e seu pênis está liso e brilhante com o meu gozo e o dele. Quero sentir o sabor que eu e ele temos, nosso suor, nossa paixão. Eu quero que o gosto fique na minha boca até que comece a ficar evidente em minha respiração. Eu amo o cheiro de seu sêmen quando começa a fermentar no meu corpo.

E então eu gosto de lavar seu gozo seco do meu corpo no chuveiro e senti-lo se reconstituir com a água, quase como se voltasse à vida depois da morte. Eu gosto de observar aquela água, seu gozo, descer pelo ralo, e pensar na jornada em que está embarcando.

Os lugares por onde estive e onde vai parar. De dentro do corpo de Jack para o meu. Do meu corpo até o mar.

Nascido da natureza e de volta a ela. O caminho natural das coisas.

Do jeito que tem que ser.

sete

Marcus está encostado em sua mesa, dissecando A Bela da Tarde cena por cena. Ele está falando sobre a necessidade de Séverine se submeter a seus desejos, completa e absolutamente, até que sua fantasia e sua realidade se fundem e ela é incapaz de distinguir um do outro. Estou de joelhos na frente de Marcus, lambendo sua mão estendida.

Estou de joelhos. Tenho uma coleira em volta do pescoço com o nome do meu dono. Ela diz:

Eu sou o bichinho do professor.

Sou a cachorra do Marcus.

Ele é o meu mestre.

Estou equilibrada em minhas patas traseiras com as dianteiras descansando em seu torso e cabeça enterrada em sua virilha. Sou uma cadela no cio e posso sentir o cheiro do sexo do meu dono. Estou esfregando o nariz no meio das suas pernas, fungando seu aroma, puxando-o para dentro de mim. O aroma secreto que diz que eu pertencço a ele e só a ele. Ele enche minhas narinas, enche minha cabeça. Estou em uma nuvem de amor e não há nenhum lugar onde eu preferiria estar. Eu estou latindo e arfando para mostrar minha felicidade.

Olho para sua virilha e viro a cabeça enquanto sigo com os olhos a curva em sua calça marrom de alfaiataria. Coloco a boca em sua virilha, percorrendo a curva com minha língua, e posso senti-lo crescendo e pulsando contra o tecido.

Estou molhando o gancho da calça de Marcus com minha língua e ele me afasta, grosseiramente, sem aviso. Ele me expulsa tão violentamente que eu caio de lado e me esparramo no chão. Ele demonstra sua insatisfação, me advertindo.

Cachorro mau.

Olho para ele e esganiço, pateticamente. Isso o deixa ainda mais irritado. Meu dono me odeia e eu fico triste. Só quero me encolher escondida num canto e mastigar um osso bem gostoso.

Marcus está falando sobre os segredos que guardamos nos sonhos, sobre os segredos que guardamos e que ameaçam nos consumir.

Estou de quatro em cima da mesa dele com a cabeça descansando entre as patas dianteiras e meu rabo está empinado no ar, o mais alto que consigo. Marcus tem dois dedos enfiados em minha buceta e seu polegar encostado em meu ânus, como se ele estivesse na beira da estrada tentando pegar uma carona. Eu estou balançando minha bunda e gemendo de prazer. E tudo é perdoado.

Eu sou a cadela do meu mestre.

Anna está atrasada para a aula. Anna entra e todos os homens prestam atenção. Marcus presta atenção. E Anna se ajoelha na frente dele. Ela enterra a cabeça em sua virilha. Ela está inspirando o aroma secreto que só eu conhecia. Ela está com a boca onde a minha estava antes. Mas não tenho ciúmes. Não estou preocupada de outra estar usufruindo da afeição dele. Estou feliz de dividir minha obsessão. Feliz de dividir meu mestre com minha melhor amiga.

Marcus está falando sobre a necessidade de Séverine aniquilar a si mesma através do sexo. E eu sou escrava do meu senhor. Farei qualquer coisa que ele exigir. Vou me submeter aos seus desejos e torná-los meus. Quero aniquilar-me em seu sexo.

Mas meu mestre tem outras ideias. Ele quer reservar Anna para ele. Ele me quer para todos os outros.

Marcus está orientando todos os homens da classe a formarem uma fila. Um a um. Dois a dois. Como os animais na Arca. Ele me manda virar de costas para a turma, longe dos homens que esperam na fila, em sentido. Ele me pede para virar para o quadro.

No quadro, Marcus havia escrito HEGEMONIA.

Ele me manda repetir a palavra em voz alta, de novo, de novo e de novo, até a palavra não significar mais nada, até ser só um som. Enquanto faço

isso, ele instrui os homens a me levarem. Um a um. Dois a dois. E estou feliz por me dividir por meu mestre. Se é isso que ele deseja.

Marcus está falando sobre os limites desconhecidos do desejo feminino e eu acho que entendi o que ele quer dizer.

Estou sentada na sala e não sei quem eu sou, o que aconteceu comigo ou por quê.

Estou na primeira fileira, como sempre.

Vestida para Marcus, como sempre.

Mas todo o resto mudou.

Eu mudei.

Marcus está encostado em sua mesa falando sobre alucinações eróticas e a capacidade da mente humana processar os estados emocionais fervorosos em experiências fantasmagóricas que parecem completamente reais, indistinguíveis da própria realidade.

Estou convencida de que Marcus está falando sobre mim.

Ele está falando para mim. E só para mim.

Como ele sabe?

Marcus está falando sobre como o cinema pode agir como um portal direto para o subconsciente. Como a arte pode mexer com nossos pensamentos e desejos inconscientes, muitas vezes de maneiras que parecem tão fantásticas e irreais quanto a própria arte. Como, em casos extremos, nossas reações à arte podem estimular sintomas físicos. Da maneira como as adolescentes perdiam o controle na presença dos Beatles. Ou como nos anos de 1930 eles costumavam dizer que no final de um filme de Valentino não havia um único assento seco na sala.

Ele está falando sobre Síndrome de Stendhal, um fenômeno real e documentado em que as pessoas experimentam grande ansiedade, desmaios e até mesmo leve psicose na presença de grandes obras de arte.

Síndrome de Stendhal. Parece o tipo de coisa que um hipocondríaco crônico inventaria se fosse buscar a junção de ‘arte’ e ‘psicose’. A forma como hipocondríacos crônicos sempre checam seus sintomas, intencionalmente difusos nos detalhes, na esperança de diagnosticar alguma

enfermidade atroz e incurável – quanto pior, melhor para acalmar sua ansiedade. Síndrome de Stendhal soa quase tão ruim quanto é.

E cá estava eu pensando que era apenas o nome de um filme. É o título original de um filme de terror de Dario Argento que eu vi uma vez e nunca esqueci – *Síndrome Mortal* – sobre uma jovem policial feminina, interpretada pela filha de Dario, Asia, que ao investigar uma série de assassinatos brutais, persegue sua presa em uma galeria de arte e acaba paralisada pela majestade das obras com as quais se vê confrontada. *O Nascimento de Vênus* de Botticelli e *Medusa* de Caravaggio, uma obra de beleza divina, outra de puro terror.

E ela está inerte. Seu campo de visão se volta para a pintura até que ela não consegue ver mais nada. Até que ela se encontra, não olhando de fora, mas por dentro da pintura, olhando para fora.

Como Alice através do espelho.

Eu me pergunto se este filme é a chave para o que estou sentindo. E percebo quão idiota isso soa, como se alguém procurasse respostas em um filme de terror. Ou em qualquer filme, na verdade. Como se a arte fosse capaz de fazer qualquer coisa a não ser levantar mais questões.

Eu tenho tantas questões e não sei que direção seguir. Mas sei a quem perguntar.

Intimo Anna depois da aula e vamos para o refeitório. O almoço acabou e está quase vazio. Nós nos sentamos em uma mesa isolada. Quero lhe contar tudo, mas sei que se eu fizer isso, vai soar insano, como os delírios de um lunático.

Em vez disso, digo a ela que estou tendo sonhos muito intensos.

‘Com Marcus’, ela diz.

Não uma pergunta, uma afirmação. Como ela poderia saber?

‘Sim’, eu digo. ‘Com Marcus.’

Anna bate palmas e cai na gargalhada, excitada como uma criança no Natal.

‘Eu quero saber de todos os detalhes sórdidos’, Anna diz. ‘Não me esconda nada.’

‘Você já ficou com tanto tesão que achou que estava enlouquecendo? Que estava se desligando da realidade e talvez não conseguisse voltar?’

‘Nos meus sonhos?’, Anna pergunta.

‘Sim’, digo. ‘Ou a qualquer hora.’

‘Na vida’, ela diz.

Eu concordo.

Sem falar uma palavra, ela suspende uma grande pulseira de prata ornamentada com redemoinhos que usa em seu pulso esquerdo. Debaixo dela, há contusões lívidas e profundas, como impressões fossilizadas em sua pele, quase como se o padrão da pulseira tivesse sido marcado em seu pulso.

‘Não é lindo?’, ela diz, passando seus dedos pelas cicatrizes, como num transe.

É grotesco. E parece doloroso.

Anna tem pulsos tão bonitos e delicados. Eles parecem inchados e deformados.

‘O que houve?’ E eu tento não parecer chocada, mas é difícil.

‘Eles me amarraram’, ela diz, como se fosse a resposta mais óbvia do mundo. Como se ela esperasse que eu soubesse.

‘Quem são eles?’

E Anna me conta tudo. Ela me conta todos os seus segredos não declarados. Ela me conta coisas sobre ela que eu jamais teria adivinhado.

Ela me fala sobre o website para o qual posa.

‘Paga muito bem’, ela diz. ‘Minha mensalidade, todas as minhas contas.’

A razão pela qual o dinheiro é tão bom, ela diz, é o público do site ser ‘um grupo muito seletivo de pessoas’.

‘Que tipo de pessoas?’

‘Pessoas que sabem do que gostam’, Anna revela. ‘Pessoas que querem ver um tipo particular de garota em um tipo específico de situação. Jovens bonitas dispostas a serem contidas, amarradas, acorrentadas, disciplinadas e presas.’

Tento imaginar quem são essas pessoas, o que elas fazem e por que querem ver uma coisa dessas. Olho para os pulsos de Anna e imagino o que ela pode tirar disso, além dos machucados feios.

Me pergunto se ela se corta, ou se costumava fazer isso, como as automutiladoras que conheci na escola. Essas estranhas e intensas meninas solitárias de boas famílias que têm tantos problemas com seus corpos e com

todo o resto que se machucam ainda mais, irreversivelmente, por dentro e por fora.

Me pergunto se é nisso que se transformam as automutiladoras que superam suas obsessões adolescentes e avançam para outras na vida adulta. Não consigo imaginar outra razão para alguém se submeter a isso. Nem para pagar todas as faculdades do mundo.

‘Não é pelo dinheiro’, Anna diz, quase que completando o meu pensamento, como se ela tivesse escutado o que estava na minha cabeça. E eu quase acredito nela.

Olho para seu pulso novamente e observo dois grandes hematomas amarelados em seu braço. Ela está usando uma blusa sem mangas, então ela não podia escondê-los, mesmo se quisesse. E eu não acho que ela quer.

‘Estes vieram do mesmo lugar’, digo.

‘Estes?’, ela diz, acariciando-os amorosamente com o dedo indicador.

‘Não’, ela sorri, como se estivesse recordando alguma lembrança agradável. ‘Hematomas de sexo. Sabe?’

Não sei, mas acho que posso dar uma resposta educada.

Anna me conta que tem um namorado. Na verdade, ela me conta que tem vários namorados, além de Marcus, e que cada um provém uma coisa diferente, cada um satisfaz uma parte diferente dela. Mas este cara, ele gosta de tratá-la com violência e deixar sua marca para que outros vejam por onde ele andou. E ela concorda com isso.

‘Adoro senti-los no meu corpo’, Anna diz. ‘Enquanto posso vê-los e senti-los, eu lembro como eles foram parar aí. Eu lembro de como ele botou as mãos em mim. Como me fudeu. E gosto de vê-los sumirem. De vermelho para preto para verde para dourado. E quando eles desaparecem completamente, sei que é hora de sair com ele de novo.’

De todos os seus namorados, ela acha que gosta mais deste, porque ele é o único que pensa da mesma forma que ela. Que acredita, como ela, que ‘sexo e violência são dois lados da mesma moeda’ – não só acredita, como também põe isso em prática.

‘Sabe quando eles falam na escola que vão te ensinar sobre os pássaros e as abelhas?’ Anna diz. ‘Bem, eles não te contam tudo. Não toda a verdade. Eles só te contam parte dela. Só o que eles querem que você saiba. Sobre os pássaros. Todo aquele conto de fadas sobre a corte, rituais de acasalamento e criação de filhotes. Eles não falam sobre as abelhas.’

‘Ah, falam sim’, digo. ‘Eles falam que as abelhas vão de flor em flor e espalham o pólen.’

Anna balança a cabeça e revira os olhos.

‘Então deviam falar sobre os pássaros e as flores’, ela diz. ‘Não pássaros e abelhas. Você sabe como as abelhas fodem?’

‘Acho que não’, digo. ‘Acho que nunca pensei no assunto.’

‘É violento’, ela diz. ‘Muito violento.’

‘Quando abelhas fodem’, Anna me fala, ‘é sexo selvagem, mas a abelha macho fica com a parte dura, não a fêmea.’

‘Quando ele enfia o pênis na rainha, ele se vira ao avesso’, ela diz. ‘E quando ele goza, é como fogos de artifício. É tão explosivo que rasga seu pinto e o manda pelos ares. Algumas horas depois, o macho morre pelo trauma.’

‘Se um cara me bate com muita força, ou se está agindo como um babaca, ou se simplesmente não estou interessada, eu sempre falo com ele sobre os pássaros e as abelhas’, ela ri. ‘Eles nunca sabem sobre as abelhas. E, depois, prefeririam continuar sem saber.’

Anna dá uma gargalhada.

‘Uma foda e acabou’, ela está maravilhada. ‘Se fosse assim para garotos, pense em como o mundo seria diferente. E se nós aprendêssemos sobre as abelhas na escola, não só sobre os pássaros e as flores, pense em que tipo de sexo iríamos querer fazer mais tarde.’

Ouvir Anna falar sobre sexo me faz sentir como uma virgem de novo. Não, isso não está certo. Ela faz eu me sentir como no primeiro dia de escolinha, recém-formada no jardim de infância, toda orgulhosa e me achando adulta – como toda criança quando uma coisa significativa acontece, como frequentar uma nova escola ou ganhar a primeira bicicleta –, quando na verdade não sabia de nada. Nada de nada.

É assim que me sinto agora. Como se apenas tivesse brincado de médico todo este tempo e tivesse acabado de descobrir como sexo funciona no mundo real. Estou tentando digerir toda essa informação, mas Anna ainda não acabou.

Ela diz que lembra o porquê de me falar sobre as abelhas. Que quando a abelha macho morre, seu pênis castrado permanece preso metade para dentro e metade para fora da vagina da rainha, como uma rolha numa

garrafa de vinho pela metade, como uma sugestão para outras abelhas macho virem engravidá-la – como um sinal de acasalamento.

‘É isso que estas são’, Anna diz, enquanto passa a mão vagarosamente sobre as feridas em seu braço. Ela as usa como uma tatuagem temporária porque ela quer que todos saibam do que ela gosta – da mesma forma que pessoas usam *bottons* de suas bandas favoritas na lapela da jaqueta – para que outros que gostam da mesma coisa reconheçam e respondam.

‘E se não funcionar?’, pergunto.

‘Aí eles vão achar que sou só muito estabanada’, ela dá de ombros.

Estou olhando para Anna, para seus machucados, e a vejo de outra maneira agora. Mas ela não respondeu nenhuma das minhas perguntas. Só me deixou com um punhado de novas.

oito

Penso em tudo que Anna me falou sobre ela mesma, Marcus, os pássaros e as abelhas. Sobre hematomas sexuais. E quero saber como é sentir Jack em meu corpo. Não só seu gozo. Sua marca. Quero saber se é isso que falta em nossa vida sexual. Sexo selvagem.

Jack está me comendo na cama. Ele está sentado sobre suas pernas com as minhas descansando contra seu peito, meus pés por cima do seu ombro esquerdo. Ele está segurando meus tornozelos e me fode como se estivesse tocando violoncelo. Seu pau entra e sai da minha buceta. Suas bolas estão batendo contra a minha bunda, sua mão está esticada sobre o meu baixo ventre até a minha virilha, o polegar no capô e no meu clitóris. Ele está percorrendo todas as escalas, subindo minha paixão pelas oitavas e eu estou cantando para ele.

Estou cantando para ele e decido que quero alcançar uma nota mais alta.

Eu digo: ‘Me bate, Jack. Eu quero que você bata em mim. Que me bata forte o suficiente para me fazer gritar.’

Digo isso no calor do momento, porque estou me sentindo bem e gosto da ideia. Mas não dá muito certo.

Ele para o que está fazendo.

‘O quê?’, ele diz.

‘Eu quero que você me bata, eu quero que você me machuque.’

Jack sai de dentro de mim e senta na beira da cama, só me olhando.

Está escuro e não consigo ver sua expressão direito, mas sei que não é boa.

‘Qual o problema?’, pergunto.

Longo silêncio.

‘Pra quê você falou isso?’, Jack pergunta. ‘Por que você me pediria para fazer uma coisa dessas com você?’

‘Desculpe, eu não quis... Eu pensei...’

E eu desisto de explicar, porque não consigo pensar em uma razão boa o suficiente. Não foi algo que planejei, foi algo que aconteceu na hora. Então não tenho uma boa resposta para ele. Na verdade, não tenho nenhuma resposta.

‘Mesmo que eu fizesse isso, eu não poderia fingir estar gostando’, Jack diz. ‘Eu não consigo nem fingir que quero fazer isso. Eu não quero. Por que eu iria querer te machucar?’

E eu posso ouvir na voz dele que ele não está apenas magoado e confuso, ele está irritado e furioso.

Ele deita na cama, lá do lado dele, e se cobre.

Eu fico me sentindo frustrada, insatisfeita e profundamente confusa. Me sinto triste e idiota, tão idiota, por ter pensado que Jack iria gostar da proposta.

Estamos deitados na cama. Juntos, mas tão distantes, como se houvesse um muro entre nós.

Começo a escutar a respiração de Jack ficar pesada, mas eu não consigo dormir.

Vou para a sala, sento no sofá com meu *laptop*, no escuro, e entro no site pornô para o qual Anna trabalha. Fiquei pensando nisso o dia todo, desde que ela me falou, e agora quero ver o que ela faz e como aquelas marcas apareceram nos seus pulsos.

Vou levantar a mão agora e admitir uma coisa embaraçosa. Eu não tenho muita experiência com pornografia na internet. Filmes pornôs, sim. Pornografia na internet, não – duas feras diferentes. E, sim, eu sei que é quase impossível evitar, mas nunca me interessei muito. Talvez Kinsey tivesse mesmo razão com sua teoriuzinha sobre mulheres e estímulos visuais.

Quando penso em pornografia de internet, eu penso em videogames, figuras de *Star Wars*, personagens de quadrinhos da Marvel, ficção científica e todas as coisas pelas quais os adolescentes *nerds* virgens ficam obcecados para disfarçar sua única e verdadeira obsessão:

Bater punheta para uma busca no Google Imagens.

Eu penso em homens nerds que nunca superam suas obsessões, só as levam para outro nível. De carros de brinquedo para carros de verdade, de bonequinhos a bonecas infláveis. De Google Imagens para YouPorn.

Eu penso em todos os bilhões de homens, em todos os países do mundo, que estão se masturbando com pornografia de internet ao mesmo tempo. Ou talvez nem pornografia de internet. Talvez só o site da Kim Kardashian. Batendo punheta para fotos mal retocadas e nada excitantes das irmãs Kardashian. Eu penso em todos os milhões de homens ejaculando bilhões de espermatozoides simultaneamente sobre fotos da bunda virtual de Kim Kardashian.

Eu penso: que desperdício de bom esperma.

Que desperdício de energia preciosa.

Se ao menos alguém inventasse uma maneira de estocar essa energia na fonte. Ou encontrasse uma maneira de transformar em combustível os bilhões de Kleenex rígidos de porra descartados diariamente. Se alguém descobrisse como fazer isso, a maioria dos problemas de energia do mundo seria resolvida em um piscar de olhos. Acabariam as guerras pelo petróleo. Não haveria mais pegadas de carbono. Nada de resíduos nucleares.

Nem mais um centavo da arrecadação de impostos gasto em pesquisas de fusão a frio.

Apenas bilhões de caras suados sentados na frente de seus monitores de computador com as calças em torno dos tornozelos, se masturbando furiosamente com pornografia de internet e a bunda de Kim Kardashian, dia e noite, noite e dia.

Sem um pingão de culpa.

Então é isso, quando o assunto é pornografia na web, fico em cima do muro. Não sou uma usuária, mas definitivamente posso ver os potenciais benefícios em direção à eterna paz mundial.

Mas este site, o de Anna, mesmo com minha limitada experiência no assunto, deve ser o site erótico mais estranho que já vi. A começar pelo nome.

Sodoma.

Ou melhor, SODOMA, com maiúsculas. Porque a última coisa que alguém exige da pornografia é sutileza.

Sodoma. E não Gomorra. Não porque é sutil demais, mas provavelmente porque é mais difícil de soletrar e parece nome de DST. Porque pornografia e DSTs, bem, digamos que nunca serão melhores amigas.

Então, SODOMA. Um acrônimo. Para as palavras espalhadas pela homepage, também em maiúsculas.

SOCIEDADE DOS MASOQUISTAS.

O que quer que isso signifique.

Olho o site e não entendo nada. Isso não me parece pornografia, pelo menos não da maneira que conheço. Para começar, não há sexo explícito. Nada. Pelo menos, não que eu consiga ver. Só uma galeria e um mecanismo de buscas.

Eu não sei o que buscar e estou com medo do que posso encontrar se tentar. Passeio pela galeria então. Uma coleção infinita de garotas, em retratos que parecem saídos do anuário do colégio, todas excepcionalmente bonitas, quase todas em idade escolar. Olho a galeria em busca de Anna, mas mantenho um olho aberto para ver se encontro mais alguém que conheço.

Me pergunto quantas meninas como Anna devem pagar a faculdade desta forma, com pornografia. Se sou a única que não faz isso. Me pergunto por que garotas bonitas, cuja beleza já abre tantas portas, escolhem usar o que têm para sua desvantagem.

Penso em Séverine. Que tinha tudo, era desejada sem dar nada em troca, e como isso não era suficiente. Séverine, que, mais do que qualquer coisa, queria *ser* nada.

Penso em Anna. E então a vejo.

Clico em sua foto. Abre-se uma nova galeria. Todas as cenas de Anna, cada uma representada por uma miniatura. Eu passo por elas. Há muitas, incontáveis. As miniaturas, elas parecem tábulas minuciosamente detalhadas de tortura medieval retiradas de um manuscrito iluminista.

Os cliques de filme não têm títulos. Anna não tem um nome, nem mesmo um nome de guerra. Ela foi reduzida a um número – um genérico número de dez dígitos. Parece que eu estou folheando um catálogo da Sears de aberração sexual e tortura, ou que eu cliquei para abrir uma janela para a

Caixa de Pandora. Queria nunca ter visto, porque agora eu nunca mais poderei esquecer aquelas imagens.

Por onde devo começar?

Que tal pelo *drilldo*? Parece-me uma boa opção. O primeiro vídeo em que cliquei mostra Anna, um banheiro e um *drilldo*. Se você não sabe o que é um *drilldo*, vou te contar.

É exatamente o que parece. Uma broca (*drill*, em inglês) com um vibrador (*dildo*) na ponta.

A próxima pergunta é: como funciona?

E a resposta é: você realmente precisa perguntar?

Já teve que usar uma furadeira na parede para instalar prateleiras?

Então você já sabe que, uma vez que é ligada, uma furadeira elétrica corta gesso como manteiga. E assim vai até que a broca atinja a parede externa de concreto e pedra. Aí então ela começa a tremer como o inferno. Você troca para o modo ‘martelo’, na esperança de as coisas acalmarem e, quando ela encosta na pedra de novo, a furadeira te dá o coice de uma arma.⁴⁵

Agora imagine colocar isso dentro de você.

Vou fazer uma pausa agora para você absorver a informação.

Uma furadeira elétrica usada de maneiras que o fabricante nunca recomendou e jamais poderia ter imaginado. Um eletrodoméstico transformado em brinquedo sexual.

Não um brinquedo sexual qualquer.

A Magnum.⁴⁵ dos brinquedos.

Pode me chamar de ingênua, mas eu não fazia ideia que isso existia. Eu não tinha noção de que a tecnologia dos vibradores tinha avançado ao ponto de fazer o *rabbit* de pilhas parecer tão ultrapassado quanto um *walkman*. Que a tecnologia dos vibradores tivesse evoluído e entrado no campo do terror e das agressões ao corpo, arrastando junto a desesperada sexualidade feminina, aos gritos.

Dois mil anos de cultura e sete grandes eras na história da humanidade culminando no momento em que um gênio tem a ideia de combinar um vibrador e uma broca. Como se fosse exatamente o que o mundo estava esperando, um brinquedo sexual que pode punir as entranhas de uma mulher a ter um orgasmo a 24 mil rotações por minuto.

Não um brinquedo sexual qualquer.

A Maserati dos brinquedos sexuais.

Criado para mulheres, mas desenhado – como não podia deixar de ser – por um homem. Como se as mulheres já não tivessem sido punidas e torturadas o suficiente pelos designers masculinos. Alguém tinha que inventar o *drilldo*. Agora imagine isso punindo o interior da sua nova melhor amiga.

Eu estou vendo Anna amarrada a um vaso sanitário, em um pedestal de concreto no meio de um armazém grande, escuro, úmido, sujo e assustador. Não há nenhuma introdução para o clipe, nenhuma explicação, nada de enredo, nada de diálogo. Além de Anna, você nunca vê outra pessoa. Não há sombras à espreita no fundo. Não há vozes fora de cena. É como se ela tivesse sido sequestrada, presa e abandonada lá. Talvez esta seja a ideia. Anna me disse que o site tem um público específico e agora entendo por quê. Os filmes são editados de modo que você só pode ver o que eles querem que você veja.

Quando Anna me falou o que fazia, quando vi os arranhados e os hematomas em seus pulsos, fiquei muito nervosa. Porém, meu primeiro instinto ao confrontar isso foi rir. Parece idiota. E tão estranhamente belo.

A pele macia, clara e avermelhada de Anna contra o esmalte branco e duro do vaso sanitário. Ela está curvada contra ele, cabeça e ombros contra a cisterna, a parte inferior das costas encostada ao assento, as pernas estendidas na vertical, em forma de V, suspensas por cordas amarradas ao redor de seus tornozelos, como as que sustentam marionetes, sua bunda e sua xoxota à mostra. Cordas acima e abaixo dos seios passam em volta dela e chegam até atrás, ancorando-a à bacia como um chapéu amarrado à cabeça de uma senhora que frequenta corridas no Kentucky Derby.

Ela parece algo que Marcel Duchamp teria criado se tivesse se aventurado pelo ramo da pornografia.

Uma mulher amarrada a uma privada.

A fantasia de todo encanador.

O *drilldo*.

A ferramenta favorita de Joe, o eletricista.

Junte os dois e o que se tem?

A última palavra em pornografia para trabalhadores braçais.

Este *drilldo* está martelando a buceta de Anna como uma britadeira e seus olhos viraram até a parte de trás de sua cabeça. Seu corpo está tremendo da maneira como sua mão treme quando você está segurando uma furadeira elétrica. Seu corpo todo. Como se ela estivesse amarrada a uma cadeira em um túnel de vento.

E ela está gritando. Do jeito como você grita quando o carrinho da montanha-russa chega na primeira grande curva e tudo o que você vê é aquela imensa queda à sua frente. Um grito de puro prazer e terror inesgotável. Mas seu grito não para, ele apenas se funde com o barulho elétrico do *drilldo*.

Abaixo o volume até o mínimo, mas não parece ser baixo o suficiente. Porque um berro soa lancinante em qualquer altura. Estou apavorada de desligar o som de vez porque tenho certeza que, sem ele, tudo vai parecer dez vezes pior.

Olho para a porta do quarto.

Espero realmente que Jack esteja dormindo.

Tento imaginar por que uma mulher iria querer se submeter a isso. Me pergunto por que Anna quis se submeter a isso. E a resposta está logo à minha frente.

Seus olhos estão vidrados. Há um estranho êxtase estampado em seu rosto. Um olhar que diz ‘eu quero mais’ e ‘não mais’. Ambos. Ao mesmo tempo. Um olhar além dos limites da resistência. Um olhar que eu nunca vou esquecer. Eu não consigo parar de olhar. Eu tenho medo de desviar o olhar. Eu não sei se eu quero foder Anna ou salvá-la.

Não escuto a porta do quarto até ela se abrir.

Até ser tarde demais e Jack estar parado ali na minha frente, pelado e esfregando os olhos de sono.

Bato no teclado, freneticamente.

Desligo o volume.

‘Que horas são?’, Jack pergunta, com voz de sono. Ele está tonto, mas ainda um pouco azedo.

‘Você me assustou’, digo.

Será que ele escutou?

Minimizo o navegador.

Estou apavorada de ter sido descoberta. A paranoia está estampada na minha cara.

Abro o editor de texto.

‘O que você está fazendo?’, Jack pergunta.

Ele escutou. Ele sabe. Ele suspeita.

‘Trabalho para a faculdade’, digo, e suspiro, fazendo um pouco de drama.

Pare com as perguntas. Por favor, pare com as perguntas. Não sou boa nisto. Nesta coisa de culpa.

Jack vai buscar um copo de água na cozinha e volta pela sala.

‘Não fique acordada muito tempo’, ele diz, de pé, olhando baixo para mim.

‘Já vou’, digo.

Ele não sabe, ele não escutou. Eu posso ouvir em sua voz. Eu me sinto idiota.

A culpa de fazer uma coisa errada substituída pela culpa de ser burra.

E então o pau dele me rouba a atenção. Está na altura dos meus olhos. Pau de manhã cedo, gordo e carnudo. Suas bolas cheias e baixas. Às vezes acho que eu poderia adivinhar a hora do dia só pela forma e o tamanho do seu pau, como as sombras num relógio de sol, que se esticam e se encolhem. Eu sei que se pudesse colocar o pau de Jack na minha boca agora, eu poderia chupar toda a decepção para fora dele e iria fazê-lo esquecer qualquer coisa que aconteceu conosco.

Ele volta para o quarto e fecha a porta. Espero para ter certeza que ele não vai voltar. Espero pelo máximo de tempo que consigo. Passo trinta inúteis segundos olhando para a página em branco de um trabalho que não tenho intenção de escrever. Então eu abro o site SODOMA e começo de novo.

Estou assistindo Anna numa jaula de ferro em formato de cachorro, de quatro. A jaula acompanha as curvas do seu corpo tão perfeitamente que parece que foi feita sob medida para ela. Apenas a bunda e a cabeça de Anna não estão envoltas pelo metal.

Pelo que pude perceber, toda a jaula é eletrificada, porque há cabos conectados a ela que caem para fora e cada vez que Anna bate contra as barras, ainda que de leve, ela grita de dor. Igual a um cão.

O clipe é filmado em uma tomada só, não tem cortes, e gira em torno de Anna muitas e muitas vezes, às vezes lentamente, para que você possa observar todos os detalhes.

A câmera passa pelo traseiro de Anna e não posso deixar de notar seus lábios roliços espremidos entre suas coxas, habilmente e totalmente depilados, sem uma única ferida de gilete ou cera, cobertos com gotas finas de suor. Ela é completamente lisa e sem pêlos, com exceção de uma moitinha bem aparada, loira-escura e felpuda, na forma de um pé de coelho.

Em sua bunda há um grande e brilhante plugue anal de alumínio que parece uma bomba de hidrogênio. Dele saem vários fios pretos que estão conectados às barras da jaula.

Os lábios vaginais de Anna estão afastados por grampos de metal. Eles parecem aqueles pregadores de papel que se usa em escritório, mas têm parafusos no topo com fios de cobre em volta, que pairam folgados por todo o caminho até os terminais de uma bateria de carro colocada no chão. É improvisado, com botões para que a força possa ser regulada.

Suponho que tenha sido feito só para causar impacto, porque até eu sei que é bem difícil levar um choque de uma bateria de carro. Um susto, talvez, mas nada letal. Ainda assim, há mais cabos elétricos em volta da região traseira de Anna do que atrás de um quadro de força de um escritório. E isso me deixa nervosa.

Olhando para Anna – doce, sexy, leve e divertida – você nunca suspeitaria o que há por baixo. É como se esta Anna, a que estou assistindo, fosse uma outra pessoa. Não a Anna que senta atrás de mim na sala de aula. Nem mesmo a que arregaçou as mangas e me mostrou as feridas profundas e os hematomas escuros em seus pulsos e braços.

Esta Anna se coloca em risco deliberadamente. Sem saber exatamente no que está se metendo ou como vai reagir. Se vai conseguir aguentar ou se vai se machucar.

Mesmo assim, acho absolutamente hipnotizante. Não consigo parar de assistir. Estou colada à tela. Preciso ver o que vai acontecer a seguir. Estou atraída por ela do jeito que sempre fico pelas coisas que me assustam. Eu me vejo em Anna, assim como eu me vi em Séverine. E eu quero entender o porquê.

NOVE

Hoje uma garota se matou na escola. O nome dela é Daisy. Era Daisy.

Menina bonita. Menina legal. E inteligente. Eu não a conhecia, mas Jack sim. Ela tinha trabalhado no comitê de campanha.

Todo o *campus* estava em estado de choque. Quase dava para sentir no ar. Quando uma coisa dessas acontece, afeta a todos e nos aproxima. *Campi* universitários são como vilas. Todo mundo está ligado a todo mundo por não mais que dois ou três graus de separação. Então todo mundo conhecia alguém que conhecia Daisy. E todos precisam entender, querem entender, ver sentido onde não existe, para que possam lidar com isso, superar e continuar com suas vidas. Mas a morte tem o poder de continuar presente por muito tempo após o fato. Ela tende a permanecer aqui.

E, de qualquer forma, isto continua acontecendo.

Daisy não foi a primeira. Ela foi a terceira este ano. A segunda este semestre. Todas eram garotas que pareciam ter tudo certo. E decidiram que não tinham nada.

Dá para ver que Jack ficou muito mexido. Mas ele insiste em dizer que está bem. Ele é tão macho, à sua maneira. Não admite demonstrar fraqueza, quer que eu pense que ele consegue lidar com isso, e eu sei que consegue, mas fico preocupada mesmo assim.

Bob DeVille fechou o comitê de campanha esta noite, em respeito. Não é uma decisão fácil de tomar com uma eleição a menos de dois meses, mas é a certa. Os funcionários decidiram improvisar uma vigília para Daisy. Bob vai fazer uma aparição para dizer algumas palavras, guiá-los em oração e reunir as tropas. Um líder nato em um momento de luto.

Jack sempre brinca que Robert seria um grande presidente. Eu sempre digo que ele está pensando muito à frente. Bob não se elegeu nem governador ainda. Mas Jack tem grandes esperanças, admira Bob como uma figura paterna, e quem sou eu para dissuadi-lo. Talvez ele esteja certo.

Quero ir com Jack esta noite. Quero estar ao seu lado e apoiá-lo.

‘Não’, ele diz. ‘Você não a conhecia. É melhor que eu vá sozinho.’

E eu entendo por que, mas estou preocupada. Quero ajudá-lo. Ele não está deixando. Ele está me afastando. Estou frustrada. Eu só quero estar ao seu lado e ele me rejeita. E isso acaba comigo.

Quando Jack sai, me sinto abandonada. Não quero ficar aqui, sozinha com meus pensamentos. Tudo que ele precisava dizer era ‘venha comigo’. No entanto, ele não disse. É a sua escolha. Eu não quero ficar com raiva dele, mas não consigo evitar a tristeza. O único jeito de parar de enlouquecer pensando nisso é ligar para alguém.

Telefone para Anna. Ela já sabe o que aconteceu com Daisy.

‘Você a conhecia?’, eu pergunto.

‘Não’, ela diz, ‘mas nós tínhamos um amigo em comum. Um cara.’

Quero conversar com Anna mas não quero falar sobre Jack. Quero falar sobre qualquer outro assunto que não Jack, então deixo escapar a primeira coisa que surge na minha cabeça.

‘Eu dei uma olhada naquele site’, digo, ‘aquele que você mencionou.’

‘SODOMA?’, questiona Anna.

‘Isso. Nunca tinha visto nada daquilo na minha vida. Não parecia pornografia, pelo menos não a pornografia que já vi. Parecia assustador.’

‘Não interessa o que parece’, Anna diz, ‘o importante é como faz você se sentir. Não importa o cenário ou a situação, mas o efeito que causa. O que acontece com seu corpo e sua mente. E se for bem feito, te faz muito bem.’

Anna quer que eu entenda qual a sensação de estar suspensa no ar sem apoio a não ser as cordas que te amarram, ou confinada numa jaula sem a possibilidade de escapar.

‘Eu me sinto completamente vulnerável’, Anna revela, ‘então me deixo levar e é a melhor sensação do mundo.’

‘Eu me sinto hiperconsciente do meu corpo, de todos os músculos e tendões, de cada centímetro. Eu posso sentir meu movimento mais delicado ou a mudança mais suave no meu peso corporal. Eu me torno sensível a qualquer estímulo. Cada movimento do ar em torno de mim. Cada movimento nas cordas, enquanto elas roçam e queimam meus pulsos, tornozelos, em volta dos meus seios.’

‘Não é doloroso?’, pergunto.

‘Cada um tem o seu limite’, Anna diz. ‘O meu é bem alto. Quando estou atada, num primeiro momento, sinto essa sensação de formigamento por

todo o meu corpo, como uma corrente elétrica passando por ele. Aos poucos, meus dedos ficam dormentes por estarem tão apertados, e então este intenso ardor se espalha ao longo de meus braços e pernas. Apenas dor em dor. Até que eu não posso suportar mais. E a dor se transforma em si mesma e então se torna o prazer mais intenso que eu já senti.’

‘Tudo se inverte. Dor vira prazer. Prazer vira dor. E eu vou fazer tudo que puder para aumentar isso, para me assegurar que nunca vai acabar, porque é bom demais.’

‘Eu tive os orgasmos mais intensos da minha vida enquanto estava amarrada’, Anna diz. ‘Orgasmos tão intensos que cheguei a desmaiar, acordar ainda pendurada ali, e a coisa começar toda de novo.’

Anna me conta que você perde a noção do tempo rapidamente quando se está suspensa ou presa, como se estivesse hipnotizada.

‘É como se eu estivesse em transe’, ela diz, ‘um transe erótico. Só estive ali por minutos, mas poderiam ser horas. Estou fora do tempo e tudo parece infinito. E tenho medo do que pode acontecer quando for.’

É neste ponto, Anna diz, pega entre o medo de querer e de não querer, que ela sente que pode enlouquecer.

‘Mas eu me sinto tão viva’, diz. ‘Mais viva do que em qualquer outro momento da minha vida, e em paz. Eu me sinto transcendente.’

Eu nunca ouvi Anna falando assim antes. Ela é normalmente tão risonha e despreocupada. Agora ela está séria e suas palavras são sinceras.

Eu me lembro dessa expressão no rosto de Anna. Agora eu entendo o que ela estava sentindo. Agora eu quero saber ainda mais. Eu quero saber como é estar no mundo de Anna.

Anna acha que já falou demais. Eu sei porque ela desconversa e fica estranhamente calada, então muda de assunto abruptamente.

Ela pergunta: ‘O que você está fazendo agora?’

‘Nada de mais’, respondo.

‘Eu quero que você conheça Bundy’, ela diz, maliciosamente.

‘Claro’, digo.

E nem penso duas vezes. Sei que ainda faltam algumas horas até Jack chegar em casa e não quero ficar sentada aqui sozinha.

dez

Bundy diz: ‘Dê uma olhada nisso.’

E ele passa por uma série de fotos em seu telefone com tanta rapidez que a princípio eu nem consigo entender o que há ali, só vejo um borrão de cores berrantes e closes tirados de ângulos extremos.

Bundy está passando as imagens em seu celular como um vendedor novato nervoso ao dar a sua primeira apresentação de PowerPoint para uma sala cheia de clientes importantes, que se esquece de largar o controle remoto e passa todos os slides de uma só vez. Os slides que ele vem preparando há três dias, sem dormir, para terminar a tempo para isto, sua primeira grande venda.

Tudo acabado, em menos de meio minuto.

Ele fica parado ali, olhando para uma enorme tela em branco, antes mesmo de acabar de falar sobre o primeiro slide, torcendo para ainda ganhar alguma comissão este mês.

Buddy não está nervoso, apenas agitado. Mas ele está tentando me vender alguma coisa. Está tentando me vender a ideia de cheirar uma carreira de cocaína disposta ao longo de seu pênis.

É isso que aparece na maioria das fotos, eu percebo, quando ele permanece numa um pouco mais tempo que nas demais. Um portfólio de garotas fazendo exatamente isso. E este é o seu discurso para os incautos. Não é uma venda fácil, mas ele está dando o seu melhor.

Nós acabamos de nos conhecer. Na realidade, nós fomos apresentados agora mesmo, por Anna. Bundy não diz ‘oi’ ou ‘é um prazer’. Ele diz: ‘dê uma olhada nisto’. E lá vem o seu portfólio de conquistas.

Isso é o que Bundy faz.

Ele percorre clubes, bares, lojas de roupas, lojas de *fast-food* e caixas de supermercado atrás de meninas bonitas. Mas não é suficiente que sejam bonitas. Elas também têm que estar dispostas.

Ele chama isso de ‘fazer novos amigos’.

Provas destes encontros aparecem diariamente em seu site, Bundy’s *Got Talent*, para uma plateia mundial de palhaços.

Parece inócuo. É qualquer coisa, menos isso.

Nas Forças Armadas é o que se chama de *mission creep*, ou mudança de orientação da missão. Quando uma campanha militar ultrapassa seus limites originais e muda de objetivo.

Isto é mudança de orientação da pornografia.

Quando a pornografia ultrapassa seus limites e finge ser algo que não é.

Quase tão logo as novas ‘amigas’ de Bundy são apresentadas, ele saca sua câmera e tenta ao máximo incentivá-las a fazer uma de três coisas, ali mesmo.

Botar os peitos para fora. Mostrar a buceta. Chupar pau.

Num bom dia, todas as três.

Num dia ruim – e, diga-se de passagem, a maioria dos dias é ruim – Bundy aceita o que vier. Ele vai se contentar com menos, pois menos ainda é melhor do que nada e Bundy não é muito exigente. Num dia ruim, ele vai conseguir o que é conhecido no ramo como um flagra, uma fotografia tirada sem a pessoa posar. Uma foto que se encaixa em uma das seguintes subcategorias: a blusa abaixada, a saia levantada, a virilha à mostra, o mamilo à mostra, a xoxota à mostra, e assim por diante.

Bundy parece se considerar o Simon Cowell da pornografia na internet. O curador do entretenimento adulto, um Svengali do talento sexual – porque é assim que ele gosta de chamar as meninas que sucumbiram a seus encantos duvidosos. Talentos.

Isso é outra coisa que Bundy faz.

Ele compra o acesso, os relacionamentos, o patrocínio a pessoas, lugares e coisas através de seu extenso portfólio de meninas em poses explícitas. Para ele, é um caso de oferta e demanda, a lógica do mercado. Bundy é um verdadeiro capitalista.

E ele tem muito orgulho desse *status* e fica com o ego inflado ao se chamar de pornógrafo. Bundy se considera um artista. Um destemido cronista do sexo e o único homem – ele próprio – na Idade Moderna.

Na realidade, há um vasto abismo entre o que Bundy acha que é e o que ele de fato é.

Um fotógrafo de profissão. Um pornógrafo por padrão.

Na teoria, um *paparazzo*. Na prática, um predador sexual com uma câmera.

Bundy gosta de se chamar de empreendedor da internet e engenheiro de mídias sociais.

Estou mais inclinada a chamá-lo de *hipster* babaca.

Você já o odeia.

Não o odeie.

Anna me diz que Bundy tem uma porção de qualidades. Elas simplesmente não são imediatamente óbvias. No entanto, elas estão lá, se você ignorar o sorriso, o olhar malicioso e o cinismo extremo que permeiam toda e qualquer coisa que ele faz. Porque ele é amigo de Anna, eu quero gostar dele também. Ao mesmo tempo, estou mais do que ciente de que Bundy é o tipo de cara sobre o qual sua mãe sempre te alertou, aquele que ela lhe disse que era ‘uma má influência’.

Pelo menos com este tipo de homem, como Bundy, não existe a pretensão de ser algo mais. Eles são o que são. Bundy é definitivamente focado. Só que para os objetivos errados.

Mas devo admitir. Ele é uma companhia divertida. Você nunca sabe o que vai acontecer, onde vai parar, ou com quem.

Estamos num bar. Um dos redutos de Bundy. O Pão com Manteiga, um bar de esquina normal que chamam de restaurante. Há sujeira no chão, sujeira nas paredes, bancos de vinil rachados, copos lascados e um banheiro que não dá descarga; bagunça e desordem acumuladas ao longo de anos, o que transmite uma certa autenticidade para as pessoas que não têm nenhuma – o tipo de gente de Bundy – e que invadiram e tomaram conta deste estabelecimento uma vez desprezioso.

Só há um atendente no Pão com Manteiga: um cara que só tem um nome, Sal, um grisalho veterano de guerra, ítalo-americano, que está aqui desde

que o lugar abriu e se ressentiu profundamente pela forma como o bairro mudou, especialmente o seu bar. Então Sal decidiu que seria muito melhor insultar seus clientes em vez de servi-los bebidas. Ele insulta sua aparência, seus costumes, seus pais e, se isso não funcionar, sugere que eles são fruto de incesto, qualquer coisa para irritá-los. E as pessoas pensam que é parte do charme do local, o que só o deixa ainda mais furioso. Porém, Sal teve de se curvar ao inevitável, já que agora está ganhando mais dinheiro do que nunca. Ele está fazendo dinheiro a rodo, mesmo sem entender como, já que, até onde ele sabe, nenhum desses jovens têm emprego.

Sal trata muito mal seus clientes, mas simpatiza com Bundy. A razão é bem simples. Bundy dá publicidade gratuita a Sal ao postar em seu site os talentos que encontra por lá. Em troca, Sal lhe oferece bebidas de graça. E, eu tenho que admitir, Bundy faz disso uma arte.

Usa bebidas grátis para conseguir bucetas grátis. Usa bebidas grátis. Para conseguir bucetas grátis.

Com a tecnologia sendo o que é, ele pode postar as fotos com o conteúdo direto de sua câmera. Elas vão ao ar quase no segundo em que foram tiradas.

Esta é a filosofia de Bundy.

Enviar primeiro. Pedir permissão depois.

Porque Bundy já considera o ato em si uma permissão declarada. E ele vai transformá-la em uma estrela antes mesmo que ela possa limpar o esperma dos cantos da boca.

Bundy diz ‘você não é como as outras meninas.’ E eu sei que ele está me passando uma cantada que provavelmente funcionou milhares de vezes antes. Mas não agora.

‘Como assim’, digo, ‘por que minha boca está conectada ao meu cérebro e não ao seu pau?’

Ele finge não ouvir.

Bundy pega uma bebida para nós, eu e Anna. Ele traz a minha errada. Eu pedi suco de laranja. Recebi um Hi-fi. Ele achou que eu não repararia.

Belo truque.

Imagino que ele deva pensar: ‘ela já está bêbada? Qual o problema de mais um? Mais vai deixá-la relaxada.’ E ele se assegura de que os copos

nunca fiquem vazios. Então as fotos virão à tona de novo e não irão parecer tão idiotas e abusivas. E assim vai. Baixando a guarda. Posso sentir.

O que Bundy não sabe é: eu não bebo.

E a última coisa que quero é sair no site dele como isca para um idiota navegando na internet procurando estímulo para bater punheta.

Bundy's Got Talent é só um de seus vários sites. O principal de um conjunto de publicações que glorificam a visão escrota que Bundy tem sobre a vida, sexo, sexualidade, mulheres e si mesmo.

Ele gosta de pensar que cada site exprime um aspecto diferente da sua personalidade, da mesma forma como as pessoas usam diferentes pares de óculos de acordo com o humor. Só que, assim como os óculos, o que você vê não muda. A única coisa que é realmente diferente é a cor da armação. E a personalidade de Bundy só vem em um tom.

Desta forma, os sites de Bundy, todos eles são essencialmente intercambiáveis. Títulos diferentes. Mesmo conteúdo. Mais oportunidades para vender publicidade.

‘A graça de Bundy é’, diz Anna, daquele jeito doidinho, sonhador, completamente cativante dela, ‘você nunca saberia, mas ele é uma espécie de gênio.’

Eu não estou convencida.

A espécie de gênio de Bundy cria uma página chamada *Defloradores Ardentes*, para atender à sua predileção por meninas jovens, meninas burras, meninas que não sabem o que ele está fazendo.

Ele criou outro chamado *Xaninhas de Algodão Doce Caramelo* para mostrar seu lado doce e romântico. Seu lado que usa um chaveiro infantil da Hello Kitty.

E não podemos esquecer CFV – *Cai Fora Viado*. Para expressar o medo de Bundy de parecer gay. Não é um caso qualquer de homofobia. É homofobia disfarçada de ironia.

Como se houvesse diferença.

Tudo parte da cartilha dos *hipsters* que Bundy segue.

Racismo como um comentário social. Intolerância como um símbolo de orgulho. Misoginia como uma opção de vida. Ironia como uma criação de

tendência.

Membros de gangue que cometeram um assassinato particularmente cruel tatuam uma lágrima sob os olhos, num aviso claro a todos os seus rivais que eles passaram no teste e são FPC – fudas para caralho.

Bem, Bundy não tem uma lágrima. Ele tem um donut da Krispy Kreme do tamanho de uma lágrima. Com um turbilhão de glacê rosa.

Na Rússia, membros de gangues condenados, entediados em seus *gulags* isolados, matam o tempo fazendo tatuagens de um rastro de lágrimas, miséria e violência em seus corpos – crânios e facas, cabeças cortadas e as cenas da crucificação – que se propõem a contar a verdadeira história de quem as carrega.

Bem, a de Bundy conta a história de sua personalidade, e também não é uma imagem bonita. É como uma paródia de arte corporal. Uma paródia de uma paródia de arte corporal ruim. Como se Deus tivesse decidido fazer dele um exemplo, um tolo ambulante e falante coberto de tatuagens que têm vergonha de serem chamadas de tatuagens.

Não menos importante, o orgulho e a alegria de Bundy. A tatuagem que faz você pensar que talvez, apenas talvez, Paris Hilton não seja o código genético mais idiota ao andar no planeta. Ou então, talvez o tipo de gênio que Albert Einstein sempre aspirou a ser.

Esta tatuagem é realmente o segredo do sucesso de Bundy, se é que pode-se chamar assim, com as mulheres.

Mas não comigo.

Bundy já decidiu que eu sou uma causa perdida e está procurando carne nova. Ele encontrou uma menina que parece ter potencial. Uma menina bonita, *geeky* e moderna com óculos de armação quadrada, batom preto e uma camiseta do Mayhem. Tentando ser do *black metal*, mas falhando terrivelmente.

Anna diz: ‘Apenas observe.’

E eu posso ver Bundy em ação. Posso acompanhar a coreografia. E é simples, na verdade. E eu percebo que Anna está certa. Tão simples que é quase genial.

Bundy está conversando com a menina, e ele sabe que ela está no papo mas ainda está se fazendo de difícil. Então ele puxa uma carta da manga.

Bundy diz: ‘Eu prometo que quando você vir o meu pau, vai querer colocá-lo na boca. Eu garanto. Eu tenho certeza.’

Ele fala isso com a voz de gatinho mais fofa que consegue produzir. E, só para ter certeza, ele também faz olhar de cachorrinho. Porque ele sabe que, se chegou até aqui, se elas ainda estão de pé na frente dele, ouvindo o que ele tem a dizer, se se apaixonaram por isso, então elas provavelmente irão até o final e não irão precisar de muito mais persuasão.

E Bundy bota seu pau para fora. Deixa-o pendurado fora da calça para a menina-bonita-*geeky*-e-moderna-que-quer-ser-do-*black-metal*-mas-falha-terrivelmente entender exatamente o que está vendo.

A cabeça do pênis de Bundy.

Com ME tatuado na parte de cima.

E COMA inscrito na parte de baixo.

Como o cogumelo de *Alice no País das Maravilhas*, mas aqui não faz diferença de que lado se morde.

E eu não sei de quem tenho mais pena.

Do tatuador que teve que escrever aquilo ali.

Da garota que vai botá-lo em sua boca.

Bundy.

Ou seus pais.

Coitados de seus pais.

Os pais de Bundy eram *yuppies*.

Você o odeia ainda mais.

Não o odeie. Deixe-me terminar.

Os pais de Bundy eram *yuppies* que enriqueceram num boom bancário, lá pelos dias em que *yuppies*, AIDS, Madonna e crack eram as maiores coisas acontecendo. ‘Eram’ no sentido literal. Logo após o nascimento de Bundy, eles perderam tudo. Em compras regadas a crack, adquirindo coisas que jamais precisariam e certamente não queriam. Coisas que venderiam depois quase pelo preço de custo para comprar pedras de crack que, com a inflação, custavam mais do que um grande diamante bruto encontrado em Serra Leoa. Então, sim, Bundy passou por algumas dificuldades ao crescer. Isso é o que ele me diz, numa cartada final, para que eu fique com pena.

Tudo isso aconteceu em algum momento da década de 1980, mas se você for perguntar a Bundy, ele vai ser um pouco vago com as datas, não tão específico nesses detalhes importantes, como quando ele nasceu. O máximo que consegui arrancar dele foi isso.

‘Foi depois das fitas cassete de oito faixas e antes dos CDs’, ele diz. ‘Quando The Police ainda era legal, antes de ficarem chatos. Em algum momento entre discos de sucesso, possivelmente depois de *Thriller* e antes de *Purple Rain*. Ou talvez o inverso.’

Bundy diz que não consegue lembrar porque era apenas um bebê. A MTV ficava ligada o tempo todo e ele ficava plantado na frente dela em seu berço inflável enquanto seus pais cheiravam carreiras de cocaína do tamanho de charutos cubanos em cima de uma mesinha de vidro manchada, através de canudos de prata monogramados.

Mas a MTV naquela época era só um apanhado de cabelos volumosos e delineador, baterias Linn e sintetizadores Roland, e era difícil distinguir Duran Duran de Kajagoogoo ou Mötley Crüe.

Bundy diz: ‘Foi depois de Martha Quinn e antes de Downtown Julie Brown. Não, espere... entre Adam Curry e Kurt Loder.’

Ele está tentando me fazer pensar que ele tem Asperger ou uma brilhante recordação de todos os VJs da MTV na ordem em que apareceram pela primeira vez. Mas eu não tenho ideia de quem ele está falando, porque quando eu nasci, VJs da MTV eram uma coisa do passado e MC Hammer estava tentando emplacar seu retorno como um *gangsta rapper* nascido de novo.

Por tudo que ele me contou, posso deduzir três coisas. Bundy é bem mais velho do que parece. Velho demais para ter a aparência que tem. E, definitivamente, velho o suficiente para ter mais noção.

Os pais de Bundy também lhe deram um nome do meio, Royale – com um ‘e’ supérfluo – achando que iria conferir *status* de rei ao primogênito, quando na verdade tudo que parece é um sabor especial de sorvetes Ben and Jerry’s.

Cereja Garcia.

Cereja Garcia Royale.

Bundy Royale Tremayne.

E aí você tem mais ou menos a raiz de todos os problemas de Bundy. Charles Foster Kane tinha fixação pela mãe. Bundy Royale Tremayne tem o nome. Dado a ele num capricho na noite após o dia em que seus pais tiveram uma imensa rebordosa. Foi quando, sentindo-se terrivelmente mal, sua mãe decidiu largar as drogas.

Isso aconteceu em algum ponto do segundo trimestre da gestação. Foi a grande descoberta dela. Que uma dieta baseada em crack, bolinhos recheados, salgadinhos de queijo e vinho tinto barato não era a ideal para a saúde de seu bebê em formação.

Para os pais de Bundy, esta foi uma decisão tão importante que resolveram marcar a noite na memória escolhendo o nome de seu primogênito. O crack não é muito propício para planejamentos a longo prazo, então eles o nomearam em homenagem ao que estava passando na TV na hora. Eles decidiram pelo nome durante o intervalo comercial de um documentário criminal, em homenagem a um detestável *serial killer* e alguma jogada de marketing barata planejada para vender *junk food* para drogados.

E Tremayne, embora pareça nome de médico da novela *General Hospital*, era somente parte do acordo.

Como se tudo isso não fosse levar a uma enorme crise de personalidade mais adiante, quando o adorável bebê começasse a andar, falar, cagar e pensar por si mesmo.

Dizer que Bundy nasceu com uma deficiência é um grande, grande eufemismo. Mas eu tenho que dizer, ele lidou com isso de forma admirável. Ele conquistou muitas coisas, dadas as circunstâncias.

Ele é quase famoso. Certamente notório.

O mundo está aos seus pés.

E garotas meio piranhas com baixa autoestima se ajoelham à frente dele.

Bundy já avança para a vítima número três em menos de uma hora. Ele está aquecido agora, então não deve demorar, talvez nem noventa segundos, até que seu pau esteja para fora da calça aberta, com a tatuagem pronta para inspeção.

Pelo que posso ver, do lugar em que eu e Anna estamos sentadas, no bar, o pau de Bundy parece uma daquelas linguiças cozidas alemãs, feitas de

uma carne doce muito pálida, temperadas com ervas e envolvidas em uma pele emborrachada e grossa, que parece um preservativo de porco. Você não come a pele e nem gostaria. Para cozinhá-la, você deixa a linguiça em uma panela de água quente retirada da fervura, então fura a pele e a descarta.

Ou então você segura a linguiça quente delicadamente entre o polegar e o dedo indicador de ambas as mãos, coloca seus lábios num pequeno buraco no topo dela, e chupa e chupa e chupa, até que a pele deslize para trás e a carne aterrisse em sua boca.

O pau de Bundy parece uma dessas linguiças. Curto, grosso, atarracado e pálido, com uma cabeça plana e larga, como um cogumelo ostra ou um chapéu de papel sobre o qual alguém sentou numa festa. E com ME COMA gravado em torno dele em grossas e pretas letras góticas.

Se isso não parece muito apetitoso, se isso soa como o tipo de coisa que você não gostaria de colocar na sua boca, então é por aí.

Não é o tipo de coisa que eu gostaria de colocar na minha boca. Mas isso não impediu nenhuma dessas meninas.

Isso também não as impediu de cheirar cocaína em seu pau. Talvez elas tenham achado que era uma concessão fácil de fazer. Para que não tivessem que descobrir se o gosto é tão ruim quanto a aparência.

E eu tenho pena delas. Não porque elas fizeram uma concessão. Mas porque elas fizeram isso em troca de tão pouco.

Não é nem uma carreira.

Mais para um montinho de pó.

E qual o problema com caras que têm pirus pequenos, hein?

Eles sempre têm que provar alguma coisa, sempre querem mostrar o seu valor. Eles sempre têm que dizer o quão grande o pau deles é. Como as mulheres sempre dizem o quão grande o pau deles é. E eles mandam mal por uma única razão.

Porque ‘grande’ é um termo muito relativo.

Quando você finalmente o vê, depois de toda aquela propaganda, não dá para não ser uma decepção, e você tenta não demonstrar. Porque, na realidade, ‘grande’ não é maior do que uma linguicinha de aperitivo com aqueles nós de pele na ponta.

E os que não querem te falar o tamanho, os que acham que são mais espertos, eles vão então tentar te mostrar.

Eles sacam um monte de fotos Polaroid mal tiradas por eles enquanto fodiam uma namorada e fingem que é um projeto de arte.

Homem grande. Pinto pequeno. Provar algo a alguém.

Porque eles acabaram de descobrir o que todo mundo em Hollywood, todo mundo na indústria pornô, já sabe há anos e anos e anos.

Tudo parece maior na tela.

Tudo, mas tudo.

Seja o Tom Cruise.

Ou um pênis de três polegadas.

Porque, ao contrário do que você possa ter ouvido por aí, a câmera sempre mente.

Ou então eles podem tentar lhe mostrar no celular fotos de uma garota solitária qualquer que ele e seu melhor amigo pegaram num bar uma noite e a encheram de bebidas compradas com o cartão de crédito do papai até ela estar quase em coma alcoólico. Em seguida, eles a arrastam para seu apartamento, praticamente inconsciente, a jogam no sofá e fodem com a cara dela. Primeiro, um de cada vez. Então, os dois ao mesmo tempo.

Eles fodem com a cara dela até os dois gozarem. Simultaneamente. Enquanto dizem a si mesmos que não foi porque estavam esfregando o pau no do melhor amigo na boca da mesma garota.

Mas sim porque ela pagou um boquete muito gostoso.

Eles também podem foder com a cara dela até ela acordar, entender o que está acontecendo, e vomitar.

O que acontecer primeiro.

Bundy tem um site para isso também: *O que as Garotas Querem*.

Sem ironia.

Dedicado exclusivamente ao arquivo pessoal de garotas de Bundy, em variados estágios de nudez e embriaguez, com a boca na botija.

Muito embora eu não acredite que tenha muito público além do próprio Bundy. E das mulheres que aparecem lá, que só entram para repetir o mantra:

Nunca aceite bebidas grátis de estranhos em bares.

O bar está começando a encher agora. O fã-clube de Bundy já descobriu onde ele está pela localização do GPS nas fotos postadas há menos de meia hora. Ele está começando a atrair uma multidão. As coisas estão saindo do controle.

Esta pobre menina está chupando o pau de Bundy com sua linda boquinha e há uma porção de babacas em volta deles. Um bando de babacas terrivelmente deslocados num bar moderno. Eles estão virando *shots* de Jäger e Jack Daniel's e dando socos no ar, gritando:

BUN-DEE.

BUN-DEE.

BUN-DEE.

E aquilo tira a liberdade dele. Compreensível.

Então Bundy tira algumas fotos, porque isso é tudo que precisa, sobe para o site, e sai.

Ele pendura a câmera no pescoço, vira para mim e Anna no bar e diz: 'Vamos embora.'

E nos separamos.

onze

É cedo quando eu vou para cama. Três, pelo menos, talvez quase quatro horas. Eu não esperava ficar fora tanto tempo. O quarto está escuro e quieto. Acho que Jack está dormindo.

Mal encosto a cabeça no travesseiro, ele pergunta: ‘Onde você estava?’

‘Desculpe’, digo.

Ele questiona de novo. ‘Onde você estava?’

Eu não posso contar.

‘Com Anna’, digo.

Meia verdade.

Espero a conversa continuar. Não continua. Ele não está feliz. Eu sei que ele não está feliz.

‘Jack’, digo.

Nenhuma resposta.

‘Jack?’

Eu me viro e toco seu braço. Ele recua e se afasta de mim, virando para o seu lado da cama, longe de mim.

‘Jack, desculpe’.

O que mais eu posso dizer?

Nenhuma resposta. O silêncio é ensurdecedor. Eu quero gritar só para acabar com isso, só para ele ter que me responder.

O quarto está escuro e quieto. Um longo silêncio.

Então ele diz, friamente: ‘Conversaremos pela manhã, Catherine.’

Nós não conversamos pela manhã. Eu perdi a hora, e Jack não está. Odeio acordar quando Jack já saiu. Algumas pessoas têm medo de dormir sozinhas. Eu tenho medo de acordar, sem saber se o novo dia vai me receber com uma cama vazia, sem ninguém para me abraçar.

Eu chamo seu nome: ‘Jack?’.

Nenhuma resposta.

Sei que ele não está feliz. Me sinto podre, carregada com o pavor de um dia inteiro sem saber se sua raiva vai ter diminuído quando ele chegar em casa. E o que vai acontecer se não tiver.

A raiva de Jack é como o oceano enfurecido, que explode para cima, sem nenhuma preocupação com a destruição que provoca, nenhum remorso pelo que fica preso em seu caminho, e não há maneira de evitá-la, não há maneira de aplacá-la. Não é uma raiva violenta, mas uma raiva calma, um desalinhamento da paixão que impulsiona tudo o que ele faz. E então a única coisa a fazer é esperar do lado de fora, até que o vento diminua, até que diminua e desapareça. Até que a calma prevaleça. Mas isso não torna mais fácil de suportar.

Faço o que costumo fazer para acabar com a ansiedade, para acalmar a voz na minha cabeça que não para de falar. Eu me masturbo.

Fecho os olhos, passo os dedos entre as coxas e penso em Jack, ainda dormindo, como se nada tivesse acontecido. Como se ele não tivesse acordado quando fui deitar. Como se ele estivesse completamente alheio ao horário. Se eram quatro, três ou dois ou uma da manhã.

Eu o acordo com um beijo na testa, meu lindo príncipe, e o assisto despertar de sua soneca. Ele olha para mim, ainda zozzo, e diz: ‘Eu te esperei acordado, mas estava exausto.’

Ele não diz: ‘Onde você estava?’, frio e acusatório.

Mas: ‘Quando você chegou?’

E eu minto. Uma grande mentira esta vez, mas uma mentira branca, para ele não sair por cima.

E ele sorri: ‘Senti saudades.’

Jack começa a me beijar, suavemente, docemente, puxando meus lábios com os seus.

Ele apalpa meu peito, acaricia o mamilo com o polegar.

Eu abaixo a mão e me toco onde todo o suor repousa, onde o cheiro do meu sexo é mais forte. Eu me toco e então lambo meus dedos e me toco um pouco mais.

Delicadamente, ele morde meu lábio superior e o chupa. Puxa meu mamilo, rolando-o entre o polegar e o indicador.

Eu o sinto endurecer.

Eu sinto Jack endurecer.

Eu sinto que estou ficando molhada.

Eu molho meu dedo, passo-o pela minha buceta e imagino que é a língua dele, molhando meus lábios vaginais, sentindo-os vibrar e inchar, circulando meu clitóris e brincando com ele. O sangue sobe para minha cabeça, para meu clitóris. Fico tonta.

Eu sinto a cabeça do seu pênis batendo contra a minha coxa enquanto ele rasteja sobre mim, posicionando-se acima de mim, pronto para entrar. E eu viro para o lado para acomodá-lo, dobrando a parte superior da perna na altura do joelho, como uma dançarina de Can-Can, para lhe dar uma visão clara da pista de aterrisagem.

Ele pega seu pau com as mãos, direciona-o para minha buceta, em direção ao buraco, que está úmido. Ele entra nela, apenas o suficiente para molhar a pontinha. Puxa para fora e desliza a cabeça para cima da minha buceta, me fazendo escorregar em meus próprios fluidos.

Ele mete em mim de novo, só a cabecinha. E fica ali. Nem dentro, nem fora. Só esperando. Atiçando.

E meu dedo circula ao redor do buraco, pegando meu suco e espalhando-o em o meu clitóris, molhando-o, acariciando-o, sentindo-o palpitar.

Jack mete em mim.

Enfio um dedo em mim. E começo a gemer.

Seu pau arromba meu buraco. E eu sinto minha buceta se fechar em volta da glândula.

Dois dedos agora.

E ele mete inteiro devagarzinho. Atiçando. Ele mete tudo até estar pressionando a minha pélvis. Eu posso senti-lo duro, pressionando contra meu assoalho pélvico. E ele se mantém lá. Provocando.

Enfiei os dedos até o meio, e agora quero que entrem inteiros. Estou afundando meus dedos o mais profundamente que consigo. Eles estão escorregadios com meus fluidos, espessos e pegajosos, e brancos como a neve.

Ele muda seu peso, gira os quadris um pouco, como se estivesse pilotando um navio, girando o timão para deslocar o leme. Posso sentir seu pênis se mover dentro de mim, roçando ligeiramente contra as paredes carnudas e macias.

E de repente sinto que estou prestes a gozar. Posso sentir uma onda se formando dentro de mim e eu não posso pará-la. E não quero. Eu quero ser sobrecarregada de sensações. Eu posso senti-lo dentro de mim e eu quero gozar.

Vou gozar.

E quando gozo, chamo seu nome. Porque eu quero que ele ouça, mesmo que ele não esteja lá.

Jack. Eu vou gozar.

Jack, estou gozando.

Estou gozando, Jack.

Jack...

Tenho espasmos de prazer quando o orgasmo me atinge. Minha buceta aperta meus dedos e eu posso sentir os lençóis molhados embaixo de mim. Mas eu não terminei ainda. Eu não estou satisfeita.

Minha buceta é como um gato que está faminto o tempo todo. Um gato que não sabe a hora de parar de comer. Minha buceta está faminta o tempo todo. E eu não consigo parar de alimentá-la. Então, mudemos de cenário.

Desta vez, Jack chega em casa, ainda louco de raiva. E eu só quero que isso acabe, quero que isso seja assunto encerrado.

Agora.

Então encaro a situação, dou uma desculpa para ele e aguento as consequências. E quando tudo acaba, nós dois nos sentimos purificados, ambos nos sentimos crus, emocionados e conectados novamente. Nós dois queremos fuder.

Porque não há nada como sexo de reconciliação para preencher um vazio e cicatrizar as feridas. Bruto, raivoso e frenético, como a primeira vez que vocês fuderam. Quem sabe se é a última.

Não na cama, em qualquer lugar, menos na cama. Talvez contra a parede. Eu encarando a parede, mãos para cima como se eu a segurasse para não cair sobre nós, minha saia levantada sobre minha bunda, minha calcinha em volta dos joelhos, estou na ponta dos pés. Jack me come por trás. E tudo que eu consigo pensar é: 'Mais forte!'

E ele deve ter me escutado, porque ele obedece. Tento ficar ainda mais alta na ponta dos pés para que ele possa meter mais fundo, e é tão gostoso que minhas pernas ficam bambas.

Estou inclinada sobre a mesa de café e Jack está me fodendo por trás novamente. Não no estilo cachorrinho, mas no estilo sapinho, descansando sobre as pernas traseiras, com as mãos apoiadas na minha lombar, me comendo com força. E parece que seu pênis vai perfurar minha buceta e avançar direto sobre a mesa, como um *drilldo* humano. E nós vamos ficar presos lá. Aparafusando e aparafusados à mesa.

Estamos fodendo no balcão da cozinha. Meus joelhos estão sobre os ombros de Jack. E ele está na ponta dos pés agora para que possa ficar no ângulo certo. Deslizo para frente e para trás no balcão enquanto ele mete em mim e fico com medo de cair. Passo as mãos atrás de mim procurando alguma coisa para segurar. Minhas mãos encontram a parede, encontram a prateleira de temperos que fica nela e eu acho que vai servir. Mas ela racha quase imediatamente e sai em minhas mãos, espalhando especiarias por todo o balcão. Jack está me comendo e minha bunda está sendo esfregada em cominho, gengibre, alho, sal e pimenta. Estou marinando em meus próprios sucos e minha bunda está pronta para ser cozida, mas eu gozo várias vezes antes que ele esteja pronto para depositar seu fermento no meu forno. E enquanto eu gozo, meu ânus se contrai e suga uma pitada de pimenta. A dor é insuportável. Meu cu está ardendo e minha buceta está pegando fogo. As chamas consomem meu corpo e lambem meu cérebro. Nós dois estamos queimando no calor do nosso amor.

Estou deitada no chão duro, de barriga para cima, meus braços e pernas estão enrolados em torno dele, como um filhote de macaco ao pai. E Jack está me comendo com tanta força que eu quero gritar, mas em vez disso cravo minhas unhas profundamente em suas costas e o arranho até os ombros. Acho que tirei sangue dele, mas ele deve ter gostado, porque está metendo ainda mais forte. Na hora que gozamos, já percorremos todo o corredor, da porta da frente até o banheiro, e eu tenho queimaduras por todas as minhas costas devido à fricção contra o chão.

Avanço por todas essas histórias na minha cabeça, como se estivesse zapeando os canais eróticos num hotel, tentando aproveitar os *trailers*. E eu alterno entre eles, enquanto me coloco em um estado de estupor. Me masturbo até meus dedos ficarem doloridos e minha buceta ralada. Até que eu não aguento mais de prazer. Até que me sinta quebrada.

Estou deitada sobre a cama, toda enroscada em lençóis molhados, meu corpo exausto, minha mente flutuando em algum lugar entre meio-sono e inconsciência. E eu me lembro que, na noite passada, tive um sonho estranho. Pelo menos, acho que foi um sonho. Mas eu não posso ter certeza e não tenho como saber. Tudo que eu tenho é a memória, a sensação de saber.

Lembro que antes de adormecer, ouvi um tambor. A batida de um grande bumbo, lenta, insistente, reverberando como o som do oceano. Eu o ouvia longe, depois mais perto, e mais perto, até que estava em cima de mim, percorrendo todo o meu corpo, dos pés até a cabeça.

Vibrações passavam por mim em ondas, deixando em seu rastro uma sensação de formigamento quente. Nos dedos das mãos e dos pés, ao longo dos meus braços e pernas e girando em torno da minha barriga.

E, em seguida, o tambor estava dentro de mim, um pulsar constante em minha virilha, uma batida cada vez mais alta na minha cabeça, até que uma galáxia de estrelas explodiu na frente dos meus olhos. E eu voava através delas, girando como um giroscópio, flutuando em uma direção, depois em outra. Ou elas voavam através de mim, porque estava fixada no lugar. Não podia me mover. Estava dentro do meu corpo e fora dele ao mesmo tempo. Eu era uma galáxia de estrelas.

E então tudo ficou preto. Um breu. Como se alguém tivesse desligado a luz do universo. Eu estava no espaço sem início e sem fim. Sem luz. Sem som. Eu estava anestesiada. Imóvel.

E eu pude sentir alguém puxando meu pijama. Eu não lutei, eu não senti medo. Eu o deixava cair longe do meu corpo.

Eu estava sendo carregada, nua, nos braços de um homem. Carregada como um bebê em braços tão grandes que pareciam me envolver completamente. Braços tão peludos que parecia que eu estava enrolada em um casaco de penas. Nestes braços, eu estava balançando e rolando como um barco no oceano, mas me sentia segura – mais segura do que nunca – e aquecida.

E o calor, eu percebia que não era o calor dos pelos de seus braços, nem da sensação de segurança, mas sim o calor do sol. Resplandescente, sol da tarde, ainda brilhando, e caindo sobre mim. Uma luz branca me cegando. Um calor branco me envolvendo.

Eu podia sentir o pulsar constante em minha virilha novamente, mas minha mente estava clara. Absolutamente clara, alerta e consciente. Eu podia ouvir vozes ao meu redor. Vozes insultando e zombando de mim. E de repente me sentia totalmente exposta e constrangida com minha nudez. Queria desesperadamente me cobrir e desaparecer. Mas não havia nada à mão, nada, exceto o sol. Então eu o agarrava e o envolvia em torno de mim como uma toalha. Tudo ficou preto novamente e eu me arrepiei.

Acordei do sonho sobressaltada, e Jack não estava lá. Me senti terrivelmente triste, sozinha e ansiosa. Então, me toquei.

Jack não chega em casa até quase meia-noite. Tenho certeza que é só para me espezinhar. Corro para recebê-lo quando ouço a porta abrir. Tento abraçá-lo, mas ele me afasta.

‘Catherine, precisamos conversar’, Jack dispara, impassível.

Uma onda de medo toma conta de mim. Ele ainda está com raiva, e eu não sei o que está por vir.

Ele entra na sala e senta-se em um canto do sofá, inclinando-se para frente com as mãos entrelaçadas. Sento-me no outro extremo, como uma criança esperando ser repreendida.

‘Eu acho que deveríamos dar um tempo’, diz.

Ele nem me olha nos olhos.

Sinto como se tivesse levado um soco no estômago. Como se o meu mundo houvesse desabado em torno de mim.

Eu não entendo, digo, e ouço minha voz resmungando. ‘Por quê?’

‘Você tem agido de forma estranha’.

‘Como assim?’, questiono.

‘Você sabe como’.

Eu realmente não sei do que ele está falando. Estou entrando em pânico porque ele está me cortando e eu sei que não vai me dar abertura.

‘O que eu fiz?’

‘Se você não sabe, não há mais nada que eu possa dizer’, Jack sentencia.

‘Por favor, Jack. Não seja assim’, imploro.

Lágrimas estão brotando em meus olhos, mas eu estou tentando me controlar.

‘Não podemos falar sobre isso? O que eu fiz de errado?’

‘Vou ficar ausente muitas vezes nas próximas semanas’, ele diz. ‘É uma boa hora para nos distanciarmos.’

E ele fala isso porque já tomou sua decisão e não vai me dar uma oportunidade de argumentar.

‘Jack, por favor...’

Estou chorando agora e suplicando através das minhas lágrimas.

Ele não se mexe.

‘Eu vou embora amanhã’, diz.

É a primeira vez que ele fala sobre isso.

‘Por quanto tempo?’, eu questiono soluçando.

‘Alguns dias’, ele diz.

Isto é tudo que ele vai me falar.

‘Nós não estamos terminando’, Jack diz. ‘Eu só preciso de um pouco de espaço.’

‘Ok...’ resmungo. Eu não gosto da ideia, mas não tenho escolha. Não quero pressioná-lo e tornar as coisas piores do que já estão.

‘Vou dormir no sofá esta noite’.

Não quero dormir sozinha, mas eu sei que não tem jeito de convencê-lo a mudar de ideia.

Choro até dormir e, quando acordo, Jack já foi embora.

E o apartamento fica tão vazio sem ele.

doze

Se você nunca ouviu falar da Fuck Factory, você provavelmente nem imaginava que um lugar como este existia.

E mesmo que você tenha suposto pelo nome que tipo de lugar é – o que, vamos ser honestos, não é lá muito difícil – você provavelmente não faz ideia do que acontece lá dentro.

Nem nos seus sonhos mais selvagens.

Se você não sabia que existia e não imagina o que se passa lá dentro, é melhor que continue assim. Mas você chegou até aqui, então, que se dane, vou te contar.

É um clube de sexo. O clube de sexo *underground* mais famoso do seu tempo.

E se, por um mero acaso, você já ouviu falar da Fuck Factory e queria ir lá, mas não sabia onde era, não tente procurar, porque você nunca vai encontrar.

Anna e eu estamos do lado de fora de um armazém abandonado, meio demolido, numa área da cidade onde eu nunca estive antes. Que nunca tive motivos para estar. Que ninguém tem motivos para estar.

Até o motorista de táxi que nos trouxe aqui não tinha a menor ideia de onde estava indo e andou em círculos por vinte minutos tentando achar o armazém exato, quando não há nada além de armazéns aqui, fileiras e fileiras deles. Por alguma razão, as ruas daqui não têm nomes. Nada de ruas, avenidas, Norte, Oeste, Leste ou Sul. Só um apanhado de números, como as garotas no site de Anna.

Mas estamos aqui agora. A lua está baixa no céu, o ar está frio, o que é bastante incomum para esta época do ano, e eu estou congelando em uma camisa jeans amarrada na altura da barriga, shorts jeans tão curtos e enfiados na minha bunda que eu poderia muito bem estar usando uma

chaparreira, pernas nuas e saltos agulha que tornam quase impossível manter-me firme sobre os escombros sob os meus pés. Estou de pé em uma esquina, parecendo uma prostituta, e sentindo-me muito, muito exposta.

Jack e eu estamos num hiato. Para mim, isso é só um jeito bonito de dizer ‘nós terminamos.’ Mas é pior. Dói como uma separação, mas sem o ritual de encerramento.

Anna liga e me convida para ir à Fuck Factory com ela e não há ninguém para me impedir. O que Jack espera que eu faça? Que fique sozinha em casa com pena de mim mesma? Esta não sou eu.

A Fuck Factory é o clube favorito de Anna. O único lugar onde ela diz que se sente realmente em casa, em paz e entre outros da mesma espécie. Ela diz que quer me levar lá para que eu possa entendê-la um pouco melhor, entender por que ela faz as coisas que faz.

Hoje é noite do Preto e Azul, e Anna teve que me garantir umas três ou quatro vezes que não era uma referência às cores que nossos corpos teriam no momento em que saíssemos de lá.

Ela me disse: ‘É um *dress code*, boba.’

Couro e jeans. E nada mais. Nada de algodão, rayon, poliéster ou elastano.

Mas eu trapaceei.

Eu botei sutiã e calcinha sob o jeans.

E Anna não sabe. Se ela souber, não vai concordar.

Ela veio aqui para casa. Nós nos arrumamos juntas e ela trouxe itens para mim, já que vestimos o mesmo tamanho. Anna foi enfática ao dizer que eu tinha que me ater ao *dress code*. Ela disse: ‘Você tem que obedecer às regras. É a única regra da noite.’

E eu fui enfática em dizer, *dress code* é o cacete, minha dignidade prevalece. Então coloquei a lingerie quando ela não estava olhando.

Anna me fez olhar no espelho enquanto ela ficou atrás de mim, com as mãos nos meus quadris e um sorriso satisfeito no rosto que parecia dizer ‘bom trabalho’. Tudo o que conseguia pensar era, pareço uma piranha barata, do jeito que as jovens estrelas de cinema do sexo feminino têm de se vestir se quiserem aparecer na capa da revista *Maxim*, mas Anna olhou para mim e disse: ‘Eu foderia com você.’

Logo após isso, inventei uma desculpa para ir ao banheiro e foi aí que recoloquei minha roupa de baixo – um fio dental e um sutiã meia-taça. Olhei minha bunda no espelho do banheiro para ter certeza de que a calcinha não iria aparecer e fechei mais um botão da camisa para que o decote fosse visível, mas seu suporte não.

Anna obedeceu às regras. Ela escolheu um macacão de couro preto que envolve seu corpo como uma segunda pele. O zíper vai do pescoço até lá embaixo e desaparece entre as pernas. Ela não poderia usar lingerie nem se quisesse, porque iria aparecer e estragar o efeito. De qualquer jeito, o macacão está aberto até o umbigo e seus seios estão quase totalmente expostos.

Quando Anna retocava a maquiagem, perguntei o que deveria esperar.

‘Não é um baile da sociedade’, ela disse. ‘É um lugar onde as pessoas vão para trepar. Você olha ao seu redor, vê o que está acontecendo, o que gosta, e entra em algum grupo. Não é nada demais.’

Anna me fala que a Fuck Factory é lendária. Já funcionava desde antes de ela nascer. E foi multada mais vezes que Lindsay Lohan e Paris Hilton juntas por toda e qualquer infração às regras da Vigilância Sanitária, mesmo as mais banais, apenas como pretexto. E cada vez que é fechado, o clube se desloca para um local diferente e começa de novo, mais longe do resto da sociedade educada, mais longe da civilização, onde pode existir sem o medo de ataques ou processos.

Agora, está aqui.

Se houvesse um lugar chamado Lugar Nenhum, provavelmente seria igual a este aqui. Uma zona de guerra. Como aquelas fotos que você vê de uma cidade destruída pela guerra em algum país do outro lado do planeta que parece estar permanentemente em conflito. Ou ruínas abandonadas de uma civilização perdida. Uma cidade abandonada há muito tempo. Ruas vazias. Prédios bombardeados que mal ficam de pé. Nenhum habitante. Nenhum sinal de vida.

Aqui é assim. Assustador e misterioso. Nós somos duas meninas de pé em uma rua deserta na periferia da cidade. Não há nada que indique que há um clube aqui. Nenhuma sinalização. Ninguém. Nada que sugira que há

qualquer coisa aqui. Exceto algo que se parece com grafite. Tão primitivo quanto uma pintura rupestre paleolítica. Ou algo que alguém poderia ter desenhado na parede do banheiro.

Um desenho de pênis e bolas, cuspidando quatro grandes lágrimas de sêmen.

Manchas brancas numa parede preta suja. Abaixo delas, um par de pernas suspensas no ar, em forma de V, como os chifres do diabo. Parece o jeito como estavam penduradas as pernas de Anna naquele vídeo em que ela está presa ao vaso sanitário. E entre as pernas, um buraco. Uma vagina toscamente desenhada. Com dentes. Vários dentes pequenos e pontudos. Abaixo disso, uma seta, apontando para baixo, para uma escada íngreme de pedra que leva para o subterrâneo.

À medida que descíamos as escadas, na escuridão, imaginava como seria o cheiro da Fuck Factory. Talvez como o de um velho bar num porão, úmido, mofado e doce por todo o álcool consumido em um espaço tão confinado. A cada passo, eu sinto um ar de mistério à nossa volta.

Lá embaixo, estamos diante de uma porta preta sem sinalização alguma, como uma entrada para o submundo. Anna bate duas vezes, em seguida, faz uma pausa e bate novamente três vezes. E a porta se abre. E quando se abre não há muito mais luz dentro do que fora. Apenas uma meia-luz tão fraca que os olhos precisam de tempo para se adaptar. Uma figura grande e sombria, o tipo de leão de chácara que você sempre encontra trabalhando na porta de um clube, nos coloca para dentro, sem dizer uma palavra.

Sigo Anna por um corredor longo e estreito, com paredes tão próximas que só se pode andar em fila indiana, como uma passagem em uma catacumba, e em seguida, por dois lances de escadas para baixo. Estamos sob a cidade agora. E nos localizamos tão longe que parece que nós escavamos através da Terra até chegarmos a uma seção do inferno.

Estamos na frente de uma grande porta de aço pintada de verde musgo. Anna bate novamente e ela é aberta por outro leão de chácara.

A primeira coisa que me chama a atenção é o cheiro. Em vez de cheirar a álcool e mofo, este lugar cheira a sexo – cheiro de corpos quentes colidindo e combinando.

A segunda coisa que me chama a atenção é o calor. Quente e úmido. O tipo de calor que te faz suar instantaneamente.

A terceira coisa é o som. Techno. Por que o que é uma boate sem techno e, especificamente, techno alemão? Techno alemão pesado num volume ensurdecador. A música perfeita para desorientar os sentidos e fazer sexo em alta velocidade.

Nós entramos numa ampla sala retangular com paredes de tijolos, um bar ao longo de um dos lados e o teto tão baixo que parece que posso esticar o braço e tocá-lo. Está lotada de todo tipo de aberração que você pode imaginar; aqueles que têm o visual estranho e aqueles que são naturalmente estranhos no comportamento, todos reunidos em algum tipo de congresso, seja ele qual for. É como se todos os desajustados sociais do mundo tivessem sido atraídos para cá. Eles não sabem o porquê. Eles só sabem que este é o lugar deles. Onde eles não serão julgados ou condenados ou olhados de forma estranha. Onde eles podem se jogar em qualquer que seja sua fantasia particular.

Duas grandes jaulas ficam nas laterais do bar, como aquelas em que você colocaria um hamster, mas maiores, muito maiores. Uma contém uma menina nua, a outra um cara. Há uma bandeja para comida e um bebedouro presos às grades; ambos vazios. Um anão, vestindo uma cartola e nada mais, está em pé sobre o bar arremessando amendoins para a garota através das barras.

Em frente ao bar há várias passagens em forma de arco que levam para outras áreas do clube.

‘Lá é onde toda a ação acontece’, Anna me diz. ‘Mas uma vez que você sai desta sala é como um labirinto. Você pode se perder facilmente e vai parecer que você nunca vai encontrar uma saída.’

Eu olho em volta e digo para mim mesma que é como qualquer cena de boate de filme. A música é alta, a batida é forte, é escuro e povoado por pessoas de aparência esquisita que não se parecem com pessoas normais, que sequer parecem humanas. E o protagonista está numa busca frenética por algo ou alguém vital para sua missão, mas claramente não pertence a aquele lugar. É evidente que nem quer estar lá.

E este personagem quase sempre é um homem – alguém tenso, reprimido e firmemente heterossexual. Uma versão masculina de Séverine.

E a boate é como o local de trabalho de Séverine, o bordel. Representa um lugar onde o sexo de todos os tipos, convicções e perversões pode florescer e acontecer livre de regras, de moral ou da condenação do homem.

E é uma grande ameaça à sua masculinidade e à aparente ordem em sua vida.

Mas ele não vai ser comido. Ele vai conseguir ir embora sem ter sua masculinidade condenada.

Apenas um pouco abalada.

E, ao mesmo tempo, esta é uma cena de boate que você nunca viu nos filmes e que você nunca verá em filme algum. Porque cenas de boates em filmes são feitas por pessoas que provavelmente nunca puseram os pés num clube de verdade. Eles apenas recriam um em seus filmes estúpidos para que o herói possa adentrar o ambiente e ficar muito perturbado com as aberrações sem senso estético, que dançam como loucos com a pior música de festa que você já ouviu na vida.

As pessoas que produzem cenas de boates em filmes provavelmente nunca puseram os pés neste clube, ou qualquer um como ele. A Fuck Factory é um lugar onde as pessoas são definidas apenas por suas taras, seus fetiches e seus desejos. Nada mais importa. Ninguém liga se você é jovem ou velho, quem você é ou o que você faz no mundo real, se você é um zelador ou um CEO.

Anna diz, ‘Eu quero que você conheça Kubrick’, e me empurra em direção a um homem mais velho recostado no bar. Kubrick é o gerente proprietário da Fuck Factory. Não Stanley, Larry – todos o chamam apenas de Kubrick. Ele é baixo, gordo, judeu e careca. Porque se a vida vai te dar uma rasteira, ela prefere logo te jogar no chão. Mas Kubrick não parece se importar. Ele é feliz como Larry.

Kubrick tem um sorriso simpático e modos gentis. Ele parece bastante inofensivo. Tem uma longa barba branca como a neve, uma felpuda cortina de pelos brancos por todo o corpo – nos braços, sobre o peito e cobrindo a barriga que tem o tamanho e a forma de uma bola de praia, não flácida, mas dura e rígida como músculo. Ele se parece com o Papai Noel. Se Papai Noel tivesse abandonado o traje vermelho, adotado um gibão de couro preto e carregasse a palavra SÁDICO desenhada em seu peito nu.

Kubrick tem a palavra SÁDICO marcada em seu peito e parece que alguém fez isso com um abridor de lata. Está escrita em grandes letras que se estendem por seu torso, entre o pescoço e os mamilos. E eu me pergunto se ele realmente o é, ou se ele apenas quer fazer pose, porque aquilo deve ter doído como o inferno.

A Fuck Factory é o lugar de Kubrick, sua criação, sua obra. Um laboratório pansexual do prazer carnal, onde toda e qualquer coisa pode acontecer. Há coisas acontecendo aqui que, por mais difícil que seja de acreditar, você não vai encontrar nem mesmo na internet.

Se você vai batizar o seu clube de Fuck Factory, é melhor você se assegurar de que ele vai fazer jus ao nome. Kubrick parece bastante confiante de que o dele faz, porque me acolhe falando, ‘Eu estou dizendo a você, querida, este é o maior clube de sexo do mundo. O maior clube de sexo que já existiu.’

Kubrick me chama de querida. Ele chama Anna de ‘esta aqui’.

Os braços grandes e carnudos de Kubrick estão em volta da cintura de Anna e ele está puxando-a para ele, de forma que os seios dela rocem contra o peito dele. Ele tem os antebraços do Popeye. Em um braço, posso ver uma tatuagem de marinheiro desbotada; no outro, um símbolo estranho ou pictograma que, por mais que eu tente, não consigo decifrar o que é.

Ele dá um abraço em Anna e diz, ‘Esta aqui, ela não sabe a hora de parar.’

Então ele ri e dá um tapinha na bunda dela. E ela leva um susto, dá um pulo e depois cai na gargalhada.

Anna põe a mão no meu peito e diz, ‘É a primeira vez de Catherine.’

‘Ah é?’, diz Kubrick, fingindo surpresa. Então, olhando para mim, diz: ‘Você não tem com o que se preocupar, querida. Somos todos amigos aqui embaixo.’

Não tenho tanta certeza disso, mas Kubrick pareceu sincero.

‘É só olhar para dentro de você’, ele diz, ‘siga os desejos do seu coração e os pedidos do seu corpo. E você vai encontrar.’

De repente, Kubrick está todo zen e me dá conselhos de vida como um guru da Nova Era. Ele tem as mãos entrelaçadas à sua frente enquanto fala, então começa mesmo a parecer um guru.

‘Não há um grande segredo’, Kubrick diz. ‘Tudo que você precisa saber na vida é que todos precisam foder ou ser fodidos. É isso.’

Não é exatamente Deepak Chopra, mas acho que entendi seu pensamento.

A filosofia de Kubrick, em outras palavras, é:

Goze um, gozem todos.

Foda um, fodam todos.

Foda quem você quiser, do jeito que quiser.

E esta é a lei.

‘Só uma palavra de precaução’, diz Kubrick, inclinando-se para mim e apontando para trás. ‘Fique longe do anão.’

Olho sobre os ombros de Kubrick para o anão, que agora está em cima da jaula, de quatro, rosnando como um cachorro. E a garota está encolhida em um canto numa cama de palha.

‘Por quê?’, pergunto, ele me parece inofensivo.

‘Ele é muito tarado’, diz Kubrick. ‘E ele pode não ter muitos atributos, mas isso não o impede de tentar.’

‘O negócio dos anões é que eles são todos muito machos e nunca fazem nada pela metade. Então normalmente eles querem ou se bater por serem tão pequenos ou querem foder com o mundo. E este aí, ele é um verdadeiro sádico.’

Eu olho de novo e agora o anão está apoiado em um braço, como se fosse fazer flexão com um braço só, segurando o pau com o outro, e mijando nas grades da jaula. A pobre menina está rastejando de um lado para o outro tentando evitar os respingos, sem grande sucesso.

Devo transparecer o choque porque Anna me diz: ‘Não se preocupe, isso é parte da tara dela. Senão, ela não estaria lá.’

‘Ok, crianças’, fala Kubrick, batendo palmas como um monitor de acampamento de verão, ‘Eu tenho uma boate para gerenciar e pessoas para foder. Divirtam-se.’

Ele desce do banco do bar e nós o assistimos desaparecer por uma passagem como o Coelho Branco.

Anna vira para mim e diz, ‘Você nunca vai adivinhar o que Kubrick fazia antes disso.’

‘Eu não tenho ideia’, digo.

‘Adivinhe’, ela diz.

‘Coach?’

‘Não.’

‘Instrutor de academia?’

Anna balança a cabeça.

‘Bibliotecário?’

‘Não.’

‘Anestesista?’

Ela ri.

Isso não faz sentido, penso.

‘Eu desisto’, eu digo. ‘O quê?’

‘Contador.’

Tento visualizar Kubrick em um terno de três peças debruçado sobre livros num escritório. E fracasso totalmente.

‘Não um contador qualquer’, ela diz. Então aproxima-se de mim e sussurra, ‘C-I-A.’

Pelo que Anna conta, na época em que Kubrick era contador, ele vivia uma vida bem normal. Casa no subúrbio, casado. Bem casado, vida sexual regular, sem filhos.

Mas Kubrick tinha um segredo. Ele costumava dar suas escapadas para a garagem para se masturbar com revistas antigas de homens musculosos. Não é que ele estivesse fingindo ser hétero quando na verdade era gay, ou que tendesse mais para um lado ou para outro. Ele simplesmente se viu entediado com o sexo que fazia com a esposa e foi procurar uma nova tava.

Kubrick começou a pensar no que mais poderia lhe dar tesão. Ele decidiu deixar sua imaginação voar e ver aonde ela o levaria. Começou a colecionar catálogos.

Não catálogos de lingerie. Isso seria óbvio e fácil demais. Catálogos de móveis para jardins, de sementes, cereais e grãos, instrumentos dentais, madeiras, metais e concreto. Ele seguia seus instintos e colecionava o que lhe dava prazer. Kubrick olhava para as fotos e via-se construindo detalhadas fantasias sexuais envolvendo objetos inanimados, quanto mais mundanos, melhor, porque ele estava treinando para ‘sexualizar’ o mundo à sua volta.

Kubrick descobriu um mundo que seria um lugar muito mais interessante para se viver, que iria tirá-lo do trabalho penoso no escritório do governo, da sua vida suburbana normal. Seria muito mais emocionante do que bater punheta para modelos masculinos na garagem após o jantar.

Foi assim que ele descobriu sua vocação. Para ser um fetichista.

Uma coisa levou à outra e logo Kubrick tinha uma biblioteca inteira do mais bizarro material de masturbação que alguém já viu. Uma biblioteca que para qualquer outra pessoa apenas pareceria o tipo de coleção excêntrica de livros que você gostaria de encontrar em um mercado de pulgas ou sebo. Logo não havia mais espaço na garagem para abrigar a coleção, e significou muito para ele que, em vez de movê-la de lugar ou se desfazer de parte dela, ele tenha decidido vender seu carro.

Um dia, Kubrick estava conversando com um colega de trabalho sobre sua coleção e ambos perceberam que tinham algo em comum. Ambos perceberam que estavam vivendo uma mentira. Eles então decidiram abrir um clube e seguir seus interesses.

No começo, eles se encontravam em uma sala no fundo do prédio após o expediente. Eles eram poucos e só ficavam sentados tomando cerveja, cada um discorrendo sobre suas fantasias para os outros – como uma terapia em grupo para sádicos e pervertidos. Tudo era muito calmo e civilizado. Até que, uma noite, enquanto Kubrick relatava uma lúgubre fantasia sexual envolvendo uma mangueira, um *sprinkler* e uma pilha de estrume, um homem sentado do lado oposto ao dele, que era novo no grupo, botou o pau para fora e começou a se masturbar na frente de todo mundo. Em vez de interromper a história e pedir para que parasse, Kubrick continuou, incrédulo. Agora ele tinha um novo desafio. Ele queria ver se conseguiria fazer este cara gozar.

Conforme ele continuou, os outros homens na sala abriram seus zíperes e logo Kubrick se viu na posição de ajudá-los, estimulando-os a chegar ao orgasmo somente com o poder da imaginação. E para ele, aquilo deu um tesão incrível. Muito melhor do que bater punheta para catálogos de produtos de limpeza, joias e eletrodomésticos.

Na reunião seguinte, alguns participantes trouxeram secretários e estagiários. Enquanto Kubrick sentava no meio do círculo e lhes contava histórias, eles começaram a fazer muito mais do que se masturbar na frente dos outros. A assembleia de Kubrick logo se tornou um grupo de apoio para viciados em sexo em que mais sexo era encorajado, não menos. Pessoas começaram a trazer apetrechos e figurinos. As cenas que reproduziam ficaram mais elaboradas e envolventes.

Com a propaganda boca a boca e mais funcionários do governo querendo participar, as coisas começaram a sair do controle. Estava cada vez mais difícil manter o grupo em segredo. Na mesma época, Kubrick decidiu que estava cheio de trabalhar nos arquivos do governo para que eles pudessem fazer guerras sujas em territórios do outro lado do mundo e, em seguida, apontar para os contadores e atribuir-lhes a responsabilidade. Ele decidiu que queria dedicar suas energias à sua verdadeira paixão, ajudando as pessoas a descobrir e pôr em prática suas fantasias.

Eu não posso acreditar no que estou ouvindo, então interrompo Anna e digo, ‘Você está me dizendo que foi assim que a Fuck Factory começou? Como um clube de sexo pós-expediente no Pentágono?’

‘Acho que sim’, diz Anna. Depois disso, ela não fala nada por alguns segundos, como se estivesse envolvida em seus pensamentos. Então ela fala: ‘Você sabe, as pessoas mais estranhas trabalham no governo.’

Kubrick ainda é muito bem relacionado, Anna me conta.

‘Você não acreditaria no tipo de gente que vem aqui’, ela diz.

Eu espero que ela me conte quem, mas ela não vai adiante, e eu não pergunto porque não tenho certeza se quero saber. Não é só a combinação desses fatores que me deixa nervosa, mas a totalidade de tudo que ela acabou de me revelar sobre os executivos e o que realmente acontece atrás das portas fechadas do governo.

Eu estou dentro da Fuck Factory e me sinto como Al Pacino em *Parceiros da Noite*. Eu sou Al Pacino fingindo ser gay. E fazendo tudo errado.

Lenço amarelo no bolso traseiro esquerdo. Você gosta de mijar nos outros.

Lenço amarelo no bolso traseiro direito. Você gosta que mijem em você.

Eu estou enviando os sinais todos errados, sem nem perceber que estou enviando sinais, então reparo num cara olhando para mim do outro lado do bar. Jovem, loiro, torso nu, musculoso, e obscenamente bonito, com um corte de cabelo que pareceria ridículo em qualquer outra pessoa, mas nele, com um corpo desses, fica perfeito – da mesma forma que modelos masculinos conseguem sustentar os visuais mais excêntricos com tanta propriedade que ainda assim prendem totalmente sua atenção. Ele está com as costas encostadas no bar, os cotovelos no balcão, pernas a 45 graus à

frente, a melhor posição para mostrar o enorme volume em sua calça de couro.

Ele não faz muito meu tipo e eu não gosto muito de loiros, mas ele se porta com tanta confiança que não consigo parar de olhar. E posso ver que isso é exatamente o que ele quer.

Ele me olha friamente, como um leão observando a presa e esperando o momento do ataque. Ele está me caçando sem mover um dedo. Ele quer que eu saiba que está ali, que está me afetando, me controlando com seu olhar.

E eu quero que ele saiba que eu não sou fácil, que não estou sozinha e tenho reforços, então me viro para falar com Anna. Mas ela não está mais lá. Eu faço a varredura da sala freneticamente, mas não a vejo. Olho para trás. Ele ainda está olhando para mim e agora sabe que sou indefesa e não tenho onde me esconder. Antes que ele tome a iniciativa, eu resolvo buscar refúgio no banheiro, torcendo para encontrar Anna lá também.

Normalmente, esta seria uma ótima manobra porque o banheiro feminino é como um convento, um santuário que oferece proteção ao sexo frágil, onde confissões são feitas, segredos podem ser revelados e homens definitivamente não são permitidos.

Só há um problema. Este banheiro é unissex. E não é bem um banheiro, é mais uma desculpa para esportes aquáticos e sexo anônimo. No centro há uma tina feita sob medida para as pessoas fazerem xixi, banharem-se ou ambos – e é exatamente isso que está acontecendo. As cabines ficam nas paredes laterais do cômodo, algo como vinte ou trinta delas, e todas elas têm buracos nas portas – como os buracos no armário de Marcus – e partes do corpo aparecem através deles ou pressionadas contra eles. Levo uma fração de segundo para olhar em volta, absorver tudo isso e concluir que não é o tipo de refúgio que estava procurando.

Saio do banheiro, ando pelo corredor mal iluminado que leva de volta ao salão principal do clube, e ele está lá, esperando por mim, em um canto, rodeado pela semi-escuridão.

Eu não o vejo de primeira, mas assim que passo, sua mão agarra meu braço.

Ele me puxa para perto dele. Eu não resisto. Deixo-o me levar.

E ele gira em torno de mim, me empurrando contra a parede.

Suas mãos estão na minha cintura, me abraçando, a parte inferior do seu corpo pressionada contra o meu.

Ele beija meus lábios enquanto passa a mão pelo meu corpo, pelas minhas costas, meus ombros.

Ele se inclina para me acariciar e de alguma forma encontra este ponto mágico, ali mesmo no meu pescoço, no meio do caminho entre a clavícula e a orelha, uma zona erógena que me abre como uma caixa de quebra-cabeça. E isso é tão bom que pouco antes da dopamina bater no meu cérebro, eu me pego pensando: ‘como ele fez isso?’

Ele enterra seu nariz atrás da minha orelha, sentindo o meu cheiro. Seus lábios, macios e úmidos, fixam-se ao meu pescoço, a língua circulando, procurando, e em seguida, lentamente traçando uma curva até minha orelha, e se enrolando para dentro dela, deixando um brilho fino de saliva como rastro. Brincando sob o lóbulo, e em seguida, sacudindo-o e mordendo-o apenas o suficiente para sentir como seus dentes são afiados.

Deixo escapar um gemido. Ele está em meu ouvido, sussurrando, ‘você gosta disso.’ Mas é mais uma observação do que uma pergunta, porque ele já sabe o que está fazendo, aonde está me levando e como derrubar minhas defesas, uma por uma.

Ele mergulha sua língua dentro da minha orelha, empurrando, sondando, deixando-a molhada. E eu solto outro gemido, agora tonta de prazer, entregue, meu corpo tremendo de ansiedade para o próximo toque.

Em vez disso, ele me faz esperar enquanto me leva de volta para a alcova. Para onde é escuro e reservado, onde não possamos ser vistos. Ele me levanta e me bota sobre uma prateleira fina que se estende ao longo da parede de trás, na altura da cintura.

Meus pés quase não tocam o chão. Meus calcanhares se esforçam para encontrar um apoio e tenho que me segurar e me apoiar na parede para não cair para frente.

A parede está molhada de suor. Como se todo o calor e umidade estivessem presos neste minúsculo cômodo da boate. Mas também é geladinho, então me encosto nela e é uma delícia porque estou queimando por dentro.

Agora que ele me tem em um lugar onde sabe que estou vulnerável e que minha resistência está baixa, sinto seu ardor aumentar. Ele está ficando mais firme, menos decoroso.

Seu desejo está à solta.

Sua boca está na minha de novo e seus beijos são mais fortes agora. Usando lábios e língua e dentes.

Suas mãos estão em meu corpo. Uma pelo meu cabelo, a outra dentro da minha camisa, procurando meu sutiã. Amassando e apertando um dos seios através da meia-taça. Dedos acariciando e beliscando o mamilo.

Posso sentir o sangue correndo. Intumescendo-o. Deixando meu mamilo tão sensível que tenho que me segurar para não chorar ao sentir o algodão roçando nele.

Sinto minha respiração ficar mais ofegante. Posso ouvir meu fervor em meus gemidos. E isso me deixa ainda mais excitada.

Ele separa meus pés, afasta minhas pernas com seu joelho e desliza sua coxa até minha virilha. Sua virilha está encostada em minha coxa. E eu sinto a pressão de seu órgão ficando duro. Levanto a perna e escorrego a pélvis para frente, de forma que ele possa ir mais fundo entre minhas pernas.

Estou na beira da prateleira, que está cortando minha bunda, e dói muito, mas não ligo porque ele está montando em mim com sua coxa, pressionando-a contra mim.

Jogo minhas mãos espalmadas em seu peito e me seguro para poder cavalgar mais forte nele. E está tão gostoso que acho que vou enlouquecer e sei que perdi o controle.

Na verdade, eu acho que devo ter desmaiado de calor e de prazer e de dor. Porque, de repente, eu consigo me ver. Posso vê-lo em cima de mim. E eu estou fora do meu corpo.

O nó da minha camisa jeans está desfeito e ela está aberta.

Meu sutiã está solto na frente e as alças caem pelos meus ombros.

Meus seios estão expostos e encharcados de suor. Os mamilos, cor-de-rosa e inchados.

Meu short está pendurado em uma só perna. A outra está envolvendo as costas dele.

A mão dele está na minha calcinha. Estou molhada e me contorcendo com seu toque.

E então eu sinto como se tivesse acabado de acordar porque tudo está confuso e embaçado, e a música parece muito distante.

Mas eu ouço-o dizer claramente: ‘Afinal de contas, não é uma boa menina.’

Ele está dizendo algo que não quero saber sobre mim. Acho que ele está me ridicularizando.

A risada que vem depois soa presunçosa e maliciosa, um tapa na cara, e eu caio na Terra novamente. Estou de volta ao meu corpo. Estou nua e envergonhada, e não quero mais, não aqui, não agora, não assim.

Levanto minha cabeça para olhar por cima dos seus ombros e é quando percebo que não estamos mais sozinhos.

Há oito ou nove garotos de couro, e quando digo garotos de couro, quero dizer, os garotos de couro – o tipo que você veria em um filme pornô gay dos anos 1970. Homens excessivamente bonitos, magros e tonificados. Eles estão espremidos na entrada da alcova, em duas ou três filas. Os que estão na parte de trás esticam o pescoço e se empurram para ter uma visão melhor.

Os três da frente estão chegando para trás para manter a distância entre nós e eles. Estão todos seminus com as calças abertas na virilha, suas bolas penduradas obscenamente sobre as braguilhas, abaixo de pelos pubianos espessos, pretos e suas grandes e ásperas mãos suadas acariciando com força aqueles paus indelicados.

Estou totalmente chocada e assustada porque não sei se eles estão se masturbando para mim ou para ele.

‘Eu não consigo fazer isso’, digo, e empurro-o delicadamente. ‘Mesmo, tenho que ir.’ Posso ouvir minha voz falhando de nervosismo, ‘Tenho que encontrar minha amiga.’

E é como quando um diretor grita ‘Corta’ e para a cena. Quebrei o clima, todos eles começam a se dissipar em busca de outra cena, uma que vá ser mais satisfatória, e eu rapidamente me visto e me endireito e passo por eles, empurrando-os, sem dizer uma palavra.

Corro por um corredor, tremendo, exausta e agitada, tudo ao mesmo tempo, tentando entender o que diabos aconteceu. Parte de mim queria ir até o fim, mas eu simplesmente não consegui me soltar e fiquei com medo, como quando você quer ir numa montanha-russa em um parque de diversões e de repente percebe onde está e fica tenso, e a animação se transforma em medo.

E agora, como o herói em qualquer cena de casa noturna que você já viu nos filmes, eu estou procurando por alguém. Estou procurando por Anna.

Acho que estou voltando para o salão principal, de volta ao bar, quando na verdade estou indo na direção completamente oposta. Percebo que Anna estava certa, este lugar é como um labirinto. Todas as passagens têm a mesma aparência. Duas, três voltas e estou completamente perdida. Continuo na mesma direção, na esperança de reconhecer alguma característica ou outra, e em seguida, percebo que não o faço. E então, assim que começo a achar que nunca vou encontrar o caminho de volta, viro para outro canto e vejo Anna. Não podia perdê-la de vista. Andei por um grande salão cavernoso repleto de pessoas, todas movendo-se como uma só, todas pensando como uma só, agindo por instinto enquanto andam, observam e fodem.

Há um filme sendo projetado em toda a parede do fundo da sala, talvez nove metros de altura por doze metros de largura, de Anna. Um de seus cliques no site da SODOMA. Pelo menos, eu suponho que seja do site, porque é um que nunca tinha visto antes. Ela está de *topless* e com os olhos vendados com uma camiseta preta amarrada em volta da cabeça. Mas ainda é inequivocamente Anna. Reconheço o mesmo cabelo loiro na altura dos ombros, reconheço seu corpo – voluptuoso, cheio de curvas, a pele clara que fica facilmente marcada.

Ela está sentada em um banco que é pouco mais do que várias tábuas de madeira lascada pregadas uma na outra sem nenhuma preocupação com conforto ou estabilidade. Seus braços estão estendidos ao longo das costas, em uma pose de crucificação, amarrados por laços de corda grossa que se apertam em torno de seu corpo, uma acima dos seios e uma em volta da cintura.

Eu não sei o que aconteceu no vídeo antes disso, mas o torso de Anna está vermelho, como se tivesse sido chicoteado. Sua cabeça está caída para frente, sua mandíbula está entreaberta e ela está babando. Um longo, espesso fio de cuspe cai preguiçosamente do canto de sua boca e fica pendurado entre seus seios, onde as marcas estão bem vermelhas e parecem muito dolorosas, e seu peito está subindo e descendo como se ela tivesse acabado de correr uma maratona.

Estou olhando para Anna na tela e vejo Séverine, com os olhos vendados e amarrada àquela árvore, e noto que elas são a mesma coisa – duas loiras

fatais acorrentadas a seus desejos.

Me viro e vejo Anna novamente – a Anna verdadeira – agachando-se nua em uma plataforma na frente de sua imagem no vídeo. Ela é uma estrela no palco e na tela. E a razão de eu não tê-la visto antes é que ela está rodeada por um enxame de gente, todos tentando chegar perto dela como caçadores de autógrafos que se aglomeram em volta de uma estreante no lançamento de seu primeiro grande filme. Em vez de oferecerem a ela papel e caneta, eles lhe mostram o pau enquanto ela os agarra, certificando-se de que todos consigam o que querem e que ninguém saia decepcionado.

O corpo de Anna brilha com suor e gozo. Seu rosto está radiante e vivo. Ela tem aquela expressão de novo, aquela que vi no vídeo dela com o *drilldo*, aquele mesmo olhar de prazer e êxtase.

Eu estou ali de pé, tentando absorver tudo isso, e uma coisa é ver essas coisas em vídeo. Outra totalmente diferente é ver na frente de seus olhos; ver isso acontecer com sua melhor amiga é como assistir isso acontecer com você.

Isso é o que eu penso quando vejo Anna cercada por todos esses caras frenéticos de tesão, despídos de suas roupas, suas defesas, seus limites. Eu me reconheço. Anna parece tão confortável e descontraída, sem uma única preocupação no mundo, inteiramente segura de si mesma e de seu corpo, de suas capacidades. No meio do caos, mas totalmente no controle. E perdendo-o também. Estou ficando excitada só de vê-la. Finalmente percebi que é onde eu quero estar também, que de agora em diante nada mais será igual. Nunca mais vou ser a mesma novamente. Eu finalmente fiz a travessia.

treze

Em meus sonhos, eu sou valente. Em meus sonhos, eu vejo novamente o que aconteceu na Fuck Factory, várias vezes. E eu não fujo. Fico exatamente onde estou, fncada àquele lugar, minha bunda contra a prateleira, minhas pernas em volta da cintura dele, e eu o deixo me levar.

Eu o deixo me levar enquanto os outros esperam por sua vez. Eu os vejo cuspindo em suas mãos, mexendo em seus paus, me assistindo, chegando cada vez mais perto.

Me sinto como aquelas modelos de eventos automobilísticos, no box, cercadas por macacos sujos de graxa despidos até a cintura, tocando em chaves sujas que brilham com óleo. O ronco dos motores acelerando enche meus ouvidos. Estou tonta e intoxicada pela fumaça. Estou pronta para ser consumida por sua luxúria.

E, muito em breve, eles decidem que não querem mais esperar e todos avançam para cima de mim de uma vez, abatendo-se à minha volta. Uma parede de homens, enlouquecidos, incontroláveis, todos exigindo atenção. Cutucando-me com seus pirus. Repentinamente, tenho mais paus do que posso gerenciar. Nem sei o que fazer com tantos. Estou sobrecarregada, mas muito, muito excitada.

Esta é a conclusão a que cheguei:

Em meus sonhos, eu sou mais como Anna.

Entregue.

Eu gostaria de ser mais como Anna.

Voraz.

E, a partir de agora, estou determinada a ser mais como Anna.

Livre.

Dois dias depois, Jack vem para casa buscar roupas limpas. Ele foi embora há muito pouco tempo, mas já parece que tudo mudou e que um estranho

entrou no apartamento. Ele é frio. Não sei como quebrar o gelo. Mantenho distância, porque não quero contrariá-lo. Ele entra e sai em menos de meia hora.

Nós mal nos falamos. Ou melhor, ele deixa claro que não quer falar comigo, em vez de me contar que está embarcando em mais uma viagem de uma semana, para o outro lado do estado, para organizar um importante evento da campanha de Bob.

Alguma cidade longínqua onde a pobreza é a norma, o recenseamento eleitoral é baixo, e Bob precisa fazer divulgação para conseguir o máximo de votos que puder. Um lugar que ele precisa visitar para mostrar que se importa. E a ironia é que é o tipo de lugar onde um político só vai passar quando precisa de voto. Você nunca vai vê-lo novamente até a época da campanha de reeleição. E, até onde eu sei, com Bob não é muito diferente.

Não importa quanto Jack admira Bob, não importa o quão bem-sucedido Bob é, não importa o quanto ele representa os ‘novos’ políticos contra os antigos, ele tem que jogar o jogo como todo o resto, exatamente da mesma forma como sempre foi jogado. Porque as regras foram estabelecidas há tanto, tanto tempo, que é capaz de terem sido gravadas em pedra.

Se você é ambicioso e determinado, como Bob, você pode dobrá-las um pouco ou talvez muito. Mas nenhum político jamais vai mudar as regras por medo de criar inimizades ou quebrar a firma, porque aí, seria cada um por si. Seria um jogo onde todos perderiam. Porque política é a arte de levar vantagem.

É aí que eu e Jack discordamos.

Quando o assunto é política, ele é um idealista. Eu sou realista.

Na vida real, ele é pragmático. Eu sou sonhadora.

Dizem que os opostos se atraem. Mas, agora, esta parece é a razão exata para estarmos em polos opostos.

Estou compensando minha frustração saindo com Anna, o que não está ajudando, porque eu sei que Jack não aprova, mesmo que ele nunca tenha dito isso. Eu sei que ele não gosta de eu ter me aproximado de Anna tão rápido. E a situação é agravada pelo fato de que ele sabe que nunca vai ser parte da intimidade que compartilhamos.

Não é que ele não goste dela. Eu sei que gosta. Eu acho que Jack, como qualquer outro homem que tenha conhecido Anna, secretamente quer foder com ela. E eu não o culpo, porque se eu fosse Jack, eu iria querer trepar

com ela também. Se ele estivesse curioso e me dissesse que queria isso, eu não iria hesitar, eu não o impediria. Eu o encorajaria.

E iria querer assistir.

Gostaria de ver como Anna seduz um homem com seu corpo. O meu homem.

Gostaria de ver como Jack iria comer Anna. Assim, seria uma observadora da minha própria vida sexual.

Eu já sei como é ser comida por Jack. Agora só quero ver. Quero um registro visual de como é.

Posso vê-los juntos agora. Sozinhos. Nus. Na nossa cama, minha e de Jack. E posso sentir o nervosismo de Jack, porque ele nunca esteve com alguém como Anna. Alguém tão confiante e segura do próprio corpo e do poder que detém. Ele nunca esteve com alguém tão à vontade com sua sexualidade.

Acho que este alguém sou eu, mas não é como se eu fosse ingênua quando o assunto é sexo. Quando olho para um pênis, eu sei qual é a parte de cima. Eu sei como segurá-lo, o que fazer com ele e o que acontece no final. Conheço o corpo de Jack por dentro e por fora. Todos os milímetros, todas as dobrinhas e marcas. Eu sei do que ele gosta exatamente que botões apertar e quando, para ele sentir prazer. Mas eu ainda acho que tenho muito a aprender e talvez possa fazê-lo com Anna, observando todos os seus passos.

Jack está deitado na cama, de barriga para cima. Ele já está duro, como sempre, e todo o seu corpo está rígido e tenso, não só pela ansiedade de estar com Anna, mas também porque ele é tímido e está com vergonha.

Anna está rastejando sobre Jack, da mesma maneira que às vezes eu imagino Marcus rastejando sobre mim. Ela fica entre as pernas dele e se inclina para frente, colocando uma mão no peito de Jack para se segurar, e em seguida, faz um show lambendo os dedos indicador e médio da outra mão, e esfregando-os entre as pernas para lubrificar a si mesma, enquanto olha dentro dos olhos de Jack.

Ela coloca as duas mãos no peito de Jack, levanta-se e projeta-se para frente, deslizando a buceta ao longo do pau dele, depois indo para frente e para trás algumas vezes, devagar, até que seus lábios vaginais se abram e o pau de Jack se encaixe entre eles e se cubra com seus fluidos.

Anna desliza para frente até encontrar o local onde o cume da cabeça do pênis se encontra com seu clitóris e acelera seus movimentos para que também possa ter prazer enquanto está fazendo o mesmo por ele. Ela senta no pau de Jack e gira os quadris em um movimento circular, com força. Ele pode ouvi-la expirando e soltando uma série de pequenos gemidos. Ele pode sentir Anna ficando cada vez mais molhada. Sua lubrificação acumula-se na base do pênis dele, derramando-se sobre as bolas, escorrendo entre as coxas.

Ela se abaixa, coloca a mão no rosto dele, dá um beijo em seus lábios, desliza a mão pelo pescoço e uma unha sobre seu peito. Suas carícias são tão delicadas, tão sinceras em sua devoção, que ela logo dissolve a ansiedade de Jack e faz com que ele se sinta à vontade. E a dinâmica entre eles começa a mudar. Posso ver Jack voltar a si mesmo. Sua coragem e sua determinação, duas de suas qualidades que realmente me excitam, se fazem sentir na maneira como ele a toca, na forma como ele a manobra com precisão até a posição que ele quer que ela fique para que ele possa assumir o controle.

Eu os assisto e é como se eu fosse um observador onisciente porque consigo vê-los fodendo de todos os ângulos simultaneamente. Estou dentro da ação – presente em cada um de seus corpos, sentindo tudo o que eles sentem, alternando entre cada um deles – e fora dela ao mesmo tempo.

Agora Anna está jogada sobre a cama e Jack está de pé no chão, comendo-a por trás. Ele segura os cabelos dela embaraçados em sua mão esquerda, da forma como um peão detém as rédeas de um cavalo que se prepara para ir do trote ao galope – com firmeza, em uma mão, com o chicote na outra.

Jack está puxando o cabelo de Anna com tanta força que está colado em sua cabeça, como se ela tivesse feito um rabo-de-cavalo, sua cabeça está presa numa postura esticada e sua espinha está dobrada e arqueada numa impossivelmente perfeita forma de jota. Ele está batendo na bunda dela com tapas fortes, altos, poderosos, que estalam como uma toalha molhada num vestiário masculino.

Posso ver sua bunda ficando marcada e vermelha quando Jack afasta a mão, preparando-se para outro tapa. Posso ver a ondulação na nádega quando ele bate nela. E suas bolas, úmidas e pegajosas com o seu suor e a lubrificação dela, estão batendo contra o clitóris de Anna, que está grande e

inchado. Ele mete com tanta força e constância que ela está piando como um pássaro em perigo.

Jack tem uma expressão no rosto que eu nunca vi antes, de concentração pura e determinação inabalável, como se ele quisesse derrubar Anna no chão. Como se ele quisesse foder com ela até seu corpo se entregar e cair debaixo dele.

Mesmo assim, ele continua martelando, sem trégua e sem piedade, até que o corpo dela está prostrado e completamente imóvel. E só então ele vai tirar o seu pau duro, molhado, tremendo e triunfante, e começar se masturbar, deslizando a pele para trás e para frente, batendo com o punho duro em suas bolas.

Nunca vi Jack assim. Nunca o vi tão sujo, tão animalesco e predatório. Ele está comendo Anna de um jeito que nunca me comeu, como se ela tivesse desbloqueado uma parte dele que estava trancada lá dentro – da mesma forma que ela me ajudou a desbloquear parte de mim.

E agora eu vi tudo que queria ver. Já tive o suficiente como espectadora. Agora quero participar.

Eu posso me ver ali com eles. E não é como os *ménages* que você vê nos filmes pornô, a típica fantasia masculina idiota, onde o supermacho com o pênis magnificamente trabalhado e uma língua como a de Gene Simmons consegue satisfazer duas mulheres ao mesmo tempo, como uma atração de circo que pode carregar duas meninas, uma sentada em cada bíceps. Ou o seu oposto igualmente ridículo, onde duas mulheres hipersensuais montam sobre um cara, o dominam, o sufocam, transam com ele em posição submissa e roubam sua essência.

Não, isto é diferente. Vai além do clichê. Isto é real.

Eu me vejo com Jack e Anna, e nós formamos um círculo perfeito.

Estamos todos deitados de lado com nossas cabeças enfiadas na virilha do outro. Estou com a boca no pau de Jack enquanto ele chupa a buceta da Anna, e ela a minha. Nós todos sentimos o gosto um do outro. Todos estamos dando e recebendo. Nós somos como a cobra que come a própria cauda.

Quando Jack move sua boca para o ânus de Ana e começa a dedar sua buceta, eu a escuto gemer, momentaneamente parar de me chupar, e instintivamente seguir o exemplo e fazer o mesmo comigo. Sinto a língua de Anna circulando devagar em volta da minha xoxota – lambendo, experimentando, e então se enfiando lá dentro, enquanto seus dedos finos e flexíveis mergulham em minha buceta com a velocidade de um pistão em um ritmo completamente diferente.

É como aquele truque que você aprende quando criança, quando você tem que esfregar a barriga e bater na cabeça ao mesmo tempo. E a única maneira de conseguir é esquecer o que você está fazendo, mover seus membros de forma independente e instintiva. E é assim com o sexo também. O bom sexo. Seu corpo se move em um movimento contínuo, sua mente relaxa completamente, perde o controle e deixa tudo acontecer.

O que Anna está fazendo comigo é tão bom que eu me vejo mudando de posição para fazer o mesmo com Jack. Lambo seu cu, o que é algo que eu nunca tinha feito antes porque os meninos, especialmente os mais discretamente machistas como Jack, têm problemas em serem tocados lá atrás.

Mas estou lambendo e ele não está reclamando. Posso ouvi-lo gemendo; baixinho, como se não quisesse que eu e Anna escutássemos – mas eu escuto. E começo a puxar seu pau para frente e para trás, dando uma leve torcida na pele, e então ele não consegue mais se segurar e solta gemidos mais altos.

Nós somos três corpos fundindo-se em um. Livres de ego, personalidades dissolvidas. Não há distinção entre Jack e Catherine e Anna. Não há macho ou fêmea. Nós somos uma pessoa, um sexo. Fodendo como uma máquina. Mexendo no mesmo ritmo. Respirando ao mesmo tempo. Gemendo em harmonia. Em perfeita sintonia.

Quando gozamos, gozamos todos juntos, todos explodimos juntos.

E realizo meu desejo.

catorze

Lembro tudo agora. Eu me lembro de tudo. Lembro de quando ouvi falar de sexo pela primeira vez. Não o ato, mas a agitação. Lembro como se tivesse acontecido ontem. E isso vai soar muito estranho, e pode até ser um pouco difícil de acreditar, mas juro que é verdade.

Quando tinha onze, ou doze, treze anos – não consigo lembrar –, minha melhor amiga me mostrou uns papéis amassados e amarelados que havia encontrado na gaveta de seu pai, e nós nos deitamos no chão do seu quarto enquanto ela os lia em voz alta para mim.

Era um conto erótico. Uma história bem cabeluda, mas escrita como uma carta. Pornografia sem as imagens. Pornografia antes das fitas de vídeo, DVDs, telefones celulares e internet. Pornografia onde as imagens sujas ficavam dentro da sua cabeça.

Nós concluímos que esta carta não pertencia originalmente ao pai dela, mas sim ao avô, que tinha cruzado o oceano para lutar na Guerra do Vietnã. A única parte dele que voltou para casa foi um baú cheio de lembranças úmidas e mofadas do lugar que ele tinha deixado para trás e da família que o perdeu. Um lenço de seda pertencente a sua avó que ainda tinha traços do perfume que ela usava em seu primeiro encontro, algumas fotos de seu pai quando bebê que estavam velhas e desbotadas e pareciam manchadas de lágrimas, e um bolo de cartas amarrado com fita azul. E esta carta, a carta que conta a história suja, era uma dessas. Foi enviada a ele. Mas nós não sabemos quem a enviou porque não conseguimos encontrar uma assinatura. Deve ter sido perdida. Não havia nenhum endereço de retorno no envelope.

Uns dias atrás, eu encontrei a história postada num fórum de internet. A estrutura básica era a mesma, mas sem os detalhes. Algumas pessoas comentaram que achavam que a história havia começado como algo repassado em folhas mimeografadas como material de relaxamento para os soldados lotados no exterior. E, transmitida através dos anos e de todas as guerras desde então, acabou na gaveta da mesa do pai da minha amiga e foi

parar em mãos inocentes. Se eu soubesse na época o que sei hoje, eu a pediria para parar antes do final. Pediria para parar antes mesmo de começar. Colocar os papéis de volta onde estavam, na gaveta. Não são nossos. Isto não é para nós. Nós não precisamos saber o que há ali. Não agora, ainda não, nunca.

Crianças têm muitos talentos bonitos e naturais que devem ser invejados e admirados. O que falta nelas é previdência.

Por alguma razão, elas não conseguem fazer a conexão entre correr pela rua com os cadarços desamarrados e um belo tombo no futuro imediato. Que vem acompanhado de dois joelhos ralados que vão arder mais do que qualquer coisa que eles tenham sentido antes.

Que se enfiarem o dedo na bunda de um cão, ele vai rosnar, morder e pode até arrancar um olho. Porque um cão é como um *gang banger* no chuveiro da prisão, com sabão em uma mão e uma navalha escondida na outra. Ele não dá a mínima para nada e um dedo na bunda vale tanto quanto um estupro. Mesmo que o dedo pertença a um menino de cinco anos de idade que só quer brincar inocentemente com Fido.

Que se eles fizerem cocô na calça vai ser desagradável e cheirar muito mal. Isso sem mencionar toda aquela história de correr para a mamãe e tentar contar para ela o que aconteceu no meio de uma cachoeira incontrolável de lágrimas. Porque por mais que a criança não tenha capacidade de previsão, ela tem astúcia. Então, se cocô sai de um lado, deve ser hora de ligar a torneira do outro. Nem que seja apenas para inspirar piedade e tornar o humilhante processo de limpeza muito mais fácil de suportar.

Então, se eu soubesse o que sei hoje, quando meus pais me levassem para a gruta de Natal em nosso shopping local pela primeira vez, quando eu era uma criança em meu lindo vestido de babados cor-de-rosa com bastões de doces listrados costurados em torno da saia, e caminhasse sobre a relva sintética branca, passasse os elfos robôs assustadores que balançavam os braços rigidamente como uma avó na festa de Ano Novo dançando Katy Perry, e me sentasse no grande e vermelho joelho do Papai Noel e ele se apoiasse até que sua barba branca estivesse pendurada no meu colo e me perguntasse a pergunta obrigatória sobre o desejo do meu coraçãozinho, eu teria olhado para seus olhos encharcados de gim com toda inocência infantil e diria: ‘Me dê previdência.’

Teria economizado um monte de aborrecimentos, mágoa e calcinhas sujas de merda. Teria me salvo de mim mesma.

E naquela época, ali esparramada pelo tapete felpudo do quarto da minha amiga enquanto ela segurava as amareladas folhas nas mãos e preparava-se para lê-las em voz alta, eu poderia estar quase na puberdade, porém ainda era uma criança. O que eu sabia?

Então incitei-a.

Nós éramos como Adão e Eva se preparando para dar uma mordida na maçã. A curiosidade levou a melhor sobre nós, e nós não conseguimos nos segurar, devoramos toda a maldita carta de uma só vez e quase mijamos nas calças de tanto rir com os trechos mais sujos.

Mas o resto da história, o material que era soturno e esquisito, parecia estranho e alheio às nossas mentes jovens, inocentes e ainda em desenvolvimento. Porque nós não entendíamos, porque não tínhamos experimentado nada que pudesse dar-lhe significado ou contexto, não nos afetou. Ou, pelo menos, eu pensava que não tivesse nos afetado. E aqui está algo que eu realmente não consigo explicar.

De alguma forma, a história que ouvi pela primeira vez da minha amiga – tudo, cada palavra, cada detalhe – ficou comigo, incubado profundamente em meu subconsciente como um parasita, onde montou acampamento e fez uma casa para si.

E por anos e anos eu nunca soube que estava lá.

Tinha esquecido ter ouvido não só a história como também a sequência de eventos que levaram a ela. E minha amiga, hoje ela é só uma voz sem um rosto ou um nome e memórias embaçadas e distantes são a única prova que eu tenho de sua existência.

Com exceção dos meus sonhos.

Nos meus sonhos, eu me lembro de tudo. Lembro exatamente como ela contou a história, como foi, como me senti.

Nos meus sonhos, assisto à cena várias vezes, adicionando novos detalhes aqui e ali que tornam a história mais vívida e crível, e descarto outros. Mantendo os que parecem ser os pontos que impedem que o tecido da narrativa caia rasgando as costuras.

Mas no segundo em que acordo, tudo se vai. Perco todas as lembranças. Com exceção de umas coisinhas cá e acolá, mas nada o suficiente para conseguir juntar tudo de um jeito que faça sentido quando estou acordada.

Depois, à noite, tudo vem à tona novamente e o sonho começa mais uma vez.

Ao longo dos anos, acho que devo ter lentamente refinado e reformulado a história em uma bonita e complexa colcha de retalhos do desejo sexual, um catálogo dos meus sonhos eróticos desde a puberdade até a idade adulta.

Em algum momento das últimas semanas, algo aconteceu, algo que trouxe o sonho à tona. Tudo dele, cada pedacinho, voltou, invadindo minha mente consciente. E agora a história é tão real para mim quanto a minha própria vida. E a minha vida, como a de Séverine, está começando aparecer com um sonho acordado.

Eu não vou mentir, morro de medo de ver o que esteve dentro de mim por tanto tempo, gestando e crescendo. Mas isso explica muita coisa, pelo menos, sobre o caminho que estou percorrendo, as coisas que vi e os lugares a que fui. As razões pelas quais me sinto atraída por Anna.

No sonho, sou um pouco mais velha do que hoje. Eu vivo sozinha em uma grande cidade. Jack não está lá. Ele não faz parte do sonho e nunca fez. Estou sem namorado há anos e detesto ir para meu apartamento vazio depois do trabalho. Então saio para uma caminhada no mesmo horário todos os dias, quando o crepúsculo está começando a se desenhar. Mais frequentemente do que não, fico pela vizinhança e simplesmente dou uma volta no quarteirão. Outras vezes, pego um táxi até um parque próximo e vago sem rumo pelas suas avenidas, alinhadas com ulmeiros imponentes, carvalhos e ciprestes, além de um coreto no alto de uma colina que se parece com um templo grego.

Neste passeio, aproveito a beleza da cidade e saio de mim, me permito escapar dos meus pensamentos. E nas noites mais claras, quando a cidade inteira parece iluminada por um sobrenatural brilho dourado do crepúsculo, sou tomada por uma incrível sensação de bem-estar que permanece comigo quando volto para casa, fazendo com que as longas noites sejam muito mais fáceis de suportar.

Mas lá dentro eu estou desesperadamente infeliz e profundamente insatisfeita. Uma paixão selvagem queima dentro de mim e anseio pelo dia em que vou encontrar alguém, não só para partilhar minha vida, mas para acabar com a necessidade urgente de satisfazer os desejos sexuais

reprimidos que parecem tornar-se mais frenéticos e extremos com o passar dos anos sem sexo e sem amor.

Há alguém, no entanto – um vizinho, que vive no apartamento da frente –, mas nós não nos conhecemos, nunca nos falamos. Quando ele passa por mim no corredor, tento chamar sua atenção e ele abaixa o olhar para evitar o contato. Mas à noite sei que ele está me observando. Eu posso sentir seus olhos sobre meu corpo. Posso sentir seu desejo e vontade e sei que ele me quer. E assim, quando estou me preparando para dormir, ando por aí nua com as luzes acesas e as persianas abertas para lhe dar uma boa visão. E quando estou na cama, me masturbo com a imagem dele em seu apartamento, encostado na janela, acariciando seu pau, me observando. Posso ver a paixão em seu rosto. Mas nunca vai além disso. Ele me observa. Eu o vejo me observando. Uma retroalimentação de desejo carnal que nunca é totalmente consumado.

Numa particular noite de outono, quando eu estava prestes a sair para minha caminhada, minha melhor amiga liga. Nós conversamos por um tempo e quando saio do meu prédio, está quase escuro. Passa um táxi. Sem pensar, meu braço dispara para chamá-lo. O carro se desvia para o meio-fio e guincha quando para meio quarteirão adiante. Corro para alcançá-lo e, sem fôlego, digo meu destino para a janela do motorista e corro para sentar no banco do passageiro.

O táxi está impregnado com um doce odor químico, como de hortelã, como se tivesse acabado de ser limpo, e as luzes interiores estão todas desligadas. Estou tão envolvida em meus pensamentos que sequer reparo que estou sentada no escuro.

Sinto um movimento do meu lado. Uma mão enluvada segurando um pano aparece na frente do meu rosto. Eu me ouço gritar. Mas é tarde demais.

Estou sendo levada nos braços de um homem grande e corpulento. Sinto o ar fresco da noite passar no meu rosto. Viro a cabeça e vejo uma grande porta verde-esmeralda em cima de mim. A porta se abre. Não vejo ninguém nem nada atrás dela. Sou carregada além do limite e estou envolta pela escuridão, mais uma vez.

Então vejo uma luz brilhante caindo sobre mim, quente como uma tarde de sol. Eu me pergunto se deitei no parque por um minuto e adormeci. Me

pergunto se isso tudo foi um sonho terrível. Mas meus sentidos me dizem o contrário.

Minhas mãos estão amarradas por trás da minha cabeça, como se eu estivesse deitada em cima delas. Há alguma coisa apertada em torno de minha boca. Estou seca. Ouço sons como sussurros, num primeiro momento ao meu lado, e depois ecoando à distância. Conforme os detalhes desconhecidos acumulam-se, a confusão dá lugar ao medo.

Eu me forço a abrir os olhos e fico cega com a luz. Silhuetas passam na frente da fonte de luz, permitindo-me reconhecer um pouco do ambiente.

Estou em um teatro bem, bem antigo, em um palco iluminado por um único refletor e olhando para o auditório. A plateia é composta por homens e mulheres vestidos para um baile à fantasia. Eles me olham fixamente com os olhos velados por máscaras venezianas, murmurando cheios de expectativa, como se à espera do início de uma performance.

Estou reclinada em um tipo de cadeira ginecológica levantada até a altura da cintura. Meus pés estão presos em estribos de metal. Minhas mãos, agora percebo, estão atadas firmemente sob o encosto da cabeça, com uma corda que arranha e queima meus pulsos. Estou amordaçada por um pano vermelho. Meu campo de visão restrito ao pouco que consigo enxergar ao tentar virar e levantar a cabeça.

Eu me sinto completamente impotente. Mas não entro em pânico. Minha mente está clara e nítida, repleta de adrenalina e livre de emoção. Decido que resistir é inútil. Eu acho que resistir pode piorar as coisas.

Três mulheres, as silhuetas que vi, voam e flutuam em torno de mim como pássaros. Elas usam capuzes em forma de ovo feitos de chiffon preto, com cortes em forma de curva descendente na ponta do nariz, com os buracos dos olhos do tamanho de moedas. E combinando, boleros modelo frente única, de couro, que passam ao longo do peito e sob os braços, deixando os seios expostos.

Uma das mulheres aparece com uma tesoura, e em um movimento rápido e fluido do pescoço para baixo, corta o vestido do meu corpo. Sinto o aço frio da lâmina como uma gota de água gelada correndo do meu pescoço para minha barriga. O tecido cai como a cortina de um mágico. Minha pele branca fica cor-de-rosa por causa do calor. Em seguida, minhas calcinhas são cortadas na altura dos quadris. Estou me contorcendo de vergonha por estar exposta.

A primeira mulher cai para trás. As duas outras se movem para tomar o seu lugar, como se a coisa toda fosse coreografada para minha satisfação. Uma segura meus mamilos, aplica batom neles, esfregando e espalhando a cor, deixando-lhes um profundo vermelho carmim que lembra os brilhantes tons de outono das árvores de carvalho que contrastam contra o céu azul-prateado durante o início da noite, na hora em que chego ao parque.

A outra usa uma escova de pinos, do tipo usado para arrumar cachorros, para pentear meus pelos pubianos. Conforme o metal arranha minha pele, o sangue vai para a minha cabeça e me deixa tonta.

As três mulheres se posicionam em torno de mim, uma de cada lado e a outra à minha frente, segurando grandes leques de penas de pavão na frente de seus rostos, me cercando. E uma por uma, girando, elas abaixam a penas, abanam-me com elas, passam-nas em meu corpo, e em seguida, levantam-nas. E então vem a próxima. Abana, passa, levanta. Abana, passa, levanta.

Elas espanam meus braços, espanam minhas axilas, espanam meus seios e meu colo. Eu sinto minha sensibilidade aumentar, tornando-me consciente de cada pequeno filamento enquanto ele dança na minha pele, antecipando onde o próximo vai cair e a trajetória que irá traçar.

Os leques possuem o meu corpo e tudo que eu vejo são os olhos, os elétricos olhos azuis, verdes e cor de ferrugem, que vibram e lançam-me num transe. Dividindo-se e multiplicando-se em mais de mil e olhando para mim. Olhos famintos que querem me consumir. E eu os quero como nunca quis nada antes.

Toca um sinal. As três mulheres desaparecem instantaneamente. O auditório fica quieto. E eu sou cegada pela luz novamente, flutuando em direção a ela, em silêncio, no espaço que sobrou entre o querer e o ser.

Um homem aparece diante de mim, ao pé da cadeira, usando uma máscara de arlequim presa às orelhas que cobre seu rosto até a boca e se estende ao longo e ao redor de sua cabeça. É feita de algo que se parece com couro queimado e foi moldada com um nariz, bochechas e órbitas oculares – como se ele estivesse usando um rosto sobre seu rosto. Seu torso nu, seus ombros largos e braços fortes, bem definidos e bem torneados, parecem esculpidos em pedra. O ideal renascentista do homem. Meu ideal de homem. O que eu não posso ver, assim como nas estátuas no Vaticano, é o seu sexo, que imagino estar lá embaixo, bem intencionado, fora do meu campo de visão.

Ele se aproxima e não trocamos palavras, não nos olhamos, não há sutilezas ou apresentações. Sem preliminares. Ele agarra minhas pernas acima dos tornozelos para se firmar, inclina-se para trás, olha para baixo, mira e mergulha.

Quando ele me penetra, a multidão solta um suspiro audível, um suspiro que é a soma de muitos, e embora eu não possa ver a razão, eu posso sentir. Sinto-me abrindo para recebê-lo. Posso senti-lo abrir uma parte de mim que nunca foi tocada antes. Como se, num impulso determinado, ele tivesse rompido e liberado meu desejo. Comparo com a proa de um navio abrindo caminho através do gelo. E eu sei que isso é apenas o começo, mas já estou querendo saber até onde posso ir, o quanto posso dar, e eu quero tudo.

Eu me distraio de suas investidas quando aparece outro homem ao seu lado. E depois outro, e outro. Seis, sete, oito, nove, formando um muro à minha volta. Todos mascarados, nus e excitados. E outros que fazem fila atrás deles.

Não há sinal desta vez. Mãos passam por todo o meu corpo, apalpando os meus seios, minhas pernas, puxando minha boca, espalhando o suor que se acumulou na minha barriga. E a intensidade do desejo deles me assusta.

Eu me pergunto quem são esses homens e de onde eles vêm. Olho para eles e imagino, por trás das máscaras, os homens com quem eu fantasiava sozinha na minha cama. Os homens que sorriem para mim quando passo no corredor do meu prédio, que me comem com os olhos na rua ou roubam olhares no metrô lotado.

Estes mesmos homens vêm a mim quando eu me toco no meio da noite, quando minhas fantasias sexuais florescem, quando sinto por dentro a parte mais profunda do meu corpo, como se estivesse sendo amada por eles, quando acaricio meu peito como se fosse a mão de outro. Estas mãos que estão sobre mim agora são as mãos de todos os amantes que nunca tive e sempre quis. As mãos do vizinho da frente, cujo toque nunca senti.

O que não sei, mesmo enquanto isso acontece comigo, é que ele também está aqui, sentado com o público no auditório, me observando. Que ele foi trazido aqui por um amigo que, sentindo sua insatisfação, ofereceu-lhe uma noite de entretenimento. Entretenimento muito especial, no clube mais exclusivo, acessível apenas aos mais ricos clientes.

Ele está usando uma máscara, como todos os outros, para disfarçar sua identidade. Seu choque inicial ao me ver, o objeto de seu desejo, lá no

palco, é logo compensado pela agitação que sente ao poder lançar os olhos sobre o meu corpo, de perto, observando atentamente cada detalhe junto com as ondas de excitação que passam pela plateia.

Ele quer intervir e mostrar-se a mim, mas teme o que pode acontecer, teme que isso possa trazer consequências terríveis sobre nós dois, que possamos ser atacados e dilacerados. Mas, finalmente, ele se deixa levar por seus pensamentos, se submete a seus impulsos e se mistura com o desejo da multidão.

Se eu soubesse que havia alguém conhecido lá fora, se eu soubesse que ele estava presente, as coisas poderiam ter sido diferentes. Poderia não ter me submetido ao meu destino.

A mordaca é removida da minha boca, a corda que amarra minhas mãos é afrouxada. Estou livre. Mas eu não grito por socorro ou luto para sair. Liberdade significa algo diferente para mim agora.

Estou faminta. Tão faminta como os olhos céleres e as mãos que me prendem e me seguram. E assim, instintivamente procuro algo para satisfazer minha necessidade, para encher minha boca e ocupar minhas mãos. Meu corpo está vermelho, em carne viva de tanto ser golpeado, beliscado e agarrado. O mesmo vermelho-fogo das flamejantes folhas de carvalho. E eu não me importo, porque me sinto em harmonia com minha natureza agora, sinto que meu corpo foi feito para isso.

Pela primeira vez, consigo me levantar do assento e olhar para o auditório, para além dos homens que se degladiam enquanto esperam a sua vez ao meu lado. Vejo corpos por toda parte, fileira após fileira, dispostos em pares e trios, ligados pelo quadril e pela boca. Figuras entrelaçadas e em movimento. Como glifos em um alfabeto do desejo. Uma linguagem universal que não precisa de explicação. E eu percebo que é tudo por minha causa, e esse é o maior tesão de todos. Foi o meu desejo que me trouxe aqui, que criou isso, e de repente eu entendo o que significa ser enlouquecida pela luxúria.

E é aí que a história é interrompida na última página. Onde o meu sonho é cortado noite após noite, ano após ano. Não importa o quanto eu pense e tente moldá-lo e mudá-lo, não consigo fazê-lo acabar. E eu já vasculhei cada canto da minha mente para ver se há algo que eu tenha ignorado ou

esquecido da primeira vez que ouvi a história, algo que tenha perdido. E tudo que consigo é isso.

Nós nos sentamos no chão e tentamos imaginar todas os finais possíveis. Finais de contos de fadas, onde o admirador secreto da menina corre para o palco para resgatá-la como um brilhante cavaleiro branco, foge com ela através da grande porta verde, e leva-a ao seu apartamento, onde vivem felizes para sempre. Porque, para as crianças, todos os contos têm finais felizes, e isso é o que era para nós, um conto de fadas, como a Bela Adormecida ou João e Maria, nem mais sombrio ou assustador ou irreal.

Eu não acredito mais em contos de fadas. Já não sou tão ingênua.

Finais felizes não existem.

E o sonho?

Estou vivendo agora.

Eu sei disso.

E o final ainda não foi escrito.

quinze

Todo mundo já esteve numa situação como esta.

Você está numa festa.

Você está lá em pé – ou sentada – quieta no seu canto, olhando em volta. Ou talvez conversando com uma amiga, falando sobre coisas idiotas que só você e ela sabem, rindo de suas piadas internas. E, do nada, um cara se aproxima de vocês.

Você não o conhece, nem sua amiga. Você nem lembra tê-lo visto antes. Mas é possível que tenha olhado para ele quando chegou, e achado nada demais. É possível até que tenha sorrido em sua direção. Sem querer. E foi interpretado erroneamente como um sinal, um flerte.

Agora ele está ali, parado na sua frente. Ele diz ‘oi’ e se apresenta, porque para ele uma festa é um lugar para conhecer pessoas. E ele está decidido a conhecer você. Mas isso não necessariamente significa que você queira conhecê-lo. De fato, trinta segundos na sua companhia são mais do que suficientes para ter certeza que você não quer. Vocês mal foram apresentados pelo primeiro nome, mas você já sabe toda e qualquer coisa que poderia querer saber sobre este homem. E você já está pensando em qual seria a melhor maneira de escapar.

Esta é uma festa dessas.

Dickie é um desses caras.

Dickie trabalha com concreto. Trabalha em construção e resume toda a sua vida profissional. Ele é o presidente e CEO de uma das maiores empresas de fornecimento de materiais de construção do mundo. Concreto é sua vida e ele é totalmente apaixonado pelo assunto. Dickie está tentando me convencer de que os primeiros usos registrados de cimento são tão importantes para a história do mundo quanto a descoberta do fogo. Que seu métier na vida é tão importante para o desenvolvimento cultural da humanidade como a arqueologia, a medicina e a filosofia combinada.

Mas ele não é nenhuma Madre Teresa. Dickie tem escritórios em todas as zonas de conflito do mundo. Ele está produzindo concreto suficiente para reconstruir países antes mesmo de eles serem destruídos. ‘A guerra é um grande negócio’, ele me conta.

Anna está conversando com o amigo de Dickie, Freddie, um gestor de fundos de divisas. Ela está toda risonha e parece que está se divertindo. Dickie pode ser podre de rico, mas suas habilidades de conversação são tão entediadas quanto o negócio em que trabalha. Ele está me enchendo o saco.

Se eu tivesse um saco, claro. Se eu tivesse um, Dickie estaria enchendo-o agora.

Mas não tenho.

Estou vestindo o seguinte: uma venda de renda preta florida que cobre meus olhos, meias brancas 7/8, scarpins vermelhos e, enrolada em torno de mim como um cobertor, uma capa que vai até o joelho – vermelho-rubi, para combinar com meu batom preferido. Desta vez não estou usando lingerie.

Anna está usando uma máscara de metal filigrana em forma de borboleta e uma capa verde-esmeralda que ela jogou em torno de suas curvas como uma pele. Juntas, nós parecíamos dois momentos de um sinal de trânsito.

As máscaras e capas são parte do *dress code* para esta noite. Nada de couro e jeans. Máscara e anonimato. Porque esta é uma festa de sexo temática. Uma festa *De Olhos Bem Fechados*.

Isto não tem nada a ver com a Fuck Factory. Este lugar é diferente. É exclusivo, de elite.

Eu imagino o que Kubrick faria aqui. Stanley, não Larry. Ele construiu uma fábula meticulosa sobre a interseção entre sexo, riqueza, poder e privilégio, sua última obra-prima, o mais longo plano-sequência na história do cinema, um filme como todos os filmes que ele fez, onde cada detalhe, cada nuance de sua construção e encenação estão lá por uma razão específica. Um filme no qual ele colocou tanta paixão e trabalho que acabou por matá-lo, e Kubrick nunca chegou a conferir como foi recebido.

O que eu acho bom. Porque se tem uma coisa que Stanley Kubrick provavelmente não previu é que as pessoas sobre quem ele fala interpretariam a história literalmente. Que a minoria rica cujo poder e

privilégio lhes dão total liberdade para viver de acordo com seu próprio código social, moral e sexual, que não se aplica ao resto de nós; que pensa que decadência é algo que você pode comprar com cartão de crédito, ou pegar em um *showroom*, iria confundi-lo com algo como um comercial elaborado de um clube chique de *swingers*, pouco mais que uma desculpa para um lugar como este existir.

Nós estávamos na sala de uma casa enorme e bem decorada com mobília antiga e reproduções de obras de arte. Em algum lugar no interior. Exatamente onde, eu não sei, nem Anna, porque fomos trazidas em um carro arranjado por Bundy e nós duas caímos no sono no caminho, ninadas pelo som do motor, o rastro de luzes traseiras à nossa frente e o suave movimento do carro nas curvas da estrada quando deixamos a cidade grande. E a próxima coisa que lembro é Anna tocando meu ombro e me balançando suavemente, dizendo: ‘Catherine... Catherine... acorde. Chegamos.’

Agora que entramos, percebo que não tenho a menor ideia de onde estamos e não há nenhuma maneira de saber, porque está escuro lá fora e todas as janelas estão fechadas. Parece que estamos no set de um filme. Toda a realidade está contida e focada dentro desta casa.

Há mesas enormes lotadas de tanta comida de luxo que parece um banquete romano. Garrafas de Veuve Cliquot em baldes de gelo. Buffets de prata transbordando de caviar Beluga. Travessas enormes de frutos do mar – ostras, mexilhões e camarões – plantadas em gelo, como canteiros. Terrines de foie gras. E essas pessoas são tão blasé sobre sua riqueza que ninguém parece estar comendo. Mordomos estoicos de smoking e máscaras negras circulam entre os convidados servindo champanhe.

É como se alguém tivesse aberto para mim uma porta que sempre esteve fechada, uma porta para um lugar que eu nunca soube que existia, e me convidado para entrar com eles. E por que eu não iria querer dar uma olhada, experimentar isso? Como será a vida na zona proibida?

Agora, não parece uma orgia. É tudo muito cheio de gentileza e educação. Parece uma festa burguesa. Olho para Anna como se dissesse: sério? É para isso que viemos até aqui? É este o melhor que Bundy pode arrumar? E, ao mesmo tempo, estou meio impressionada, porque esses caras estão em outro nível. Muito acima do dele. Muito além.

E é por isso que estamos aqui, eu e Anna, e Bundy e sua arte corporal ridícula não estão – porque ele só se destacaria no mau sentido – mas ele mandou as meninas. E Anna, ela transita entre todos esses mundos com graça e facilidade. Sua sexualidade dá lhe dá um passe livre e eu sou sua acompanhante.

Eu diria que Dickie é um sexagenário, no mínimo, talvez mais velho, mas ele está em uma idade em que os números deixam de importar e ficam cada vez mais difíceis de adivinhar. Dickie tem o cabelo cinza-branco puxado para trás e um corpo que parece um saco de batatas, irregular, desigual e mais roliço na parte inferior. Ele está usando uma máscara de Zorro e uma capa de cetim branco com debrum vermelho sobre os ombros, do tipo que os sacerdotes vestem. Fora isso, Dickie é, por falta de um termo melhor, um excomungado. Ele se parece menos com um membro do clero e mais com um super-herói aposentado com tendências nudistas. Capitão Concreto.

Dickie está sentado conversando comigo, explicando a mecânica de cimento com as pernas cruzadas. Seu pau e suas bolas estão pendurados apaticamente sobre sua coxa, parecendo tão entediados quanto eu.

Freddie é muito mais jovem, jovem o suficiente para ser filho de Dickie, e ele parece estar vestindo a batina que faz conjunto com a capa de Dickie, como se eles tivessem rachado o aluguel da fantasia e jogado um cara-e-coroa para ver quem fica com o quê.

Enquanto converso com Dickie, sou tomada por uma tristeza indizível, mas me esforço ao máximo para escondê-la. Estou tentando parecer interessada e manter uma conversa. Mas eu nunca chamei ninguém de Dickie em toda a minha vida e não estou prestes a começar. Então, eu o chamo de Richard.

Digo, ‘Richard...’

‘Dickie’, ele diz, me interrompendo pela terceira ou quarta vez, ‘me chame de Dickie.’ E pela terceira ou quarta vez, finjo que não escutei.

‘Ok, Richard’, falo, ‘conte-me de novo, quais são as vantagens da utilização do concreto de alto desempenho e do concreto autoadensável?’

Decoro alguns termos para jogar na conversa e fingir que estive prestando atenção.

‘Resistência, querida’, ele diz. E repete para enfatizar: ‘Re-sis-tên-ci-a.’

‘E o autoadensável?’, pergunto.

‘Menos deformações’, diz Dickie. ‘Menos retração e empenamento. Você quer que ele fique duro e reto, ele fica duro e reto.’

Ele dá um golpe de karatê no ar e solta uma gargalhada.

‘Acho que entendi’, falo.

Agora que mostrei um mínimo de interesse e quase pareci alguém que sabia do que estava falando, Dickie achou que era uma deixa para continuar o assunto e abriu o falatório. Eu piro.

Na parede atrás de Dickie há uma série de reproduções emolduradas de ilustrações primitivas de homens e mulheres fodendo em várias posições. Eu as reconheço imediatamente, são os desenhos do livro que Brigitte Bardot está folheando em *O Desprezo*, de Godard, o livro que o vulgar produtor americano deu ao seu marido roteirista, a fim de ajudá-lo a ‘sexualizar’ um roteiro do diretor alemão Fritz Lang, que é artístico demais, trata de mito grego e tem zero potencial de ser sucesso de bilheteria. Ele deu ao roteirista marido de Bardot um livro de arte pornográfica romana antiga para se masturbar na esperança de que ele sangre prazer em sua escrita e dê ao produtor sucesso suficiente para render um dinheirinho e colocar bundas nos assentos de cinema. E as imagens, que estão no livro e nestas paredes, foram criadas com uma finalidade específica, como uma espécie de manual de instruções do sexo e estimulante erótico para os clientes de um bordel em Pompeia, onde foram encontradas. E eu suponho que estão aqui para o mesmo fim também.

Dickie não para de falar e as únicas palavras que registro são ‘descarregar’, ‘vibradores’ e ‘manchando’. Não sei mais se ele está falando sobre cimento ou sobre sacanagem, mas acho que se o concreto deixa o Dickie armado, ele deve ser um homem fácil de agradar. Eu só não sou a pessoa certa para a função.

‘Manchando’, digo.

‘Isso, boneca, manchando’, Dickie fala. ‘Por causa de impurezas. Da água.’

‘Oh’, digo. E começo a viajar de novo. Observo todos os outros homens e mulheres pelados na sala, de todas as cores, formas e tamanhos, e me pergunto em que ramo eles trabalham.

Plásticos. Biotecnologia. Petróleo. Farmacêuticos. Logística. Commodities.

Porque todos esses burocratas sem rosto e sem nome que chefiam empresas que você nunca ouviu falar, mas cuja influência e decisões se estendem de forma invisível a todos os aspectos de sua vida diária – desde as pílulas que você toma antes do café, até o gás que você coloca em seu carro e o travesseiro de espuma em que descansa a cabeça à noite – essas pessoas têm vidas sexuais também. Eles têm que foder. E imagino que este é o lugar onde eles fazem isso. Bem aqui. Em uma festa de elite como esta, produzida para proteger sua dignidade, se não sua modéstia. Usando máscaras para que eles possam ser tão anônimos em suas vidas privadas quanto são em suas vidas públicas.

Sinto uma urgente vontade de fazer xixi, e reparo que é a desculpa perfeita para dispensarmos Dickie e Freddie.

Digo, ‘Licença, cavalheiros. Precisamos ir ao toalete.’

Nós andamos o mais rápido que conseguimos com aqueles saltos, em direção a um banheiro no andar de cima.

Nós estamos uma ao lado da outra em frente ao espelho do banheiro, retocando a maquiagem, e eu pergunto para Anna, ‘O que é este lugar?’

‘Eles chamam de Juliette Society’, ela responde.

‘O que diabos é isto?’, pergunto.

‘Eu não sei muito mais’, ela diz. ‘Só sei que chamam assim. Como posso te explicar... a Fuck Factory é para pessoas comuns. Estas pessoas não são pessoas comuns.’

‘Eu percebi’, digo. ‘Mas como Bundy teve acesso a este lugar?’

‘Ah, você sabe’, ela ri, ‘Bundy é cheio de surpresas. Ele anda por caminhos misteriosos.’

‘O que você quer dizer?’, pergunto, intrigada.

‘Bem’, ela diz. ‘Ele pode parecer baixa renda, mas tem grana. Ele adora meninas ricas que são como ele e fazem qualquer coisa por ele. O tipo de garota que tem mais de seis dígitos no fundo de investimento mas trabalha como *stripper*. Ele tem até um *website* para elas.’

‘Deixe-me adivinhar’, digo, ‘Cachorras Ricas e Safadas?’

‘Como você sabe?’, Anna pergunta, parecendo genuinamente surpresa.

‘Só um palpite.’

Estou retocando meu batom e Anna está enchendo as bochechas de blush. Ela confere seu rosto no espelho para se assegurar que os dois lados estão iguais, e diz: ‘Você sabe, os homens mais velhos realmente sabem satisfazer uma mulher.’

Justo quando eu acho que já ouvi tudo de Anna, ela solta outra pérola de sabedoria, outra joia que me deixa louca. Ela nunca se cansa de me impressionar. E fala como se fosse a coisa mais casual do mundo.

‘Como assim?’

‘Porque eles têm o tesão dos meninos de dezoito anos, mas o corpo já não corresponde.’

Caio na gargalhada.

‘Estou falando sério’, diz Anna. ‘Eles fodem como loucos até ficarem sem fôlego, então têm que parar, se recuperar e recobrar a resistência. Em seguida, começam tudo de novo. Dessa forma, podem continuar durante a noite toda.’

‘Mas garotos são assim também – qual a diferença?’

E conforme eu falo isso, sinto que estou de novo naquela sala com Dickie.

‘Garotos mais jovens sempre têm que provar alguma coisa’, ela diz, abrindo seu batom. ‘E, de forma geral, os que são muito bonitos são tão vaidosos que têm zero imaginação.’

‘É, sei exatamente do que você está falando’, digo, lembrando do meu ex que jogava futebol.

‘Eles normalmente querem transar na frente do espelho, para que possam se ver de todos os ângulos’, ela continua, ‘como se estivessem dirigindo seu próprio filme pornô pessoal. Eles estão fodendo eles mesmos e você é apenas parte do cenário. Caras mais velhos estão mais preocupados com que você sinta prazer. E eles sempre querem tentar algo novo, porque eles já fizeram de tudo e sabem todos os truques.’

‘E outra coisa’, diz ela, enquanto ajusta a sua máscara. ‘Um pinto duro nunca mostra a sua idade. Realmente não importa quantos anos ele tem, desde que funcione. E esses caras, você mal tem que tocá-los. Eles tomam Viagra e ficam duros num *flash*.’

Ela estala os dedos.

Eu não sei quanto tempo ficamos no banheiro, mas quando saímos, não era mais a mesma festa. De jeito nenhum. A energia do lugar tinha mudado. Parece que quando estivemos longe, alguém tocou um sino, como o que sinaliza a abertura do mercado na bolsa de valores e, meio segundo depois, o pregão tinha virado um frenesi de atividade, uma orgia de teclas.

Ninguém está conversando agora. Todos estão fazendo sexo. Agrupados em dois ou três ou quatro, ou até em empreitadas solo, masturbando-se enquanto observam.

Estamos de pé no alto da escada e estou olhando tudo e, tenho que dizer, é muito impressionante. Percebo que neste momento não há nenhum lugar para se esconder, não há para onde correr. É hora de participar ou se calar. Preciso de um minuto para me recompor, tomar fôlego e cair dentro.

‘Desça’, falo para Anna. ‘Eu vou em um minuto. Só quero assistir daqui um pouquinho.’

‘OK’, ela diz, e desce a escada saltitando, como um cordeiro galopando no campo, ansioso para entrar na briga.

Estou inclinada sobre o corrimão, observando as pessoas fodendo na sala principal, e sinto esse cara do outro lado olhando para mim. Eu realmente não sei o que está acontecendo entre mim e homens estranhos no momento. Devo estar emitindo algum tipo de cheiro.

Algo me atrai na máscara que ele está usando, muito mais elaborada do que as outras que vi aqui. E então ele me bate. Ele é o homem do meu sonho, o homem renascentista de máscara de arlequim que libera algo dentro de mim.

Concluo tudo isso na fração de segundo desde quando meus olhos encontram os dele até o momento em que ele começa a andar em direção a mim. Meu coração começa a bater mais forte. Eu estou paralisada de ansiedade e ele está mirando em mim como um zangão predador. O tempo fica mais lento. Parece que eu o estou vendo avançar sobre mim em câmera lenta. Estou observando cada pequeno detalhe.

Ele se porta com um ar de superioridade, convencido, certo de seu apelo. Sua pele é bronzeada e curtida, mas seu corpo é firme, musculoso e tonificado. Parece que ele se cuida, faz exercícios. Seu corpo está falando comigo e a mensagem é que este homem sabe o seu poder e como usá-lo. E ele está bem para a sua idade, seja ela qual for, mas chuto que seja por volta dos quarenta anos, pelo menos.

Agora ele está tão perto que posso sentir seu cheiro. Ele tem cheiro de homem rico. Quando ele para na minha frente, já estou viciada. Há algo sobre ele, mas eu simplesmente não consigo descobrir o que é. Mas, logo, cai a ficha. Algo nele me faz lembrar de Jack.

Não o Jack de hoje. O Jack de depois. Jack em algum momento do futuro.

Eu sempre disse que queria envelhecer ao lado de Jack. Às vezes gostava de imaginar como estaríamos quando tivéssemos cinquenta ou sessenta anos, quando já tivéssemos passado metade da vida na companhia um do outro. Pensava em como estaríamos com toda esta bagagem, como seria o nosso relacionamento, como seria o sexo.

E este cara, eu decidi neste minuto, ele representa minha fantasia de como Jack ficará quando formos mais velhos, como será sua aparência, como ele vai se portar.

Eu sei o que isso parece. Parece uma desculpa, e, de algum jeito, é. É uma desculpa que meu cérebro arrumou para explicar a maneira como meu corpo está reagindo. Porque eu sinto uma imensa atração por este homem, cuja identidade eu não sei e nunca saberei. Um homem que é uma tela em branco para mim, em quem eu posso projetar a fantasia que quiser. E vivê-la e experimentá-la. De verdade.

Ele me estende a mão. Eu a seguro sem hesitação ou reserva. Quando ele me conduz escada abaixo para a sala principal, parece que nós somos dois jovens amantes inebriados num passeio no calçadão numa tarde de domingo.

À medida que caminhamos, vejo Dickie e Freddie, já em ação com Anna, e eu não posso dizer que estou surpresa. Ela está de quatro sobre um sofá de couro antigo. Freddie está em sua traseira. Dickie está com o pau na boca de Anna e uma perna em cima do sofá. Ele está com as mãos sobre sua lombar, logo acima de seu quadril, numa pose que se vê muito em pornografia quando um homem está recebendo um boquete. Como se tivesse lombalgia.

Os caras que você vê de pé assim, transando assim, em filmes, quase sempre estão de meias. E, surpresa, surpresa, Dickie está de meias. Mas as dele são meias caras. Meias de estampa Argyle. Da Ralph Lauren.

Freddie claramente não é tão refinado. Ele está totalmente nu. Tenho que admitir, Anna está realmente empolgada. Ela está oferecendo aos dois parceiros diversão de primeira. Dickie está com um sorriso de um quilômetro de largura no rosto, como o que você também apresentaria se tivesse uma garota jovem, bonita e safada como Anna disposta a levar tapas do seu pênis na cara ao mesmo tempo em que fala sacanagem.

‘Você é um velho sujo’, ela diz a Dickie. ‘Um velho muito muito muito sujo. Dickie, Dickie, Dickie. E seu pinto velho e safado.’

Eu não sei se ela está falando com Dickie ou seu pênis, mas eu diria que ambos estão igualmente satisfeitos.

Então Anna vira para Freddie e fala para ele, ‘Oh, sim, papai, alise-me com sua vara. Agora, papai Freddie, do jeito que eu gosto. Oh, caralho, oh.’

Meu homem mascarado me leva até o final da sala, como se ele estivesse desfilando comigo na frente de todos, me exibindo. Ele faz um gesto para que eu me sente nesta grande poltrona antiga com estofado de camurça vermelha. Sento-me com as minhas pernas fechadas, juntas e minhas mãos no colo, comportada e discreta como uma estudante de escola católica. Ele olha para mim, sorri e bate no braço da cadeira. Ele não tem que dizer nada, eu já sei o que ele quer, o que ele espera.

Coloco minhas pernas sobre cada braço da cadeira e deslizo minha bunda para frente, até a borda do assento. Ele se ajoelha na minha frente, pega o meu pé esquerdo em suas mãos e começa a massagear o dedão com os polegares, amassando de cima a baixo, como um gato testa se uma cadeira é confortável antes de se aninhar. Quando chega ao topo, ele esfrega o polegar ao longo da base dos dedos, e depois passa o dedo ao longo de cada dedo do pé, separa-os, e explora o espaço entre eles.

Fecho meus olhos para me isolar do mundo e me concentrar em cada toque e cada carícia, e antes que eu perceba, ele está beijando a sola do meu pé, chupando cada dedo, passando a língua por eles. É maravilhoso.

Posso senti-lo passando os dedos por dentro das minhas pernas, tocando em volta da virilha e roçando na minha buceta, e em seguida, separando os lábios com o indicador e o polegar. Minha buceta já está molhada e pegajosa. Ele bate nela com longos e regulares movimentos de língua, como

um gato limpa sua pele. Sua máscara está pressionada com força contra o meu clitóris e o nariz se esfrega para frente e para trás, conforme ele desliza sua boca ao redor da minha virilha, lambendo, batendo e chupando. Sinto sua língua sondar ao redor do meu ânus. Ele a mergulha dentro e é tão bom que deixo escapar um gemido e deslizo meus quadris para a frente, para que eu possa me lançar em sua língua. Mas assim que faço isso, ele se afasta, me provocando.

Ele põe as mãos sobre minhas pernas, une-as e suspende-as de forma que meus pés estão sobre a minha cabeça e minha buceta está em evidência, inchada, molhada e exposta. Eu seguro minhas pernas com meus braços para mantê-las no lugar enquanto ele deixa uma mão sobre minha coxa, e com a outra, dá um tapinha na minha buceta. Solto um gemido, e eu não sei se é uma reação ao meu susto ou ao som, mas ele se empolga para fazer novamente. Ele bate na minha xoxota de novo e eu sinto meu clitóris pulsar quando sua mão se afasta.

Então sua boca está de volta a mim, mas desta vez está fixada firmemente em volta do meu clitóris, e eu posso senti-lo me sugando para sua boca, chupando com força e então lambendo a cabeça, passando a língua por ele, soprando, chupando, lambendo. E toda vez que ele conclui este ciclo de chupar, soprar, morder e lambe, ele inverte a ordem para que eu não saiba o que vem a seguir. É tão gostoso que deixo escapar uma série de espasmos e gemidos sincopados.

Enquanto ele faz isso, seus dedos encontram meu buraco, que está tão molhado que já posso sentir um rastro pingando até meu ânus. Ele não perde tempo, enfia os dedos lá dentro, explorando a cavidade carnuda atrás do clitóris. Ele está chupando meu clitóris e metendo os dedos na minha buceta e estou prestes a gozar e não poderia parar nem se quisesse. Sinto um arrepio nas terminações nervosas, que enviam choques de eletricidade por todo meu corpo. Faço força contra sua boca e sinto os dentes, a língua, os lábios, todos pressionando contra o meu clitóris.

Então eu o sinto enfiar um dedo molhado de saliva na minha bunda, achando que estou tão distraída que não vou notar, e isso me traz de volta à Terra com um solavanco. Olho nos olhos dele e digo-lhe com firmeza, não. Se eu pudesse ler seu rosto, eu provavelmente veria decepção, mas ele consente e eu realmente não me importo se ele acha que sou uma puritana. Não é isso. Eu não sou uma virgem anal. É só que eu quero manter alguma

coisa para mim. Eu quero manter algo para Jack. E isto não é como a Fuck Factory. Não é uma bagunça em que tudo é de todos. Aqui eu estou no controle, na minha zona de conforto e decido até onde quero ir.

Vamos trocar de lugar. Ele se senta no banco e eu subo nos braços, agacho-me e abaixo lentamente sobre seu pênis. Minha buceta está tão molhada que desliza direto, ao máximo, e agora é a minha vez de fazê-lo gemer. Saio de cima dele novamente. Rastros da minha buceta, um suco branco, cremoso e grosso escorrem por seu pênis e acumulam-se em seus pêlos pubianos. Eu cuspo na minha mão e bombeio seu pau, coberto de secreções, e continuo a bombear até ouvir um gemido baixo e insistente que diz que estou no caminho certo.

Eu me rebaixo lentamente em seu pau de novo, me inclino para frente para que as minhas mãos descansem nos braços da poltrona e minha bunda esteja ligeiramente inclinada para cima formando um ângulo, puxando seu pênis junto. Eu alterno entre girar lentamente meus quadris e mexê-los para frente e para trás e posso ouvir que o gemido baixo e fantasmagórico começa de novo. Deslizo para trás e para frente em seu pênis e suas mãos agarram meus seios, o polegar e o indicador seguram meus mamilos e os mantêm firmemente no lugar.

Agora que já estou molhada e louca de desejo, ele mostra outra carta na manga: ele quer me dividir com outros. E eu não sei como eles sabem, se ele deu a eles algum tipo de sinal, mas de repente me vejo envolvida por várias pessoas. E não sinto medo.

Há uma parede de carne masculina me separando do resto da sala, como se eu estivesse num casulo. E eu me sinto segura.

Quando alguns se retiram, outros tomam o lugar imediatamente. E eu quero isso. Quanto mais, melhor.

Eu perco as contas de quantos rostos mascarados e pintos anônimos se aproximam, cabeças me cumprimentando, implorando por atenção. Eu pego tudo que está ao meu alcance, tudo que consigo e uma vez que provo, percebo que ainda estou com fome e quero mais. Quanto mais faminta eu fico, mais fome eu tenho e só vou parar quando quiser. E eu não quero.

O sexo fica cada vez melhor. Os orgasmos ficam cada vez mais intensos e quando eu acho que atingi o ápice, outro vem depois e me leva ainda mais longe, e eu não quero que isso acabe, porque o prazer é muito intenso.

Parece que meu corpo está levando um choque de eletricidade. Não apenas toda vez que gozo. Toda vez que eu sou tocada. Como se fosse atingida por um *taser*, mais e mais e mais. Sinto um prazer tão forte que chega a doer. Dopamina inunda meu cérebro, descargas de adrenalina correm pelo meu corpo e eu perco a noção do tempo.

Parece que estou transando sem parar há vinte e quatro horas. E tudo me leva a crer que se quiser, posso continuar por mais vinte e quatro. Meu corpo continuaria funcionando enquanto meu cérebro fosse estimulado. E aí que está: a mente nunca se cansa pela atividade física, ela só se distrai e se entedia. É aí que bate a fadiga. Mas se você mantiver sua cabeça focada, não há como saber até onde você pode chegar.

Eu vou mais além do que jamais pensei e se eu pudesse me ver ali, naquela sala, cercada por todos aqueles homens, eu não sei se iria me reconhecer. Eu provavelmente reconheceria Anna.

Quando chego em casa, estou toda machucada, meus músculos doloridos como se eu tivesse escalado uma montanha e tivesse usado cada parte do meu corpo para chegar ao cume. Me sinto revigorada, mas exausta, e tudo que quero é tomar um longo banho quente.

Enquanto encho a banheira, eu me olho no espelho do banheiro. E fico aliviada de Jack não estar aqui, para que ele não tenha a chance de ver as marcas vermelhas de tapas, pancadas e beliscões no meu corpo. Ao mesmo tempo, ainda estou num estado de excitação e louca de tesão. Se Jack estivesse aqui, eu botaria seu pau na minha boca em um segundo. Eu pularia em cima dele e o faria me punir ainda mais com seu pau.

Acendo uma vela com perfume de jasmim, coloco algumas pequenas velas em volta da banheira, pingo algumas gotas de óleo de lavanda e entro na água, aos pouquinhos, até estar toda submersa, sentindo o calor relaxando meus músculos, o vapor entrando nos poros do meu rosto e meu corpo, e o suor expulsando tudo aquilo de mim.

Há muito tempo não tenho uma noite de sono tão boa. Durmo como um bebê. E quando acordo, meu corpo ainda dói, mas minha mente está clara e focada. Estou me arrumando para sair para passear e escrevo um bilhete para Jack, porque ele estará de volta hoje e eu quero que tudo esteja

perfeito, na esperança que ele pense de novo e nós possamos nos acertar. Escrevo um bilhete que diz o quanto eu o amo. E é verdade. Nunca fui tão sincera. Nunca o quis tanto quanto agora.

Pouco antes de sair pela porta, vasculho minha bolsa para verificar que minhas chaves estão lá. Em vez das chaves, encontro um rolo de notas. Notas de cem dólares. E eu não tenho a mínima ideia de como ou quando elas chegaram lá. Pego as notas e apenas olho para elas. Em estado de choque. Estou paralisada, como se alguém tivesse me batido na bunda e eu tivesse levado um susto, tentando descobrir o que aconteceu.

Eu devia ter escutado Anna. ‘Bundy é cheio de surpresas’, disse ela e eu pensei que era só mais uma das bobagens que ela fala. Agora eu entendo. Ele me transformou na única coisa que eu nunca quis ser. Eu fui dragada pela fantasia maluca de Bundy, Pigmaleão ao contrário, onde cada mulher é a perfeição à espera de ser transformada em prostituta. Bundy me transformou em Séverine. Belle de Jour. O prato do dia. Uma das cachorras de Bundy.

Me sinto suja e usada. Meu estômago está embrulhado e eu me sinto enjoada. A náusea é tanta que acho que vou vomitar. A náusea dá lugar à raiva. E tudo que posso escutar é uma voz na minha cabeça, gritando.

Como você pôde ser tão burra?

Berro comigo mesma na minha cabeça, porque Bundy me virou do lado avesso e eu nem percebi. Disse para mim mesma que estava no controle, que era mais esperta que isso.

E não era.

dezesseis

Isto é o que me pergunto agora:

O que é o valor de uma experiência? E qual o seu preço?

São duas coisas diferentes. Um conceito está ligado a significado, o outro a sacrifício.

Nós estamos muito acostumados a pagar um preço – pelas compras da semana, nossa saúde, nossos erros, nossas indiscrições, e outros crimes, afrontas e infrações – e nunca questionar quanto ou quem decide isso e por quê. E, como sociedade, parecemos obcecados com o que foi perdido – seja inocência, privacidade, privilégio, segurança ou respeito – raramente com o que foi ganho.

Ninguém pode me dizer qual o valor de uma experiência. Ninguém além de mim mesma. É algo que somente eu posso saber, entender e sentir. Algo que somente eu posso pesar, medir e quantificar. É algo que eu posso escolher dividir com outros ou guardar para mim. E esta escolha é minha e só minha. É a minha liberdade de decisão. É minha responsabilidade.

Não vamos medir as palavras aqui. Estamos falando de sexo. De foder. E todo mundo faz isso. Seja num local público ou privado. Mais vezes ou menos vezes. Careta ou ousado. Solo, em pares ou em grupos. Com o mesmo sexo ou com o oposto. E, na prática, geralmente fazem uma combinação de vários ou todas as opções citadas. Nossa sexualidade é tão complexa quanto nossa personalidade, talvez até mais, porque envolve nossos corpos, não só nossas mentes.

Não é ciência, é apenas ser. E é por isso que eu, particularmente, não confio muito nas conclusões de pessoas como Dr. Kinsey e Dr. Freud, especialmente quando se trata de mulheres. Como você quantifica ou categoriza o desejo? Como você pode julgar o que é bom ou ruim para pessoas, indivíduos, baseado no que elas sentem? Baseado em como elas transam?

Nós todos somos aberrações. Em segredo. Lá no fundo. A portas fechadas. Quando não há ninguém olhando. Mas quando alguém está olhando, ou quando alguém sabe, então aí é quando há um preço a pagar. Um preço que nos é dado, como o quilo da carne. E este preço, ele pode ter vários nomes, quando na verdade é uma coisa só.

Vergonha.

Então pense naquela menina do Ensino Médio que era tachada de piranha ou puta simplesmente porque estava à vontade com suas afeições e seu corpo. Quando a metade de seus colegas de classe estava usando anéis de pureza como profilaxia para conter seus desejos – como se funcionasse – e, por alguma razão, isso os fazia pensar que eram melhores do que ela. Que ela era, de alguma forma, menor, mais fraca, mais rasa. Porque ela já tinha decidido que gostava de sexo. Especialmente de chupar paus. Sob as arquibancadas. Entre as aulas de Biologia e Química. Não só o do capitão do time de futebol, mas também o do nerd e o do professor de História. Às vezes um após o outro, às vezes todos ao mesmo tempo. Você já parou para pensar no que ela tirava dessa experiência? No que ela acreditava que valia a pena?

Aquela menina, ela não é como eu. Ela é mais como Anna.

E é por isso que me recuso a condenar Anna pelas coisas que faz.

Anna é tudo para qualquer homem. Ela transita por todos esses mundos. Amante, estrela pornô, *groupie*, garota de programa. Ela não os considera cargos, só diferentes tipos de fantasias. Ela não se sente explorada, então não se importa com o que outras pessoas pensam. E, porque ela gosta, não tem problema em aceitar dinheiro. Para ela, é um negócio justo.

Muito embora, para mim, às vezes pareça que ela está exagerando. Como se o sexo tivesse virado uma necessidade; e a necessidade está ali para preencher um vazio, um vazio que não pode ser preenchido. Ela é uma menina inteligente, então em algum momento vai perceber que está olhando para um abismo. Este é o futuro que vejo para Anna. E isso me apavora. Mas não vou condená-la. Nem tentar salvá-la. Porque para ela, neste momento, tudo vale a pena. Ela diz a si mesma que está realizada. No fim do dia, isso pode ser bom o suficiente para ela, e quem sou eu para dizer o contrário?

E eu?

Esta é a pergunta.

E eu?

O que eu estou tirando disso tudo? Qual é o preço que vou ter que pagar?

E como eu poderia saber? Antes do fato, não depois; porque sexo não é um corredor de supermercado onde você pode olhar todas as opções e pesquisar preços antes de tomar sua decisão.

Então vamos supor que eu estava totalmente ciente de tudo que estava fazendo e do porquê. É muito mais interessante assim, não é? Porque não há desculpas. Não há ninguém em quem botar a culpa.

Eu não estou falando só sobre as coisas que fiz, mas também sobre as coisas que fantasiei e sonhei. Os lugares aonde meu subconsciente me levou. Porque tudo vem do mesmo lugar. E tudo vai aparecer no final. Isto é o que digo para mim mesma. Tudo vai aparecer no final.

Eu não sei a quem estou enganando, eu ou Jack. Meu instinto me diz que ele já sabe, que ele já suspeita que algo em mim tenha mudado. Não é só difícil guardar um segredo da pessoa que te ama, da pessoa que te conhece melhor, é impossível. Mas às vezes as coisas que são mais óbvias nas pessoas que nos cercam, que amamos, nós mesmos, são as mesmas coisas que escolhemos ignorar.

Instinto é o órgão sensorial mais poderoso que temos. Não a visão, o olfato, o tato, o paladar ou a audição – o instinto. Ele é uma combinação de todos os outros e mais, e se nós aprendermos a confiar nele, não há caminhos que percorramos que seja errado, não há atitude que tomemos que se volte contra nós, não há relacionamento que nos faça sofrer.

Eu soube desde o primeiro minuto que Jack era o homem certo para mim. Não só por enquanto, para sempre. Lembro-me que não via a hora de confidenciar para minha irmã mais velha tudo sobre o cara que tinha conhecido e lhe contei em um desabafo apressado o quão incrível ele era. Achei que ela ficaria feliz por mim. Ela simplesmente zombou.

Ela disse que eu era jovem demais, que estava me enganando, que Jack parecia perfeito demais e que dali a pouco eu iria perceber que ele era um babaca como todos os outros. E eu não dei bola para ela, porque eu confiava no meu instinto e sabia a verdade.

Enquanto eu crescia, via minhas amigas passarem por vários meninos, um após o outro, e sempre acharem uma razão para descartá-los, se sentindo

insatisfeitas, frustradas ou usadas. Eu olhava para elas e pensava que não queria ser assim. E essas meninas, elas estão todas solteiras agora, e parece que vão continuar assim para sempre, porque estão sempre em busca do príncipe encantado. Elas têm uma imagem de quem ele é, como ele é, o que ele faz e como se comporta. E é uma fantasia, uma total fantasia. As mesmas besteiras que falam para as mulheres desde... sempre.

Príncipe encantado. O homem perfeito. O boneco Ken. O espécime perfeito. O Solteirão. O marido ideal. Porque esses caras, os incrivelmente bonitos, os charmosos, os que viram seu mundo de cabeça para baixo, os que parecem bons demais para ser verdade, bem, eles costumam ser bons demais para ser verdade. É uma outra palavra para conquistador, uma descrição mais apropriada.

Sociopata.

É impressionante quantas mulheres se apaixonam por caras assim, caem no mesmo papo, mil e uma vezes, e então amaldiçoam o dia em que o conheceram.

O jogo da sedução... é um dos truques mais velhos que existem. E na realidade é o que é:

Um jogo de sorte.

Sabe aquele jogo em que uma pessoa coloca uma pedra ou uma bolinha embaixo de um de três ou quatro copos e os embaralha sem parar até você adivinhar sob qual copo a pedra está? Observe os copos se moverem e tente adivinhar qual contém o homem certo. Jogue este jogo e você vai perder. Sempre. É certo.

Ninguém quer acreditar que está ligado ao outro, especialmente no amor. Porque isso dói pra cacete. Talvez mais do que qualquer outra coisa no mundo. Te atinge no peito. Te faz sentir enjoada. Te faz sentir burra. Muito, muito burra. Então a melhor coisa que alguém tem a fazer numa situação destas é:

Fingir que não foi pega de surpresa.

Fingir que sempre soube de tudo.

Fingir que nunca aconteceu.

Começar tudo outra vez.

E desta vez, dizer para si mesmas, nunca mais. Nunca vou cair no mesmo truque de novo.

Mas vão.

Vão cair porque não sabem o que querem da vida e, até saberem, estão fadadas a repetir padrões de tempos em tempos, destinadas a repetir os mesmos erros. Porque estão buscando uma fantasia inalcançável. Ou o homem perfeito. O marido perfeito. O amante perfeito.

E a vida não é assim.

Realmente não é.

Não é mesmo.

Pessoas não são assim.

E isso não se aplica somente a mulheres. Homens são vítimas de seu próprio autoengano também. Os mais sensíveis, pelo menos. Os que são evoluídos o suficiente para pensar em mulheres como mais do que apenas um receptáculo para seu gozo. Às vezes, eles são muito evoluídos. Eles pensam muito. Eles colocam as mulheres em um pedestal, idealizam a companheira perfeita num nível que ninguém pode atingir. Pelo menos, eu sei que eu não posso. E para mim, isso apenas parece ser a receita para uma vida de decepção e relacionamentos fracassados. De procurar incessantemente pela pessoa certa e sempre acabar com a errada. Muito errada.

Este é o jogo do amor. Um jogo em que todos perdem.

Você vai dizer, isso é horrível.

Eu digo, é realista.

Eu não estou dizendo que não acredito em amor, porque eu acredito. E, se duvidar, sou capaz de admitir que é a única coisa em que eu acredito. Nada de Deus, dinheiro, pessoas. Somente no amor. E eu não estou sugerindo que ninguém abaixe seu nível de exigência, ou se contente com pouco. Longe disso.

Vou te contar outra coisa. Meu relacionamento com Jack não é assim. Não é baseado no que não somos, e sim em quem somos. E nós somos imperfeitos, como seres humanos, como amantes, como parceiros. E eu amo as imperfeições, eu celebro as falhas, eu adoro os defeitos. Eu estou confortável com quem sou, mesmo imperfeita. Estou confortável com quem ele é. Estou falando por mim aqui, não por Jack.

Ele é uma dessas almas sensíveis que esperam demais e às vezes eu me desespero porque nunca vou corresponder às suas expectativas e esperanças. E eu faço coisas que são realmente idiotas e autodestrutivas, como se eu quisesse que ele encontrasse um motivo para me odiar.

Faço coisas como fiz na noite passada. E eu posso fingir o quanto quiser que não tem nada a ver. Que é até, de alguma forma, nobre porque eu fui honesta comigo mesma, verdadeira com meus desejos. Mas a realidade é: eu traí meu namorado. O homem que eu amo, com quem quero me casar e passar o resto da vida. Eu não o traí com minha cabeça. Eu o traí com meu corpo. E foi muito bom.

Mas dane-se, você só vive uma vez. Eu posso lidar com as consequências dos meus atos. Vou reduzir as perdas. Mas há uma coisa que eu não pretendo perder.

Jack.

dezessete

Jack chegou em casa e vou fazer qualquer coisa para ele me aceitar de volta, para fazê-lo sentir que é amado e desejado e que nós devemos ficar juntos.

Preparo uma refeição para ele e enquanto estamos comendo eu procuro em seu rosto alguma indicação de que o gelo tenha sido quebrado, porque a conversa está artificial e estranha. E percebo que só o fato de ele estar aqui, comendo algo que eu preparei, é um bom sinal.

Nós ainda estamos nos acostumando a ficar juntos depois de um tempo separados. Uma semana que mais pareceu um mês. Estou muito feliz por ele estar aqui.

Após o jantar, Jack liga a TV e pega o fim de um comercial de campanha de Bob DeVille. Ele está sentado no sofá como se estivesse assistindo aos últimos trinta segundos de uma partida de futebol decisiva; sentado na beira do assento, os cotovelos apoiados nos joelhos, as mãos entrelaçadas abaixo da virilha. Todo o seu corpo está tenso e equilibrado. Eu estou com as pernas enroscadas debaixo de mim, como um gato, e meu braço está esticado sobre o encosto do sofá, exatamente onde o corpo de Jack estaria se ele estivesse recostado.

Isso é o mais próximo que chegamos de intimidade. E eu faria qualquer coisa para que não fosse assim. Não sei se isso significa que estamos juntos novamente ou não. Jack está enviando sinais contraditórios e tudo é muito confuso.

Nós estamos vendo uma tomada de Bob em uma espécie de fábrica, ouvindo atentamente um jovem de uniforme e um rosto curtido cuja curta vida fez envelhecer rápido demais. Ele parece o pai de Bob, quando ele provavelmente tem idade para ser seu filho.

Bob está olhando sério e concordando com a cabeça. E se por acaso alguém não entender a mensagem da linguagem corporal, ele reforça na locução também. Ele diz: ‘As pessoas querem uma mudança. Elas estão

procurando por alguém que vai ouvir, escutar realmente, as suas preocupações, os seus problemas e seus medos. Alguém que vai ouvir, responder e reagir.’

Ele diz isso como se estivesse recitando o monólogo final de *Hamlet*, ou lendo *Moby Dick*. É épico e intoxicante e você quer muito acreditar nele, porque ele soa muito convincente.

Ele está falando de um jeito que passa a mensagem de forma branda e inofensiva, familiar, reconfortante, algo que realmente fala com as pessoas, vai direto ao cerne do seu ser, parece espelhar seus valores; mesmo quando ele está dizendo absolutamente nada – todas essas coisas ao mesmo tempo.

Frases feitas são ótimas, mas são apenas palavras em uma página que soam muito automáticas se alguém não reproduzi-las da maneira certa. Mas Bob é um talento natural nesta arte.

Ele nasceu para ser político, da mesma forma como achamos que certas pessoas nasceram para serem artistas, escritores ou esportistas. Mas na verdade isso é uma falácia, porque as pessoas que são criativas ou que podem se destacar em algum campo particular, embora possam ter nascido com sementes geniais dentro delas, são apenas o que são porque aperfeiçoaram um talento ao longo de muitos anos, focaram nele completamente e o fizeram o âmago do seu ser.

Não é preciso nenhum talento especial para ser um político, apenas uma determinada psicopatologia. Portanto, é absolutamente correto dizer que alguém nasceu para ser político. Eles fazem parte de uma raça seleta de indivíduos que prosperam ao usar as peculiaridades de sua personalidade, sua esperteza e astúcia, em vez de um conjunto específico de habilidades. Que já descobriram o atalho para alcançar o mesmo objetivo que os outros só alcançam através de trabalho duro e muita disciplina. Jogando o jogo e trapaceando o destino para se certificar de que irão além.

E eu não digo isso para menosprezar Bob, porque ele é muito bom no que faz. Ele é um dos melhores e eu entendo perfeitamente o fascínio de Jack por ele.

Bob se sai muito bem no truque de parecer urbano e *country* ao mesmo tempo – sem alienar nem um nem outro, os moradores da cidade ou do campo. Ele fala com o cérebro e com o coração ao mesmo tempo. Acho que

Bob poderia vender creme dental para pessoas sem dentes, sapatos e luvas para amputados e seguros de vida para prisioneiros no corredor da morte. Ele é realmente muito bom.

E ele tem a aparência certa também. Ele tem o que eu chamo de ‘cabelo de político’. Tão perfeitamente arrumado, molhado e brilhante que parece ter sido feito de gelatina. Uma mecha pode se soltar em um momento ou outro, mas fora isso, o penteado nunca perde a forma. Apenas treme.

O comercial corta para um close e parece que posso ver cada poro do rosto macio, bronzado e barbeado de Bob. Ele parece um pouco com Cary Grant, que eu acredito ser o modelo em quem todos os políticos se inspiram – suave, inteligente, sexy e vulnerável. O tipo de pessoa que os homens querem ser, ou ter como amigo, e para quem mulheres querem dar.

Bob está dando seu golpe de misericórdia, aquela frase arrasadora que vai convencer os eleitores de que ele é o cara certo, o cara que eles querem enviar para Washington para representá-los. Ele está falando sobre o que vai fazer para o Estado se for eleito. Ele diz: ‘Eu quero que as pessoas deste estado vejam o verdadeiro Robert DeVille.’

E eu tenho que conter minha risada, porque ninguém nunca o chama de Robert. Todos o chamam de Bob. É como se ele tivesse duas personas: uma para o público e outra para o resto.

Bob desaparece da tela e surge uma legenda escrita, VOTE EM ROBERT DEVILLE, e uma voz que declara que o anúncio foi pago por um comitê patrocinador ou algo assim.

O rosto de Bob é substituído pelo de Forrester Sachs, seu âncora favorito.

Agora, eu realmente não consigo enxergar o que Jack vê neste cara, porque para mim ele parece um babaca pomposo. Mas se Jack estiver em casa, ele nunca perde seu programa.

Forrester Sachs é Bob DeVille sem o intelecto e o charme. Seu nome parece o nome de uma empresa. E ele age e fala como uma também.

Lembra de todas as coisas que eu disse sobre a psicopatologia dos políticos? Aplica-se duplamente aos âncoras. Âncoras são aspirantes a políticos cuja vaidade os impede de concorrer com alguém, exceto outros apresentadores, para obter mais tempo no ar, melhores horários, mais pontos de audiência – todas as coisas que realmente importam na vida.

Forrester Sachs apresenta o noticiário mais assistido da TV. Ele é um tubarão em terno de grife, cabelo grisalho bem aparado, a mandíbula tão

quadrada que parece ter sido forjada em aço, sobrancelhas perfeitamente arqueadas; um visual que transmite todos os seus valores fundamentais: sobriedade, seriedade, juventude e sabedoria. Ele é um autômato assexuado falando diretamente para a câmera com toda a falsa seriedade e impositação possíveis. Mas nada poderia me preparar para o que estava prestes a sair de sua boca.

Ele diz:

‘Esta noite...

‘No Forrester Sachs Apresenta...

‘Nós investigamos...

‘Bundy’s Got Talent...

‘O website que levou três jovens meninas ao suicídio nos últimos meses...

‘E veremos o homem por trás de tudo...

‘Bundy Tremayne...

‘O auto intitulado Simon Cowell da pornografia cibernética.’

Meu queixo cai. Agora é a minha vez de sentar na beira da poltrona, sem conseguir falar nada. Porque nunca falei sobre Bundy para Jack. Nunca nem mencionei seu nome. Se ele soubesse sobre Bundy, ele teria que saber de tudo. E mesmo se eu não contasse todo o resto, não iria demorar para ele imaginar.

No fundo, no canto superior esquerdo atrás do rosto macio e estranhamente sem rugas de Forrester Sachs, eles exibem uma foto de registro policial de Bundy que algum pesquisador do programa, que é muito bom em seu trabalho, conseguiu arrumar.

De onde ou de que eu não sei, mas não consigo imaginar que ele tenha sido preso por nada mais sério que dirigir alcoolizado ou de possuir maconha, porque Bundy é só um babaca, não um criminoso. Na foto, Bundy parece cansado, com o cabelo amassado, com cara de quem bebeu demais.

Mas a questão não é se ele saiu mal na foto, mas o que ela faz Bundy parecer. Para o público que está assistindo agora, ele é um bandido perigoso. Nos trinta segundos da escalada do programa de Forrester Sachs, ele já foi preso, julgado, condenado e sentenciado na corte da opinião pública.

No momento em que subirem os créditos finais, o nome de Bundy vai estar nos trending topics do Twitter com uma ou todas as seguintes

hashtags:

#predadorsexual

#suicídio

#bundyehocara

#pedófilo

#molestador

#mamilossaopolemicos

#boquete

#morteepouco

#heroi

#fodão

Páginas em sua homenagem terão sido criadas no Facebook, contra e a favor, com seu nome, idade, local de nascimento, cidade onde mora, histórico sexual e a foto do registro policial. Todas com centenas de milhares de ‘curtidas’. Garotas vão ter deixado seus números telefônicos e tamanhos de sutiã na seção dos comentários. Haverá tantas ameaças de morte quanto palavras de incentivo.

Bundy é o vilão do momento, uma celebridade instantânea, um herói popular genuíno. Sua marca alcançou projeção global e isso parece muito errado.

Bundy está sendo difamado em cadeia nacional e merece. Ele é um idiota. Puro e simples. Mesmo que eu esteja com mais raiva de mim porque deveria ter sido mais esperta. Assim como todas essas meninas. Mas elas não estão mais aqui para falar por si mesmas e dizer o que realmente aconteceu. Em vez disso, elas têm Forrester Sachs para falar por elas. Um âncora que pode transformar suas histórias e tragédias em picos de audiência.

‘Kirstin Duncan, de 22 anos, achava que não tinha escolha’, Sachs entoou. ‘Sua aventura de uma noite tornou-se um pesadelo do qual ela percebeu que não poderia escapar.’

‘Um pesadelo que a levou a tirar a própria vida.’

‘Mas antes de fazê-lo, ela gravou este vídeo, para que o mundo soubesse o seu lado da história.’

‘E para expor o predador sexual que a fez sentir que não valia mais a pena viver.’

Eles exibem o vídeo, sem nenhum comentário ou locução. E eu devo dizer, é bem assustador. Kirstin não chega a citar nomes. Mas ela deixa bem óbvio. Quem a levou a fazer isso. Quem foi responsável.

Bundy.

O vídeo foi feito no quarto de Kirstin. Pela webcam de seu laptop. Ela está sentada em sua mesa e, atrás dela, tudo é branco e cor-de-rosa, do Meu Querido Pônei, com rendas ou pompons. Parece o quarto de uma criança que foi decorado sem poupar despesas.

No entanto, um quarto de criança habitado por uma adulta.

Ela está toda maquiada e veste suas roupas favoritas. Ela é muito, muito bonita. Tão doce e inocente. Ela parece a filha de alguém. Não a mulher que se pega sem compromisso. Ela parece uma boa menina. E, por mais que eu tente, não consigo imaginar sua boca em volta do pênis de Bundy e o sêmen dele em sua língua. Simplesmente não parece certo. O que é o objetivo do programa, eu acho.

É um vídeo mudo – na era da internet e dos smartphones, como se o áudio não tivesse sido inventado – com uma música do Nickelback como trilha sonora. O que é bem apropriado, porque se tem uma banda que deve ser a trilha de uma nota de suicídio, é o Nickelback.

Se eu fosse uma jovem mulher que achasse que não há mais razão para viver, e fizesse um vídeo como este, eu provavelmente optaria por Chad Kroeger para falar por mim, como a voz que eu nunca tive. A voz para expressar minha dor e meu tormento. A voz a dizer: ‘Pra mim, chega.’

Enquanto Chad canta, Kirstin levanta uma série de fichas que ela já havia preparado, que estão numa pilha à sua frente. Estas são as coisas que ela quer dizer, que ela quer que o mundo saiba. Estes são todos os seus segredos. Escritos ordenadamente com pilot preto – somente em maiúsculas – em oito ou dez pedaços de cartolina branca, embora sem cuidados com gramática, pontuação ou ortografia. Eu me pergunto como uma garota chega aos vinte e poucos anos ainda escrevendo como uma criança de dez. E eu detestaria ser o cara a corrigir seus trabalhos.

Conforme ela segura os cartões, ela faz uma careta que parece ser apropriada – como se ela estivesse jogando um jogo de charadas, onde todo mundo sabe a resposta antes de ver a mímica.

Ela mostra a primeira ficha.

EU CONHECI UM CARA

E o próximo:

ELE ERA MTU BONITINHO

Ela faz sinal de positivo com o polegar e dá um grande sorriso.

ELE TINHA UMA TATUAGEM DE DONUT EMBAIXO DO OLHO

Realmente não poderia ser outra pessoa que não Bundy.

RISOS

Ela faz a mímica de uma gargalhada.

EU ACHEI Q ELE ME AMASSE.

EU ACHEI Q FICARIAMOS JUNTOS PRA SEMPRE

Ela faz a forma de um coração com o polegar e o indicador de cada mão, aperta contra o peito e sorri novamente.

E ELE TOMARIA CONTA DE MIM

EU DEIXEI ELE TIRAR FOTOS

Ela balança a cabeça para expressar arrependimento.

ELE DISSE Q ERA SÓ PRA NÓS 2

Ela morde o lábio inferior.

PRA GENTE LEMBRAR NOSSA PRIMEIRA VEZ JUNTOS

E OLHAR PRA ELAS QUANDO FOSSEMOS MTU MTU VELHINHOS

*E LEMBRAR COMO A GENTE ERA
E EU ACREDITEI NELE
MAIS NAUM ERA VERDADE*

Kirstin balança a cabeça solenemente. Eu estou vendo isso e pensando, é quase *Subterranean Homesick Blues*. Mas não tenho certeza se Bob Dylan aprovaria.

*ELE COLOCOU ELAS EM UM SITE
EU NAUM SABIA
ATE SER TARDE DEMAIS*

Ela franze a testa e balança a cabeça novamente – lentamente, como quem diz você acredita?

*ATE MINHA MELHOR AMIGA ME CONTAR
QUE O IRMAO DELA VIU
E TINHA AS FOTOS NO CELULAR
ELE PASSOU PRA TODOS OS AMIGOS
E AI TD MUNDO FICOU SABENDO
E TD MUNDO FALOU DE MIM NO FACEBOOK
ME MARCANDO NAS FOTOS PREU VER*

Ela desistiu de fazer as mímicas. Agora ela só está jogando as fichas o mais rápido que consegue, porque ela só quer acabar com isso. Porque é realmente constrangedor ver essas coisas em um fórum público. O rosto dela está marcado de arrependimento.

*ELES DISSERAM COISAS HORROROSAS SOBRE MIM
ME CHAMARAM DE PUTA
E PIRANHA
Q TAVA DROGADA*

Parece que quanto mais emocionalmente devastadora a história fica, mais a ortografia é esquecida.

E EU QUERIA Q NUNCA TIVESSE ACONTECIDO

Q NUNCA TIVESSE ENCONTRADO ELE

E aí o vídeo acaba. Eu me lembro da noite que passei com Bundy e Anna, vendo-o trabalhar, e percebo que ela deixou de fora muitos detalhes, e disfarçou outros, para proteger sua dignidade. Só a metade disso parece coisa do Bundy. A pior metade. E eu não estou fazendo pouco caso do que ela passou, do que sentiu que tinha que fazer, mas o resto disso é um caso claro de *cyber-bullying*, e quem sabe qual foi a gota d'água.

Forrester Sachs está solenemente narrando as horas finais de Kirstin, com todas as honras que prestaria na morte de um chefe de Estado muito querido. E ele então começa a entoar os nomes de todas as outras meninas que apareceram em sites de Bundy, e em seguida, morreram.

Quando ele fala 'Daisy Taylor', a ficha cai. Daisy, a menina que trabalhou com Jack no escritório da campanha. Eu não sei por que não fiz a conexão antes. Talvez porque as coisas que você vê na TV não parecem reais, nunca parecem ter qualquer ligação com a sua própria vida. Elas parecem apenas com todas as outras coisas que você vê na TV que apenas fingem ser de verdade, fingem ser sobre pessoas reais e eventos reais.

Mas a questão não é só Bundy agora, é Jack. olho para Jack, ele está olhando para a tela, petrificado. Ponho a mão nas suas costas para que ele saiba que eu estou aqui, por ele e com ele. Ele nem toma conhecimento, mas também não se afasta. Ele está fixado na televisão, porque Forrester Sachs ainda não terminou. Ele ainda tem alguns pregos para pôr no caixão de Bundy.

Sachs revela mais uma coisa sobre Bundy que eu nunca soube. Que se alguma das meninas que aparecessem em seu site se arrependessem mais tarde, se ela fizesse uma reclamação, se implorasse e suplicasse para que ele retirasse as fotos, ele concordaria em retirar. Mas só se ela pagasse.

Bundy é cheio de surpresas, disse Anna. De fato ele é.

Fotógrafo. Pornógrafo. Cafetão. Chantagista. Um babaca completo.

É neste ponto que Jack perde a paciência. Ele diz: 'Esse cara é um maldito idiota', com tanta raiva que estou quase com medo, porque nunca o vi tão irritado. Nunca soube que estes sentimentos existiam dentro dele. 'Por que nós estamos assistindo a essa merda?'

Tenho que lembrá-lo que é seu programa preferido.

Ele quer trocar de canal. Digo a ele que quero assistir ao programa todo, porque Bundy é amigo de Anna.

‘Anna devia escolher melhor suas amigadas’, ele diz. ‘Você o conhece?’

‘Não’, a mentira vem rapidamente, ‘mas eu já a ouvi falar dele.’

Se Jack soubesse da missa a metade. Se ele soubesse que Bundy tentou transformar sua namorada numa prostituta de alto luxo, ele faria mais do que xingar a TV e tentar trocar de canal.

É por isso que ele não pode saber nunca.

Eu queria ser como Kirstin e contar todos os meus segredos. Queria ser tão corajosa como ela foi e botar tudo em pratos limpos. Tudo seria bem menos complicado.

Os produtores do programa foram até os pais de Kirstin, Gil e Patty, para que eles dessem depoimentos. Gil é executivo da indústria de petróleo. Patty é dona de casa. Eles estão de pé juntos na garagem de sua mansão, demonstrando imensa força, apesar de estarem travando uma amarga batalha pelo divórcio.

‘Minha garotinha nunca iria fazer as coisas que disseram que ela fez’, diz Gil. ‘Eu vou levar esta questão ao Congresso. Eles deveriam censurar toda a internet. Limpá-la de toda esta nojeira, apagar essas imagens que esse pervertido fez da minha garotinha.’

Ele faz uma pausa, e então decide que ainda não falou tudo, e complementa: ‘Para que o irmãozinho dela nunca veja.’

Gil parece não saber o que é a internet. Ele é um executivo da indústria petrolífera que não tem contato com o mundo real, cuja secretária lê todos os e-mails e até entra em seu computador, que ele não sabe usar e só serve para ficar sobre a mesa como um grande, feio e barulhento abajur.

É como se ele não entendesse um conceito fundamental: a internet é eterna. Um erro idiota, e você está manchado para sempre.

E aparentemente Kirstin também não sabia disso – ainda que ela passasse 80% do seu tempo navegando, mandando mensagens, subindo material – e foi assim que ela chegou a esta confusão. Ela conheceu Bundy online e eles combinaram um encontro em um bar. O resto é história da internet.

Agora, ela não se chama mais Kirstin. Ela é ‘Loirinha Chupadeira #23’ no ‘Cachorras Ricas e Safadas’. Ela tem quinze milhões de acessos durante o

segundo intervalo comercial de Forrester Sachs Apresenta. Kirstin acaba de se tornar material de punheta para vários milhões de homens vulgares que nunca ligariam o rosto ao nome se Forrester Sachs não tivesse feito todo o trabalho duro para eles. Não apenas na América, mas em todo o mundo. Linkada e reenviada para blogs pornográficos do Azerbaijão e das Ilhas Cayman. E não foi apenas a marca de Bundy que se tornou global, seu site foi tão acessado que o servidor ficou temporariamente fora do ar e a receita publicitária aumentou.

Esta pobre menina está morta. Bundy está rico.

A vida é tão injusta. A vida é mesmo muito escrota.

Mas Bundy, ele sumiu na poeira. Ele desapareceu e ninguém consegue encontrá-lo. E já que Forrester Sachs não conseguiu uma entrevista exclusiva com ele, sua produção tratou de convencer alguém a falar em seu lugar.

A mãe dele, Charmaine.

‘Após os comerciais...’ diz Sachs.

‘Vamos conversar com a mãe de Bundy Tremayne...’

‘Para saber o que ela tem a dizer sobre o filho.’

Durante o intervalo, vou pegar uma cerveja para Jack, e enquanto estou na cozinha, ligo para Anna. Ela não atende. Mando uma mensagem.

‘Bundy. COMO ASSIM?!’

Ela não me responde enquanto estou pegando a cerveja na geladeira, então deixo meu celular sobre o balcão e o travo, para o caso de Jack entrar na cozinha.

Eu entrego a cerveja para ele a tempo de ver Charmaine na varanda de seu apartamento de frente para o mar. O apartamento que Bundy comprou para ela. O apartamento do qual ela vai ser despejada se não mantiver os pagamentos em dia – porque Charmaine não tem renda própria. Por isso acho que ela agarrou a primeira oportunidade de aparecer no horário nobre da TV implorando pelo retorno de Bundy. Mas Charmaine Tremayne tem sua própria história de vida para contar.

Após dar à luz Bundy, Charmaine ficou sóbria e sentiu necessidade de preencher o vazio em sua vida que antes era tomado pelos narcóticos. Anna me contou que ela passou a se dedicar à religião, mas como tudo em sua

vida, como quando comprava compulsivamente ou experimentava todas as combinações possíveis de drogas. Agora, ela acha que já se envolveu com todas.

Nova Era, Cristianismo, Judaísmo, Budismo, Hinduísmo, Sikhismo, Islamismo.

Toda vez que ela achava uma nova religião, ela não chegava a largar a antiga. Então ela acrescentava coisas a ela, adotando novos rituais, superstições e ícones. Cada uma delas deixou sua marca. Ela tem tatuagens de henna em suas mãos, amuletos de nativos americanos em torno de seus pulsos e um pingente de Jesus em volta do pescoço. Ela pratica ioga, cânticos, se confessa, guarda o Sabbath e pratica o jejum. Ela é uma contradição ambulante da Palavra de Deus. Como se ela acreditasse em todas as religiões e em nenhuma ao mesmo tempo.

Anna também me contou sobre o pai de Bundy, Richard Savoy Tremayne, como ele tomou um rumo semelhante, mas um pouco desviado. Ele largou as drogas, saiu do mercado financeiro e criou um grupo de autoajuda para incentivar outras pessoas que queriam fazer o mesmo. Sem perceber, assim como Kubrick, ele acertou num filão de grande potencial no setor financeiro. Seu negócio prosperou. Banqueiros drogados voaram para sua porta, todos recorrendo a Richard para apoio e aconselhamento. O grupo de autoajuda transformou-se numa seita, formada por ex-gestores de conta viciados em crack, diretores financeiros viciados em heroína e comerciantes dependentes de metanfetamina, com Richard como grande líder e guru, e Charmaine ao seu lado. Bundy foi criado na seita, até que chegou à puberdade e começou a se rebelar.

Mais ou menos na mesma época, Charmaine converteu-se brevemente ao Islamismo e adotou um nome muçulmano – Leila. Ela chegou à conclusão que tinha se casado com Richard apenas porque seus nomes rimavam. Então ela o abandonou. E ele a deixou sem um tostão.

Vendo-a na TV, eu posso dizer pela expressão facial de Charmaine que ela não faz sexo o suficiente, ou pelo menos não o tipo certo de sexo. Ela é como uma daquelas supervisoras de escritório que são tão rígidas e sérias que levam seus colegas do sexo masculino a dizer: ‘Ela precisa mesmo de uma boa trepada’.

E todos eles acham que eles é que vão trepar com ela. Eles provavelmente estão certos, ela deve mesmo precisar de uma boa foda. Mas ao mesmo

tempo, não tenho certeza se é assim tão simples. Eu acho que ficar sem sexo gera uma insanidade que apodrece seu corpo e sua mente – de dentro para fora– como sífilis, e eventualmente fica aparente no rosto, na pele, no seu comportamento e sua maneira de ser.

Charmaine Tremayne sacrificou a alma pelo filho. Mas ela só concordou em aparecer no programa de Forrester Sachs para salvar sua casa. O que Charmaine não sabe é que ela está em clara desvantagem. Tudo o que ela sabe é que Bundy está desaparecido. Ela pensa que está no programa para encarnar a mãe de luto, assim como todo o resto, ansiando pelo retorno de seu bebê. Quando ela na verdade está lá para ser o bode expiatório.

‘Eu tenho orgulho do meu filho’, diz Charmaine. Ela deve ter bebido um pouco para se acalmar antes de gravar, porque seus olhos estão um pouco vidrados e sua dicção esquisita. ‘Ele é um empresário. Um *self-made man*. Ele é um sucesso.’

‘Ele é um predador sexual, Charmaine’, diz Sachs. E as palavras ‘predador sexual’ saem de sua língua tão lindas que ele provavelmente passou a noite toda ensaiando como dizê-las com uma indiferença casual, apenas uma pitada de justiça e sem maldade aparente.

‘Não’, ela diz, ‘Não.’ Como se ela mesma não estivesse convencida de sua negação. Se nós pudéssemos ver os pés de Charmaine agora, eles estariam instáveis.

‘Ele levou essas meninas ao suicídio, Charmaine’, diz Sachs, e ele está olhando para suas notas despreocupadamente enquanto diz isso, porque ele sabe que é tão bom neste trabalho que poderia fazê-lo dormindo. Me pergunto se alguém é pago para escrever essas coisas ou se ele mesmo as escreve.

‘Não’, ela diz, ‘Não.’

E desta vez é porque ela realmente não consegue pensar em mais nada para falar. Dá para perceber que Sachs não está muito interessado no que ela tem a dizer, de qualquer forma. Que, para ele, as respostas dela não têm importância. São apenas ar enquanto ele pega fôlego para dar outra cortada neste inquérito, porque isso tudo foi roteirizado antes. Para fazer Forrester Sachs parecer um herói, o grande homem que está lutando pelas pessoas indefesas do mundo. Ele é um âncora com complexo de Messias num terno de Tom Ford, com braços tão grandes que poderiam abraçar todas as vítimas do planeta.

Quando, na realidade, ele está apenas perpetuando o ciclo, tornando-as vítimas na morte, como foram em vida. Fazendo lavagem de roupa suja sem qualquer respeito pelas consequências. Sacrificando suas matérias no altar de sua vaidade. Me pergunto como ele dorme à noite, eu realmente me pergunto.

‘O que você quer dizer para o seu filho, Charmaine’, pergunta Sachs. ‘Agora que você sabe o que ele fez. Agora que você sabe que essas pessoas morreram.’

E é chegado o momento de Sachs brilhar, de gravar aquele trecho matador da matéria que vai parar em todos os noticiários de todas as redes de televisão, que vai ser exibido como um trailer do caso.

A câmera corta para Charmaine e ela está olhando diretamente para a câmera, ou melhor, para onde ela acha que deveria estar olhando. Ela está olhando para o cinegrafista, falando com ele, e não com a lente, então na TV parece que ela está olhando a meia distância, com um olhar perdido, como se não estivesse presente. E seus olhos vidrados estão ficando marejados, seus lábios estão tremendo como se ela estivesse prestes a chorar, e ela diz, numa voz trêmula de emoção:

‘Mamãe te ama, Bundy. Mamãe te ama.’

Você quase consegue ver o sorriso no rosto de Sachs porque ele sabe que conseguiu o que queria. E enquanto assisto a tudo isso se desdobrar, eu percebo que está se tornando uma daquelas tragédias que você vê na televisão, mas das quais acha que nunca vai participar. Plantões, cobertura em tempo real, *flashes* na programação. Essas vidas, ou mortes, celebradas em um breve momento no frenesi do ciclo das notícias. Ou se tiverem sorte, quem sabe em três ou quatro momentos. Talvez ‘celebradas’ não seja a palavra certa – ‘fetichizadas’. E então, logo esquecidas. Tornando-se apenas mais vítimas sem rosto e sem nome de uma tragédia que poderia ter sido evitada.

E, a esta altura, decido que também já vi o suficiente. Peço a Jack para trocar de canal e ele obedece feliz. Nós pegamos o fim do mesmo comercial de Bob DeVille, e Bob ainda está falando sobre como ele quer que as pessoas o conheçam de verdade.

‘Bob nos convidou para passar um fim de semana em sua casa’, Jack diz, sua atenção ainda na tela, em Bob.

‘É mesmo?’, pergunto, surpresa, mas encantada.

‘Nós podíamos passar algum tempo juntos lá’, ele diz.

Estou radiante por dentro. Parece que ele está estendendo uma bandeira branca, dando-nos uma segunda chance.

‘Eu adoraria – quando?’

‘Este fim de semana’, ele diz.

E eu estou secretamente eufórica porque será Dia de Colombo – um fim de semana prolongado, o último feriado antes da eleição – e nós vamos estar juntos por um longo período de tempo. Eu faria qualquer coisa para isso, mesmo que isso signifique encarnar a namorada obediente de Jack na frente de seu chefe.

dezoito

Durante a viagem até o lar dos DeVille, parece que Jack e eu estamos nos afastando de todos os nossos problemas e indo em direção a um novo horizonte. Quero deixar tudo para trás e começar de novo. Algumas vezes, eu até o pego olhando para mim quando achava que não iria perceber.

Bob DeVille e sua esposa Gena moram nesta magnífica casa de fazenda de dois andares construída em uma colina, com um jardim no terraço, um deque e uma piscina com vista para hectares e hectares de terra, um vale enorme e exuberante cortado por um rio na parte inferior e montanhas no horizonte. Tudo o que você vê do deque é esta vasta paisagem que parece estender-se ininterruptamente por quilômetros com apenas um punhado de outras casas visíveis a olho nu.

Quando Bob nos leva ao deque para nos mostrar a vista, logo que chegamos, fico extasiada.

‘Eu quero morar aqui’, sussurro para Jack.

‘Aqui?’, ele pergunta.

‘Um lugar como este’, digo. ‘Só eu e você, isolados pela beleza.’

‘Eu acho que tenho que me dar bem na vida então’, Jack sorri.

Eu não tenho dúvidas que ele vai ser bem-sucedido e quero estar com ele quando isso acontecer.

‘Este lugar é incrível’, digo. ‘Eu sabia que Bob era rico, mas não sabia que era tanto.’

‘Ele é muito bom no que faz’, Jack fala. ‘Um dos melhores. Ele litiga para as empresas petrolíferas.’

Esta é a primeira vez que encontro Bob pessoalmente. O mais perto que eu tinha chegado dele era olhar para suas fotos naqueles cartazes gigantes que enfeitam o comitê. Pôsteres que parecem comerciais de produtos de higiene pessoal. *Photoshops* à perfeição. E Bob, ele aparece robusto, bonito e sem rugas – como se o Homem de Marlboro estivesse anunciando pasta de dente –, mas é tudo imagem, porque ele não é nada disso

pessoalmente. Ele é tão sem jeito que é meio pateta, ele é um pouco desajeitado, e isso me faz gostar dele um pouco mais.

Gena é uma dama do Sul, gentil, comportada e com aquela elegância que só pode ser fruto de uma boa educação privada. Ela parece uma relíquia do glamour dos anos 60, seu cabelo loiro está modelado num topete, como se nunca tivesse saído de moda. Ela está vestindo um terninho azul-turquesa, o tipo de coisa que você sempre vê Hilary Clinton usar, um visual que é distinto e elegante ao mesmo tempo.

Antes do almoço, Bob e Jack estão sentados no sofá tendo uma conversa de homem para homem sobre política e o estado do mundo. Examino as fotos dispostas no aparador da lareira e sou atraída por uma foto em preto-e-branco de Gena.

Imagino que ela devia ter a minha idade quando a foto foi tirada. Ela parece Ingrid Bergman em *Romance na Itália*. Tão bonita e tão sofisticada quanto ela. Mas são seus olhos que me atraem, cheios de um desejo hipnotizante e calor.

‘Que olhos lindos’, falo em voz alta ao pegar a foto, para ninguém em particular, sem perceber que Gena está parada atrás de mim.

‘Obrigada’, ela agradece. ‘Bob sempre me diz que foram meus olhos que roubaram seu coração e o fizeram casar comigo, para que pudesse tê-los sempre por perto.’

E enquanto ela fala, miro em seus olhos e percebo que eles não são os mesmos da foto. Os olhos de Gena estão esmaecidos, como se ela tomasse muitos remédios de uso controlado, e os cantos de sua boca estão tortos, como um prego deformado ao ser martelado da maneira errada.

E eu me pergunto o que foi que atingiu Gena desta forma para deixá-la tão fora de forma. Olho para ela agora e ela parece meio doida e perdida. Porém, tenho que admitir, ela está tentando disfarçar muito bem.

Jack não percebe nada disso. Ele não vê essas sutilezas. Não está pronto para enxergar além da fachada que Bob e Gena exibem. Ele está muito envolvido na magia de Bob.

Jack é um cara esperto, perspicaz. Mas às vezes eu entro em desespero. Não é que ele não consiga ler as pessoas. Ele simplesmente não quer. Ele precisa muito acreditar nelas, para reforçar a ideia que tem de si mesmo e de qual é o seu lugar no mundo. Para ele, Bob é infalível.

Agora que eu os vejo juntos, entendo o sentimento que Bob tem por Jack, percebo que ele o vê como um similar, como alguém que tem um futuro promissor à frente. Finjo não escutar a conversa deles, mas ouço Bob dizer a Jack: ‘Você é o tipo de cara que preciso. Se nós formos em frente, posso arranjar alguma coisa para você.’

Ele dá um abraço paternal em Jack. Esta é a outra coisa que percebi, agora que os vejo juntos, Bob vê em Jack o filho que nunca teve.

Eles não têm filhos, Bob e Gena, o que é meio esquisito, pois não consigo pensar em um político que não tenha. Até os que ainda estão no armário, que eventualmente são pegos com as calças arriadas, dando a bunda em seu escritório no Congresso para algum jovem bonitão que conheceram num bar gay e por quem burlaram as regras para contratar como assistentes pessoais. Até mesmo esses caras têm esposas e filhos em casa.

Bob e Gena não têm filhos, eles têm um cachorro. Algum tipo de terrier. E eles lhe deram o nome do filho que nunca tiveram. Sebastian. E eles o tratam como um filho. Porque esta é uma ocasião pessoal e eles têm visitas, Gena o vestiu com uma gravatinha borboleta e um smoking.

Algumas pessoas gostam de gatos, algumas gostam de cachorros. Eu gosto de ambos. Amo cachorros. Mas não cachorros pequenos. E definitivamente, não este cachorro pequeno.

Este cachorro acha que é fofo. Quando na realidade não é. Ele pede atenção compulsivamente. Seu brinquedo favorito é um cachorrinho de plástico. Da mesma raça que ele, da mesma cor, apenas menor. Como uma réplica dele mesmo em versão personagem de quadrinhos. Um cão de plástico que apita. E o passatempo favorito de Sebastian é trotar ao redor da casa como se fosse o dono dele, levando o cão de plástico em sua boca e o mordendo a cada poucos segundos para que ele guinche. Ele deixa a versão de plástico de si mesmo coberta de baba aos meus pés e aguarda ansiosamente até que eu a pegue e jogue. Eu jogo e dentro de dez segundos ele retorna para brincar mais, o brinquedo de plástico de volta aos meus pés novamente, coberto por mais baba ainda.

Bob e Jack ainda estão conversando animadamente, Gena está na cozinha e eu fui deixada brincando com este cachorro idiota e seu sócia de plástico. Depois de três ou quatro *rounds* disso, já estou de saco cheio. O brinquedo é uma bola de baba com plástico dentro e eu tenho nojo de apanhá-la porque

não sei por onde este cachorro andou. Felizmente, neste momento, Gena nos chama para o almoço.

Estamos sentados em uma bela mesa de jantar de carvalho, antiga, da virada do século, com patas de leão como pés. É muito grande para quatro pessoas. Bob senta em uma extremidade, Gena, na outra, Jack e eu de frente um ao outro, no meio, e parece que há um espaço abissal entre nós.

A mesa está posta com pratos de porcelana, talheres de prata e travessas de estanho que estão na família de Bob há gerações. Estamos prestes a saborear uma refeição tradicional do Dia de Colombo que Gena preparou para nós. Bacalhau, sardinha, anchova, arroz e feijão. Eu sequer sabia que havia refeição tradicional para o Dia de Colombo, com exceção de espaguete e almôndegas, mas aparentemente há – comida de pescador, como eles comiam na Santa Maria.

Bob está fazendo uma oração à cabeceira da mesa, com a cabeça baixa e as mãos à sua frente. Eu também estou de cabeça baixa, mas estou espiando por cima das minhas mãos, como você faz quando criança e tem que rezar mas não entende muito bem e nem acredita muito. É um hábito que eu nunca perdi. Fingir que estou fazendo uma oração.

Minha família é católica, então não é que eu não tenha prática, mas sempre me senti uma fraude em jantares familiares por rezar e não acreditar. Eu abaixava a cabeça e murmurava as palavras de qualquer jeito para que não precisasse me comprometer a elas e ficava olhando para as outras pessoas na mesa para ver se elas faziam o mesmo. Meu irmão sempre fazia tudo certinho. Mas minha irmã mais velha era como eu, rebelde, e enquanto todos agradeciam ao Senhor, nós competíamos para ver quem conseguia estender a língua mais longe sem ser pega. E mais tarde, quando já tínhamos idade para entender o que aquilo significava, nós mostrávamos os dedos também.

Passo os olhos pela mesa. Bob faz a oração da mesma maneira como fala naqueles comerciais de TV. Gena tem a cabeça inclinada em súplica, os olhos bem fechados, e uma estranha expressão de dor em seu rosto enquanto repete as palavras depois de Bob. E Jack, ele está fazendo o

mesmo que eu, e quando nossos olhos se encontram por cima da mesa, ele sorri.

Enquanto estamos comendo, o cachorro, que já foi alimentado, corre em volta da mesa com o brinquedo que apita na boca, parando em cada lugar da mesa, deixando o boneco e olhando para cima ansiosamente, querendo brincar. Quando uma pessoa não demonstra interesse, ele vai até outra. Em um momento, ele decide que não está recebendo a atenção que merece e que o brinquedo não está tendo o efeito desejado.

Então, este cachorro, Sebastian, faz cocô no pé da mesa de jantar. Ele deixa uma caca perfeita no meio de um maravilhoso tapete marroquino, de forma que parece parte da decoração e torna-se quase invisível.

Este é o conceito de fofo deste cachorro. Deixar sua bosta no meio da sala. Ele faz cocô, sem fazer escândalo ou chamar atenção, enquanto comemos – Jack e Bob, Gena e eu – a um metro e meio de distância, e nenhum de nós percebe. Não até Bob levantar para pegar mais bebidas, pisar no cocô, escorregar como se tivesse pisado numa casca de banana e cair de bunda no chão. E é tão cômico que eu quase caio na gargalhada, se não fosse o fato de Bob ter um acesso de raiva tão violento que Gena precisa levá-lo para se acalmar em outro cômodo. E Jack e eu ficamos sozinhos para terminar a refeição, constrangidos e sem graça por termos visto um lado dele que não deveríamos ter visto. Casualmente, Gena reaparece.

‘Bob está descansando’, ela diz, explicando que a campanha o levou ao limite, porque ele se doou muito. ‘Ele normalmente não é assim’, Gena revela, desculpando-se.

Nós não vemos Bob de novo até o início da noite, quando ele e Gena descem prontos para o compromisso da noite – um evento beneficente que ele não pode faltar.

Jack e eu ficamos sentados no deque a tarde toda, pegando sol nas espreguiçadeiras e apreciando a vista. E em determinado momento, ele se aproximou de mim e sussurrou: ‘Bob e Gena vão sair.’

Eu sorri e olhei para ele como quem pergunta: o que você quer dizer com isso?

Mas eu já sabia o que ele queria dizer. Nós teríamos a casa inteira à nossa disposição. E nós poderíamos fazer o que qualquer casal jovem faria quando sozinhos na casa de outra pessoa: sexo.

Jack realmente me pegou agora e eu não consigo entender o que deu nele, porque ele não só está com vontade, ele tomou a iniciativa. Nós demos este tempo e, mesmo antes dele, há semanas não conseguia despertar o interesse dele e agora, de repente, é como se ele fosse um novo homem. É como se fosse a primeira vez que estivemos juntos, a primeira vez que qualquer casal fica junto, e nós transávamos como coelhos a qualquer hora e em qualquer lugar.

Não é que Jack não seja ousado, mas espontaneidade não é realmente o seu forte. Ele gosta de ser organizado, ele sempre gosta de ter um plano – mesmo que seja em relação ao sexo furtivo na casa do chefe – a menos que alguém esteja tomando a decisão por ele, a menos que seja eu.

Nós nos despedimos de Bob e Gena, e eles saem no carro de Bob, um Cadillac conversível – qual outro carro seria? – 1968 vermelho-cereja belamente conservado. Conforme eles fazem a curva, Gena acena para nós, falando por cima do barulho do motor, ‘Agora, meninos, comportem-se e não estraguem a casa.’

Mal ela sabe.

Nós os vemos desaparecer pela curva da estrada e no segundo em que somem da vista, Jack começa a correr para dentro de casa, arrancando suas roupas, e a última coisa a sair é seu short, que ele tira quando chega na borda piscina, para então mergulhar.

Eu me livro do cachorro jogando o brinquedo irritante na garagem e trancando a porta após ele entrar para buscá-lo. Só para dar-lhe um choque de realidade e fazê-lo entender que ele não é tão esperto e bonitinho quanto pensa. Já posso ouvi-lo começar a choramingar enquanto vou embora.

Chego à piscina e encontro Jack se divertindo. Está uma linda noite quente e a hora de ouro está se aproximando. O cabelo de Jack está molhado, seu rosto está brilhando, ele está tão bonito e feliz que mal posso esperar para me juntar a ele.

Eu começo a me despir, mas não rápido o suficiente para Jack, porque ele me chama da piscina: ‘Venha pra cá, o que você está esperando? Está

lindo!'

Ando pelo trampolim, paro no fim dele e tento me equilibrar. Ainda estou de calcinha e sutiã, porque quero provocar Jack e tirá-los bem devagarzinho, na frente dele. Começo a desabotoar o sutiã e então decido que vou tirar a calcinha antes, mas mudo de ideia e volto para o sutiã. E enquanto faço isso, tenho um *déjà vu*.

Toda vez que isso acontece comigo, é quase como uma experiência mística. Como se repentinamente e inexplicavelmente eu tivesse ficado consciente de um sonho que já mapeou toda a minha vida antes mesmo de eu vivê-la. Que de alguma forma a barreira entre a vida dos meus sonhos e a minha vida real se quebrou e eu sou capaz de ver o que acontece em ambos os lados do espelho ao mesmo tempo. A vida real parece um sonho e o sonho parece absolutamente real. Me sinto como se tivesse descoberto um segredo fundamental sobre a realidade sobre o qual ninguém nunca falou antes. Então, tão rapidamente quanto chegou, o *déjà vu* vai embora, e eu fico com aquela incômoda e horrível sensação de não ser capaz de lembrar como ou por que eu me senti assim.

Desta vez não é uma lembrança, é como se eu vivesse uma cena de um filme que amo. Sou Cybill Shepherd em *A Última Sessão de Cinema*, preparando-se para mergulhar nua numa festa na piscina, enquanto todo mundo está olhando para ela, transformando a vergonha de ficar pelada em um esporte cruel.

Não que eu tenha motivos para ter vergonha porque os vizinhos mais próximos de Bob e Gena estão lá do outro lado do vale. Eles teriam que ter binóculos apontados para o lugar exato para conseguirem nos ver. Mas tem alguma coisa no ato de ficar nua ao ar livre que eu sempre achei intimidante. Ficar nua em público, sem problemas. Eu não me importo com as pessoas olhando para mim. São os olhos que não posso ver que me enlouquecem.

E como Cybill Shepherd, finalmente mando a precaução para o inferno, tiro minha calcinha e mergulho. E quando a água fria toca minha pele, esqueço todas as minhas cismas bobas. Abro os olhos e vejo o corpo de Jack debaixo da água e nado em direção a ele. Jack é um corpo sem cabeça. Raios brilhantes de luz solar refratados na superfície da piscina dançam em seu torso. E, conforme ele anda na água, seu pau e suas bolas saltam para cima e para baixo como se ele estivesse em gravidade zero.

Me estico para pegar seu pau, e ele deve ter me visto, porque sai em disparada, nadando de costas e chutando água. Ele só para quando chega ao outro lado, então apoia o braço na borda da piscina e fica lá. Subo para pegar ar na sua frente e ele parece muito satisfeito por ter conseguido me enganar.

Coloco as mãos sobre seus ombros e dou um beijo em sua boca. Seus lábios estão tão quentes e os meus tão gelados que eu os deixo juntos, porque está muito gostoso e nós nos acariciamos. Subo e desço com o corpo para que a água bata na borda da piscina e toque também no corpo dele.

Eu me afundo o máximo que posso para que a minha virilha toque a dele, e seu pênis esteja encostado em meus pelos pubianos. Quando eu o sinto ficar duro, o que não demora muito, eu abaixo minha mão, seguro seu pau e digo, ‘peguei você agora.’

E ele ri.

Eu começo a bater uma punheta para ele e então respiro fundo, enchendo meus pulmões de ar até sentir que eles estão prestes a explodir. Ele olha para mim como quem diz, o que você está fazendo? E eu afundo a cabeça embaixo d’água, ainda segurando seu pau.

Você já tentou pagar um boquete embaixo d’água? Não é fácil, mas é bem incrível também. Quando abro a boca para chupar o pau de Jack, bolhas de ar escapam e eu vejo uma bem pequenina rolar pelo pênis dele e se agarrar em seus pelos pubianos. Eu tranco meus lábios em volta da cabeça do pau dele o mais rápido que consigo para que não entre água na minha boca e começo a chupar.

Agora tudo parece acontecer em câmera lenta. Meus cabelos estão nadando em volta de mim como se fossem algas e se enrolam na minha cabeça como um lenço até eu não conseguir mais enxergar Jack, apenas sentir seu pau duro entrando e saindo da minha boca quente.

Tenho uma mão em seu pênis e a outra pressionada contra seu peito para impedir que eu flutue. Ele abaixa as mãos para acariciar meus seios e eu os sinto pulando e balançando. Então ele pega meus mamilos entre os indicadores e os polegares, prende-os com firmeza e puxa-os delicadamente em direção a ele. Sinto o leve puxão em meus seios enquanto o centro de

gravidade deles muda e eles quicam suavemente para frente e para trás, como um barco ancorado, enquanto o resto do meu corpo se dedica ao seu pênis.

Está tão bom aqui embaixo, e eu me sinto tão segura que não quero que isso acabe, mesmo sentindo o oxigênio nos meus pulmões terminando e minha cabeça ficando zozona.

Estou com a boca no pau de Jack, chupando-o cada vez mais fundo, até que a glândula encosta no fundo da minha garganta e eu engasgo. Bolhas escapam pelo meu nariz. Água entra na minha boca. E eu subo à superfície desesperada por ar.

Recobro o fôlego e nós nadamos até o lado raso da piscina. Sento no segundo degrau, a parte superior do meu corpo para fora da água, meus braços sobre a borda. Jack delicadamente abre minhas pernas e eu as jogo em volta de suas costas enquanto ele mete e começa a me foder, devagar e constante, e posso sentir seu pau entrando e saindo de mim. Quando ele faz isso, a água respinga na parte inferior dos meus seios. Aperto minhas pernas em volta dele para dizer a ele que quero que meta mais forte.

O sol está se pondo atrás das colinas e deixando o céu com um brilho laranja queimado reluzente. Tudo o que ouço é o canto noturno dos pássaros nas árvores, a água batendo contra a lateral da piscina, meus gemidos e os de Jack. Parece o momento perfeito, e parece que todos os nossos problemas se derreteram: a falta de vontade de Jack para transar, a barreira entre nós. Gostaria que fosse sempre assim.

Nós saímos da água e entramos na casa, ainda molhados, pingando e queimando de paixão. Lá dentro, pego um tapete de pele de carneiro que Gena ofereceu e o estendo no chão, na frente da lareira, enquanto Jack controla o fogo que Bob deixou para nós, para que possamos nos secar.

Nós estamos sentados um ao lado do outro, de pernas cruzadas, em frente ao fogo, e parece a hora certa para dizer algo romântico. Eu viro para Jack e digo: ‘Eu quero que você me coma por trás.’

Agora, pode não soar muito romântico, mas talvez você tivesse que estar lá para entender porque na hora pareceu perfeito. Ali, naquele momento, eu não pude pensar em nada mais íntimo do que fazer sexo anal com meu namorado na frente do fogo estalando.

Eu falei num impulso, porque não conseguia pensar em nada mais delicioso e perverso do que lembrar deste fim de semana e pensar, fizemos sexo anal na casa de Bob DeVille. Será que isso realmente aconteceu? Eu disse isso como um desafio, porque sei que Jack está no clima e eu quero ver até onde posso forçá-lo a fazer algo que ele nunca iria sugerir por conta própria. Não aqui, não agora. Nem em um milhão de anos.

Não é que ele não goste de me comer por trás. Eu sei que gosta. E especialmente porque é uma coisa que não o deixo fazer toda hora, porque não quero que ele se acostume. Quero que seja algo especial. Como comer trufas, ostras ou caviar, porque se você comesse o tempo todo, perderia a graça. Não seria mais um luxo. E sexo anal é a comida de luxo do universo sexual.

Acredito que a natureza deu a nós, homens e mulheres, múltiplos orifícios por uma boa razão. Para colocar e tirar coisas de lá. E eu pretendo usá-los todos, porque, caso contrário, não estaria fazendo bom uso do meu corpo, e isso seria um desperdício.

Só há uma coisa faltando nesta situação que sonhei para mim e Jack.

Lubrificação.

Não há uma maneira educada de dizer isso.

O pau de Jack é grande demais para a minha bunda.

Lubrificação não é apenas desejável, é necessária.

Deixe-me explicar.

Sabe quando você está procurando sapatos novos e se apaixona perdidamente por um par em particular, em uma cor e modelo específico? Eles são perfeitos e você tem a sensação de que eles estavam ali todo o tempo esperando você encontrá-los. Mas aí a vendedora volta do estoque e diz que acabou de vender o último do seu tamanho e agora só sobrou um par do tamanho menor.

E, dane-se o tamanho, você está determinada a experimentar de qualquer jeito, porque você tem que ter este sapato e você não vai sair da loja sem ele. Você consegue calçar metade dele sem muito esforço até que ele entala no peito do pé. Metade para dentro e metade para fora, e você se diz: ah, não está tão pequeno assim. Se já entrou até aí, com um pouco mais de força, o pé vai entrar e depois o couro vai ceder. Ele vai ceder e se moldar ao seu pé e o sapato será seu.

Então você força de novo e consegue enfiar meio centímetro de pé no sapato, mas agora está realmente entalado e dói muito. E não importa a maneira como você mexa, para dentro ou para fora, a dor se irradia pelo seu pé, por todo seu corpo. E você se culpa por ser tão gananciosa e ter desafiado o senso comum que diz que uma coisa tão grande jamais poderia caber num buraco tão pequeno.

E se eu não estiver toda lubrificada e pronta, é assim que me sinto dando a bunda. Como se estivesse forçando um sapato que não cabe. O que não quer dizer que eu não tenha tentado.

Neste caso, digamos que o sapato é o do pé errado também. Jack é o pé e eu sou o sapato. E meu ânus dói tanto e seu pau é tão grande que chega a parecer que ele também está tentando enfiar o pé. De tanto que dói.

Ele está confiante de que vai caber, e eu não. E a única coisa que posso fazer para convencê-lo do contrário é deixar escapar um filete de sangue, como se ele tivesse me furado com uma faca de pão. Então ele tira. Rápido.

Eu tenho certeza que há mulheres que gostam da dor, que a veem como um teste de resistência. Acredito que Anna gostaria.

Eu não.

Mas eu tenho a ideia firme na minha cabeça agora. Quero que Jack coma minha bunda na casa de Bob DeVille, na frente de sua lareira, sobre seu tapete de pele de carneiro. Isso parece tão deliciosamente errado e tão certo ao mesmo tempo. E eu conheço o jogo de Jack, por isso estou determinada a seguir adiante.

Lembro que Gena me contou que adora cozinhar e tenho quase certeza que vi um pote de margarina numa prateleira na cozinha, então peço a Jack para dar uma olhada e pegar um pouco. Enquanto ele está indo, eu olho para o fogo e observo as brasas brilhando e fico hipnotizada pelas chamas.

Ele volta trazendo o pote inteiro e tem um sorriso enorme no rosto, como se estivesse pretendendo usar tudo. Como se ele quisesse me fazer um enema com margarina e enfiar um time de futebol inteiro pelo meu rabo. E eu digo, claro, você e mais quantos?

Jack coloca o pote ao nosso lado, tira a tampa e pega um pouco com dois dedos, mostra-os para mim e diz: ‘Abra bastante’.

Fico de quatro e ele ajoelha ao meu lado, separa minhas bandas com uma mão e lambuza meu buraco com a outra. Parece creme de beleza e eu sinto

meu ânus se retrair com o frio e depois relaxar com os carinhos dos dedos dele me aquecendo.

Eu me viro e mexo em seu pau para que fique duro. Quando o sinto enrijecendo, passo margarina ao longo dele e subo e desço com a mão, até cobri-lo inteiro e estarmos ambos untados e deliciosos.

Jack se posiciona atrás de mim, com uma mão espalmada sobre minha bunda enquanto me provoca com o pau lubrificado perto da minha buceta. E ele desliza para dentro sem nenhuma tensão ou fricção. Entra direto, estabelece um ritmo e vai para frente e para trás com a precisão de um pistão. Ele está com as mãos logo acima da minha bunda. Ele me puxa para trás enquanto vai para frente e nossos sexos se encontram em algum lugar no meio do caminho.

Eu apoio meus braços no chão e mantenho minha bunda no ar, e ele mete tão fundo e tão forte que não resisto e solto um longo e lamentoso gemido que sai com tanta força e volume que ecoa pela casa inteira. E até Sebastian ouve, porque, logo ele começa a uivar na garagem. Eu e o cão gemendo juntos.

O polegar de Jack está circulando meu ânus enquanto ele me fode, espalhando a margarina e botando ela dentro do buraco, testando, espalhando, e antes que eu perceba, ele já enfiou meio dedo lá dentro e eu estou engolindo-o, como uma planta carnívora se fecha em torno de sua presa.

Jack está com o polegar dentro da minha bunda e eu o sinto virando para frente e para trás, como se ele estivesse forçando uma chave que não cabe na fechadura. Eu posso senti-lo virando, virando, virando. E agora em só uma direção, no sentido horário, como se estivesse lubrificando um mecanismo, e o mecanismo sou eu.

Estou pronta para passar para a próxima fase então viro a cabeça, olho nos olhos dele e digo: 'Eu quero que você coma meu cu, Jack. Fode com força.'

Ele tira o pau da minha buceta e bate-o contra ela, cobrindo-o com meu gozo branco e doce, para ficar bem molhado e engordurado e entrar com facilidade na minha bunda apertadinha. Ele coloca as mãos no meu bumbum para se equilibrar enquanto pressiona a cabeça do pau contra meu ânus. Ele se retrai de ansiedade. A cabeça do seu pau parece muito grande quando ele mete dentro da minha bunda. Deixo escapar um suspiro.

Seu pau lubrificado parece muito grande e apertado na minha bunda, e devagarzinho, ele está entrando cada vez mais.

‘Você gosta do seu pau no meu cu?’, pergunto.

‘Gosto’, ele murmura. ‘É tão apertadinho.’

‘Eu quero que você rasgue minha bundinha apertada’, digo. ‘Eu quero seu pau inteiro dentro dela.’

Jack geme de prazer enquanto lentamente desliza seu pau inteiro dentro de mim e começa a meter e mexer os quadris. Jack está dançando na minha bunda e isso é bom demais. Não é a dança do frango. Nem o encontrão. Ele está rebolando.

Suas mãos seguram firmemente meus ombros para que ele possa meter em mim com seus golpes, como uma marreta. Suas bolas molhadas estão batendo contra minha buceta.

E é tão bom sentir meu cu sendo esticado e alargado por seu pau grosso e carnudo que ele me faz chegar lá. Eu sinto que vou gozar. Sinto que vou implodir.

Eu falo para ele: ‘Jack, eu vou gozar. Eu vou gozar.’

E, quando eu gozo, meu corpo se encolhe embaixo dele e eu solto um gemido de prazer.

Eu digo: ‘Agora, eu quero que você goze na minha bunda, Jack. Quero que você me encha de porra. Eu quero sentir sua porra escorrendo da minha bunda.’

Falar sacanagem assim para ele parece ter o efeito desejado e o faz ir mais longe. Eu o ouço gemer para sinalizar que está quase gozando. Ele dá uma última metida e dispara sua arma na minha câmara, seu gozo explode na minha bunda e eu o sinto me preencher. Ele retira seu pau lentamente e eu sinto seu *marshmallow* branco e espesso escorrer do meu ânus para minha buceta.

Nós deitamos de conchinha na frente do fogo, sobre o tapete macio, ele atrás de mim, me abraçando.

E eu penso, realmente não sei como isso poderia ficar melhor. Eu, Jack, uma lareira, sexo anal e uma torta de creme.

É o fim perfeito para um fim de semana perfeito.

dezenove

Olho para mim mesma numa foto que fica sobre a cama. É uma foto de como eu era. E quase não me reconheço. Parece que estou sonhando mas meus olhos estão bem abertos.

Eu estou em pé, nua. Conchas de berbigão tapam meus mamilos e uma concha de ostra cobre o meu sexo. Nuvens cumulus rolam sobre a minha cabeça como ondas. Ondas rolam sobre a minha cabeça como as dunas mudam com o vento.

Estou caminhando numa praia. Conchas racham sob meus pés. Não importa o quão cuidadosa eu seja, não importa que eu pise leve, elas racham e quebram. Eu olho para baixo e vejo que não são conchas, são ossos. Estou andando numa praia de ossos. Sinto o ar salgado na minha língua. Sinto as pontas afiadas dos ossos embaixo dos meus pés, furando a carne. A praia é irregular e ando instável, como se estivesse desviando de buracos com sapatos de salto alto.

Caminho até chegar a um calçadão repleto de jovens casais apaixonados. Eles estão todos andando em uma direção e eu estou caminhando na outra. Estou andando nua entre eles. Todos olham para mim quando passam e me sinto exposta. Mas mantenho minha cabeça erguida e continuo caminhando.

Ando em direção ao final do calçadão, onde homens nus com máscaras de carnaval ficam em uma fila, exibindo suas ereções. Eles estão me esperando chegar. E eu não quero decepcioná-los. Fico de quatro, empino a bunda para o alto e rebolo, como se ela estivesse farejando o ar, para sinalizar que estou pronta.

O primeiro se aproxima. Ele coloca as mãos nos meus quadris, se agacha ao meu nível e mete seu pênis profundamente na minha buceta, até o fundo, e então lentamente retira-o para que eu possa sentir a cabeça provocando minha xoxota, preparando-se para mergulhar dentro de mim novamente. Ele começa a me foder com força, com movimentos longos. Suas bolas estão

batendo contra o meu clitóris e isso é tão bom que eu unho e me agarro no chão.

Jack está andando pelo calçadão de braços dados com Anna. Ele não me nota. Ele passa por mim, pelos homens que estão batendo punheta, esperando a vez de me foder. Ele para talvez a uns vinte metros de distância e se inclina para trás contra a grade, com os cotovelos sobre a borda. Anna se ajoelha em frente a ele e abre suas calças, bota a mão lá dentro e tira o pênis de Jack. Ela envolve o pau dele com seus dedos, o polegar estendido ao longo da cabeça, do jeito que eu faria, ela lambe-o, da maneira que eu iria lambê-lo, coloca os lábios sobre a cabeça e lentamente enfia-o em sua boca. Anna está chupando o pau de Jack do jeito que eu faria. Eu olho para o pau de Jack na boca de Anna e imagino que é o pau que está na minha buceta.

Quero que Jack olhe para cá e me veja sendo comida assim, de quatro, por um estranho mascarado. Quero que Jack saiba que eu estou imaginando ele dentro de mim. Como os homens em meus sonhos, eu quero que ele me aceite como sou. Para que fiquemos juntos.

Eu acordo num susto, como de um pesadelo. Jack está deitado ao meu lado, dormindo, e eu o agarro e jogo meus braços em volta dele, ouço-o se mexer, e sinto o calor do seu corpo passar para o meu. Me sinto segura, confortada e querida. E querendo mais.

Passo as mãos pelo seu peito, por sua barriga, deslizo os dedos pelos seus pelos pubianos, botando meu dedo do meio para baixo para acariciar a base de seu pênis. Eu o acaricio suavemente até que o sinto começar a endurecer debaixo do meu dedo, então deslizo minha mão ainda mais para baixo e agarro seu pênis grosso, carnudo e já meio duro. Eu toco a base com meu polegar e torço os dedos ao longo do seu pau. Posso senti-lo enrijecendo em minhas mãos e logo seu pênis está duro, ereto e pronto para a ação. Eu o solto para lamber minha mão até ficar bem molhada com saliva, e em seguida, coloco-a novamente em torno de seu pau. Conforme deslizo a mão para cima e para baixo e deixo o pau de Jack liso com minha saliva, eu o ouço gemer, despertando de seu sono.

Quero o pau de Jack dentro de mim. Eu quero muito e eu não quero saber se ele está consciente ou não. Passo a perna por seu corpo, sinto seu pau

roçando contra minha coxa, me levanto e monto nele. Eu apoio a mão em seu peito para me estabilizar, olho para baixo e o vejo abrindo os olhos, a tempo de me ver agarrando seu pau para colocá-lo no lugar para me lançar sobre ele. Chego para trás e me abaixo lentamente em direção a ele. Ele solta um gemido sonolento e satisfeito. Minha buceta se abre para acomodá-lo, ficando cada vez mais molhada.

Ele está acordado agora e acomodado dentro de mim. Jack começa a mexer lentamente os quadris. Seu pênis vai para frente e para trás dentro de mim. Sigo sua liderança, montando-o, girando meus quadris em perfeita sintonia com os dele, como se fôssemos duas engrenagens de uma máquina. Eu me inclino sobre ele e ele se move comigo, dobrando os joelhos e arqueando as costas para que possa meter mais fundo dentro de mim. Eu seguro firme para sentir seu pau deslizando para dentro e para fora da minha buceta molhada e quente.

Eu digo: ‘Me fode, Jack. Me fode com força.’

E ele obedece, me partindo em duas para mostrar seu poder, então estabilizando num ritmo enfático. Jack quer me satisfazer. Solto um longo gemido de prazer, chamo seu nome, sem ar, e enterro a cabeça no travesseiro, cobrindo seu rosto com meus peitos. Passo meus dedos por seus cabelos e puxo sua cabeça para os meus seios e sinto sua respiração quente neles enquanto sua boca procura pelo mamilo.

Meu peito está em sua boca. Ele chupa e eu sinto meu mamilo inchar e intumescer quando ele provoca com a língua, quando o belisca com seus lábios e dá uma mordidinha, puxando-o e esticando com seus dentes.

Suas mãos agarram meus seios e os esmagam juntos para que ele possa lambe, chupar e mordê-los, um após o outro e, em seguida, os dois ao mesmo tempo. Agora que ele sentiu o meu gostinho, está ficando guloso. Ele está devorando meus seios com a boca e seu pênis está batendo em mim. Sinto que vou ter um orgasmo. E eu quero que ele saiba.

Digo: ‘Jack, eu vou gozar. Eu vou gozar.’

Eu me levanto, coloco a mão sobre o seu peito e sento com força em seu pau porque quero senti-lo dentro de mim quando gozar.

Sento até ele estar todo dentro de mim e eu sentir suas bolas fazendo pressão contra minha bunda. Ouço sua respiração ficar mais ofegante, eu o ouço gemer e sei que ele está quase lá também. Então sento com mais força ainda e começo a rebolar. E ele se move comigo, respira comigo e geme

comigo. Estamos quase lá e quero fazê-lo chegar ao orgasmo. Sinto que estou gozando e quero que ele saiba.

‘Estou gozando, Jack, estou gozando, estou gozando.’

Mal consigo falar as palavras antes de chegar ao clímax.

Dou um pinote e tenho espasmos em cima dele quando o orgasmo passa pelo meu corpo, minha pélvis movendo-se em rápidos e curtos golpes ao longo de seu pau. E é demais para ele também. Ele geme alto enquanto goza dentro de mim. Eu posso sentir seu pênis se contrair dentro de mim enquanto me enche com seu sêmen. Eu posso senti-lo tremer quando seu corpo descansa. Caio em cima dele, sentindo o seu peito subir para encontrar o meu enquanto nós dois recobramos o fôlego.

Rolo por cima dele e deito do meu lado. Jack vira para o dele, olhando para mim. Eu o aperto contra o peito. Ambos ficamos lá, exaustos. Escuto sua respiração, ouço-a desacelerar e mudar de tom e sei que ele adormeceu.

Estou deitada na cama, pensando em onde eu estive, o que eu vi e como fiquei assim. E percebo algo que eu sempre soube, mas às vezes esqueço:

Metade do sexo é sonhar com ele.

vinte

Estou sentada na sala de aula, no lugar de sempre, bem na frente de Marcus, e ele está analisando a cena do clímax de *Um Corpo que Cai*, quando Judy acaba de revelar seu segredo para Scottie: que ela e Madeleine, a loira morta por quem ele está apaixonado, são a mesma pessoa. Ao fazê-lo, ela tira Scottie de sua fantasia e obriga-o a enfrentar a verdade, que ele foi consumido por uma ilusão o tempo todo. Marcus está falando sobre a cena final, quando Scottie está de pé no alto da torre do sino, onde Judy/Madeleine estavam. Ele supera seu medo de altura e anda pela borda, mas agora está olhando para o abismo. Olhando para o local para onde sua obsessão a levou; jogada nas rochas para a morte.

Parece que estudamos este filme mais de uma centena de vezes, e Marcus volta a ele de novo e de novo, por algum motivo. Ele está tão obcecado por *Um Corpo que Cai* que eu acho que ele poderia falar sobre isso o dia inteiro, em todas as turmas, e ainda encontrar novas e interessantes coisas a dizer. Acho que é porque *Um Corpo que Cai* tem tudo o que Marcus ama no cinema. Todos os fetiches e parafilias que alguém pode ter. Agora que eu sei um pouco mais sobre Marcus, através de Anna, eu posso entender o porquê.

Eu também estou muito certa de uma coisa. Que, assim como Scottie, Marcus é obcecado por loiras, aquelas que irão conduzir um homem à ruína. Marcus está obcecado por Anna.

Suspeito que a influência de Anna deve estar respingando em mim também, porque percebi que estou começando a me vestir como ela. Não só como ela, mas com as roupas dela. Estou vestindo uma blusinha meio transparente com um decote que mostra meu sutiã. Eu perguntei a Anna se poderia pegá-la emprestada, mesmo sem ter muita certeza se iria caber em mim. E eu estou usando suas leggings de Lycra com estampa de oncinha e suas sandálias de tiras; o tipo de visual que diz a um homem, eu estou pronta para devorá-lo. Até Jack olhou torto para mim hoje cedo quando saí do quarto vestida assim, pronta para sair, porque ele nunca me viu com este

tipo de roupa. E quando ele olhou para mim, me perguntei se minha atração por Marcus tinha chegado longe demais.

Agora que estou aqui, parece que foi tempo demais desperdiçado por nada, porque Marcus está me ignorando, como sempre. Ele está falando sobre a insistência de Scottie para que Judy se vestisse exatamente da mesma forma como sua sócia falecida, Madeleine; as mesmas roupas, o mesmo penteado e a mesma cor de cabelo. Estou me vestindo como Anna para Marcus, mas qualquer coisa que eu faça claramente não está funcionando, claramente não o deixa de pau duro. Agora que sei que Marcus tem preferência por loiras, me pergunto se eu deveria pirlar e clarear o cabelo, para que eu fosse o mais parecida com Anna que conseguisse sem ser Anna. Posso ver que o pinto de Marcus não está duro por mim porque ele está usando a calça social marrom de novo.

Marcus está nos dizendo que tudo que precisamos saber sobre Hitchcock, o homem, está contido nos filmes que ele dirigiu e eu acho que é mais ou menos como eles dizem que a roupa faz o homem. Estou desconstruindo o significado da calça social marrom de Marcus – a calça que ele sempre usa – para tentar chegar ao que ele realmente é. E eu me pergunto se ela é a única que ele possui, ou se o seu armário, quando ele não está de pé nele esperando Anna chegar, é como o armário de Mickey Rourke em *9 ½ Semanas de Amor*, repleto de pares de um mesmo conjunto de roupas. A mesma camisa branca de algodão com colarinho alto que ele sempre veste e essa calça, apertada ao redor da virilha e da bunda, levemente boca de sino. O tipo de calça que saiu de moda no final dos anos 1970.

Eu me pergunto se ele percorre brechós procurando exatamente este modelo, deste mesmo tamanho. Este que segura firme seu ‘material’ e o deixa evidente ao mesmo tempo. Então eu decido que se Marcus manteve as roupas de sua mãe em bom estado por todo esse tempo, é mais provável que ele a tenha comprado nova, ou quase nova.

Marcus deve ter uns quarenta e tantos anos, e quando eu faço as contas – e pode parecer um pouco estranho que eu faça contas na aula de cinema, mas eu estou obcecada por todos os fatos e figuras que se relacionam a Marcus, estou obcecada por cada centímetro e grama de sua figura – então quando faço as contas, concluo que ele deve ter começado a se vestir assim na época que atingiu a puberdade, aos doze ou treze anos. Ou talvez alguns anos mais tarde, caso ele fosse meio atrasado.

Essa calça provavelmente já tinha saído de moda na época. Então decido que ele deve ter alguma ligação emocional com ela. Que talvez ela seja a calça que seu pai costumava usar e, quando ele a colocava, ela o fazia se sentir como um homem, o fazia se sentir como seu pai, e ele percebeu que não queria se vestir de outra maneira.

Eu não sei de nada disso com certeza, mas acho que quem tem um complexo materno tão forte como Marcus deve ter problemas com a figura paterna que esteve ausente de sua infância, emocionalmente ou fisicamente, ou ambos. E isso me faz sentir um pouco de pena dele e eu gostaria de poder ir para cima e dar-lhe um abraço apertado e sussurrar suavemente em seu ouvido que ele vai ficar bem. Mas isso nunca vai acontecer porque Marcus é sempre muito sério e inacessível em sala de aula.

Sentada na sala de aula, ouvindo Marcus, eu mantenho um olho no relógio porque estou esperando Anna chegar. Ela está atrasada, como sempre. Eu estou esperando a porta abrir para que eu possa começar um relatório dos horários em que Anna faz sua entrada triunfal e procurar um padrão entre eles. Marcus já consumiu 43 minutos e 32 segundos de sua aula de uma hora de duração, que ele de alguma forma consegue planejar para que acabe quase no mesmo segundo em que o sinal toca. Ele já citou todas as parafilias relevantes e agora passou para os fetiches.

Eu olho de novo para o relógio que fica na parede sobre a porta. Faltam cinco minutos para a aula acabar, e Anna ainda não chegou. Ela deve estar querendo implicar desta vez, deixando para entrar no último momento possível. Ela realmente quer irritar Marcus.

Minha atenção está fixada nos ponteiros do relógio conforme eles se aproximam da hora certa, o momento em que a porta vai se abrir. Eu escuto a voz de Marcus, mas desta vez, não estou prestando atenção. Os segundos passam. A tensão é insuportável. Estou sentada na beira da cadeira, da maneira como eu imagino que as pessoas estavam sentadas quando *Um Corpo que Cai* foi lançado no cinema e espectadores de todo o país assistiram Scottie perseguir Judy dos degraus da torre do sino até a sua morte.

E então toca o sinal. Não no filme, na sala de aula. A hora passou, Anna ainda não está aqui e eu não entendo por quê. Ela pode se atrasar sempre,

mas ela nunca perdeu uma aula. Nem uma única vez. Não é do perfil dela.

Os alunos começam a arrumar as coisas e saem da sala no segundo em que escutam o sinal, ansiosos como os passageiros que não conseguem esperar o sinal de cintos de segurança apagar para levantarem de suas poltronas quando o avião aterrissa. Permaneço exatamente onde estou, no mesmo lugar, com minha caneta ainda a postos para fazer anotações em meu bloco amarelo, que tem uma série de números no canto superior direito que lembro ter escrito mas já não entendo mais o que significam. Eu estou pensando em qual seria o motivo para Anna não ter vindo à aula e onde será que ela está. Fico sentada pensando nisso até que as únicas pessoas neste auditório imenso são eu e Marcus.

Com calma, Marcus está apagando do quadro as palavras que ele usou para ilustrar a lição, como se ele estivesse apagando todos os vestígios de suas obsessões sexuais. Ele está apagando todas as palavras que eu adoro ouvi-lo dizer.

Escopofilia, ter prazer ao olhar ou observar.

Retifismo, fetiche por sapatos.

Tricofilia, fetiche por cabelos.

Quando o quadro está limpo, Marcus vira-se para sua mesa, reúne suas notas e folhas, coloca-as debaixo do braço e olha para a sala. Ele olha e me vê. E eu percebo que é a primeira vez que ele olha para mim. A primeira vez que encontrei seus olhos e olhei diretamente dentro deles. E eu de repente fico com vergonha e constrangida porque estou vestida com essas roupas que peguei emprestadas de Anna e não ficam nem um pouco bem em mim.

Marcus me olha com expectativa, e eu digo: ‘Estou esperando por Anna.’

‘Quem?’, ele pergunta.

Não sei se ele está brincando, mas não consigo imaginá-lo fazendo humor. Muito intenso, muito intelectual, muito cheio de si. E outra coisa sobre Marcus é que não tem como discernir o que ele está sentindo, o que está pensando, por sua expressão facial ou tom de voz. Ele não demonstra nada. Ele é muito fechado e misterioso, e é por isso que estou tão obcecada.

‘A garota loira’, digo, ‘que senta atrás de mim. Anna.’

Boto tudo para fora, tudo o que ela me contou, porque eu estou tão nervosa de estar aqui, na frente de Marcus, e ele estar falando comigo e eu estar falando com ele. Digo-lhe tudo o que sei. Sobre as visitas de Anna, o apartamento, o armário e as roupas de sua mãe.

Nunca conversei com Marcus antes, nós nunca trocamos mais do que duas palavras, e quero que ele saiba que eu sei. Quero que ele saiba que eu não tenho problemas com a sua tara. Que eu não só não tenho problemas como entendo. E porque eu entendo, nós temos algo em comum. E se ele gosta de Anna, vai gostar de mim também.

Ele me escuta e não diz uma palavra. Ele me deixa falar, ele me deixa desabafar e não me interrompe, e eu estou no céu, porque estou realmente conversando com Marcus, não só olhando e admirando. É como se eu tivesse conseguido um encontro íntimo com um ídolo *pop* por quem era apaixonada desde a infância, com quem fantasiava, com quem tinha conversas imaginárias e em quem pensava quando me masturbava. E agora que ele está na minha frente, só eu e ele, e nós estamos conversando, interagindo – pelo menos parece que é isso, mesmo que só eu tenha aberto a boca – e tudo que eu quero dizer sai de uma vez só, não necessariamente na ordem certa. Mas quando tenho certeza de que já falei tudo e que não esqueci nada, eu paro.

Ele olha para mim com uma expressão estranha em seu rosto que está entre uma careta e um sorriso. Não sei dizer se ele está com raiva ou feliz. Ele olha para mim e diz: ‘Eu realmente não tenho ideia do que você está falando.’ Então ele pega suas notas e sai da sala sem dizer uma palavra.

Todas as minhas ilusões sobre Marcus foram destruídas. Talvez ele nunca tenha sido o que eu achei que era. Anna inventou tudo que me contou sobre Marcus para alimentar minhas fantasias sobre ele. Por que ela faria isso? Estou muito confusa.

Por todo este tempo, achei que Marcus era meu calcanhar de aquiles. Mas eu estava enganada, muito enganada.

Não era Marcus, era Anna.

Anna é o meu calcanhar de aquiles, a loira fatal que eu perseguiria até o fim do mundo.

Anna desapareceu. E de repente me dou conta de que nunca a conheci. Que eu sei muito pouco sobre quem ela é, ou de onde ela veio. Eu só sei o que ela me contou e o que ela significa para mim.

No final das contas, quantas pessoas realmente nos conhecem? Conhecem nossa rotina: onde vamos, com quem encontramos, o que fazemos. Se alguma coisa acontecesse, se nós desaparecêssemos repentinamente, quem saberia onde procurar, a quem perguntar, para quem ligar? Amigos – até os que você considera próximos, aqueles com quem sente uma ligação forte – provavelmente não saberiam. Familiares, provavelmente menos ainda.

Quanto mais penso nisso, mais entro em pânico, porque mandei mensagens e liguei para ela e ela não atendeu nem respondeu, não telefonou de volta – outra coisa que não é do perfil dela. Parece que Anna desapareceu sem deixar vestígios. Quase como se nunca tivesse existido. Eu só conheço três pessoas que poderiam provar que ela existiu.

Marcus.

Bundy.

Kubrick.

Por razões que não compreendo muito bem, Marcus negou toda a intimidade que tinha com Anna, dizendo sequer saber quem ela é.

Bundy está escondido.

Só me resta Kubrick.

Eu passo o endereço da Fuck Factory para o taxista e dou as poucas referências que lembro. E ele olha para mim como quem diz, você realmente quer ir para lá? Ninguém vai para aquela área. Mas eu embarco e ele liga o taxímetro, porque uma corrida é uma corrida e antes ele do que outro.

Estamos rodando por lá e tudo parece tão diferente de como eu me lembro. Nada parece igual. E não é só porque é dia e tudo parece diferente à luz do dia. Realmente não parece o mesmo lugar. O que eu lembrava como edifícios abandonados são realmente esqueletos vazios de casas que foram semiconstruídas, e em seguida, abandonadas. Faço o motorista parar três ou quatro vezes em lugares que parecem vagamente familiares para que eu possa sair e procurar o grafite que marcava o local onde a Fuck Factory era. Não há nada lá.

Eu procuro por alguma evidência de que poderia ter sido pintado por cima ou apagado. Também não consigo encontrar. As escadas que conduzem aos subsolos são todas iguais, e eu não estou prestes a descer em uma qualquer na esperança de achar a porta certa. Então, eventualmente, eu me resigno à ideia de que a Fuck Factory deve ter sido multada e interditada novamente neste meio tempo. Mesmo que aquela noite não tenha sido tanto tempo atrás.

A Fuck Factory desapareceu sem deixar vestígios, assim como Anna.

E agora só me resta uma opção.

Tenho que encontrar Bundy.

A única pessoa que consigo imaginar que talvez saiba onde Bundy está é Sal, o bartender do Pão com Manteiga.

Quando o táxi estaciona do lado de fora, as janelas estão todas abaixadas. Eu bato nelas o mais forte que consigo, com a palma da mão. Uma voz rabugenta e irritada, a voz de Sal, grita do lado de dentro.

‘Estamos fechados.’

Agora, a partir do pouco contato que tive com Sal quando estive aqui da última vez, sei que não há muito sentido em ficar falando com ele através das persianas. Que ele preferiria me insultar dentro da segurança de seu bar do que me ajudar de alguma maneira.

Então bato nas janelas de novo.

‘Estamos fechados!’

Ele já parece irritado.

Bato novamente, por mais tempo desta vez, fingindo que não o escutei.

Uma fresta se abre na persiana, a cara grisalha de Sal aparece.

‘O que diabos você quer, garota? Surda do cacete. Você não viu que estamos fechados?’

Não uma série de perguntas, mas uma série de acusações e ameaças.

‘Bundy’, digo. ‘Onde está Bundy?’

‘Por que você quer saber?’ ele diz.

‘Eu estou procurando por nossa amiga’, digo a ele. ‘Amiga dele, Anna.’

‘Ah, aquela’, ele diz. ‘Loirinha.’

E quando ele fala isso, sua voz amolece, seu rosto amolece, seu jeito amolece. E eu penso, oh Anna, você não fez isso.

A cara de Sal desaparece na escuridão e parece que ele sumiu na poeira como o Gato de Cheshire. Então ele estende a mão.

Eu lhe dou uma nota de dez dólares. Ele a engole como um caixa eletrônico. Eu espero Sal reaparecer. Sua mão sai novamente.

Eu penso, que pão-duro. Sal é o tipo de cara que iria cuspir na sua bebida se você desse pouca gorjeta. Eu não acho que vá pisar em seu bar novamente, mas, por garantia, eu relutantemente tiro mais dez dólares e coloco em sua mão. Ela some novamente pelo buraco.

Eu o espero sair novamente. A voz de Sal vem do escuro, recitando o endereço de Bundy. Repito mentalmente depois dele para gravar no meu cérebro.

Ele diz. ‘Mande um beijo para a Loirinha.’

A porta se fecha. Eu tremo.

Estou começando a sentir medo por Anna. Onde ela está? Um dia, ela estava aqui e no outro não há nenhum vestígio dela. Agora eu tenho que engolir meu orgulho. Agora eu tenho que ir e ver Bundy.

Bundy não fica surpreso ao me ver. Ele só está decepcionado por eu não ter vindo antes. Para que ele pudesse contar a alguém seu lado da história.

‘Eu não tive nada a ver com aquilo. Eu juro que não matei aquelas garotas.’

Essa é a primeira coisa que ele diz enquanto me leva para seu apartamento. Sua voz está trêmula. O mundo de Bundy entrou em colapso e ele está um lixo. O Departamento de Justiça apreendeu todos os seus domínios na internet, desativou os sites – cada um deles – e iniciou uma investigação federal por suspeita de proxenetismo e extorsão. Sua vida se foi, sua reputação está em frangalhos.

Não estou interessada em seu bem-estar, eu só quero saber o que aconteceu com a Anna.

‘Bundy’, pergunto, ‘onde está Anna?’

Ele não responde, então eu não tenho escolha a não ser entrar.

O apartamento de Bundy... tem que ver para crer. Ele ganha dinheiro a rodo, mas é muito pão-duro para gastar com outra coisa e sair do apartamentinho em que sempre morou. É tão repleto de coisas que você mal pode se mexer, mal pode passar pela porta.

Ele me leva para dentro e diz: ‘Sente-se.’

Olho em volta e parece não haver nada onde eu possa me sentar – do jeito como Anna descreveu o apartamento de Marcus – tem coisas espalhadas por todos os lugares. DVDs, revistas, gibis, brinquedos, roupas íntimas sujas. E outra coisa, o apartamento de Bundy fede muito. Há bandejas de comida de micro-ondas pela metade, caixas de pizza abertas com a crosta completamente intacta, como se ele tivesse conseguido comer o recheio de dentro para fora.

Não é como se eu tivesse a intenção de ficar, ou quisesse estar aqui, por isso eu digo, ‘Tudo bem, eu fico em pé mesmo.’

Apoio-me na parede e sinto-a ceder atrás de mim, para em seguida perceber que não é uma parede, mas uma torre que vai do chão ao teto dessas caixas de papel branco onde entregam comida chinesa para viagem.

Faz menos de uma semana que a história apareceu no programa de Forrester Sachs, Bundy só está escondido há três ou quatro dias. Ele não poderia ter comido toda esta comida em tão pouco tempo. A não ser que a ansiedade o tenha feito comer compulsivamente. Bundy é meio gordinho, então é difícil dizer se ele ganhou peso. Acho que Bundy é um daqueles eternos adolescentes que nunca perdem as gordurinhas infantis, só ficam menos bonitinhos com a idade.

Há pilhas e pilhas de bonés de beisebol que ainda estão com etiqueta e caixas de tênis que ele nunca usou, que nunca abriu. Bundy me diz que ele usa um novo par de tênis todos os dias e despeja os antigos no lixo como se fossem papéis de bala. Ele diz que é seu único luxo. Mas eu suspeito que a única razão para alguém usar um novo par de sapatos todos os dias é ter uma péssima higiene dos pés.

De repente eu me dou conta por que cheira tão mal aqui. Não é a pizza mofada ou os restos de comida chinesa. São os pés podres de Bundy. É o tipo de odor que é muito difícil disfarçar e parece dominar tudo, como cheiro de vômito. Cheira tão mal no apartamento de Bundy que tento respirar pela boca. Quero sair daqui o mais rápido possível, mas Bundy decidiu que seus problemas são muito sérios e que ele quer me contar toda a sua história de vida, do início até agora. Desde antes de ele nascer. Desde o dia em que seus pais decidiram nomeá-lo.

Bundy está sentado de pernas cruzadas no chão, como uma criança emburrada brincando com seus brinquedos. ‘Eu não sou uma pessoa ruim’, diz ele. ‘Eu só fui feito assim.’ Enquanto ele diz isso, está distraidamente

enfiando a cabeça de um boneco do Chewbacca dentro de uma lata que simula uma vagina de espuma.

O apartamento de Bundy é repleto de brinquedos – brinquedos de pelúcia e brinquedos sexuais – e para ele é tudo a mesma coisa. Um par de Ursinhos Carinhosos está posicionado de quatro, de costas um para o outro, ambos com as costuras abertas para acomodar um vibrador duplo que foi enfiado dentro deles. Há um Teletubbie vestindo uma cinta-pau como se fosse uma máscara facial. Acho que ele tentou atualizar suas obsessões e ficou preso em algum lugar no meio do caminho entre ser um adolescente e um punheteiro de vinte e poucos anos, e acabou irremediavelmente infantilizado, sexualizando obsessiva e compulsivamente tudo ao seu alcance que fosse saudável e puro.

Na parede, ele tem um enorme pôster em tamanho natural de Britney Spears usando short jeans curtinhos com os botões abertos, com as mãos nos quadris como se estivesse prestes a tirá-lo, um top de algodão branco que parece desenhado especificamente para mostrar a curva de seus seios, e um olhar que diz, *you know you want to fuck me, but think again, Buster.*

É Britney Spears em seu auge, quando ela era a fantasia de todo e qualquer homem, a loira americana gostosa e sedutora. Antes de ela quebrar um milhão de corações masculinos, lembrando-os da namorada louca você desejou nunca ter conhecido, muito menos ter colocado seu pênis dentro.

Bundy claramente prefere a Britney da fantasia à Britney da realidade, e ele fez mais algumas modificações para que ela se encaixasse melhor em sua imagem da mulher perfeita. Ele personalizou o cartaz com recortes de partes do corpo de revistas pornô. Britney Spears tem uma buceta no lugar dos lábios e um pênis ereto saindo do seu short. Não um pênis qualquer. Um enorme pênis negro que é quase tão grande quanto a cabeça dela. Eu olho para nova e melhorada versão da genitália de Britney e penso, ele é um cachorro doente. Passo os olhos pelo quarto para ver se ele tem pornografia de travestis porque aposto que para ele vale tudo, mas rapidamente desisto porque seria quase impossível de detectar alguma coisa entre todas essas porcarias.

Ele também tem uma grande coleção de bonecos do *Star Wars* enfileirados ao longo de um aparador, mas apenas Wookiees. Ele não está interessado em outra coisa senão Wookiees. Bundy me diz que ele sempre

amou Wookiees. E ele acha que pode ter a mesma razão pela qual ele só gosta de mulheres com pelos pubianos ao natural, mulheres que nunca se depilam.

Bundy diz que esta é a razão pela qual ele é tão obcecado por boquetes – ‘receber, não fazer’, ele faz questão de explicar para mim – é que realmente não importa se ela está raspada ou peluda. Porque ele nunca chega tão longe.

Para ele, o prazer oral afasta a possibilidade de uma futura decepção. Mas a consequência é que ele permanece continuamente insatisfeito.

Bundy está desabafando, me contando todos os seus problemas, seu histórico sexual, suas falhas de personalidade, e eu não quero ouvir mais nada. Eu quero dizer a ele que fiquei furiosa por receber dinheiro após visitar a Juliette Society.

‘Você armou para mim’, digo.

Sinto que estou ficando com raiva, mas não quero demonstrar. Eu não quero dar-lhe o prazer de ver que me tirou do sério.

‘Armei para você como?’, ele diz. ‘Com Anna?’

‘O dinheiro, por aquela festa.’

‘Que festa?’, ele pergunta.

‘A Juliette Society’ eu respondo, como se ele não soubesse.

‘Quem?’, Bundy diz.

Eu repito.

‘Juliette Society, Bundy.’

‘Eu não sei do que você está falando’, ele diz. ‘Eu nunca paguei as meninas. Eu só pegava dinheiro.’

Estou confusa, mas preciso ir direto ao ponto. ‘Bundy, eu estou realmente preocupada, onde está Anna?’

‘Eu não sei’, ele diz. ‘Eu juro que não sei.’

Assim como ele jura não ter matado aquelas garotas.

‘Você fez o mesmo com Anna’, pergunto, com raiva, ‘tentou extorquir dinheiro dela?’

‘Eu não faria isso com Anna’, ele diz. ‘Eu nunca faria mal a ela. Eu amo Anna. Eu a queria tanto’, ele diz, quase às lágrimas. ‘Eu nem ligo se ela é depilada ou não.’

Bundy me conta que tentou ficar com Anna muitas vezes e fez tudo que podia para impressioná-la. Ela é a única mulher com quem ele já gastou

mais do que dez dólares, além de sua mãe. Ele lhe comprou presentes, joias. Mas Anna sempre o rejeitou.

‘Ela me falou que me amava como a um irmão’, ele diz, ‘mas ela prefere homens a meninos.’

Bundy me olha com olhos tristes e ele quer que eu diga, tudo bem. Mas eu não tenho muito o que dizer porque sei exatamente o que ela quer dizer. Ele só corre atrás de Anna porque ela partiu seu coração. E, como uma coda para seu conto de aflição, ele continua repetindo as mesmas duas coisas inúmeras vezes, como um disco quebrado.

‘Eu não a matei’, ele diz, ‘e eu não matei aquelas meninas.’

‘Eu acredito em você, Bundy’, e enquanto digo isso, reparo que eu realmente acredito nele. ‘Mas você não tem ideia, nem uma pista de onde ela pode estar?’

E, finalmente, ele solta uma informação. ‘Ela ia a uma festa. Talvez você a encontre lá.’

‘Que festa?’ pergunto, desconfiada.

Mas antes de ele sequer responder, eu percebo que eu vou ter que ir até lá, que não tenho escolha.

vinte e um

Estou andando à noite pelos arredores de uma grande villa italiana – o local da festa para a qual Bundy mandou um carro, o local onde talvez, apenas talvez, eu encontre Anna. É também véspera da eleição de Bob e há tanta coisa para fazer que Jack está dormindo no escritório de campanha.

Sigo por um caminho que serpenteia através de pequenas subidas, descidas e curvas. Onde quer que eu esteja, consigo ver a vila alastrando-se sobre uma colina, somente a silhueta delineada pela luz da lua cheia, baixa no céu, e meio escondida por uma grande nuvem cumulus flutuando sobre ela, já que não venta.

Só há um caminho – não há bifurcações ou junções –, mas eu não vejo ninguém à minha frente, nem quando ele se torna uma longa reta, e ninguém anda no sentido oposto a mim. O caminho parece exatamente igual em toda a sua extensão: é uma estrada de terra delineada por pedras, além das quais há densos arbustos e árvores salpicadas com flores silvestres e orquídeas tão vivas e luminosas cujas cores parecem brilhar no escuro. O caminho é iluminado por uma luz ambiente estranha, com nenhuma fonte aparente – o tipo de meia-luz que faz tudo parecer vivo – que alcança até apenas uns metros de cada lado da estrada.

Estou usando a mesma capa vermelha que usei na festa *De Olhos Bem Fechados* e um par de sapatilhas pretas, e me sinto como Chapeuzinho Vermelho correndo para a casa da vovó. O silêncio, a quietude, a solidão e a escuridão estão me assustando. Ando o mais rápido que consigo, esperando que a festa apareça logo. Mas isso não acontece.

Corro ao longo da trilha, no escuro, em direção a quem sabe onde, e dois pensamentos estão girando na minha cabeça sem parar, primeiro um e depois o outro.

O que estou fazendo aqui?

Foda-se o Bundy.

Não consigo pensar em maneiras suficientes de xingar Bundy porque eu sei, eu simplesmente sei, que ele armou para cima de mim de novo, mas tenho que achar Anna e não tenho escolha. Eu amaldiçoo o nascimento de Bundy, eu amaldiçoo seus pais, suas tatuagens idiotas, seu pinto feio e seus pés fedorentos. A voz na minha cabeça não para de xingá-lo e torna-se tão insistente que eu paro para checar se não estou falando em voz alta. Não que tenha alguém à minha volta para escutar. Estou andando em círculos dentro da minha cabeça e, vira e mexe, tropeço numa resposta.

Anna.

Estou aqui para encontrar Anna.

Tenho que encontrar Anna.

Só pensar já aumenta minha determinação a alcançar meu objetivo, e eu acelero o passo.

Estou tão perdida em meus pensamentos que esqueço onde estou e isso leva embora um pouco da ansiedade e do medo de andar sozinha no escuro, porque, apesar de não haver uma alma à vista, eu escuto que aqui está repleto de vida. Da forma como os sons da natureza enchem o ar quando você está andando por uma floresta, mesmo que você não possa ver de onde vêm. Eu não estou ouvindo o som de uma floresta, eu ouço um burburinho de sexo, um zumbido de sacanagem, uns sons de prazer. Risos, gritos, grunhidos e gemidos. O tapa de pele com pele. E quando saio da escuridão, para fora do caminho, acho que consigo enxergar membros entrelaçados em galhos, corpos inclinados sobre ramos, nádegas brotando de arbustos, figuras no cio mescladas à vegetação rasteira. Parece Éden antes da queda, quando o sexo e a natureza eram uma coisa só, primal, carnal e selvagem. A tentação me rodeia.

Embora pareça que estou indo em direção à casa, não tenho certeza de que é para lá que o caminho leva porque às vezes ele me leva a voltar para o mesmo lugar ou se quebra em vários zigue-zagues. Não demora muito para eu ficar desorientada e não ter mais noção se estou indo para frente ou para trás, para cima ou para baixo. Mas sempre consigo ver a alta e enfeitada torre da vila, como um farol que guia meu caminho.

Me sinto andando pela sequência inicial de *Cidadão Kane*; aquelas famosas primeiras cenas que começam tão sinistramente com uma placa de ‘Entrada Proibida’ pendurada na cerca de arame, e então abrem para uma panorâmica que mostra mais cercas, grades, portões e balaustradas – cada

um mais ornamentado, mais sólido, mais proibitivo que o último –, seguido por uma série de *fades* lentos pelas ruínas de Xanadu, a monumental loucura construída por Kane para celebrar sua riqueza, com sua ameaçadora mansão gótica ao fundo, como uma lápide.

Penso em todas essas cercas e portões como as barreiras e muros da minha personalidade, que eu ergui durante toda a infância e adolescência para me proteger do mundo. Estou tão envolvida em minha própria vida que tinha esquecido que todas essas fortificações invisíveis existiam e, em vez de me proteger, tudo que elas fazem é me impedir de olhar para dentro de mim mesma, de ver quem eu realmente sou. E agora percebo que não quero passar por toda a minha vida desse jeito. Não quero acabar como Charles Foster Kane: enfrentando a morte, mas ainda na negação do que o levou até lá. Um homem atormentado, trancado em sua casa mal-assombrada, condenado a apodrecer junto com sua propriedade.

Esta propriedade pela qual estou passando está tão abandonada quanto a de Kane, mas quanto mais eu ando, mais extravagante e excêntrica ela fica. É uma ruína projetada para se parecer com uma antiguidade, construída para enganar o arqueólogo que um dia tropeçar nela. Estou passando por construções um pouco afastadas do caminho que de longe parecem enormes torres, mas quando me aproximo vejo que elas foram construídas em perspectiva e são apenas fachadas inclinadas com lances de escadas que levam a lugar nenhum. Eu passo por um anfiteatro inacabado que tem assentos, mas não palco, e fileiras de colunas que carregam rostos de demônios e criaturas míticas. Grandes estátuas de pedra desmoronadas surgem sobre as copas das árvores e por trás do mato – de gigantes, deuses, deusas, ninfas, criaturas míticas – todos envolvidos em algum tipo de ato sexual ou exibicionismo. Uma tartaruga enorme transportando um falo gigante em suas costas. Uma esfinge segurando seus seios que jorram água pelos mamilos. Um colosso em armadura de batalha segurando seu pênis enrijecido e monumental como uma espada, pronto para vencer seus inimigos.

Acredito que este lugar deve ter sido construído por algum investidor milionário com recursos ilimitados à disposição para erguer um monumento à sua descomunal imaginação sexual. E então, como Kane, ele tornou-se

impotente por causa da idade, insatisfação ou putrefação, e legou sua criação à Mãe Natureza, que abraçou as divindades de pedra como parte dela, abraçando as figuras com musgos, cipós, raízes e ervas daninhas.

Eu sinto as imagens me olhando, ouço som de sexo nas árvores e na vegetação rasteira e apresso-me pelo caminho, virando uma esquina, dando a volta em um bosque de árvores e chegando a uma pequena avenida arborizada com ramos entrelaçados que formam um dossel. Ela leva até uma grande pedra numa encosta, onde há esculpido o rosto de um ogro – gordinho e redondo, de barba, olhos pequenos e redondos e uma boca que tem apenas um punhado de pequenos dentes irregulares. Isso me faz pensar no grafite da vagina dentada pichado na parede exterior da Fuck Factory. Esta é uma vagina com dentes, olhos e pelos pubianos.

Uma inscrição foi gravada em torno de seu lábio superior e pintada de vermelho como uma tatuagem:

AUDACISSIME PEDITE

A boca do ogro está aberta, como se estivesse rindo ou gritando, não sei dizer. Ou talvez apenas gargalhando com uma piada interna. O ogro está olhando para mim, rindo de mim, como se ele tivesse reconhecido alguém que não é dali. Parte de mim só quer correr para dentro de sua boca e me esconder, não importa o que encontre lá dentro, no meio da escuridão, apenas para que eu não tenha mais que encarar seu olhar. Porque é para lá que o caminho leva, para a boca do ogro. É onde acaba. Não há outro lugar para ir, exceto voltar e refazer meus passos, mas não tenho a intenção de fazer isso. Tenho que encontrar Anna.

Ouçó uma música, o som de tambores e flautas. Parece vir da boca do ogro.

Estou oscilando entre ansiedade e determinação, e vontade que Anna esteja aqui. Penso, o que Anna faria? Mas já sei a resposta. Nada disso iria assustá-la. Ela simplesmente pularia para dentro alegremente porque, para ela, cada experiência é uma nova aventura, um novo desafio, uma nova fronteira a atravessar.

O sexo murmurante está falando comigo. Ele diz: ‘Venha para dentro.’ Eu obedeço.

Lá dentro é tão escuro que eu imediatamente tropeço em uma pedra e quase caio de cara no chão. Estendo meus braços para os lados, para tocar as paredes, a boca e a garganta do ogro. É tão estreito que meus braços nem chegam a ficar esticados, mas eu consigo ficar em pé sem precisar me inclinar. As paredes são frias e úmidas ao toque.

Vou reconhecendo o caminho conforme ando, pisando cautelosamente, até que gradualmente meus olhos começam a se ajustar a uma luz suave à frente. Chego a uma longa escadaria escavada na rocha, com uma balaustrada de ferro forjado enferrujado, que leva a um complexo de cavernas naturais. O teto da caverna pinga como o teto uma barraca de lona durante uma chuva pesada e sua superfície é coberta com estalactites finas e longas, em tons brilhantes de vermelho e castanho na base e amarelo e branco nas pontas – como os espinhos de um ouriço-do-mar gigante. Água pinga a partir dos espinhos em pequenas piscinas na superfície da rocha e, quando faz isso, reverbera e ecoa em torno de mim como um sino. Riachos de água correm por debaixo dos meus pés e eu tenho que agarrar uma grade de ferro para não escorregar. Ela também está molhada ao toque, como se estivesse apodrecendo. O ar tem cheiro de estragado.

Parece que estou descendo para o ventre da terra através da garganta do ogro, como Jonas vagando sem rumo pela baleia. Não há nenhum lugar para ir a não ser para frente, seja lá para onde quer que isso me leve.

Consigo ver o final da escada e agora olho para trás para ver o quão longe eu cheguei e descubro que estou no meio do caminho. Quanto mais baixo eu vou, mais alta e mais frenética a música fica. Parece um burburinho de vozes, todas gritando para serem ouvidas.

Ao fim da escada há uma passagem que é larga o suficiente para uma pessoa e eu tenho que me abaixar ao andar por ela. Depois de algumas centenas de metros, ela se abre para uma plataforma que tem vista para uma grande gruta, onde se chega através de uma escada escavada na rocha.

Estou na metade da caverna e do lado oposto, na outra extremidade, há uma cachoeira natural que cai através de uma fenda profunda na face da rocha, e acima dela uma fissura se abre para o céu, através da qual a lua brilha, iluminando a gruta com uma luz prateada espectral. Tochas fixadas às paredes fornecem outra fonte de luz, apenas o suficiente para ver que as paredes da gruta são pintadas com um colorido afresco do jardim que acabei de atravessar, com o caminho sinuoso e as mesmas estátuas de pedra

que vi saindo atrás da folhagem. O chão da gruta é coberto por um musgo rosa luminoso que se agarra à rocha e brilha sob a luz das tochas como ouro polido.

Na base da cachoeira, a água escorre em dois córregos que formam uma ilha. Nela ergue-se uma pequena estrutura arredondada de pedra com colunas, como um pódio ou coreto, que é aberta de um lado e iluminada pela lua. Dispostas ao redor de cada lado do pódio, várias figuras trajando vestes brancas e enormes e exageradas cabeças de animais, cada um tocando um instrumento – ou um tambor de mão ou pequenos pratos. Duas das figuras estão tocando longas flautas de madeira, que se alargam na extremidade. A música é tão alta e penetrante ao ecoar pela gruta que preenche o espaço com um clamor desorientador de ritmos e tons conflitantes e eu posso senti-la reverberando através de meu corpo.

No pódio há um trono com assentos estofados de veludo vermelho com debruns dourados e um leão esculpido em cada um dos pés dianteiros. Sobre o trono fica uma figura velada em longas túnicas brancas que são tão soltas no corpo que é difícil determinar seu sexo. Aos seus pés há uma mulher, uma mulher nua com o cabelo loiro, assim como Anna, e o meu coração quase salta do peito quando eu a vejo, mas eu não posso dizer se realmente é Anna, porque ela está muito longe e está ajoelhada com a cabeça no colo da figura, cuja mão enluvada repousa sobre sua cabeça, da forma como um clérigo faz quando concede a um fiel a absolvição dos seus pecados.

Esta mulher claramente cometeu grandes pecados, porque suas costas estão cobertas por um emaranhado de lesões vermelhas e dolorosas, e a outra figura de túnica está de pé atrás dela com um chicote, pronta para bater mais. Eu me lembro de quando Anna mostrou as marcas no pulso dela e como eu achei tudo horrível, e hoje percebo como eu era ingênua, pois aquilo não era nada demais.

Cinco outras mulheres nuas, duas loiras, duas morenas e uma ruiva, estão ajoelhadas em um semicírculo na base dos degraus que levam ao pódio, de frente para o trono, com as mãos sobre os joelhos e de cabeça baixa. Esperando sua vez.

A música está tão alta que não consigo ouvir meus pensamentos, tão alta que parece apagar lentamente a minha identidade e preenchê-la com o som.

Não posso deixá-la roubar o meu propósito. Tenho que encontrar Anna. Repito isso várias vezes na minha cabeça como um mantra.

Começo a descer as escadas lentamente e quando chego mais perto do chão da gruta, percebo que ele não está coberto de musgo, ele está coberto de corpos, uma massa fervilhante de corpos copulando, de cabelo, de pele e de suor. O tapete de corpos cobre cada centímetro da base da gruta e vai até os lados. Eles estão tão entrelaçados que é impossível discernir onde começa um e acaba o outro. Cabeças estão enterradas entre pernas e braços. Torsos parecem abençoados com vários pares de membros. Pernas emergem de ombros, braços desaparecem por entre pernas e saem de trás de cinturas. Mãos estão fixadas a seios. Pênis brotam de joelhos dobrados. Bocas estão abertas em êxtase ou preenchidas com algum membro. É como se todos tivessem sido chicoteados para um fervor sexual pela música.

Eu achei que tinha visto de tudo na companhia de Anna – no website SODOMA, na Fuck Factory. Eu pensei que já tinha visto de tudo um pouco. Estava começando a me acostumar, mas eu jamais havia visto algo assim. Nem mesmo em filmes.

Coloco um pé à frente cuidadosamente, pisando nesta massa fervilhante de corpos e, conforme faço isso, eles parecem registrar minha presença e começam a se separar e abrir, formando um caminho para eu andar. Eu estou passando por esses organismos com muita insegurança, e, ao mesmo tempo, sou completamente imperceptível porque ninguém está me dando nenhuma atenção, como se eu estivesse andando por uma rua movimentada da cidade, uma pessoa entre muitas, centenas e milhares, perdidas na confusão e na agitação.

Olho para o pódio a tempo de ver a loira se levantar e cair de volta para o enxame ondulante de carne humana. Seu corpo sem vida está sendo jogado para frente e para trás no chão da gruta, como um roqueiro passado de mão em mão por cima de um *mosh pit*. Braços chegam a apalpá-la, agarrá-la e puxá-la para baixo. Outros a empurram para cima e para a frente.

Eu me lembro da cena inicial de *Meu Ódio Será Sua Herança*, onde as crianças estão sentadas ao lado da estrada observando um exército de formigas vermelhas devorar dois escorpiões. E elas estão assistindo a este terrível espetáculo de ritual de sacrifício com prazer, cutucando as criaturas

com paus para excitá-las ainda mais, incentivando a crueldade sem consciência.

Assisto horrorizada quando a garota loira é sugada pela multidão, seu corpo engolido pelo pelotão. E não é como se eu pudesse fazer alguma coisa a respeito. Pouco antes de isso acontecer dou uma boa olhada em seu rosto, tempo suficiente para ter certeza de que não é Anna.

Outra garota se levanta e toma o seu lugar ao pé da figura velada. O chicote é levantado e desce em suas costas com velocidade e força terríveis. O corpo dela enrijece ao ser atingido, os ombros arqueiam para fora e a coluna para dentro. Sua cabeça gira e sua boca se abre, como um lobo uivando para a lua, mas seus gritos não podem ser ouvidos, porque a música afoga tudo – o som do chicote, os gritos, a massa de corpos se contorcendo e fodendo em torno de mim – tudo.

Os corpos continuam a se afastar à minha frente e eu estou quase no centro da caverna agora, perto o suficiente do pódio para ver os rostos das meninas, para ver que nenhuma delas é Anna. A menina em frente ao trono foi amarrada inconsciente e está caída aos pés da figura do véu.

Esta é uma situação esquisita. A mais esquisita. Esquisita demais para mim. Nesse momento eu só queria poder correr e dar o fora daqui, mas não posso. Estou à mercê deste aglomerado de corpos.

A música está invadindo meus ouvidos. Meu coração bate tão forte que parece que meu peito vai explodir. Tão forte que consigo sentir que estou entrando em pânico, hiperventilando. E eu preciso de toda a força de vontade do mundo para impedir isso de acontecer, para recuperar minha respiração e voltar ao normal, para que eu possa traçar um plano do que fazer ou aonde ir. E agora parece que os corpos não estão se abrindo para que eu possa percorrer o caminho que escolhi, mas sim que eles estão me conduzindo, e enquanto eu caminhar, eles vão me deixar passar.

Logo, estou quase do outro lado da caverna e posso ver uma abertura na face da rocha, uma passagem para fora. Noto que é para onde eles estão me levando. Cada novo passo é mais insuportável do que o último. Até que, finalmente, não posso suportar mais e pulo os últimos corpos por segurança.

Corro pela fissura o mais rápido que posso e desço por uma passagem estreita iluminada por tochas, e eu não olho para trás até ouvir o volume da música abaixar, até escutar somente os ecos dos meus passos no chão. A passagem divide-se em duas, depois em três. Eu não sei exatamente para

onde estou indo. Apenas sigo na mesma direção – reto – mesmo quando o caminho faz curvas que parecem levar ao mesmo lugar. Parece e não parece familiar ao mesmo tempo, e sinto que estou de volta aos corredores da Fuck Factory.

A passagem se endireita. Mais à frente, piscinas de luz derramam-se a partir de uma série de aberturas esculpidas em cada parede – alternadamente, de forma que uma nunca fique na frente da outra, como os quartos em um corredor de hotel.

Quando me aproximo da primeira, escuto o burburinho que preenchia o ar à minha volta enquanto andava pelo jardim lá de cima, mas desta vez é menos etéreo, mais urgente; primal como o grito da multidão num evento esportivo.

Eu me aproximo da abertura e olho para dentro. A câmara tem o tamanho de uma garagem ampla. Como na gruta, as paredes são pintadas com um mural, uma decoração interna – janelas, portas e até quartos comunicantes – dando a impressão de que o espaço é bem maior do que realmente é. Parece um set de cinema.

No meio do cômodo há um andaime de madeira. Uma menina está atada ao meio da coluna central. Ela está nua, seus braços levantados, seus pulsos amarrados, palmas das mãos para fora. Uma corda aperta sua cintura como uma cinta modeladora. Outro pedaço, com um nó no meio do peito, circula seus seios e sobe por seus ombros, como um sutiã.

Seu corpo está manchado com gotas e respingos pretos como se tivesse sido salpicado com tinta. Duas figuras encapuzadas estão em cada lado segurando grandes velas negras do tamanho de tochas olímpicas, pressionando-as contra seu corpo e abaixando a cabeça, como se administrando um sacramento e oferecendo a bênção.

Em torno do andaime, homens e mulheres fodem em um frenesi animalesco, ignorando a minha presença. Todos eles usam máscaras temáticas – máscaras de carnaval, máscaras de animais, máscaras de borracha com rostos de presidentes, políticos, personalidades e figuras históricas. A energia na sala está fora de controle, inflamável. O cheiro é intenso.

Sinto como se estivesse debruçada no meu sonho, observando, atraída pela menina no andaime. Seguram uma vela perto do peito dela. A cera pinga em seu mamilo, cobrindo-o como glacê. Conforme a cera cai em seu corpo, ela gira seu quadril e move sua pélvis, da maneira como você faz quando está desesperada para fazer xixi e não há nenhum banheiro por perto. Suas pernas estão dobradas para trás, os calcanhares presos à parte traseira das coxas por voltas e voltas de corda, de forma que quando ela tenta andar, assemelha-se a uma borboleta abrindo as asas. Ou um besouro que foi virado de barriga para cima e fica esperneando.

Sua boca está aberta, os olhos vidrados, e fico hipnotizada pela expressão em seu rosto, incapaz de descobrir se ela está implorando por mais ou pedindo socorro. Olhando para ela, amarrada a uma estaca como Joana d’Arc, cercada por uma multidão aos gritos, suspensa entre a euforia e a angústia, não sei se quero transar com ela, salvá-la ou substituí-la.

Me afasto e sigo pela trilha, passando por câmara após câmara e olhando para cada uma delas. Todas parecem uma cena do site da SODOMA: a menina em algum tipo de situação de estresse – amarrada, enjaulada, acorrentada, presa –, um público, excitado e animado pelo espetáculo que é apresentado a eles. Eu paro na entrada de cada câmara apenas para verificar que Anna não está dentro, então sigo em frente. Ando por estas catacumbas e depois de um tempo parece que estou andando em círculos. Ou isso, ou as torturas só começam a parecer todas iguais.

Então me deparo com um espaço que parece vazio. Não resisto à curiosidade e entro. Como em todas as outras câmaras que vi, todos os móveis são pintados nas paredes, com exceção de um pequeno estrado usado como cama e uma estátua de mármore de pé no lado oposto.

Uma voz masculina diz: ‘Por que você demorou tanto?’

Ele soa tão familiar para mim. Esta voz, eu a conheço.

Eu me viro e vejo o homem da máscara de arlequim, o homem do meu sonho, o meu parceiro sexual na festa da Juliette Society. Uma sensação de alívio toma conta de mim ao ver uma figura familiar. Ele está vestindo uma capa com capuz preto e um sorriso cúmplice. Ele estava me esperando, mas não consigo entender como.

‘Estou à procura de alguém’, digo.

E eu passo os olhos pelo cômodo enquanto digo isso, embora não tenha muita coisa para vasculhar.

‘Bem, aqui estou’, ele diz, tentando chamar minha atenção e meus olhos de volta a ele.

‘Não você’, eu digo a ele. ‘Minha amiga. Anna.’

‘Eu a conheço?’ ele pergunta.

‘Eu não sei...’ respondo, olhando em seus olhos.

‘Deveria?’, ele diz. Aquele sorriso de novo. Eu não sei direito o que está acontecendo ou aonde isso vai chegar, mas parece que ele sabe mais do que quer me contar e está me atíçando.

‘Venha’, ele diz, andando em minha direção e estendendo a mão. ‘Eu quero te mostrar uma coisa.’

De bom grado, eu pego a mão dele e ela envolve a minha como uma luva, tão familiar, reconfortante e quente. Ele me leva até uma estátua de mármore no canto da sala.

De costas, a estátua parece um homem com pernas muito peludas. Ele está ajoelhado e inclinado para frente, com os braços à frente, ou no meio de uma oração ou se masturbando de costas para que ninguém possa ver. À medida que nos aproximamos, vejo que ele não está fazendo nenhum dos dois.

É uma estátua de um homem, e não há outra maneira de dizer isso sem ser grosseira – é uma estátua de um homem fodendo uma cabra. Bem, não exatamente um homem, mas um meio-homem/meio-bode. Tecnicamente, eu acho, é um bode comendo uma cabra e nenhuma lei dos homens, da natureza ou de Deus foi violada ou transgredida.

Mas ainda assim... é sexo, não há dúvidas, porque o homem-bode tem seu pênis inserido nas partes baixas da cabra. Se a cabra tiver uma vagina – isso é muito constrangedor, eu não sei se uma cabra tem vagina – então, sim, está inserido na vagina da cabra.

A cabra, como a maioria das cabras, mesmo sendo fêmea, tem uma barba. Ela está deitada de barriga para cima, com as patas traseiras no ar. O homem-bode está transando com ela e puxando sua barba ao mesmo tempo. E a cabra, eu tenho que dizer, parece não estar terrivelmente feliz com a situação. Na verdade, ela parece aterrorizada. Ou talvez eu só esteja projetando. Mas te digo uma coisa: todo o cenário é bem assustador, mesmo a estátua em si sendo muito bem esculpida e detalhada.

‘Você sabe o que é isso?’, ele pergunta.

‘Bem explícito’, eu digo. ‘Além disso... não faço ideia.’

‘Dê um palpite’, ele diz.

‘Pornografia etrusca antiga?’, chuto.

‘Quase’, ele ri. ‘Errou por apenas alguns séculos. É romano. Pan. O Deus do sexo.’

Estou escutando sua voz e me sinto realmente incomodada, porque ele soa tão familiar, embora não consiga identificá-la.

‘Você sabe de onde isso veio?’, ele pergunta.

‘Da Mansão Playboy?’, digo.

‘Herculano’, diz ele, como se eu devesse saber. ‘Itália, perto de Pompeia. Isto foi encontrado na casa do sogro de Júlio César, que era também uma figura extremamente poderosa e influente.

E ele dá uma palmadinha na bunda de Pan.

‘Você consegue imaginar o que acontecia lá?’, ele questiona. ‘Que tipo de atividades isso inspirou?’

‘Festas em casa?’ falo.

Estou brincando com ele. Quero que ele pense que sou inteligente e engraçada. Quero que ele goste de mim.

‘Correto’, ele diz, sem um pingão de ironia.

Finalmente acertei alguma coisa. Eu o espero desenvolver o assunto, mas isso não acontece.

‘Esta não é a verdadeira, infelizmente. A original está em Nápoles, mas esta é uma réplica muito fiel – todos os detalhes estão presentes e corretos’, diz ele, passando o dedo indicador lenta e metodicamente ao longo pênis ereto de Pan, como se procurasse por poeira. ‘E cumpre a sua função.’

‘Que é...’, eu digo.

‘Não seja tímida’, ele diz.

‘Eu não sou’, afirmo.

‘É disto que se trata’, ele fala.

‘Isto? Um meio-homem comendo uma cabra?’

‘Aqui. Agora. Este lugar.’

‘Já que mencionou’, digo, ‘o que é este lugar?’

‘Isto’, ele diz, ‘é o jardim das delícias terrenas. O casamento entre céu e inferno.’

‘O que diabos você está falando?’

‘A Juliette Society’, ele diz.

Assim que ouço este nome, estou de volta ao lugar em que eu o ouvi pela primeira vez. Àquele banheiro com Anna. E eu pensei que era apenas um nome bobo para um clube de *swing* de elite. Aparentemente, não.

‘Parece uma tipo de irmandade’, digo.

‘Longe disso’, ele diz. ‘A Juliette Society é um grupo de pessoas unidas por uma ideia, uma filosofia compartilhada, todas dedicadas à busca pelo prazer sublime. Nós temos interesses comunitários, objetivos em comum e meios ilimitados.’

‘Soa como um clube para pessoas ricas e safadas que gostam de fazer sacanagem’, digo a ele.

‘Não é um clube’, diz ele. ‘É uma tradição. Uma linhagem através da história. Que pode ser rastreada até as religiões dos mistérios pré-cristãos, cultos pagãos que aconteciam abertamente durante o Império Romano.’

Ótimo, penso, agora ele resolveu me dar aula de História.

‘Conforme os cultos foram ganhando popularidade, as autoridades romanas começaram a vê-los como ameaças ao poder e à ordem’, ele conta. ‘Então eles os reprimiram, os separaram e recolheram seus devotos.’

As religiões dos mistérios estão parecendo a Fuck Factory do Mundo Antigo, mas não tenho certeza se é isso que ele quer dizer.

‘O que as autoridades não sabiam era que muitas figuras públicas e executivos do Império Romano também eram membros secretos desses cultos’, ele diz. ‘Eles foram perseguidos, presos e condenados à morte. Eles quase acabaram conosco, mas o culto em si reconstituiu-se após o expurgo e o núcleo executivo chegou à conclusão de que a melhor maneira de salvar a sua sobrevivência estava em perseguir três objetivos principais: limitar a ameaça, gerenciar suas atividades e minimizar o risco.’

‘Espere’, digo, ‘você me confundiu agora. Estamos falando sobre governança corporativa ou sobre foder?’

‘Foder?’, ele diz, quase soando surpreso que a palavra tenha saído de sua boca. ‘Isto é muito mais do que simplesmente foder.’

‘Você fica falando isso’, eu digo, ‘mas você não está me contando por quê.’

‘Luxúria’, ele diz, soltando a palavra como um assobio. ‘E poder. Nós não podíamos deixá-los tirar isso de nós, por isso o culto passou à clandestinidade e escondeu-se à vista.’

‘Como você pode se esconder em plena vista? Isso não faz o menor sentido.’

‘Faz todos os sentidos do mundo’, ele diz. ‘Vamos dizer que, que tipo de história não pode ser verificada?’

‘Qualquer uma que apareça na revista *National Enquirer* ou no TMZ.’

‘Exatamente’, ele diz. ‘Fofocas. Rumores. Mitos.’

‘E?’

‘E você não pode processar um rumor ou refutar um mito’, diz ele. ‘Ele continua a existir, se perpetuar e exercer influência, mas não pode ser destruído. Ele só pode evoluir e se transformar. Assim, desde aquela época, temos sido conhecidos por muitos nomes.’

Ele começa a listar uma série de nomes que parecem títulos de filmes de terror de baixo orçamento.

O Culto a Isis.

A Ordem Secreta dos Libertinos.

O Clube do Fogo Infernal.

‘O nome pelo qual é conhecido hoje é Juliette Society’, ele diz, ‘mas todos eles são inspirados pelas religiões dos mistérios.’

‘Quais eram os mistérios?’, pergunto, intrigada.

‘Os mistérios não eram coisas que podiam ser descobertas’, ele diz. ‘Eram lugares a serem invocados, lugares como este aqui. O destino final, não uma parada na estrada.’

Ele está falando em enigmas.

‘E como você chegou a este lugar?’, pergunto.

‘Como você chegou aqui?’, ele questiona.

‘De motorista’, digo. ‘Ele me deixou perto do portão principal. Senha: Fidelio. O segurança olhou desconfiado para mim. Eu acho que eles estavam esperando Tom Cruise. Em vez dele, vim eu, Tom Cruise com peitos.’

‘Muito engraçado’, ele diz, mas ele não está rindo. Ele não está sequer sorrindo.

‘Não foi o que eu quis dizer’, ele diz. ‘Há três níveis de iniciação.’

‘Que são?’

‘Desorientação dos sentidos.’

Feito.

‘Intoxicação do corpo.’

Feito.

‘Sexo orgiástico.’

Feito. Risquei todos os itens da lista. E aqui estou eu.

Não foi obra do acaso, ou uma série aleatória de eventos que me trouxeram aqui.

Eu fui trazida a este lugar.

‘Agora você já sabe como veio parar aqui’, ele diz, como se soubesse o que eu estava pensando. E lá vem aquele sorriso de novo. Não consigo ler este cara.

‘Seja lá o que for a Juliette Society, eu não quero fazer parte’, digo a ele, ‘eu só quero encontrar a minha amiga.’

‘Você já faz parte dela’, ele diz.

‘Eu não tenho nada a ver com este lugar!’, grito.

‘Se você chegou até aqui, você pertence a este lugar’, ele responde, olhando dentro dos meus olhos.

‘Mas por quê?’, pergunto.

‘Porque os outros não.’

‘Que outros?’, eu digo.

‘Os que não conseguiram’, ele diz. ‘Você sabe, os que desistem no meio do caminho, ou nos deixam, os que hesitam na iniciação, eles foram sacrificados.’

Sacrificados, penso. Eu ouvi certo? E tremo por dentro, tentando não transparecer meu medo.

‘Esta é uma daquelas situações em que depois que você me conta tudo, você tem que me matar?’

É uma brincadeira com fundo de verdade.

Ele ri, mas não acho que é porque entendeu a piada, e ele não diz que não.

‘Nós somos mais parecidos do que diferentes, você sabe’, diz ele. ‘Mais parecidos do que você gostaria de admitir. Por mais difícil que seja para você entender. Nós não somos como os outros.’

‘Por que eu?’, digo.

‘Você tem um talento.’

‘E qual seria?’, pergunto.

‘Você é incorruptível, irredutível. Você entende.’

Ele não está me perguntando, ele está me dizendo. Mas eu não acho que entenda.

‘Estou tentando’, eu imploro. ‘Eu realmente quero entender.’

Eu gostaria que ele parasse de falar desta maneira. Mesmo assim, estou completamente extasiada. Eu me sinto como Alice tentando conversar com o Chapeleiro Maluco e a Lebre de Março, entendendo tudo errado em uma lógica invertida que está além da minha compreensão, mas que parece que faria todo o sentido se eu apenas a aceitasse.

‘Mas você já entende’, diz ele, sorrindo. ‘Como luxúria e poder, sexo e violência, são apenas dois lados da mesma moeda. E o seu desejo de saber mais, de experimentar por si mesma, te trouxe aqui. Para mim.’

Ele está recitando uma fala. Eu sei porque eu já a escutei antes – de Anna.

E agora eu sei quem ele é, este estranho mascarado, o homem dos meus sonhos. Ele é o cara sobre quem Anna me falou, o que ela disse ser o seu namorado favorito, o que a entendia melhor.

‘Você conhece Anna’, digo.

Ele não responde.

E eu sei o que isso é agora. É aquela cena de *O Último Tango em Paris*, a única que todo mundo conhece e se lembra.

A que começa com Maria Schneider entrando no apartamento de Marlon Brando, anunciando sua chegada. Não obtendo resposta, ela pensa que ninguém está em casa. Mas Brando está sentado ali no chão, comendo pão e queijo, sem dizer nada, sem reagir, apenas esperando ela chegar.

Ele já sabe o que vai acontecer. Ele já decidiu onde isso vai dar. O que vai fazer. Ela está alheia. E ela se faz alheia, porque, de certa forma, ela também quer que isso aconteça.

Ele também estava esperando por mim, porque sabia que eu iria chegar. E eu cheguei bem na hora.

Pronta para minha própria cena da manteiga.

‘Você está com medo?’, ele diz, aproximando-se de mim.

‘Não’, afirmo, percebendo que é de verdade.

E eu realmente não estou. Mas mesmo que estivesse, não daria a ele o prazer de saber.

Tudo que estou pensando é: qual é o jogo dele? E onde está Anna?

‘Eu deveria estar com medo?’, pergunto.

Ele me puxa para perto dele e eu não resisto porque eu entendo que este é o lugar para onde tudo me levou.

Eu quis vir aqui. Eu fiz isso acontecer.

Eu vim por necessidade. Eu não tive escolha.
Eu tinha um talento. E eu fui escolhida.

Ele me joga de costas sobre o estrado. Ele já sabe o que quer e ele vai buscar. Olho para cima e vejo a estátua. Eu vejo uma cabra e um demônio com tesão em cima dela. Eu e ele em união profana. Mas ele não vai em direção à minha barba, ele pega minha garganta.

No momento em que eu percebo o que ele está fazendo, suas mãos já estão sobre mim e tudo está se movendo tão rápido que ele está se movendo em câmera lenta.

Suas mãos estão entrelaçadas em volta do meu pescoço.

Eu tento gritar. A voz não sai. Luto, mas ele sabe que é mais forte do que eu. Eu estou presa à plataforma com o peso do corpo dele sobre mim.

Estou totalmente desamparada, mas completamente alerta e consciente.

É tarde demais para reagir, tarde demais para fugir.

Sinto suas mãos se apertarem lentamente em torno da minha traqueia.

‘Menina boba’, ele diz, ‘Você não precisava vir.’

Ele se inclina sobre mim, até que seu rosto está bem em cima do meu e tudo o que posso ver por trás da máscara de couro queimado são seus olhos, brilhando enlouquecidos.

Penso no que aconteceu com todas aquelas meninas. Penso no que pode ter acontecido com Anna. E tudo parece óbvio agora. Tudo parece tão claro.

Eu deveria ter prestado mais atenção. Deveria ter escutado a minha cabeça, e não o meu corpo. Eu deveria ter previsto isso.

Ninguém quer morrer. Não aqui, não assim.

Eu não quero morrer. Não aqui, não como aquelas meninas.

Mas é muito tarde para ter dúvidas.

Ele está expurgando a vida de dentro de mim. Ele quer vê-la saindo. Ele quer que eu me sinta da forma como elas se sentiram.

E eu reúno toda a minha força e até a última gota de ar em meus pulmões para dizer:

‘Foda-se você.’

Sai como um murmúrio. Ele se inclina até o meu ouvido e sussurra: ‘Você está me sentindo?’

Suas mãos apertam.

Então, tudo fica preto.

A próxima coisa que sei é que estou deitada de barriga para cima, olhando para uma vasta extensão de céu azul que se vai de um horizonte ao outro. Sem sol, sem lua, sem nuvens. E mesmo que a cor seja plana, sem desenhos e completamente uniforme, parece que ela está arqueada sobre mim, como se eu estivesse olhando para a curvatura da Terra. Sinto uma leve brisa passar pelo meu corpo, mas, neste momento, não posso dizer se estou embaixo d'água ou flutuando pelo céu.

Gaivotas brancas fantasmagóricas passam por cima da minha cabeça como sentinelas. E se não fossem as pontas de suas asas, que parecem ter sido manchadas com tinta nanquim, eu acharia que elas eram apenas ilusões de ótica flutuando na frente dos meus olhos de tanto olhar para o infinito azul. Elas voam em meu campo de visão, algumas maiores do que outras em caminhos opostos, em diferentes altitudes, embora pareça que todas estão habitando o mesmo plano. Vejo um bando de estorninhos rasgando o céu como um cardume de peixes, fazendo uma pequena curva para seguir pela corrente.

Levanto a cabeça para olhar ao redor. Estou deitada, nua, no meio de uma grande plataforma de pedra que não tem nem meio metro de altura. Há um robe de seda vermelho-rubi com bordados dourados esticado debaixo de mim como um lençol. E os meus braços estão metade para dentro e metade para fora de cada braço do robe. Em volta da plataforma, em todas as direções, até onde consigo ver, estão fileiras de arquibancadas vazias.

Eu começo a me sentir tonta, então descanso minha cabeça novamente, olho para o céu e me sinto como se estivesse voando, como se eu estivesse planando pela atmosfera com os pássaros. Sinto algo na minha garganta, algo como uma pluma. Faz cócegas e bloqueia minha garganta ao mesmo tempo. Eu não consigo respirar e começo a entrar em pânico. Eu me engasgo tentando desbloquear a passagem de ar. Nada sai da minha boca, mas o que estava lá se foi e agora eu tento recobrar o fôlego, como se fosse a primeira vez que respiro na vida. Como se eu tivesse morrido e renascido. Com este suspiro vem uma dor lancinante que atinge toda a minha garganta, espalha-se até o meu peito e meus pulmões, como se eu estivesse respirando fogo.

E eu tenho a impressão de ouvir Jack sussurrando: ‘Você chegou.’
Eu abro os olhos para cumprimentá-lo.

Abro meus olhos, espero eles fazerem foco e percebo que não é Jack, nem o estranho da máscara, mas Bob que está olhando para mim, seu rosto encoberto pela sombra. Bob é o homem por trás da máscara. E eu não sei por que, mas não estou nem um pouco surpresa.

Vejo-o mexer o braço. E sinto uma dor aguda na bochecha quando ele me dá um tapa. Minha cabeça cai para o lado como se fosse de mola.

Ele pega meu queixo, vira-o em sua direção e esbofeteia o meu rosto novamente. Mais forte desta vez.

‘Acorde’, ele grita. ‘Não está na hora de morrer.’

Olho para ele e só vejo seu rosto por meio segundo antes de tudo ficar embaçado por conta das lágrimas que brotam nos meus olhos.

Ele segura meus pulsos, não para me impedir de bater nele de novo, mas para puxá-los. Em direção ao seu pescoço.

Ele diz: ‘Vamos trocar de lugar. Sufoque-me.’

As mãos dele estão nas minhas. Minhas mãos estão em seu pescoço.

Ele diz: ‘Mais forte.’

E eu aperto.

Ele fala de novo.

‘Mais forte.’

A minha força claramente não é suficiente.

Ele diz isso de novo e está gritando agora, sem parar. Como um técnico tentando fazer seus atletas se superarem. E eu estou no meu limite.

‘Mais forte.’

Estou agindo sem pensar.

‘Mais forte.’

Eu aperto com mais força.

‘Mais forte.’

Suas mãos ficam moles e caem ao seu lado. Eu continuo pressionando.

‘Mais forte.’

Parece que estou girando um parafuso que já está apertado na parede. No entanto, quero dar mais uma volta, só para garantir, e uso toda a minha força apenas para virar a chave de fenda.

Vejo seu rosto corar e ficar vermelho.

Eu aperto mais ainda.

Seus lábios estão se mexendo, mas não emitem nenhum som.

Estou caída sobre ele com todo o meu peso agora, com uma força que eu nunca soube que tinha, e seu rosto está vermelho como uma beterraba. Seus olhos arregalados, as pupilas dilatadas. Seu corpo está absolutamente imóvel e rígido.

Então eu olho para sua boca e ela está arqueada nos cantos fazendo um sorrisinho maléfico. Como se ele soubesse exatamente o que está fazendo comigo. Ou talvez seja porque ele está com uma dor excruciante. Eu não posso dizer, porque é quase impossível diferenciar entre uma careta e um sorriso.

E eu realmente espero que seja um sorriso, porque eu compreendi agora. Eu entendo o que é essa coisa toda. Este encontrinho doente. O poder de ter a vida e a morte em suas mãos. E é assim que eles se divertem.

Este é a tara de Bob.

Correr um risco fatal.

Sinto seu pulso enfraquecer sob meus dedos. Posso vê-lo indo embora. Eu posso acabar com tudo isso agora. Ele não iria revidar. Posso espremer a vida para fora dele. Bem aqui, agora. Posso tirar sua vida, da maneira como ele tirou as daquelas meninas, como tirou a de Anna. Porque é isso que eu acho que aconteceu. Eu posso igualar o placar. Posso impedir que isso aconteça novamente. Não haverá mais vítimas.

E, embora ele pudesse se divertir com este sexo doente, não seria por muito tempo. Até lá seria tarde demais para pensar de novo.

Isto é o que ele quer. Ele sabe que não pode perder.

Se eu matá-lo, ele morre seguro de que minha vida acabou.

Se eu matá-lo, vai ser muito fácil.

Posso ver a vida se esvaindo para fora dele. Então eu afasto minhas mãos.

Ele não se move. A cor desaparece de seu rosto.

O desgraçado está morto. Eu sei. Ele está morto.

Eu grito seu nome – ‘Bob!’ – Muitas e muitas vezes. Dou um tapa em seu rosto. Pressiono seu peito.

Entro em pânico. Não é possível que vá sobrar para mim.

Faço tudo de novo. Com mais força.

Estou prestes a desistir quando vejo um espasmo em seus olhos.

Então eu bato nele. Uma vez em cada bochecha.

Ele luta pela vida, sugando ar para seus pulmões. A ação é acompanhada de um terrível som rascante.

Eu estou olhando para ele em desespero, pasma. Eu quero que ele viva. Eu preciso que ele viva. Não por ele.

Por mim.

Ele faz isso umas três ou quatro vezes e parece que vai conseguir. Ele está voltando agora. Ele vai sair dessa.

Posso ver seus lábios se movendo, mas não consigo entender o que ele está dizendo. Sua voz é apenas um sussurro. Abaixo minha cabeça para nivelar com a dele.

Eu o ouço dizer:

‘Gena... que gravata... que gravata devo usar?’

O filho da puta. Ainda obcecado com aparência. Se Gena soubesse...

E eu me pergunto se ela sabe e deixa quieto. Ela está apenas iludida e cega? Será que ela fecha os olhos às indiscrições? Ou será que ela não vê os sinais? Eu não posso evitar pensar que está é a razão por trás daquele sorriso esquisito de Gena.

Bob está voltando agora, mas eu não vou sentar aqui, niná-lo em meus braços, acariciar sua cabeça e cuidar da sua saúde. Serei amaldiçoada se ficar aqui para assistir. Eu tenho que sair daqui antes que ele lembre onde está, quem eu sou e o que aconteceu.

Esta festa já perdeu a graça para mim. Já vi o suficiente e sei exatamente quando é hora de ir embora. Então eu saio, enquanto ele ainda está deitado naquela laje, ainda balbuciando, semiconsciente e incoerente.

Eu não me viro.

Eu não olho para trás.

É uma bênção estar viva.

vinte e dois

É a noite da eleição. Eu estou sozinha em casa assistindo aos resultados das urnas na TV. Quando cortam para Bob DeVille, ele já está triunfante. Ele está à frente por uma boa margem, esmagando seu oponente, e sabe que vai levar esta eleição. Bob já sabe que vai ganhar e isso é visível em seu rosto. Meio que uma conclusão precipitada, você não acha?

Cite um político que não tenha escapado de uma condenação por assassinato.

É quase um privilégio da profissão. E DeVille faz disso uma arte.

Para mim, ele é DeVille agora. Não Bob. Seria muito familiar. Muito íntimo para me sentir à vontade. Agora que eu sei o que sei. Isso muda tudo. Chamá-lo de Bob seria um pouco como abordar pelo primeiro nome o Estrangulador de Hillside.

DeVille está no pódio fazendo o sinal de vitória e exibindo um sorriso Colgate, com o braço em volta da cintura de Gena, enquanto se prepara para fazer seu discurso de vitória. Ele parece tão tranquilo e tão satisfeito. Está usando uma porra de um plastrão. Eu devo ser a única assistindo que sabe o porquê. Ele está usando isso para esconder os hematomas no pescoço. Para proteger o seu segredinho sujo.

Gena está apontando para pessoas aleatórias no meio da multidão, fazendo a mesma coisa com a boca que Hillary Clinton faz em comícios de campanha. Abrindo a boca com surpresa, incrédula, e acenando freneticamente para pessoas desconhecidas na multidão como se tivesse acabado de ver um familiar que não vê há anos – fingindo que os conhece. Gena está fazendo isso porque está convencida de que está a um passo de se tornar primeira-dama e é melhor começar a agir como tal.

Os DeVilles estão fazendo uma performance para uma multidão exuberante que foi trazida de ônibus de locais muito distantes para fazer

número e dar a impressão de que o futuro senador tem em suas mãos um eleitorado sedento por mudança, quando provavelmente ele alcançou os menores índices na história do Estado.

E eles fingem muito bem. Você nunca acharia que eles eram outra coisa a não ser o que fingem ser. O casal americano perfeito. Amoroso, fiel e com saúde para dar e vender.

Quando a câmera corta para uma tomada ampla, que mostra todo o palco, vejo Jack no canto, com o resto da equipe de DeVille. Nada poderia estragar este momento para mim. Porque eu estou muito orgulhosa de Jack, realmente estou.

Mesmo que o orgulho venha com uma ressalva, porque eu conheço o DeVille verdadeiro agora, não político de papelão que aparece na TV dizendo que quer mostrar às pessoas ‘o verdadeiro eu’. Eu sei do que ele é capaz. Eu sei do que ele faz parte.

Me faço as mesmas perguntas novamente. Qual o valor de uma experiência? E quanto ela custa?

Este é o valor da minha experiência. Agora eu entendo coisas sobre sexo e poder, e como eles se conectam e interagem, que a maioria das pessoas nunca chegará a descobrir ao longo de suas vidas inteiras. E eu ainda sou muito jovem. Mas eu também vou ter que viver com isso por toda a minha vida. Eu não posso dizer que me faz feliz. Para ser sincera, isso me faz sentir desconfortável. Porque eu sei que estou a apenas um passo de DeVille.

Poderia contar a Jack o que aconteceu. Eu poderia jogar a merda no ventilador se eu quisesse. Mas temos apenas uma vida para viver e eu sonho e fantasio como todo mundo sobre as coisas que todo mundo quer: segurança, família, felicidade, amor. Eu não sei o que o futuro reserva, mas sei de uma coisa que não está no futuro que vejo para mim. Ser uma denunciante.

Meu instinto de sobrevivência é muito mais forte do que o meu desejo de salvar o mundo. Então poderia bancar a heroína se eu quisesse, mas eu quero ser reconhecida como essa pessoa para o resto da minha vida? Eu quero conviver com as consequências? O que isso traria para Jack? O que isso faria conosco?

Ao fazer isso, teria que contar tudo a Jack. E eu não estou pronta para dar esse passo ainda. Algumas coisas devem permanecer não ditas. Segredos

são melhores mantidos, não revelados. E este tem que ficar comigo. Pelo menos por enquanto. Mas eu vou reservar-me o direito de mudar de ideia a qualquer momento.

O que você faria no meu lugar?

Pense nisso. Não é tão fácil, não é? Não há solução simples ou plano de fuga óbvio.

Isto não é como um filme de Hollywood, onde tudo fica amarrado ordenadamente no final. Quando os bandidos são punidos, as forças do caos e do mal são derrotadas e a ordem é restabelecida. E o herói ou a heroína sobrevivem e voltam para suas vidas normais. Para sua casa, suas esposas, seus filhos, seu cão. E eu realmente não preciso te dizer isso, mas a vida real não é assim. Finais felizes só acontecem nos filmes de Hollywood.

A forma como esta história termina é mais parecida com aquela longa tomada que leva ao fim de *Acosado*, de Godard, onde o personagem de Jean-Paul Belmondo, um pequeno criminoso chamado Michel, está resignado à sua sorte, depois de sua namorada americana, que é interpretada por Jean Seberg, acabar de dizer-lhe que não o ama e o denunciou para a polícia. E ela faz isso só para chamar sua atenção. Por maldade.

Sendo um gângster em um filme de gângster, ciente desse fato e mais inteligente do que a média, Michel já sabe onde tudo isso vai acabar. E nós sabemos também.

Lembra-se do que eu disse?

Enredo subserviente ao personagem.

Então Michel, ele foi baleado nas costas e ele está tropeçando na rua, tropeçando para o esquecimento. Ele atravessa um cruzamento e, em seguida, cai. E é realmente isso aí, o fim que ele previu para si mesmo. Porém mais banal, porque ele se parece mais com uma vítima de um acidente de trânsito do que com um perigoso criminoso abatido em uma saravada de tiros pela polícia.

As últimas palavras que saem de sua boca antes de sucumbir ao seu destino são: 'Me faz querer vomitar.' Essa é a sua sarcástica despedida de um mundo que nunca o amou e que ele nunca amou de volta. Esse é o seu momento 'Rosebud'. Mas em vez de deixar uma grande revelação quando se despede, suas palavras quase não são ouvidas, são mal interpretadas,

reinterpretadas – nós nunca descobrimos quais – como ‘Você me faz querer vomitar.’ A réplica, não para o mundo, mas para a mulher que amava, que o traiu – seu calcanhar de aquiles, a *femme fatale* de pé sobre ele, enquanto ele faz uma paródia de uma grande cena de morte.

Mas quando a mensagem é retransmitida para Jean Seberg, seu domínio do francês, que, até este ponto do filme, parece ser considerável para uma jovem norte-americana, de repente, falha. Ela não entende a palavra francesa – *dégueulasse* – e tem de perguntar o que ela significa.

E é aí que o filme acaba.

Ela é deixada não só a perceber a gravidade dos eventos que causou por causa de um capricho, mas também confrontada com a perspectiva de viver à sombra de uma incompreensão para o resto da vida.

Que ele morreu tendo ódio por ela.

Se todos os filmes pudessem terminar assim. Se todos os filmes pudessem terminar assim.

Sem solução.

Porque, a partir do dia em que nascemos... não, antes disso, a partir do momento em que somos concebidos, nossas vidas não são nada além de uma série de pontas soltas. Seja em nossa vida pessoal, sexual, profissional, familiar, em todos os aspectos. E precisamos nos esforçar com cada célula do nosso corpo para não ficarmos presos nelas.

Algumas pessoas passam a vida obcecadas por essas pontas soltas, os ‘se’, os ‘poderia-ter-sido’ e os ‘o-que-vai-acontecer’.

Mas eu não.

Tecnicamente, neste exato momento, eu sou uma ponta solta. E DeVille sabe disso. Ele poderia se livrar de mim, se assim quisesse. Ele tem o poder. Ele poderia simplesmente estalar os dedos e me fazer desaparecer. Como Anna. Ele poderia pagar alguém para acabar comigo, e encobri-lo, do jeito que eu acho que ele fez com Daisy e as outras meninas. E ele nunca teria que sofrer as consequências, nunca teria que pagar o preço. Ele continuaria exibindo seu sorriso Colgate na TV e ninguém saberia de nada.

Mas ele não vai encostar um dedo em mim, tenho certeza disso. E não estou prestes a passar o resto dos meus dias olhando para os lados, à espreita, esperando alguém chegar. Eu não tenho medo. Tenho certeza de que DeVille avaliou os riscos e decidiu que eu era uma ponta solta com a qual ele poderia se dar ao luxo de viver.

Por que você acha que eu tenho tanta certeza?

Bem, você sabe o que dizem por aí.

Conhecimento é poder.

DeVille fez uma promessa a Jack. Ele disse que se eles ganhassem a eleição, ele daria a Jack um cargo em sua administração. Jack não tem nenhuma razão para pensar que a promessa não será cumprida. Eu pretendo ver se DeVille vai fazer tudo certo. E eu tenho certeza que ele fará, porque DeVille precisa de caras inteligentes como Jack em sua equipe para fazê-lo ter uma boa imagem.

E quem sou eu para negar a Jack essa oportunidade? Quem sou eu para colocar freios em sua ambição?

De qualquer forma, não sou eu que DeVille tem a temer.

É Jack.

Como ele reagiria se descobrisse.

É assim que essas coisas funcionam. Você tem que saber. Ninguém tem qualquer incentivo para ir a público. Não é o interesse de ninguém.

Essa é a verdadeira natureza do poder. A natureza oculta do poder.

Ele está escondido. E ele permanece escondido.

Então a Juliette Society, ela vai continuar existindo.

Garotas como Anna vão continuar desaparecendo. Ou morrendo.

E algum pobre coitado como Bundy vai pagar o pato. Porque ele é descartável e não sabe o suficiente para levar mais alguém com ele para a sarjeta. Em última análise, ele leva só o seu contato mais próximo, um elo da corrente que pode ser facilmente substituído. Haverá sempre meninas dispostas a serem agenciadas e rapazes ansiosos para ajudar. Sempre foi assim e sempre será.

Estamos atados uns aos outros agora – Jack, DeVille e eu. Como o impasse mexicano em *Três Homens em Conflito*. Um triângulo eterno. Nós estamos dentro de um círculo de pedra, diametralmente opostos. É um jogo de olhares agora, observando e esperando para ver quem faz o primeiro movimento. Tudo que eu sei é que eu não tenho nenhuma intenção de acabar enterrada como indigente. E destruição mútua não beneficia ninguém.

Ou como no final de *Um Golpe à Italiana*, onde o ouro está na frente do ônibus, as pessoas estão todas na parte de trás e o veículo está equilibrado em um precipício. Um movimento errado e tudo vai abaixo.

É isso que é.

Xeque-mate.

E isso é o que tiro de toda esta aventura.

Sexo é o grande equalizador.

Agradecimentos

Isto é para todas as mulheres e homens como eu, que em determinado momento só tinham a literatura e o cinema como saída para se sentirem confortáveis com sua sexualidade.

Eu nunca poderei agradecer o suficiente a Marc Gerald e Peter McGuigan, que acreditaram em mim e me incentivaram a tornar isso uma realidade quando duvidei de mim mesma. Chris e Masumi por sua contínua orientação, pesquisa de valor inestimável, e estímulo. MV Cobra por seu amor e luz. Obrigada aos meus amigos Saelee Oh, James Jean, Dave Choe, Yoshi Obayashi, Kristin Burns, Candice Birns, Brian Levy, e New School Media. Beth DeGuzman, Selina McLemore, Catherine Burke, David Shelley, Kirsteen Astor, Stéphanie Abou, Kirsten Neuhaus, todos vocês que dedicaram tanto tempo e esforço para tornar TJS tudo que poderia ser, muito obrigada!

Eu fui incrivelmente apoiada por todos da Grand Central, Little Brown, The Agency Group, e Foundry Literary & Media. Noel Clarke, e Mat Schulz, obrigada por cuidarem de mim. Por último, mas certamente não menos importante, todos os cineastas e escritores que continuam a me inspirar: Godard, Fellini, Buñuel, Friedkin, Tohjiro, Jean-Baptiste de Boyer, Angela Carter, Voltaire, THE MDS.